

DO AUTOR DO BEST-SELLER
CAIXA DE PÁSSAROS

INSPEÇÃO

JOSH
MALERMAN





INSPEÇÃO

JOSH
MALERMAN

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © 2019 by Josh Malerman

TÍTULO ORIGINAL

Inspection

PREPARAÇÃO

Marcela de Oliveira

REVISÃO

Mariana Bard

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN E IMAGEM DE CAPA

David G. Stevenson e Faceout Studio, a partir de imagens da © Getty Images (torre) e da © Shutterstock (árvores)

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-85-510-0527-9

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

PARTE UM: Os meninos do alfabeto

Bom dia na Parentalidade!
O Salão dos Corpos antes do café da manhã
O café da manhã dos Meninos do Alfabeto
Warren Bratt e Lawrence Luxley
À janela voltada para o Jardim
Richard
No Pomar
Warren escreve
J
Warren aprende a usar a prensa

PARTE DOIS: Urgências

Warren ao trabalho
Matemática Negra
A mudança de andar
Urgências
“Um monstro no meu quarto”
O Encontro da Efégie
Enfim, uma oportunidade
Nado Livre / A Piscina
Confinamento
Pânico
Vinda da Terra da Neve

PARTE TRÊS: K

O mundo passando por você
Decisões ruins, sempre, com B
Amanhã
Marilyn
O medo de B
A volta
Viver como se estivesse em um livro de Judith Nancy
A mulher toda de vermelho
Ainda é um lugar nunca antes visto
Sem parar
Marilyn e Richard
O Canto
Contato visual
Verdade congelada
M.Ã.E. e P.A.I.

PARTE QUATRO: Estragados e podres

Inspeção
Um brinde a um novo começo
Mate todos eles
Barcos
“Mostre o que você faria”
Duas lápides no escuro
Rebelião
Vingança
Do lado de fora

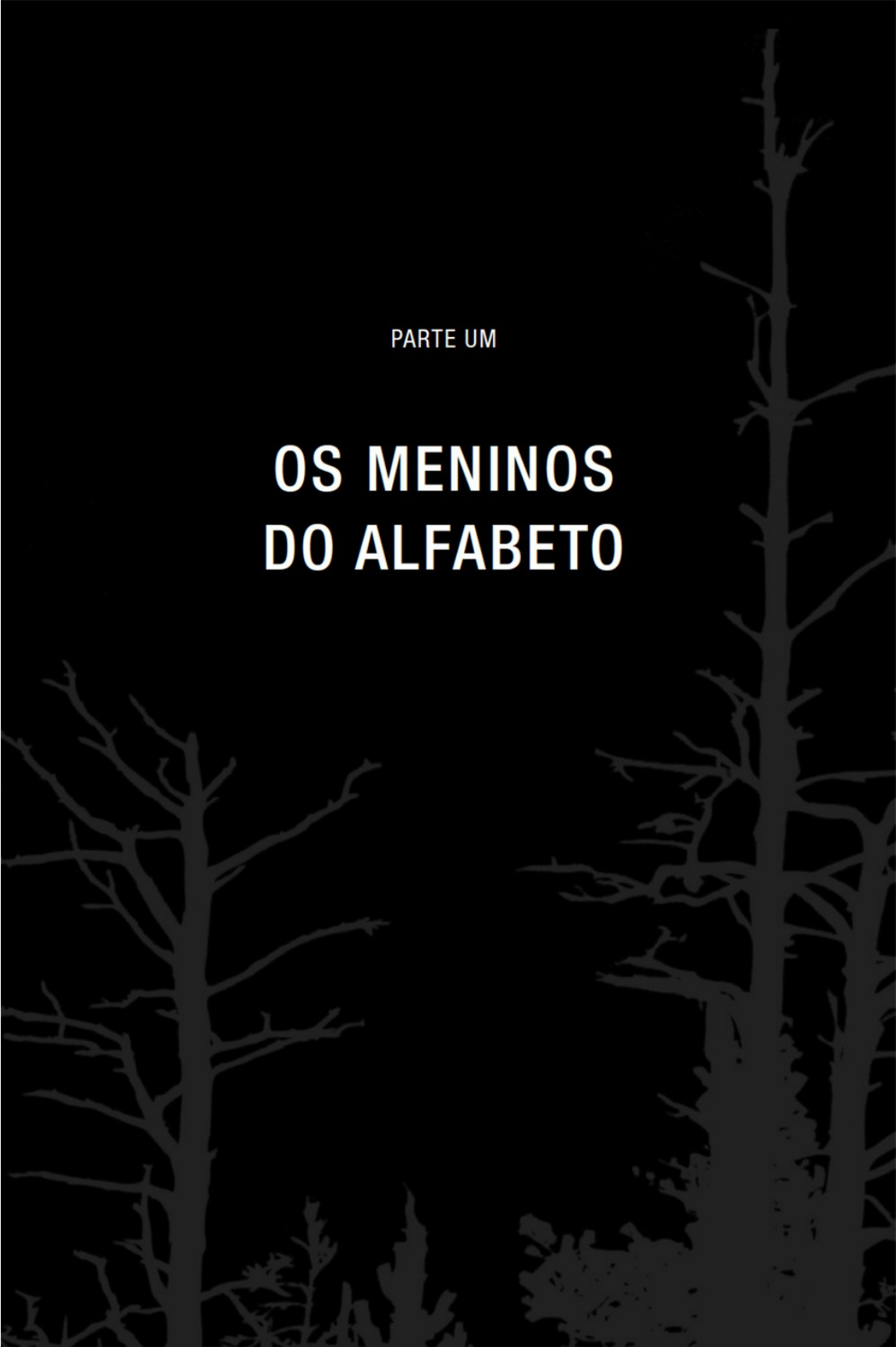
Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outros títulos do autor

Leia também

Para Allison
A artista, a atleta, a modelo, a trapaça
A bebida que busco ao pegar a taça

The background of the entire page is a dark, almost black, field. Overlaid on this are the silhouettes of several trees. The trees are rendered in a dark gray color, creating a subtle contrast with the black background. They are positioned primarily on the left and right sides of the page, with their branches and trunks extending upwards and outwards. The overall effect is a moody, atmospheric, and somewhat mysterious setting.

PARTE UM

OS MENINOS DO ALFABETO

Bom dia na Parentalidade!

Nunca um menino foi reprovado em uma Inspeção.

Por isso, J não ficou nada ansioso quando a porta de aço se abriu com um rangido diante dele, quando os rostos da Parentalidade apareceram, quando viu os Inspetores de pé, perto da parede dos fundos da sala, todos com a mão na lupa presa ao cinto. J havia feito aquilo em todas as manhãs de sua vida desde que podia lembrar e, apesar das teorias de Q sobre *possibilidades* e *probabilidades* (ele achava que um dia alguém não ia passar no Exame só para justificar aquela vida de Inspeções), J não sentiu dúvida, ansiedade nem medo.

— Entre, J — chamou Collins.

Collins, o Inspetor mais formal, grandalhão e velho de todos. O homem cheirava a livros didáticos antigos. Sua barriga pendia tanto por cima do cinto que D dizia brincando que Collins mantinha um Menino do Alfabeto escondido ali. *É de lá que a gente vem*, dissera. Mas todos os Meninos do Alfabeto sabiam que vinham do Pomar, tinham sido gerados pelas Árvores Vivas.

— Pode vir — pediu Collins.

Era incrível que nem uma palavra sequer passasse pelo enorme bigode castanho do homem.

J sabia que o Inspetor não falava por vontade própria.

O P.A.I. devia ter sinalizado que era hora de começar.

Ao som das risadinhas de L, D e Q, mais atrás, J entrou, tirou o pijama, o dobrou e o colocou em uma pilha bem arrumada na mesinha de aço ao lado da porta da sala de Exames. Quando a porta já estava quase fechada, D gritou:

— Você devia ter tomado banho, J!

J apontou para ele, fazendo o gesto que, para os Meninos do Alfabeto, significava: *Você é um idiota, irmão*.

Com a porta fechada e as roupas bem empilhadas, J pisou nas duas pegadas de borracha presas ao chão de aço inoxidável. O inverno se aproximava, talvez chegasse no dia seguinte. E, apesar de gostar do Encontro da Efígie tanto quanto seus irmãos, J preferia deixar o frio do

lado de fora. A sala de Exames era tão frígida quanto todas as outras que ele conhecia na Torre.

— Vire-se — pediu o Inspetor Collins. Ele e Jeffrey o observavam de longe, sempre o primeiro passo da Inspeção matinal.

Os cachorros ofegavam do outro lado da porta de vidro atrás dos dois homens. J se virou para a esquerda. Ouviu o couro da jaqueta vermelha do P.A.I. repuxar. O homem, ainda fora de seu campo de visão, devia ter cruzado os braços ou se recostado na cadeira.

O inverno fora da Torre podia ser brutal. Alguns anos eram piores do que outros. J, que se aproximava do décimo terceiro aniversário, assim como seus vinte e três irmãos, havia passado por doze invernos. E, em cada um, o professor Gulch alertara os meninos sobre a ameaça da depressão. A sensação de solidão que ficar preso em uma torre de dez andares poderia causar quando o Pomar e o Jardim congelavam, quando até os pinheiros pareciam estar com frio demais para sobreviver.

Histeria, pensou J. Balançou a cabeça, tentando fazer o pensamento sair pelo ouvido. Era uma palavra que não gostava de ter dentro da mente. Como se as quatro sílabas tivessem o mesmo poder das Podridões e Mofos, Vês e Placasores. Exatamente as doenças que os Inspetores procuravam nele naquele momento.

— Vire-se.

Era Collins outra vez. Sua voz rouca dividiu e loteou a sala de Exames. Como o barulho de pratos se entrecrocando em um refeitório. Ou o coral de vozes de seus irmãos no Salão dos Corpos.

— Frio — disse J, dando as costas para os Inspetores e se virando de frente para a porta trancada.

Era normal fazer frio na sala de Exames; brisas invisíveis, como se as paredes de aço fossem apenas uma ilusão, e reflexos distorcidos, desenhos instáveis do vento. J imaginou um corte em algum lugar, uma rachadura naquelas paredes, permitindo a entrada de uma prévia do inverno. Pensou que o lugar lembrava o consultório veterinário no livro de Lawrence Luxley, *Cães e dias de cão*. O brilhante escritor de ficção havia descrito muito bem a reação dos pobres animais:

Pouco acolhedora, fria, era como se o dr. Grand a tivesse feito daquela maneira de propósito, para que os cães entendessem a seriedade das visitas. E, ainda assim, apesar do ambiente inóspito,

os cães entendiam que a sala era para o bem deles. Que a vida deles dependia daquelas visitas regulares. Alguns até conseguiam suprimir seus instintos mais básicos... que os instigavam a fugir dali.

J sabia de cor todos os livros de Lawrence Luxley. Muitos dos Meninos do Alfabeto sabiam.

— Vire-se.

J fez o que pediam. Sempre fazia. A rotina de Inspeções estava tão arraigada em seu ser quanto a necessidade de mastigar antes de engolir.

E, na terceira virada, ele se deparou com o P.A.I.

Um arrepio percorreu seu corpo, como sempre acontecia havia mais de doze anos, ao ver o P.A.I. pela primeira vez no dia.

A calça e a jaqueta vermelhas eram como uma fogueira quente na fria sala de Exames. Ou como o sol nascendo.

— Dormiu bem, J?

A voz do P.A.I. Sempre direta, sempre vigorosa. J não era o único Menino do Alfabeto que equiparava a voz do homem a força. Conforto. Segurança. Conhecimento.

— Na verdade, não — disse J, a voz de doze anos uma oitava mais grave que no ano anterior. — Sonhei com uma coisa horrível.

— É mesmo? — Os olhos castanho-claros do P.A.I. brilharam acima da barba preta, o cabelo preto também. J tinha cabelo preto. Assim como seu P.A.I. — Estou intrigado. Me conte como foi.

— Vire-se — solicitou Collins.

E J se virou para os Inspetores e para os cachorros outra vez.

Não mais encarando o P.A.I., o vermelho agora como um sangramento nasal visto pelo canto do olho, J contou sua aventura inconsciente. Ele estava perdido em um Jardim quatrocentas vezes maior do que aquele do qual desfrutava todos os dias. Descreveu o horror de não conseguir achar o caminho de volta para a Torre.

— Perdido? — repetiu o P.A.I.

O interesse óbvio em sua voz ficou tão claro para J quanto o som sutil das luvas de couro se dobrando ao redor do lápis.

É, explicou J, é, ele havia se sentido perdido no sonho. De algum jeito, tinha se afastado demais da Torre e da Parentalidade. Não conseguia lembrar exatamente como — os pinheiros que cercavam o Jardim não estavam no sonho. Mas sabia que tinha ansiado bastante

por voltar. Ouvia os companheiros de andar Q, D e L chamando ao longe, mas não via os tijolos alaranjados da Torre. Não conseguia distinguir as estacas de ferro que demarcavam o parapeito do telhado como uma solitária fileira de dentes. Dentes por entre os quais J e os outros Meninos do Alfabeto haviam olhado muitas noites, quando encontravam coragem para subir escondidos até lá. Ele também não conseguira ver a estaca mais alta, o único dente de ferro que apontava para o céu feito uma presa. O terreno delimitado do Jardim havia desaparecido — a extensão de grama verde entre ele e a Torre. Assim como os reflexos nas diversas janelas compridas dos diversos andares. No lugar, havia um interminável gramado verde.

E névoa.

— Bom, o inverno está *mesmo* se aproximando — disse o P.A.I. Sua voz era controle. Sempre. Direção. Solução. Ordem. — Você não conseguia nem ver a presa, é? Nenhum sinal da Parentalidade. Nenhum sinal de *casa*.

J pensou na porta amarela do telhado, visível de qualquer ponto do Jardim abaixo. Pensou nos tijolos alaranjados e em como, nos dias de verão, a Torre parecia um grande alvorecer.

— Não — respondeu, balançando a cabeça e olhando para os rostos silenciosos dos Inspectores, que dedilhavam a lupa presa ao cinto em silêncio.

J entendia, aos doze anos, algo que não fora capaz de entender aos onze: as Inspeções não começavam quando os Inspectores pegavam as lupas. Começavam no segundo em que ele entrava na sala.

— Você deve ter ficado bem assustado — continuou o P.A.I. Sua voz era paternidade. Administração. Sempre. — Mas, me diga, *conseguiu* encontrar a Torre antes de acordar?

J ficou em silêncio por um instante. Coçou o cotovelo direito com a mão esquerda. Bocejou.

Histeria, pensou de novo. Fechou os punhos, como se quisesse socar o pensamento para fora da cabeça. O professor Gulch ensinava psicologia e destacava com frequência como a mente de um menino podia, de diversas formas, se voltar contra si mesma: manias, déficit de atenção, perseguição, dissociação da realidade, depressão e histeria. Para J, todas sempre soaram como impossibilidades distantes. Doenças que deviam ser estudadas apenas por serem objeto de estudo. J não tinha medo algum de um dia vivenciar aqueles estados mentais. No entanto, ali estava ele... aos doze anos... E de que outro modo explicaria

as novas e desconhecidas sensações que vinha tendo nos últimos tempos? Como Gulch chamaria a sensação de isolamento, de incompletude, quando olhava para o Jardim, para a entrada dos muitos canteiros do Pomar? Para onde as Árvores Vivas cresciam?

O menino se lembrava da infância como se olhasse através de um copo sujo de leite. Incapaz de responder a uma pergunta simples: De onde venho?

Outra frase de Lawrence Luxley. Uma bela sacada, como diria Q.

Mas, não, pensou J, ali na sala de Exames. Ele não estava tentando responder à pergunta. Nenhum menino jamais havia conseguido determinar em que cerejeiras do Pomar eles foram gerados. E, pelo que J sabia, não viam problema algum nisso.

Ou viam?

— Não — respondeu J, por fim. — Não achei o caminho de volta para casa.

Ele ouviu o lápis riscar o papel. Não foi difícil imaginar os olhos científicos e brilhantes do P.A.I. lendo as palavras que havia escrito.

Tal como todos os Meninos do Alfabeto, J se sentia honrado quando o P.A.I. anotava algo que ele dizia.

— E quando você acordou? — perguntou o P.A.I.

Não precisou terminar a frase. O que desejava saber estava claro.

— Achei que fosse verdade. Pensei que ainda estivesse do lado de fora. Como se tivesse acordado no Jardim, mas na minha cama. Olhei para cima e devo ter visto o teto, mas achei que fosse mais da névoa. Levei um tempo para entender que estava no meu quarto. — Ele hesitou. Imaginou o P.A.I. mexendo na barba preta com a mão enluvada. — Isso tudo aconteceu agora há pouco, claro, quando a chamada para a Inspeção me acordou.

— Claro — disse o P.A.I. — Agora me diga — continuou, e J já sabia o que ele perguntaria, mesmo antes de ouvir. — Você tem alguma teoria sobre a causa desse sonho?

Apesar de já ter sentido uma enorme gama de emoções naquela sala, J não estava preparado para o que sentiria naquele instante.

Medo.

E de onde saíra aquele medo? Ele com certeza sabia que a pergunta seria feita. Não tivera tempo de se preparar? Era isso? Ou era algo que Q consideraria “mais profundo”?

Claro que J sabia a resposta certa para a pergunta do P.A.I. Mas, pela primeira vez na vida, não quis dizer a verdade.

O choque de perceber isso não foi tão impactante quanto o que viria a seguir: a constatação de que havia decidido mentir antes mesmo de entrar na sala, só não tinha admitido ainda.

Por quê? Por que mentir?

Porque, pouco antes de se deitar na noite anterior, muito depois de terminar os estudos, J tinha visto alguém agachado atrás do Senhor Árvore, o salgueiro solitário que demarcava o fim do Jardim e o início do Pomar. Um vulto, acreditava ele. Talvez fosse só a forma de certos galhos tocando o solo da floresta, enquanto outros se uniam a ele, mas, na cabeça de J, o que tinha visto era uma pessoa.

Agachada.

Perto do Senhor Árvore.

Na hora, J pensou que fosse A ou Z. Não sabia por quê.

E talvez esse já fosse um bom motivo para mentir, refletiu. O P.A.I. e os Inspectores achariam que ele estava louco por insinuar uma coisa daquelas!

Um irmão morto escondido atrás de uma árvore à noite.

Como se fosse possível!

Olhou de Jeffrey para Collins, pensando que os dois Inspectores talvez pudessem detectar a história que ele escondia. Jeffrey ajustou o boné. Collins, a fita dourada que percorria seu ombro até a cintura. J olhou para o cinto dos Inspectores, como se a lupa pudesse penetrar sua pele, determinar a pureza em seu coração. Até os pastores-alemães começaram a arfar. Um deles, chamado Max, inclinou a cabeça para o lado, como os cães fazem ao ouvir um som curioso.

Histeria. J não queria parecer maluco. Não queria *estar* maluco. Ele tinha visto galhos, sombras e nada mais. Com certeza.

No entanto, mentir era *sim* um tipo de traição. J sabia disso. Talvez, quando crianças, ele e D tivessem protegido quem derramou o suco de cereja no carpete do corredor. Talvez uma ou duas vezes, ainda bebê, tivesse feito que não quando alguém lhe perguntou se havia feito xixi nas calças. Mas essas invenções espontâneas (e inofensivas, acreditava J, apesar das consequências de uma mentira) foram anuladas com um único tapa da mão coberta por luvas de couro vermelho. O P.A.I. era muito bom em colher de seus filhos a história verdadeira, como se tivesse pás invisíveis que sempre escavassem a verdade.

— J?

J pensou no livro de Lawrence Luxley sobre soldados, *Grandes cavalos*. Pensou em um soldado específico, um general chamado Sam.

Sam, lembrara Q, vestia-se de modo parecido com os Inspetores. Um uniforme cinza de lã que sempre tinha um aspecto quente demais, mesmo que a temperatura parecesse baixar gradualmente durante uma Inspeção. Um quepe cinza. Uma fita dourada e um cinto marrom. Botas pretas. Ao longo de todo o livro, Sam sentia algo similar ao que J estava sentindo: tinha informações que não sabia se devia contar à tropa. Luxley fizera um trabalho incrível ao salientar isso em um monólogo interior de quase vinte páginas, em que Sam analisava a possibilidade de mentir, além das mentiras e das horas certas e erradas de usá-las. No fim, havia decidido que nenhum momento seria bom e que sua tropa merecia saber a verdade, por mais que doesse. Mas J leu naquele monólogo algo mais profundo do que os simples méritos da honestidade: o general Sam estava com medo. Não o medo que a Parentalidade tinha amorosamente ensinado os Meninos do Alfabeto a sentir — ou seja, *de si mesmos* e do que eram capazes de fazer *a si mesmos* caso não seguissem as regras da Torre. Mas sim... medo *por si mesmo*.

— Por quê? — perguntou ele em voz alta.

Ambos os Inspetores inclinaram a cabeça como o cão havia acabado de fazer.

— Como assim? — indagou o P.A.I.

Mais uma vez, os sermões do professor Gulch sobre psicologia voaram feito pássaros na mente repentinamente perturbada de J.

J sabia que Sam tinha ficado dividido. J se sentia do mesmo jeito, exposto sob as fortes luzes fluorescentes da sala de Exames. Afinal, a iluminação agressiva mostrava cada ruga do rosto dos Inspetores, marcas que revelavam aos meninos a verdadeira idade daqueles homens, coisa que o sol do Jardim não conseguia fazer. E o mesmo valia para os meninos. Nunca a juventude deles ficava tão evidente quanto no momento em que tiravam o pijama e o depositavam, dobrado, em uma pilha na mesinha ao lado da porta. Um menino podia ver mais do próprio corpo ali dentro que no chuveiro... Revelações que muitas vezes o assustavam. Ao estender o braço, olhar a barriga ou erguer o joelho, um menino quase podia ver o sistema de veias e artérias que passava sob a pele, como túneis e pontes. Uma espinha, normal à luz do corredor, podia ser Placadores na sala de Exames. Os pelos clarinhos dos braços pareciam costurados na pele. Os nós dos dedos e os dedos dos pés lembravam couro velho e gasto. Umbigos, buracos. Unhas, madeira morta.

E às vezes J sentia que podia ver muito mais do que os detalhes desagradáveis de seu corpo. Às vezes sentia que podia ver desenhos na sala de Exames, imagens breves e fugidias dos fatos, não importavam quais fossem.

— J — repetiu o P.A.I. Sua voz era impaciência. Por mais amoroso que fosse com seus vinte e quatro filhos, o P.A.I. era sem dúvida o homem mais impaciente da Torre. — Vamos lá. Desembuche. Você tem uma teoria do que motivou esse sonho.

J se encolheu com a altura repentina da voz do P.A.I., como se o homem tivesse se movido em silêncio pelo chão frio e seus lábios estivessem a um centímetro da orelha do garoto.

— *Me diga.*

Era verdade; J tinha mesmo uma teoria para contar ao P.A.I. Foi para isso que os Meninos do Alfabeto tinham sido criados.

Pensar.

Mas J estava pensando em A ou Z, impossivelmente vivo, agachado e imóvel.

Conte a ele, pensou J. Mas uma voz mais profunda argumentou. Uma voz que parecia pertencer a um irmão inteligente.

Um irmão morto?

— Estou pensando — disse J. — Quero expressar isso do jeito certo.

Ele devia ter acordado Q na noite anterior, era o que devia ter feito. Tinha pensado nisso, claro. Os meninos do oitavo andar sempre entravam escondidos nos quartos dos outros quando surgia uma tempestade forte. Ou um pesadelo igualmente poderoso. J batera à porta de Q um mês antes, sentindo-se mal e torcendo para que Q tivesse um pouco de sopa do jantar. Mas, na noite anterior, apesar de querer uma confirmação, ele havia ficado na grande janela voltada para o Jardim, uma janela quase da largura da parede. Sabia que o irmão teria algo inteligente a dizer, que talvez até conseguisse provar que o vulto era uma combinação infeliz de galhos, folhas e luar. Porque era *mesmo* provável que o que J tinha visto não passasse de um misto de coisas inertes e sem consciência. No entanto... J sentiu um conhecimento emanar daquele bosque.

J sentiu vida. Ou algo parecido.

Você sentiu que estava sendo vigiado, isso, sim.

— Acho que foi por causa da mudança de andar que vai acontecer — disse J. — Eu cresci com o D, o L e o Q. Ser transferido de quarto no revezamento... Não sei. Concorde que a Parentalidade esteja fazendo a

coisa certa, promovendo experiências novas, forjando novos elos, mas também é meio...

J sentiu o couro frio em seu ombro.

— É meio como estar perdido? — perguntou o P.A.I.

Com cuidado, ele virou J de frente para si. A lâmpada pendia logo acima da cabeça do homem, obscurecendo partes de seu rosto. J teve a impressão de que todo o rosto do P.A.I. estava coberto por pelos, como se as sombras fossem na verdade a barba crescendo, erguendo-se até seus olhos brilhantes, subindo ainda mais, até o topete de cabelo espesso e sedoso.

— É — confirmou J, engolindo em seco. — É bem parecido com a sensação de estar perdido.

Ele olhou para além do P.A.I., para o bloco de anotações na mesa de aço. Havia muita coisa na folha. Muitas anotações.

A Inspeção começa, voltou a pensar J, *assim que entramos na sala*.

O P.A.I. não assentiu. Não sorriu. Simplesmente o encarava. J sentiu que o homem estava mesmo usando as pás, analisando a mente de J em busca de um motivo melhor para o sonho do que a mudança de andar.

Então o rosto do P.A.I. mudou, só um pouco. Seus olhos se estreitaram, e o lado direito da boca se ergueu. Apenas o bastante para sugerir receptividade.

— Eu entendo — respondeu o P.A.I. — E tenho certeza de que vou ouvir mais histórias iguais a sua hoje durante nossas Inspeções matinais. — Sem dar tapinhas no ombro de J, ele voltou para sua mesa. Não disse mais nada sobre o assunto. Só ficou parado, observando. — Acabo de ter uma ideia maravilhosa. E se eu achar um jeito de você me contar suas ideias, seus sentimentos de forma mais direta? Uma coisa que você e eu possamos compartilhar? Talvez um caderno. Você pode anotar tudo e... me entregar. Podemos até nos corresponder assim.

Nunca houve uma sensação tão boa quanto a de ser escolhido pelo P.A.I.

— Isso seria... muito legal — disse J.

— Seria, sim. Maravilha.

No entanto, enquanto o P.A.I. continuava a encará-lo e estudá-lo, a costureira lista de doenças horrendas passou pela cabeça de J. O motivo das Inspeções, segundo os meninos haviam aprendido no começo de tudo.

Vês. Podridões. Placasoress.

Será que o P.A.I. estava procurando por isso? E será que podia ver

esse tipo de coisa nos olhos de J? Será que veria em um caderno também?

— Senhores — disse o P.A.I.

Ele estalou os dedos enluvados. Um som quase tão familiar quanto a própria palavra *Inspeção*, quando ecoava estridente no alto-falante de malha de aço do corredor daquele andar.

Collins e Jeffrey pegaram as lupas e avançaram. O P.A.I. recuou, mas não voltou a sua mesa. J, virando-se para os Inspetores, sentiu o P.A.I. ainda dominá-lo, parado atrás dele com os braços cruzados, as luvas de couro apertando as mangas da jaqueta vermelha. Collins e Jeffrey olharam para o P.A.I. com a mesma expressão que J acreditava estar exibindo. Um pouco mais que confusão. Um pouco menos que medo.

O P.A.I. nunca assistia a uma Inspeção de tão perto.

Por que assistiria àquela?

Histeria, pensou J, decidindo que seria a última vez que pensaria nisso. Tinham sido apenas os galhos baixos do Senhor Árvore. Natural como as cerejas do Pomar. E um irmão morto agachado à meia-noite era... era... *histeria*.

Não. Ele não estava escondendo nada, porque não havia nada para esconder.

— Continuem — disse o P.A.I., sua voz fluindo como água por cima do ombro de J. A água se tornou uma onda, e, naquela onda, J imaginou um vulto agachado atrás do Senhor Árvore. — Quero garantir que o J entenda que, considerando seu pesadelo, ele *permanece* sob os cuidados da Parentalidade e que esta sempre estará aqui para protegê-lo. Graças às Inspeções.

Os Inspetores ergueram as lupas contra o corpo nu de J. O P.A.I. continuou falando. De perto. Perto demais.

— Quero que você saiba, J, que, caso alguma coisa parecida com seu sonho aconteça na vida real... por mais que a ideia seja impossível... você não precisa se preocupar em encontrar o caminho de volta para a Torre.

— Levante — solicitou Collins.

J ergueu os braços, e os Inspetores levaram as lupas às axilas dele.

— Caso você se afaste demais, J, meu J — disse o P.A.I. —, a Parentalidade vai encontrar *você*.

Leia ao acordar

Vou direto ao assunto: se é ordem o que Richard mais aprecia no que ele mesmo chamou de “Anos Delicados”, este não é o momento de mudar os quartos dos meninos. Basicamente é o seguinte: Richard está certo. Aos doze anos, os meninos estão cada vez mais próximos de vivenciar uma sexualidade inédita em sua vida. É uma fase que todos nós, adultos, conhecemos bem. E será que nos lembramos de como as coisas se tornaram vívidas um ou dois anos depois? De como isso era assustador e excitante ao mesmo tempo? E, sobretudo, de como era emocionante? (ATENÇÃO: Richard, sei que odeia quando me dirijo diretamente a você nos meus relatórios, mas não posso deixar de salientar: tente se lembrar de seu desabrochar, pois nada é tão forte quanto o desabrochar da sexualidade masculina. Agora multiplique isso por vinte e quatro.) Eu não ficaria surpreso se descobrisse, ao ler os relatórios das Inspeções de hoje, que muitos dos meninos já estão demonstrando ansiedade com a mudança. Alguns podem demonstrar raiva. Alguns podem até mentir; e acrescento isso não para inculcar medo em Richard, tampouco com a intenção de menosprezá-lo, mas... acredito que seja verdade. Adolescentes mentem porque ainda não têm consciência da naturalidade de suas emoções contraditórias. Os Meninos do Alfabeto estão batendo à porta da adolescência. E, em um ambiente como o da Parentalidade, nem têm o exemplo, normalmente estabelecido um ou dois anos antes... por meninas.

Uma das muitas questões causadas por omitir deles a existência de mulheres. Mas, claro, nada que não estivéssemos preparados para enfrentar.

Bom, a lógica de Richard para as mudanças de quarto faz sentido. Em vez de andarem confusos e inquietos pelos corredores da Parentalidade, os meninos podem colocar a culpa da ansiedade crescente na mudança, ganhando com isso um alvo a ser evitado e prosseguindo assim com seus estudos, como Richard afirma que farão. Essa lógica faz todo o sentido mesmo, mas é apenas paliativa e vai acabar sendo esquecida. E quando o incômodo da mudança realmente passar... onde os meninos vão pôr a culpa por suas emoções repentinas? Conheço Richard bem o bastante para imaginar que ele já tenha outra carta na manga... e uma terceira... e provavelmente um baralho inteiro, já arrumado, para ser virado, revelado, novas preocupações, novos temores, até que os meninos estejam visivelmente confortáveis com os

próprios sentimentos.

Os relatórios de Inspeção vão revelar quando esse dia chegar. Afinal, esses são mesmo os Anos Delicados.

Mas, se vou repreender Richard pelo uso de distrações em seu esforço supostamente inútil, devo acrescentar algo em troca. Devo sugerir uma alternativa de como nós, da Parentalidade, podemos lidar com essa revolução sexual (e não se engane, Richard: vai haver uma revolução dentro de cada um de nossos meninos, sangue derramado em campos de batalha particulares). Por isso, aqui estão minhas cinco soluções:

1) Incentivar os meninos ainda mais a se dedicarem às artes. Claro que não podemos revelar a eles a natureza da procriação. Não tem problema. Como a Constituição da Parentalidade estabelece de forma clara, não estamos aqui para criar biólogos e, apesar de a genialidade ter muitas formas, os Meninos do Alfabeto estão sendo criados para se tornarem os maiores engenheiros, cientistas e matemáticos do mundo. ARTIGO PRIMEIRO da CONSTITUIÇÃO DA PARENTALIDADE: A GENIALIDADE É PERTURBADA PELO SEXO OPOSTO. Todo o experimento de Richard se baseia nesse artigo primordial, que basicamente é a origem da Parentalidade. Por isso, enquanto outros meninos da mesma idade, ou alguns anos mais velhos, passam dois terços da vida tentando cortejar mulheres (e/ou simplesmente impressioná-las), os Meninos do Alfabeto vão trabalhar três vezes mais nos temas já mencionados. Ainda assim... deve haver uma válvula de escape. As artes cumprem essa função. Não os livros de ficção escritos por Lawrence Luxley, não acho que sejam capazes de satisfazer essa necessidade. As artes, as artes boas, motivadoras, podem ser um paliativo mais refinado, um reservatório, por assim dizer, que contenha a sexualidade que insiste em escapar pelos olhos e orelhas dos meninos. E não se enganem: os meninos vão mudar de maneira absurda, numa intensidade jamais vista pela Parentalidade.

X é um bom artista. G se mostrou uma promessa. Para mim, o Vozes não basta, por mais maravilhoso que o coral tenha se tornado.

Pintar um quadro abstrato, cantar uma música non sequitur... Isso pode aplacar os sentimentos insondáveis e desnorteados que eles vivenciarão.

Como sempre, falarei mais sobre isso em outra oportunidade.

2) Tentar influenciar os sonhos deles. Sugestões subliminares por toda a Parentalidade podem fazer os meninos sonharem com coisas

específicas — coisas, visões e imagens tranquilizadoras capazes de ocupar o lugar de uma sexualidade sobre a qual eles propositalmente nada sabem (por nossa causa). Vou dar um exemplo (mas podemos nos encontrar e discutir isso de maneira muito mais ampla): pendurem fotos coloridas de colinas ou de paisagens desérticas em frente à porta do quarto do garoto mais popular de cada andar da Torre. Ou seja: no quarto em que os meninos se reúnem com mais frequência, pendurem uma paisagem que lembre uma parte de um corpo nu. Talvez esse pequeno presente (de nossa parte) alivie (de forma momentânea) a necessidade crescente que todos estarão enfrentando.

Como é o caso para todos esses postulados: falarei mais sobre isso em outra oportunidade.

3) Incentivar os meninos a aumentarem a frequência de suas atividades esportivas. Já fazemos isso, mas talvez não tanto quanto o necessário. Já foi compreendido (e bem documentado, claro) que Richard preferiria que os meninos passassem menos de dez por cento do dia fazendo uma atividade física, mas os Anos Delicados não anunciam a chegada apenas de um dilúvio emocional; os meninos vão precisar de uma válvula de escape física. Por que não estabelecer um novo decreto esportivo? UMA VOLTA NO POMAR DE CEREJEIRAS, que constitui um circuito de 3,1 milhas, a exata distância dos famosos cinco quilômetros que os meninos da idade deles estão, sem dúvida, correndo em outras partes do mundo. Caso essa ideia não agrade Richard, sugiro que comprem e instalem esteiras no quarto dos meninos. Quem sabe a que hora da noite eles sentirão necessidade de suar um pouco a camisa? Minha opinião profissional é: A QUALQUER HORA. A QUALQUER hora da noite. E a qualquer hora do dia.

4) Limitar a etapa física da Inspeção e aumentar o número de perguntas sobre emoções. Como declarei antes, os meninos têm muito a ganhar se expressarem os sentimentos abstratos que vão vivenciar (e já estão vivenciando!). Não importa se entendem todo o seu “novo eu”. Nós, adultos, já sabemos: “conhecer a si mesmo” não é possível, não por completo, mas tentar fazer isso durante a vida com certeza diminui o sofrimento.

5) Reconsiderar o Artigo Dezesseis da Constituição da Parentalidade, em que Richard (isso é obrigatoriamente verdade) incluiu a regra segundo a qual, sob circunstância alguma, não importa quanto os Anos Delicados se revelem difíceis, os Meninos do Alfabeto serão submetidos a qualquer tipo de castração. No entanto... já perdemos A e Z para fins

muito piores. Será que não seria hora de considerar a remoção da sexualidade que Richard teme tanto que esteja surgindo? ATENÇÃO: Faltam um ou dois anos. Planejem agora.

Resumindo, Richard e a Parentalidade teriam condições tanto de incentivar a barragem da sexualidade pela abstração quanto de (desculpem) cortar o mal pela raiz. Segundo minha opinião profissional, as distrações (a mudança de andar, por exemplo) vão apenas salientar o tema, aumentar a curiosidade e a sede de respostas dos meninos, até o comportamento deles mudar radicalmente ou até que desrespeitem as regras básicas da Parentalidade e todo o envolvimento e a jurisprudência de Richard sejam perdidos.

A genialidade pode ser perturbada pelo sexo oposto, mas a sexualidade em si não se abala com tanta facilidade.

(Agradeço pela atenção, Richard, mal vejo a hora de conversar pessoalmente com você quando nos encontrarmos no Túnel de Glasgow.)

O Salão dos Corpos antes do café da manhã

Pouco antes do café, os meninos foram informados de que o P.A.I. ia fazer um discurso. Isso, claro, aconteceria no Salão dos Corpos, que, J supunha, havia ganhado esse nome por conta do número de corpos que o salão de pé-direito alto, ecoante e com revestimento de painéis de madeira, comportava sempre que o P.A.I. tinha algo importante a dizer.

Todos eles. Todos os corpos. Dos Meninos do Alfabeto aos Inspectores, passando pelo professor Gulch e pelos cozinheiros. Até o próprio Lawrence Luxley, cuja presença J e os outros sempre consideravam emocionante. Os enfermeiros, os faxineiros, os técnicos de enfermagem e os encanadores.

A Parentalidade.

A palavra *discurso*, assim como *Inspeção*, havia mudado com o passar dos anos. Passara a evocar uma sensação bem diferente da que evocava quando os meninos eram apenas crianças e, provavelmente, engendraria algo bem diferente anos depois. Quando os meninos eram pequenos, os discursos do P.A.I. quase não tinham importância. J se lembrava sobretudo da nuca dos outros meninos, do encosto dos bancos, do som obscuro das sílabas de cada palavra do P.A.I. ecoando nas paredes que pareciam tocar o céu. Naquela época, bastava olhar para o outro lado do salão, na direção de D ou F, e J tinha que se esforçar para abafar uma gargalhada incontrolável.

Mas as coisas tinham mudado.

* * *

Richard compreendia melhor do que ninguém. Havia planejado tudo isso.

Não importa, declarou um dos primeiros Relatórios Burt, que os meninos não entendam o que Richard diz. A ideia é despertar uma ligeira curiosidade, plano que sem dúvida está funcionando, se considerarmos os semblantes de sincero assombro que o observam em

seus discursos.

Os Meninos do Alfabeto não haviam aprendido sobre Deus. Para Richard, a obediência se sobrepunha à religião.

Naquela manhã, quando as Inspeções acabaram, Richard segurou o Relatório Burt do dia em uma das mãos, um copo de uísque na outra. Leu metade da primeira frase do relatório mais uma vez:

Vou direto ao assunto: se é ordem o que Richard mais aprecia no que ele mesmo chamou de “Anos Delicados”...

Pôs os papéis na mesa. Apesar da leve nevasca caindo em sua janela, no térreo, sentiu calor. Levantou-se da mesa e foi até o espelho de corpo inteiro atrás da porta.

— Você está bem — disse a si mesmo. — Nem parece o pai de vinte e quatro meninos de doze anos.

O número já havia sido vinte e seis, e, ao folhear o relatório, ele viu que Burt mencionara A e Z, apesar de o próprio Richard ter ordenado que não o fizesse.

... já perdemos A e Z para fins muito piores.

Retirou o casaco vermelho, revelando a regata simples por baixo. Os músculos de seus ombros e braços pareciam fortes sob a luz suave. A barba, tão sombria quanto a ignorância.

No início, após o lançamento bem-sucedido da Parentalidade, Richard tinha ciência de que precisaria preencher a Torre com uma noção profunda de personalidade. Era seu dever apresentar a filosofia da Parentalidade. Realizar tudo o que ele prometia para aquele lugar. Na época, era comum que ele sentisse a pressão dos Inspetores que havia contratado, simples prisioneiros apenas um ano antes, que *sentisse* todos eles e os cozinheiros e os professores e os escritores de livros acadêmicos, todos ex-prisioneiros, observando seus discursos para as (então) vinte e seis crianças no Salão dos Corpos. Os Meninos do Alfabeto, nome pelo qual Burt havia começado a chamá-los (nome de que Richard, enquanto P.A.I., gostava muito). Um nome para cada letra do alfabeto.

A

B

C...

É, naquela época, Richard fazia discursos em prol da equipe, mesmo

quando não direcionava a voz para eles. Foi muito emocionante quando, cinco anos depois do início do experimento, Richard viu, pela primeira vez, compreensão nos olhos dos meninos, transferência de conhecimento, do púlpito para P, do discurso para cada um deles.

E agora... Os Anos Delicados estavam chegando. Richard não podia mais adotar uma abordagem subconsciente com os meninos, instintiva, de uma noção vaga, ainda que forte, das regras e do motivo para cumpri-las. Com os Anos Delicados, chegava a plena atenção de meninos perspicazes. Meninos inteligentes. Meninos que poderiam, e iriam, analisar cada palavra que Richard usasse.

Ele sorriu para o espelho. Não era a primeira vez que seus meninos não iam seguir estereótipos: no mundo além da Parentalidade, adolescentes *paravam* de dar ouvidos aos pais.

Richard flexionou os bíceps envelhecidos, franziu a testa ao ver o resultado e vestiu a jaqueta de volta. Leria o Relatório Burt mais tarde. Aquele texto quebrava mais regras em uma única folha de papel do que outros membros da equipe jamais puderam em mais de uma década.

Falava com Richard diretamente. Mencionava A e Z.

Ele deixou seus aposentos e foi cumprimentado por dois guardas em trajes comuns postados diante de sua porta. Ambos armados. Richard reconheceu a admiração nos olhos dos guardas — como se ele fosse uma celebridade, o pastor da igreja deles.

Sabia que ainda os dominava. Mesmo depois de doze anos.

— Vão até lá e espalhem um pouco de animação, está bem? — disse Richard para que ouvissem, enquanto o seguiam pelo corredor de ladrilhos pretos até o Salão dos Corpos. — Mostrem que não há problema em um homem ser dominado por suas paixões, por mais perigosas que algumas possam ser. A hora dos homens radiantes chegou.

Richard então parou e se virou para Bobby, o guarda de cabelo ralo que havia passado três anos na cadeia por roubo de carros. Às vezes Richard se perguntava se a equipe de funcionários não tinha apenas trocado as drogas, as bebidas e a prisão pela Parentalidade.

— Deus está suando, Bobby. Você viu?

Para além das paredes de vidro do salão, a neve caía. Richard entrou e olhou para o Jardim. Ao longe, escondidos pela névoa, os pinheiros mantinham as posições.

— Está na hora de renunciar um novo pai — disse — e seus novos filhos.

A *grandeza*, dissera Richard a um ex-guarda certa vez, com uma das mãos no ombro da camisa quadriculada de mangas curtas do homem, pouco antes de mandá-lo para o Canto, *não é algo bonito de se ver. Analise o rosto dos maiores pensadores do mundo e vai notar uma consternação otimista. Exaustão. Que esta seja a última coisa que você vai aprender, Brad: não é ficando parados que chegamos à exaustão. É preciso nos movimentarmos para isso. E o movimento nos traz rugas de preocupação, cabelo ralo, uma camada de choque sobre olhos que já foram brilhantes. Me diga, Brad, o que você preferiria ter? Um rosto simples e fácil de ler ou os dedos ensanguentados de um homem que esmurrou a porta de seu santuário interior?*

O guarda Brad tinha experiência quando se tratava de portas fechadas diante de si. Quatro anos na prisão de Jackson por agressão. Mas nunca vira algo parecido com o Canto.

— Bem-vindo à Parentalidade — disse Richard, ainda observando a neve cair no início da manhã pelo vidro do salão.

O soar repentino de um coral, vozes dos Meninos do Alfabeto cantando no Salão dos Corpos, interrompeu seu devaneio. Nos olhos do louro Bobby, ele viu o lado sombrio da Parentalidade, a porta do Canto se fechando. Richard pensou até ter ouvido a porta rangendo.

Ele sorriu. Não era a porta do Canto, mas Gordon saindo de seus aposentos no térreo. O assistente chefe do P.A.I. na Parentalidade parecia incrivelmente infalível, como sempre. Seu cabelo preto, uma peça singular brilhante, o rosto e o cabelo de um soldadinho de brinquedo em um terno de mil dólares.

— Richard — disse Gordon. — Você leu o Relatório Burt?

— Uma parte.

— Bom, tenho *muito* a dizer sobre as cinco alternativas sugeridas à mudança de andar. E, sinceramente, onde Burt arranja tanta coragem? Sinto muito pela menção aos dois meninos.

— A e Z — respondeu Richard. Ficou em silêncio por um instante. — E acabei de dizer o nome deles de novo.

A harmonia de seis tons do Vozes parecia emergir de uma única garganta. Um acorde menor tão triste quanto a morte de seus irmãos, A e Z.

Meninos estragados. Estragados e podres.

Richard fechou os olhos. Deu as costas aos flocos de neve e andou até o Salão dos Corpos, em direção ao canto dos meninos.

— É — concordou Gordon, escrevendo as palavras de Richard em

uma prancheta. — Mas você não devia pensar neles pouco antes de fazer um discurso. Foi odioso, como Burt costuma ser.

— Eu mudei, Gordon? — perguntou Richard, os olhos abertos outra vez, as botas pretas batendo nos ladrilhos pretos.

À frente, o último dos meninos — H, todo de preto — era visto correndo para entrar no Salão dos Corpos.

— Mudou como, senhor?

— Será que valorizo agora o que valorizava na época?

— O senhor manteve a convicção em sua visão.

— Mantive. Mas...

— O Relatório Burt está afetando o senhor. É só isso.

— Tenho medo, Gordon.

Do Salão dos Corpos, as vozes se ergueram, alcançando um pico melancólico. Richard parou à porta. Observou o coro que se alternava, os seis meninos que cantavam naquele dia. De calça e gola rulê pretas, só o rosto deles sobressaía, semblantes flutuantes pairando sob as sombras dos arcos do Salão dos Corpos. O eco de suas vozes acrescentava fantasmas ao pequeno número de meninos.

Richard apreciou a imagem. O coral da Parentalidade, Vozes. Os outros meninos também, vestidos de preto, sentados em bancos. O carpete branco do corredor. O púlpito escurecido no palco. A equipe alinhada às paredes, como vigilantes.

Ou talvez como vítimas de um pelotão de fuzilamento.

Richard viu Warren Bratt, desleixado e acima do peso, curvado, a testa franzida.

— Do que o senhor tem medo? — perguntou Gordon.

As luzes do Salão dos Corpos refletiram nos óculos de Bratt, e Richard não soube se o autor cínico estava olhando para ele ou não.

— Surpresas — explicou Richard.

Ele respirou fundo e entrou no salão. Gordon o seguiu.

Enquanto caminhava pelo carpete branco, a jaqueta e a calça vermelhas parecendo sangue derramado no piso, Richard foi engolido pelos tons mórbidos do Vozes, naquele dia composto pelos meninos do oitavo andar, com o acompanhamento de F e W. Apesar de Richard proibir religião na Parentalidade, os meninos cantavam *Agnus Dei*, de Barber. Bobagens estéticas para todos eles. Jamais entenderiam latim.

Seus meninos. Seus Meninos do Alfabeto.

Ah, como olhavam para ele. Admiração pura nos olhos. Mesmo nos dos que cantavam: J e D, L e Q, F e W. Suas vozes se erguiam até o

Mural das Ambições no teto alto do Salão dos Corpos, em um único acorde, parecendo dar mais dimensão à imagem do homem sem camisa erguendo uma rocha com a mente. Os meninos de preto, os meninos nos bancos, alguns sussurrando, outros dando breves cotoveladas nos demais — todos olhavam o homem vestido de couro vermelho, uma ferida ambulante no tapete branco, deslocando-se até o palco. Enquanto Richard subia os degraus, enquanto Gordon e os guardas iam para as laterais do palco para se juntar ao resto da equipe, muitos dos meninos respiraram fundo. Estiveram com ele apenas alguns instantes antes, nas Inspeções individuais, mas ver o P.A.I. no púlpito do Salão dos Corpos era sempre uma imagem e tanto. Olhando para a direita, Richard sorriu para Warren Bratt, sem demonstrar qualquer opinião sobre a aparência especialmente maltrapilha do escritor careca e desleixado. Então Richard fez sinal para que os meninos do Vozes parassem de cantar. O último acorde continuou soando muito depois de eles obedecerem.

Os meninos do coral se sentaram.

Richard se aproximou do microfone até sentir o metal frio tocar sua barba.

E fez seu discurso.

— MENINOS! Não vou tomar muito do tempo de vocês. Imagino que estejam com fome e que, de seus lugares, já possam sentir o cheiro do café da manhã. Agradeço a vocês, a todos vocês, por se reunirem mesmo de última hora. Esses eventos no Salão dos Corpos são, como vocês bem sabem, tão ocasionais que minha convocação só pode significar algo importante. No mínimo, que preciso desabafar sobre algum assunto.

Richard fez uma pausa. Ele tinha começado com uma “fala clara”. Sugestão de Gordon, muitos anos atrás: *Relaxe os meninos com uma introdução casual, Richard, depois infiltre a verdadeira mensagem.*

— Primeiro, gostaria de parabenizar vocês todos por algumas das melhores Inspeções que fizemos nos últimos anos. Sua franqueza, sinceridade e transparência são valorizadas acima de tudo. Vocês fizeram os olhos de seu P.A.I. se encherem de lágrimas.

— Nós te amamos, P.A.I.!

F tinha gritado. F, sempre engraçadinho. Richard sorriu e ergueu a palma da mão para silenciar o burburinho que o menino havia criado.

— Obrigado, F. Eu também te amo. Amo todos vocês, e estou especialmente orgulhoso de vocês hoje. — Olhou diretamente para J. Os olhos do garoto estavam em parte escondidos pela franja preta. Richard

mal conseguia ver as esferas inocentes que haviam procurado nele a resposta para tudo na vida. — Mas não seria sincero comigo mesmo se dissesse que foi apenas pelas Inspeções que concluí que todos vocês estão, realmente, no caminho certo. Andei observando vocês de muito perto, talvez de maneiras que nem saibam.

E e O se entreolharam, e Richard viu esperança em seus olhos. *Será que o P.A.I. andou observando a gente? Isso não é o máximo?*

— Na verdade, antes da Inspeção desta manhã, entreouvi uma conversa maravilhosa entre dois de vocês sobre uma possível alternativa para a gasolina e não pude deixar de sorrir. Meus meninos. Meus meninos! Como gosto de ouvir por acaso dois dos meus meninos usarem a força de sua inteligência em ascensão, brincando com os conceitos de curas, alternativas, de processo e progresso, os dois uma única coisa. Vocês veem isso? São capazes de reconhecer a virtude de uma conversa como essa, sem dúvida considerada boba pelos dois envolvidos, e o quanto essa troca é mais significativa do que outros assuntos que meninos da idade de vocês *podariam* discutir?

Richard respirou fundo. A última frase era o que Burt chamava de *corda bamba*. Talvez próxima demais da verdade. Mas Richard discordava disso. Os meninos sabiam tanto quanto ele queria que soubessem. E quem se importava com o bambear da corda se a verdade estava tão abaixo da rede de segurança?

— Dá para acreditar que todos chegamos a este ponto? Parece que ontem mesmo o pequeno Y me perguntou... Por quê? — Alguns meninos riram. — E agora? Agora eu pergunto a *ele*. Por quê? E talvez ele me diga. — As risadas deram lugar à perplexidade. Como era de costume. — Realizamos tanta coisa, e ainda temos tanto a fazer! E, meninos, meus lindos meninos, é isso que me incomoda, foi isso que me fez chamar vocês aqui... hoje.

Richard pensou nas perdas mencionadas no Relatório Burt daquela manhã. A e Z. As pontas dos Meninos do Alfabeto. Uma coincidência (entre todos os meninos que ele podia perder, logo aqueles dois?) que quase havia rasgado o estômago de Richard de preocupação. Tinham sido necessárias muitas horas com os médicos da equipe, muitos dias nas entranhas da Torre, o aquecedor vibrando bem perto, o ruído de vinte e quatro crianças um andar acima, para Richard se convencer da possibilidade, da *probabilidade*, de que dois meninos dos vinte e seis teriam um final infeliz.

O fato de ele ter sido responsável por aquele desfecho não entrou na

equação.

Tanto A quanto Z tinham visto mulheres.

Tanto A quanto Z tinham estragado.

Tanto A quanto Z tinham visto o Canto.

— Vou lhes contar um segredo. — Richard fez uma pausa para criar suspense. Pareceu funcionar. — Muito antes de vocês chegarem à idade que têm agora, eu já chamava estes anos de... *Anos Transformadores*. Assim como vocês ajustam suas visões nos Encontros da Efígie, também vão se transformar aqui na Torre. Por quê? Por que considero esta idade diferente das outras? Por que considero esta época mais notável que a primeira infância, quando vocês não conseguiam nem erguer a cabeça? Vou dizer por quê. Ouçam...

Os Anos Delicados para a equipe. Os Anos Transformadores para os meninos.

— Vocês agora começaram oficialmente o processo de rompimento com os laços paternos e estão se tornando homens. — Ele fez uma pausa, permitindo que a seriedade daquilo fosse absorvida. O medo de não terem laços também. — Observei vocês no Jardim e no Pomar. Observei vocês durante as refeições. Li seus relatórios e ouvi suas reações ao último livro de Luxley. Suas opiniões são tão sofisticadas quanto as minhas. As ideias que vocês casualmente deixam de lado são tão reveladoras quanto as que consideram importantes. As Inspeções provam isso. Meninos! Meus meninos! Vocês estão amadurecendo!

A e Z. A e Z. As pontas são o que mantêm a fileira de livros em pé. Mas as pontas tinham sido retiradas.

Richard ajustou o colarinho do casaco.

— É isso que acontece quando as coisas dão certo, meninos.

Os meninos de preto. Alguns de gola rulê e calça social, outros de blazer e camisa de botão. Mas Richard avistou um ponto branco. Enquanto falava, seus olhos viajaram para o pequeno ponto de cor: a camiseta de T aparecendo entre os botões da camisa. Outro sinal? Como a coincidência com A e Z?

— A mente demora, na infância, até começar a agir de acordo com ideias próprias. Vocês se lembram de fazer tudo que seus irmãos faziam? Lembram quando sempre acabavam passando a noite com seus companheiros de andar? Quase incapazes de passar um tempo sozinhos

ou mesmo sem vontade de fazer isso? Vocês eram inseparáveis. Nossa, houve momentos em que precisamos separá-los e devolver cada um ao seu próprio quarto. E olhem só para vocês agora! Têm interesses próprios. Teorias próprias. Descobriram a beleza da propriedade intelectual. A essência gratificante, a raiz da verdadeira *genialidade*. Sabem que estou certo! Assim como aqueles primeiros dias foram importantes para os laços que foram formados e para a confiança que vocês ganharam ao ver ideias e ações serem aprovadas por seus irmãos, estes novos dias, esta mudança também tem um objetivo. Hoje já pode ser considerado amanhã por causa da rapidez com que vocês estão crescendo! Suas opiniões são suas! Não minhas! Percebem? Ensinei a vocês quando eram pequenos. Mas já estão quase do meu tamanho!

Será que tinha estabelecido uma noção inegável de paternidade? Ou os meninos, mais inteligentes do que quaisquer outros no mundo, tinham uma consciência instintiva de que não havia relação sanguínea? De que não havia relação genética?

De que ele não era *pai*?

— Queria poder falar com cada um de vocês apenas usando minha mente. Vocês entenderiam o quanto valorizo o tempo que vocês têm pela frente, veriam a enorme extensão de um Jardim infinito que precisa de muito cuidado. Pois toda ideia que tiverem nos próximos anos vale ser anotada, escrita e discutida com seus companheiros de andar, ou em uma visita rápida a outro andar para começarem uma conversa com outros que não veem com tanta frequência. Talvez vocês até se sintam inspirados a caminhar um pouco mais, até os meus aposentos. Quero salientar muito isto: estou totalmente disponível para vocês nestes próximos anos e muito interessado em quaisquer pequenas ideias que tiverem. As suas trivialidades são o meu trabalho mais importante.

Muitos meninos trocaram olhares chocados. Um convite do P.A.I. para os aposentos dele? Era mesmo um dia importante.

Richard sentiu o suor escorrer sob a regata abaixo de sua jaqueta. Ele apreciou aquilo. Significava que estava trabalhando. Significava que estava presente. Significava que estava pegando fogo com tudo o que disse ali. Pegando fogo diante dos meninos.

— Vocês parecem já saber do que estou falando. Vejo que alguns de vocês estão com o rosto ruborizado. E sabem *por que* as palavras que estou dizendo estão sendo reconhecidas? Sabem? — Ele fez uma pausa. Tentou não olhar para o ponto branco exposto no peito de T. Tentou não pensar em presságios. — É porque o que estou dizendo é verdade! E

todos vocês valorizam a verdade. Uma mudança vai acontecer! E vocês já sabiam disso. Não precisavam que eu dissesse que suas ideias mais recentes foram as mais fascinantes que já tiveram. Afinal, é uma experiência que vocês mesmos estão vivendo. — Então, de repente, sem prelúdio, ele continuou: — Vocês vão encontrar um caderno novo na cama depois do café. É azul. Incentivo vocês a escreverem essas novas ideias. As borrachas já foram retiradas de suas canetas e lápis. Não quero perder nem *um segundo* disso, dos Anos Transformadores. — Richard fez uma pausa. Ele os tinha na palma da mão. Arrebatamento. Seus meninos. — Anotem tudo. Cada palavra. Expressem seus pensamentos mais estranhos. Nada vai deixar seu P.A.I. mais feliz do que ver cadernos azuis todos preenchidos, transbordando de preocupações e ambições, dos segredos que vocês guardam. Entenderam? Vejo cabeças assentindo. Por isso vou deixar vocês com isto: não escondam nada. Pois, assim como a inteligência de vocês cresceu, aumentou o espaço em que vocês podem se esconder. De mim. De seu P.A.I. E quem de vocês faria isso? Quem aqui esconderia o que sabe que seu P.A.I. valoriza tanto?

— Ninguém! — gritou S.

Mais risadas dos meninos. Dessa vez carregadas de empolgação.

Richard ergueu uma das mãos aberta.

— Agora... — disse ele.

Os meninos se remexeram nos bancos porque sabiam o que ia acontecer. O P.A.I. sempre encerrava os discursos do mesmo jeito. Ele tamborilou no púlpito, uma espécie de rufar de tambores. De repente, o Salão dos Corpos explodiu com duas palavras simples, com os meninos dando um grito exuberante junto com o P.A.I.:

— *Vamos comer!*

Richard chamou o coral. Vozes. Os seis meninos se levantaram e tomaram seus lugares nas sombras outra vez.

* * *

J disse para D:

— Achei que o caderno fosse só para mim. O P.A.I. me disse que era para mim.

— O quê?

Mas eles não tinham tempo de discutir isso. E, apesar da óbvia

preocupação de J, ele e os outros cinco meninos começaram a cantar *Miserere Mei, Deus*.

Os outros Meninos do Alfabeto seguiram para as portas do salão.

* * *

Richard desceu do púlpito. A equipe fez menção de ir embora também, mas foi fácil alcançar Warren Bratt.

— Lawrence — disse Richard, chamando Bratt pelo pseudônimo com medo de que algum dos meninos escutasse. — Você está com muita fome?

Bratt se virou para ele, e todas as preocupações de Richard com relação ao escritor dos livros de ficção aumentaram. Warren Bratt era um punk aposentado, pedante, metido e egoísta que um dia deu uma de bom escritor. Dez anos como Lawrence Luxley ajudaram a acabar com o esnobismo, mas Richard estava percebendo que, como Burt dissera um dia, só era possível atar as mãos de um artista por certo tempo, até ele começar a criar com os pés.

As ideias dos livros de ficção de Warren tinham se tornado perturbadoramente originais. E isso não era nada bom.

— Muita — respondeu Warren.

— Tudo bem. O Gordon vai encontrar você na sua sala depois do café da manhã.

— Por quê?

Richard não fingiu simpatia.

— Acho importante que, à medida que o gosto dos meninos for mudando, os livros que apreciam também mudem.

Warren assentiu.

— Eu sei, Richard. Mas gostaria de...

— Ótimo. Então você não vai se importar de conversar com ele. — Olhou para Warren dos pés à cabeça. — E lave a camisa. As manchas de suor fazem parecer que você está trabalhando demais. Como se estivesse sendo forçado a escrever algo que não quer. — E, ao se afastar de Bratt, seguido pelos guardas, ele acrescentou: — Os meninos idolatram Lawrence Luxley. Por favor, mostre a eles como um gênio se veste.

O café da manhã dos Meninos do Alfabeto

Sentados em grupos de seis em quatro grandes mesas redondas, a maioria dos Meninos do Alfabeto parecia energizada com o discurso do P.A.I. no Salão dos Corpos. F, o engraçadinho F, brincava tranquilamente, como se a Parentalidade tivesse proibido os estudos naquele dia. Seus grandes dentes da frente pareciam especialmente brancos em contraste com a camisa de botão preta e o blazer preto pendurado nas costas da cadeira. J e D sempre brincavam, entre si, dizendo que F parecia “um desenho animado”. Naquele momento, observavam o menino falar, como haviam um dia sorrido olhando bonecos de palito desenhados nas margens de seus livros didáticos.

— Ei, W — disse F. — Não coma meu café da manhã hoje. Eu sei que você vai querer e sei que vai pedir o que sobrar no meu prato, mas não vai sobrar nada hoje. Então o único jeito de você pegar minha comida vai ser comendo meu estômago. — Ele fez uma pausa, fingindo estar falando sério com o amigo gordinho. — Eu não devia ter dado essa ideia, não é?

J olhou para os dois meninos. F e W eram próximos. Tinham compartilhado o andar com P e T a vida toda. Mas será que J dividiria o andar com algum deles quando o dia da mudança chegasse? E quantos anos eles passariam juntos?

— E o que deu em *você*? — perguntou F, apontando dois dedos para J. — Parece até que foi mandado para o Canto.

— Ah, por favor... — pediu L.

O certinho e conservador L.

F deixou escapar uma risada.

— Ah, pare, L. É bom falar sobre coisas assustadoras. Assim elas ficam menos assustadoras. E não vou aliviar com o J só porque você não gosta do jeito que eu falo.

Ele sorriu para J. Arregalou os olhos. Era o jeito de F: exagerado.

— Não tem nada de errado — respondeu J.

Mas ficou claro que havia.

— Está com *algum* problema? — perguntou Q, os óculos

aumentando seus olhos tal como faria a lupa dos Inspetores.

— Não... É que...

— Ah! — exclamou F. — Eu sabia! Eu falei! Sou bom ou sou ótimo?

— Ele cutucou W, e W assentiu. — Então vamos lá, J. Desembuche.

J pensou rápido. Ele não podia e não ia contar que tinha escondido informações durante a Inspeção da manhã. Não ia bancar o histérico para os irmãos, assim como não tinha bancado para a Parentalidade.

— Os cadernos — explicou J.

E, quando as palavras deixaram sua boca, ele entendeu que estava mais chateado do que havia percebido.

— O que tem eles? — perguntou F, os dentes grandes amassando seu lábio inferior.

— Bom, na minha Inspeção de hoje, o P.A.I. me disse que tinha uma ideia só para mim. Ele mencionou um caderno. Uma coisa onde eu podia escrever. Preencher... só para ele.

W sorriu, e suas bochechas gordinhas ganharam um tom rosado.

— Está falando deste aqui? — Tirou um caderno de baixo da mesa.

Havia um grande W preto impresso na capa.

— Espertinho! — exclamou F. — Você já foi até o quarto pegar o seu!

— Eu sou bem rápido para um menino gordo, F.

Os amigos soltaram uma gargalhada. Então W voltou a atenção para J. Assim como Q, W tinha olhos inteligentes. Como era quieto, muitas vezes dava a impressão de saber algo que os outros meninos não sabiam. Mas, enquanto a inteligência de Q parecia fluir de uma fonte inquisitiva, a de W se baseava mais na Constituição da Parentalidade. O próprio P.A.I. havia comentado que W um dia daria um ótimo advogado.

— Seja como for, o que você está dizendo não é verdade — afirmou W.

J sentiu um choque. W sugeriu mesmo que ele tinha escondido algo na Inspeção?

Mas não. Não foi o que ele sugeriu.

— Como assim? — perguntou J.

W guardou o caderno de volta debaixo da mesa.

— Três dias atrás, na aula do professor Kinney, a calculadora do K parou de funcionar. O Kinney me mandou pegar outra na sala dele.

— Sem dúvida para incentivar você a fazer um pouco de exercício, meu amigo — provocou F.

W o repeliu com um aceno de mão.

— E enquanto eu estava lá... — Ele se recostou na cadeira e cruzou os braços. — Vi a pilha de vinte e quatro cadernos azuis, todos com nosso nome impresso em negrito na capa.

— Não entendi — disse L.

— Você nunca entende — respondeu F.

— O que o W está dizendo — explicou Q, gentil — é que o P.A.I. não pode ter dito ao J que pensou no caderno só para ele se três dias antes já tinha organizado essa ideia para todos nós.

Silêncio à mesa. As vozes dos outros meninos preencheram o espaço vazio do refeitório.

Todos olharam para J, esperando algum tipo de réplica. Mas J não sabia o que dizer. O P.A.I. havia *mesmo* dito que pensara no caderno apenas para ele. E tinha falado de um jeito... como se tivesse acabado de pensar naquilo...

De repente, como se um ventilador tivesse sido ligado em uma sala muito abafada, J sentiu parte da própria culpa se dissipar. Mas o vento trouxe um ar gélido.

Será que J e o P.A.I. tinham mentido um para o outro no mesmo dia?

Era quase assustador demais imaginar isso.

— Você deve ter entendido errado — disse L. — Simples assim.

— Não tem como.

— Pobre J — afirmou F. — Achou que ia receber um pouco de atenção só para ele e, no fim, nada feito.

— Você obviamente não acha que o P.A.I. mentiu, não é, J? — perguntou Q.

J pensou no Canto. No pouco que sabia a respeito. Uma porta no porão da Torre. Um porão onde nenhum dos meninos sabia entrar.

— Eu não falei que ele *mentiu* — reforçou J.

— Claro que não — disse Q. — Essa é a maior sandice que eu já ouvi.

— Mas *está* dizendo que ele errou — acrescentou W. — O que talvez seja tão ofensivo quanto a primeira opção.

Antes que J pudesse se defender, o sino tocou e os cozinheiros se aproximaram com bandejas de waffles, ovos, frutas e legumes. Enquanto os meninos se serviam, Q falou sobre os benefícios de se comer frutas pela manhã, e F brincou de esconder sua comida de W. Mas J não estava mais com fome.

Estava pensando em mentiras.

O fluxo de pensamento era tão intenso que ele se pegou lembrando o que exatamente o P.A.I. dissera na sala de Exames. *Acabo de ter uma ideia maravilhosa. E se eu achar um jeito de você me contar suas ideias, seus sentimentos de forma mais direta? Uma coisa que você e eu possamos compartilhar? Talvez um caderno. Você pode anotar tudo e... me entregar. Podemos até nos corresponder assim.*

No fim das contas, não havia sido uma mentira. Tecnicamente, o P.A.I. não dissera que era apenas para ele.

No entanto, *você e eu...*

Com certeza, J havia entendido errado. Uma palavra aqui, outra palavra ali, e o significado de uma coisa podia mudar bastante. Luxley falava sobre isso em um de seus livros. J não sabia se estava aliviado com a possibilidade de o P.A.I. ter distorcido a verdade ou se isso o assustava mais do que a vaga ideia de uma porta no porão. Será que a porta estava bem debaixo dele naquele instante? Debaixo da cadeira onde estava sentado?

— Coma, J — aconselhou F. — Ou o W vai passar por cima da mesa para roubar do seu.

— É uma ideia — respondeu W.

Pelo jeito como o menino falou, J sentiu que W estava irritado com ele. Como se o menino gordo estivesse lembrando que ele havia sugerido algo errado. Muito errado.

J remexeu a comida até finalmente comê-la. Até perceber, pela primeira vez em sua curta vida, que era possível continuar vivendo, comendo e dormindo, conversando e talvez até estudando, enquanto o mundo ao redor... mudava.

— Foi um belo discurso — disse F. — O Luxley deve ter escrito.

— O Luxley não escreve discursos — lembrou D.

— Ah, é? E como sabe disso? — perguntou J.

D deu de ombros.

— Dá para ver. Eles não têm a mesma energia.

F jogou as mãos para o alto.

— Olhem só para vocês. Um sugere que o P.A.I. mentiu, e o outro, que Lawrence Luxley tem mais energia que ele! Talvez a mudança de andar seja uma coisa boa. Seria bom vocês se separarem.

Ele riu, mas J e D se entreolharam, um de cada lado da mesa.

— Eu não disse que ele mentiu — reiterou J. — Nem diga uma coisa dessas. Com certeza eu só... — Ele fez uma pausa. — Entendi errado. Ele não disse o que achei que tinha dito.

— Não brinca. — ironizou L. — Agora a gente pode falar sobre outra coisa?

E eles falaram. J comeu ao ritmo da discussão dos outros meninos sobre Lawrence Luxley e os professores Gulch e Kinney. Bola Amarela e o Filme do Ano. Comeu seguindo também o fluxo irregular dos próprios pensamentos, enquanto suas palavras eram repassadas — *Eu não disse que ele mentiu, Eu não disse que ele mentiu* — em oposição a uma refutação de igual sincronia:

Mas acho que ele pode ter mentido.

Warren Bratt e Lawrence Luxley

Richard podia fazer de tudo para tornar o porão mais confortável para Warren, mas, no fim das contas, continuaria sendo um porão. E a verdade era que Richard *havia feito* de tudo mesmo. Tinha mandado que os carpinteiros trocassem o carpete, pendurassem quadros melhores nas paredes, reformassem os armários, realinhassem as prateleiras e abafassem o barulho do aquecedor, repintassem as portas e instalassem uma nova privada. Deus, Richard tinha até lhe mandado flores. Flores que, no momento, estavam num vaso cheio de água suja na escrivaninha de Warren, exatamente entre Gordon e ele, enquanto o escritor ouvia o sermão semanal sobre como escrever um livro de um homem que com certeza não sabia escrever.

— Richard não está pedindo nada que venha da sua alma, Warren. Acho que você sabe disso. — Gordon usava seu terno fino característico. Sentava-se quase em cima da escrivaninha, o que deixava Warren maluco. — Não está interessado na mistura de emoções e epifanias que sem dúvida habita suas entranhas. Para ser brutalmente sincero com você, Warren, ele não está nem um pouco interessado em seu talento artístico.

Warren, pesado, suando, de pé atrás da cadeira, tentou manter uma expressão de ambiguidade profissional. Mas era difícil. Em nome de Richard, Gordon falava com ele no mesmo tom que usava com toda a equipe da Parentalidade: como se Warren Bratt, também conhecido como Lawrence Luxley, fosse uma criança. De alguma forma, como se fosse ainda mais novo do que os meninos.

— Se perceber que está com algum bloqueio, só lembre que ele não está pedindo o grande romance americano. Ele não quer nem o grande romance da Antártida. Ele quer um *livro*. Um livro ruim já serve. Na verdade, um livro ruim é melhor do que um bom. Você sabe disso. Já escreveu vinte e nove.

— Obrigado, Gordon. Muito obrigado.

Por dez anos, Warren havia considerado aquelas reuniões a parte mais difícil de seu trabalho. Mas, nos últimos tempos, algo muito pior

havia surgido.

Ele chamava de Culpa.

Era uma emoção perigosa para um membro da equipe da Parentalidade. Ele mal conseguia admitir para si mesmo por que sentia aquilo. Mas, na verdade, não havia como escondê-la, uma vez que a fonte se movia acima dele, nos muitos andares da Torre, todos os dias.

Sim, culpa pela criação que davam àqueles meninos.

Cale a boca, pensou Warren naquele instante, com Gordon tão próximo. Quase imaginou um Inspetor levando uma lupa até seu ouvido, declarando-o *impuro*.

A Culpa.

O sentimento era apenas uma farpa naquele momento, mas pouco tempo antes tinha sido só um fio.

Gordon sorriu, e Warren sentiu a familiar onda de raiva em seu peito, em seu sangue, em seus ossos. Gordon tinha um jeito de sorrir que sugeria que qualquer um concordaria com ele no fim das contas, não importava quão ridícula fosse sua proposta. E Warren, assim como o restante da Parentalidade, aceitava. Retribuiu o sorriso. Além da porta branca do escritório de Warren no porão, os corredores subterrâneos da Parentalidade ecoavam como catacumbas. E, embora o aquecedor estivesse mais silencioso, Richard não tinha nenhum plano de baixar o volume do Canto.

— O que você está pensando para o próximo livro?

O tom da pergunta de Gordon não tinha nada a ver com o jeito como os antigos amigos de Warren, os Mafiosos da Escrita, conversavam no pub Don Don's, em Milwaukee. Naquela época, os colegas também idealistas de Warren precisavam tirar dos olhos as franjas pintadas de roxo para encará-lo, normalmente exibindo uma ou duas tatuagens no braço para completar o pacote. E, caso perguntassem sobre as ideias dele para um livro, era sempre com verdadeira preocupação artística. Ah, como Warren Bratt sentia falta dos antigos amigos pretensiosos, arrogantes e degenerados.

Mas dez anos haviam se passado. E a barriga de Warren não tinha sido a única coisa a crescer desde então. Os Meninos do Alfabeto já eram quase adolescentes. Ele os vira crescer em tempo real. Sabendo o que eles sabiam. E o que não sabiam.

A boa e velha Culpa.

— Ainda não sei — respondeu ele, de propósito.

Era bom atormentar o puxa-saco corporativo. Com ou sem o

zumbido do Canto, uma vez punk, sempre rebelde, e Warren Bratt tinha que ferrar com Gordon sempre que possível. Claro que tinha uma ideia para o próximo livro. Tinha mil ideias para os próximos mil livros. Porque Richard, o magnânimo P.A.I. dos Meninos do Alfabeto, não queria, como Gordon tinha acabado de dizer, uma obra de arte. Com absoluta certeza que não. Richard queria porcarias de supermercado. O tipo de livro que as tias de Warren devoravam nas praias de Wisconsin Dells. O tipo de livro que mostrava homens *seminus* agarrando mulheres *seminuas*, o tesão tão explícito quanto seus membros.

Mas... não havia mulheres *nestes* livros. Ah, não.

— Vamos lá — começou Gordon. Ele sempre tinha uma ideia para o próximo livro. Sempre semelhante à do anterior. — Escreva sobre um homem que lava janelas.

Ele estalou os dedos. Warren sabia muito bem aonde isso ia parar. A trama dos livros de ficção era mais formulaica do que a dos romances que ele queria estar escrevendo.

Será que cheguei a esse ponto?, perguntou Warren a si mesmo.

Mas não. Não era para tanto. E, apesar de não poder analisar aquela sensação por completo, enquanto Gordon o encarava, do outro lado da escrivaninha, Warren entendeu que era *quase*. Quase como querer escrever a pior coisa que já havia escrito, se isso significasse não escrever mais do mesmo.

— Certo — disse Gordon —, agora crie um nome para o lavador de janelas.

Warren não precisou pensar muito. Tinha uma lista longa de nomes masculinos triviais.

— Jerry.

— Ótimo. É Jerry, então. E o que o Jerry faz?

— Você mesmo disse que ele lava janelas.

— Onde? Em que prédio?

Warren queria agarrar a cara prepotente de Gordon pelo queixo bem barbeado.

— Que tal na Torre?

— Ótimo. É. O próprio prédio onde estamos. E aí?

— E aí?

— Então, o que acontece em seu próximo livro? Sem mulheres, claro.

— Gordon...

— Todos precisam se lembrar disso. Os meninos enfim chegaram aos Anos Delicados. As novas urgências vão estar... no ar. Vamos tomar

cuidado com o que exalamos, Bratt.

Warren sentiu dedos frios subirem e descerem por seus braços. O que Gordon realmente queria ali no porão? Será que Richard estava ficando... paranoico? Seria possível que, depois de todo aquele tempo, Richard tivesse começado a questionar as bases de seu querido experimento?

Isso é tudo culpa sua, meu caro, pensou Warren. *Tuuuudo culpa sua.*

A Culpa.

Realmente.

— Pare — deixou escapar Warren.

As luzes do escritório expunham seu cabelo encaracolado ralo, olhos ansiosos por trás de óculos de aro preto e uma barriga no qual os Mafiosos da Escrita teriam jogado lápis.

Ah, como sentia falta dos amigos.

— Me fale mais sobre esse lavador de janelas.

Warren ficou feliz em voltar ao assunto.

— Está bem. Um dia, enquanto lava as janelas da Torre...

— Certo.

— Jerry vê uma loura nua debruçada na escrivaninha de um escritor.

— Warren. — A temperatura dos olhos de Gordon caiu para zero.

— Enquanto lava as janelas da Torre, Jerry vê uma coisa curiosa acontecer no quarto de um dos meninos.

— Agora fiquei interessado. Bastante.

— Ele vê um dos meninos trapaceando enquanto joga Barcos e...

— Não, Barcos, não. A gente não quer que analisem esse jogo. Que tal o Pedinte?

— Pedinte. E...

— Isso é muito bom.

— E, primeiro, ele termina o trabalho...

— Claro, claro.

— E, quando volta para o chão, vai procurar o diretor da Parentalidade e informar o que viu, ou fala com o próprio menino.

Gordon franziu a testa. Os ângulos de seu rosto trabalharam de maneira tão orquestrada que Warren imaginou estar vendo uma marionete feita da madeira da Parentalidade.

— Hummm. O problema de falar direto com o menino é que estaríamos valorizando o lavador de janelas. A profissão dele.

— Não sei se concordo.

— Ah, não?

Warren levou a mão gordinha ao colarinho e o puxou. Sempre sentia que a temperatura do escritório aumentava durante as reuniões com Gordon. Aquela história (Warren tinha dificuldade de chamá-la de história, de qualquer outra coisa diferente de propaganda política) não divergia de nenhum outro livro que havia escrito. Mesmo assim, Gordon criticava os detalhes.

Um editor no Inferno, pensou Warren. Mas não foi engraçado. E quando foi que piadas como aquela tinham perdido a graça? Quando foi que Warren começou a se sentir daquele jeito? Não tinha concordado, anos atrás, ao receber o primeiro salário?

— Os meninos são jovens o bastante para substituir o lavador de janelas pelos campos de estudo que Richard espera que os atraiam. Pelo amor de Deus, Gordon. E eles têm escolha?

Gordon estalou a língua. Warren parou de falar. Sabia que quase tinha soltado algo que não devia. Uma declaração como aquela podia revelar a Culpa.

— Não estamos criando *a coisa certa a se fazer*, Warren. Estamos criando as mentes mais iluminadas e disciplinadas da história da humanidade.

Gordon se levantou da escrivaninha. Era pelo menos quinze centímetros mais alto que Warren. Mas Warren não tentou corrigir a postura. Deixe o escravo corporativo dominar a sala. Warren não a queria mais.

— Então me diga — disse ele. — Essa ideia é artística para você? É o tipo de coisa que consideraria um bom livro quando jovem?

— Não. Nem de perto.

Pensou na voz de Gordon em uma secretária eletrônica, ecoando por um apartamento caindo aos pedaços, muito tempo antes. Pensou nos Mafiosos da Escrita. Em como ficariam enojados com o que ele havia se tornado. Em como podiam matá-lo, para o seu próprio bem.

— Então você entendeu? Caso sinta algum tipo de bloqueio, me ligue e conversamos de novo. Richard gostaria muito de ver esse livro sobre o lavador de janelas pronto o mais rápido possível. Mas, claro, você é o escritor.

— Eu não estava com nenhum bloqueio.

— Não falei que estava.

— Vou escrever.

Claro que ia. Ele sempre escrevia. E o dinheiro em sua conta aumentava.

Por outro lado, aquela nova sensação também crescia. Ele normalmente conseguia tirar as crianças da cabeça. Mas elas não eram mais tão crianças assim.

— Ótimo. — Gordon atravessou a sala abafada. Os sapatos pretos não faziam barulho no carpete macio que Richard havia instalado menos de seis meses antes. À porta, ele se virou para encarar Warren mais uma vez. — Agora escreva um livro ruim, Warren. Pelos meninos. Pela Parentalidade. Pelo Richard. Por *você*.

Quando Gordon saiu do escritório, Warren ouviu o zumbido do Canto no fim do corredor de piso de pedra. Ouviu também os sapatos de Gordon, marcando o ritmo de um servo. E, quando a porta do escritório se fechou outra vez, os ruídos basicamente cessaram, e Warren foi deixado com aquela imagem de merda de um lavador de janelas banal ensinando uma das muitas morais da vida a um jovem. Mas, claro, era uma fábula mentirosa.

Warren Bratt, o descolado; Warren Bratt, o cético; Warren Bratt, o Metido de Milwaukee havia caído o máximo possível em desgraça artística.

Foi andando até a cadeira, os tênis se arrastando pelo mesmo carpete. E, quando se sentou para escrever, para trabalhar, para fingir ser um escritor, um artista, um homem, tentou com muito afincado pôr para fora de sua cabeça as ideias e os sentimentos que havia com muito esforço colocado para dentro.

Tentou não pensar em como os Meninos do Alfabeto o haviam encarado durante o discurso daquela manhã. Deus, olhavam como se ele fosse uma celebridade.

A Culpa.

Warren abriu a gaveta da escrivaninha e tirou um novo bloco de papel amarelo. Pegou uma caneta azul da mesa e a levou ao papel.

Então escreveu. Escreveu muito. Como se cada página, cada palavra, cada letra ajudasse um pouco a repelir aqueles sentimentos perigosos. Pois, se Warren Bratt falasse deles, mesmo que apenas uma vez, ou, como Lawrence Luxley, deixasse escapar um cisco de verdade, ainda que uma mensagem clandestina, em alguma página do livro, bom, Deus tenha piedade, mas...

... ele seria mandado para o Canto.

Como A havia sido.

E Z também.

Fora do escritório, o Canto zumbia.

Warren se recostou rápido na cadeira. Respirou fundo, de propósito, tentando se acalmar.

Não devia estar pensando daquela maneira. Ah, não. Não devia nem estar considerando aquilo tudo.

— PARE.

Ele não gritou, mas com certeza foi firme. No entanto, em vez de ouvir a própria advertência sábia, voltou a abrir a gaveta da escrivaninha e olhar para um bloco de folhas brancas intocado, intacto, sem marcas, à direita.

Richard, pensou, não me obrigue a fazer isso.

Mas era mesmo Richard que o estava obrigando a fazer aquilo? Ou será que eram as palavras que Warren imaginava, preenchendo as folhas brancas por conta própria?

Ele fechou a gaveta com força. Prendeu um dos dedos nela e gritou.

Todos os livros de Lawrence Luxley precisavam ser apresentados em blocos de folhas amarelas. Havia sido assim desde o Livro 1. Então...

— Então pare de pensar no bloco branco.

Warren mostrou o dedo do meio para a porta fechada de seu escritório.

Vá se foder, Richard.

Não teria elaborado a frase de forma melhor nem se a tivesse escrito em caneta preta em um dos banheiros do Don Don's em Milwaukee.

Ele escreveu. Escreveu muito. E, enquanto as páginas amarelas eram preenchidas em uma sequência rápida e descuidada, Warren imaginava uma pilha de folhas brancas ao lado, crescendo na mesma proporção.

Era um lugar muito assustador de se estar: escrevendo o livro que devia e imaginando o que não devia.

Depois de dez folhas sobre o lavador de janelas, ele voltou a abrir a gaveta. As folhas brancas brilhavam feito um holofote. A escrivaninha era o palco onde ele queria se apresentar.

Warren fechou a gaveta. Alguém no corredor podia abrir a porta do escritório. O branco brilhante daquelas folhas podia se esgueirar por baixo da porta, iluminar os corredores tortuosos, chegar ao Canto.

O que ele estava pensando em fazer? De verdade? *O quê?*

Mas Warren não queria responder àquela pergunta. Não podia nem começar. E, enquanto tentava eliminar as imagens dos meninos (então com doze anos) de sua cabeça, percebeu que não era mais fácil substituí-las pelas de seus antigos amigos escritores.

Então por quem? Em quem poderia pensar quando o presente era tão

perturbador quanto o passado?

Warren parou de escrever. Olhou a escrivaninha como se fosse mesmo um palco.

Olhou para a porta.

Então, suando, abriu a gaveta.

Pensou no incinerador no fim do corredor, embutido nas pedras. Sempre podia queimar o que escrevesse.

É. Mas será que podia queimar a ideia de escrever aquilo?

À janela voltada para o Jardim

Empanturrados de comida e sonolentos, os quatro meninos ignoraram os estudos por uma hora e se sentaram à janela da sala de estar de J. Muitos anos antes, haviam determinado que a janela do oitavo andar era a que tinha a melhor vista para o Jardim. D e L estavam sentados no sofá, próximos um do outro, L com as pernas cruzadas e D inclinado para a frente, apoiado nos joelhos magros. D era o mais magro dos Meninos do Alfabeto. Comparado com W, era esquelético. Seu cabelo preto e longo estava preso atrás das orelhas, contrastando radicalmente com a juba castanha e encaracolada de L, que cobria as orelhas do menino e dava a impressão de que ele nunca ouvia direito o que os irmãos diziam.

Q e J se sentavam no parapeito da janela. Q não apenas havia tirado as melhores notas em todos os testes de engenharia e matemática, como também tinha o que o P.A.I. chamava de *um quê de especial*, expressão que os meninos usavam para implicar com ele, de brincadeira, até perceberem que concordavam totalmente com o P.A.I. Sabiam que muitos dos Meninos do Alfabeto eram inteligentes, muito inteligentes, mas o tipo específico de inteligência de Q parecia natural.

— Acho que não era só eu — disse L, enfim abordando o assunto — que sabia exatamente do que ele estava falando.

D também sabia do que o P.A.I. estava falando.

— Não gostei daquilo.

— Não? E por quê? — perguntou L.

— Me pareceu que o P.A.I. está ficando... ansioso.

Os meninos se agitaram, desconfortáveis.

— Ansioso? — indagou J. — Com o quê?

— Você ouviu o que ele disse — explicou D. — Toda essa bobagem sobre estarmos nos tornando adultos... Como se já não fôssemos.

— “Bobagem”! — exclamou L. — Minha nossa. Primeiro o J o acusa de mentir, e agora você chama o discurso dele de bobagem. As coisas estão mesmo mudando! Talvez ele tenha o direito de ficar ansioso!

— Não disse que ele mentiu — insistiu J.

Mas sua voz soou mais baixa do que ele queria.

— Bom, o que ele pensa que somos? — continuou D. — Às vezes acho que ele não sabe nada sobre nós.

L ergueu o caderno azul. Escreveu alguma coisa.

— Ele vai saber, D, contanto que a gente escreva o que está pensando.

D franziu a testa.

— Mas e se eu não *quiser*? E se quiser guardar o que estou pensando — seu cabelo caiu à frente dos olhos — para mim mesmo?

— D — disse Q, balançando a cabeça. — Que coisa estranha de se dizer. — Abriu o caderno azul e apoiou a caneta sem borracha no papel. — Você já sentiu isso antes?

D olhou para o caderno, depois para J. Naquele instante, J se perguntou por que D havia olhado para ele. Será que sabia que J estava sentindo a mesma coisa? No café, J não havia chamado o P.A.I. de mentiroso. Mas havia insinuado *alguma coisa*.

— Você vai me Inspeccionar, Q? — perguntou D. — Esse caderno é para os *seus* pensamentos. Não para os meus.

Q sorriu.

— Mas e a minha reação aos seus pensamentos? Isso com certeza é da minha conta.

D jogou as mãos para o alto e desabou no sofá.

— Esqueça. Faça o que quiser. Escreva sobre mim.

J olhou pela janela, para o gramado bem-cuidado do Jardim até a parede de pinheiros que definia os limites de seu mundo. Pensou no vulto que tinha visto agachado ali. Quase o mencionou.

— Por mais loucas que tenham sido, as palavras dele expressaram uma sensação que, confesso, agora eu sinto.

— Qual? — perguntou L.

J se virou para os outros.

— Eu me sinto... novo.

— É mesmo — afirmou Q. Seus óculos escorregaram para a ponta do nariz. — Eu também.

— Sério? — perguntou D. — Porque não me sinto nada novo. Me sinto como meu maravilhoso e antigo eu. E, para ser sincero, prefiro continuar assim.

— Tem medo de mudar? — indagou L.

— Não é medo, idiota. Estou feliz. Já estou satisfeito. Desculpe se sou o único neste quarto que não se incomoda de ser o menino que

sempre fui.

— Será que tem a ver com a mudança de quarto? — questionou Q.
— Porque nisso eu concordo com você. Quem quer mudar de quarto?
Eu não. Mas...

— “Mas...” — brincou D. — Sempre tem um “mas” com você.

Q ergueu a caneta.

— Mas... mudanças são boas. Deve ser natural. Do contrário, por que o P.A.I. passaria tanto tempo pensando nisso? É claro que ele passou. Então só podemos concluir que, como não existe alternativa à mudança, o P.A.I. está nos preparando com cuidado para uma evolução interna, com a ajuda de uma pequena evolução externa. Isso é equilíbrio, gente. Homeostase.

J se virou para ele.

— O que *você* anda pensando?

— Eu? — perguntou Q.

— É. Você disse *eu também* um minuto atrás.

Q parou para pensar. A sombra dos flocos de neve caindo do lado de fora criava desenhos variados e breves em seu rosto.

— Andei pensando em achar as Árvores Vivas, por exemplo.

Os quatro meninos ficaram em silêncio. J sentiu palavras se espremerem, tentando subir pela garganta. Uma descrição vaga de um vulto. O modo como galhos e folhas haviam se misturado sob o luar. O fantasma de um irmão morto. Ou uma visão histérica à meia-noite.

— Você devia escrever isso no diário — disse L, por fim, rompendo o silêncio pesado.

— É — respondeu Q. — Vou escrever.

— Essa conversa está me cansando — afirmou D.

— Por quê? — perguntou J.

— Sabe... Fala sério! Olhem só para a gente. Estamos *mesmo* mudando? Eu espero que não, de verdade.

L sorriu, inclinou-se e deu uns tapinhas no ombro de D.

— Bem diante de nossos olhos.

Outro momento de silêncio. J pensou na Inspeção daquela manhã. Em como não tinha sido de todo sincero com o P.A.I.

— E se você tem vontade de guardar segredos — disse L para D —, devia escrever sobre *isso* também.

— Mas primeiro — pediu Q, contraindo as sobrancelhas —, conte para *nós* que segredos são esses.

Os meninos riram, mas havia certo nervosismo no ar. J o percebeu

também na própria voz.

— Apesar de ser melhor guardarmos algumas ideias até entendê-las direito — lembrou Q, mais sério —, também não dá para ignorar os Anos Transformadores.

— *Transformadores* — repetiu D. — Então agora isso é... oficial. Ouvimos a expressão hoje cedo e agora vamos... nos transformar.

— Bom, é *claro* — respondeu L, dando uma risada condescendente. — É assim que funciona! Foi o que o P.A.I. disse.

— Mas o que isso significa? — perguntou J, de repente, antes de descer do parapeito e ficar de pé diante dos irmãos sentados no sofá.

— O que significa *o quê?* — repetiu L. — E não me venha de novo com aquela história de mentira.

— O P.A.I. falou, então está falado — afirmou J. — Mas quem contou isso *a ele?*

Q riu. Anotou algo em seu caderno.

— O P.A.I. é mais velho do que a gente, J. Mais experiente. Isso significa simplesmente que o P.A.I. sabe mais do que nós. Se elaborou um discurso, deve significar *alguma coisa*. Não digo que tenho todas as respostas, mas acho que hoje ele nos deu um aviso.

— E o que vai acontecer se *não* anotarmos tudo? — perguntou J. — E aí?

Q deu de ombros.

— Precisamos perguntar a ele.

— Ah, fale logo! — pediu D, jogando o caderno azul no tapete. — Fale logo o que está pensando, J. Se não está dizendo que ele mentiu hoje, está tentando falar *outra coisa*.

J fez uma pausa. Não havia percebido que estava sendo tão óbvio.

— Eu acho... Acho que estou com uma doença.

Seus irmãos ficaram surpresos, com razão.

— Qual? — perguntou Q, descendo do parapeito da janela.

— Eu... não sei. Mas não acho que seja física. Ou... Acho que é invisível.

— Localização! — exclamou L. — J! Você *definitivamente* precisa falar com o P.A.I. sobre *isso*!

J balançou a cabeça.

— Mas eu não *quero*! E *não* acho que a Localização seja o que eles dizem.

Os outros ficaram confusos.

— O que isso quer dizer? — perguntou D.

— Que a Parentalidade está mentindo para a gente, J? — indagou L.
— De novo?

J sentiu o rosto ficar vermelho. Contra a sua vontade.

— Olha, gente... Seja lá o que estiver acontecendo... essa... sensação... pode ser Localização ou não, mas é... *boa*.

Ele olhou para D, e D desviou o olhar.

— Por favor — pediu Q —, continue. — O menino falava como o P.A.I. conduzindo uma Inspeção. — Conte o que há de bom nessa doença confusa, complexa e *invisível* que você tem.

— Está bem — respondeu J. Ele se aproximou da janela e levou o indicador ao vidro embaçado pela umidade. — Esta é a Torre. — Desenhou uma torre. — E este é um menino. — Ele desenhou o menino com um cabelo comprido e engraçado. Ninguém riu. — E, como Q disse, ele quer achar as Árvores Vivas, as coisas que nos deram vida... — Fez um ponto de interrogação longe da Torre. — Fico me perguntando o que existe além de nós.

— Nossas mentes — esclareceu Q.

— É! Nossas mentes. É como se... — J olhou para o teto, depois pela janela. — Sinto que alguém está abrindo os pinheiros aqui. — Apontou para a própria cabeça. — E, atrás deles, estou vendo algo novo. Mas... Mas...

— Mas ainda não sabe o que é — completou Q. — É *exatamente* esse tipo de coisa que você devia anotar. O P.A.I. vai adorar isso.

— Isso tudo está me deixando desconfortável — afirmou L, e se levantou do sofá. — E não quero mais falar sobre isso. — Andou até a porta. — Vou estudar. Se começarem a falar sobre coisas menos perigosas, me avisem, por favor. Além disso, você, J — apontou dois dedos para J —, precisa falar com o P.A.I. agora mesmo sobre esse tal... problema invisível que está tendo!

L saiu do quarto. A porta se fechou atrás dele.

Q revirou os olhos e disse:

— O L nunca foi de se aventurar muito. Se sua conversa estiver ficando avançada demais para ele, bom... talvez ele goste mais dos novos companheiros de andar.

— Blerg — exclamou D. — Isso me parece *horrível*.

— Estou com medo de que isso apareça na próxima Inspeção — disse J. — Ninguém nunca foi reprovado em uma Inspeção.

— *Reprovado* em uma Inspeção? — repetiu Q. — Não acha que está... apressando um pouco as coisas? Você está tendo novas ideias,

assim como o P.A.I. disse que teríamos. Ele nos disse isso *hoje*. Sério, nem tenha pesadelos por causa disso.

J olhou para ele rápido, os olhos arregalados.

— Pesadelos. Eu... Eu...

Quase contou a ele, quase contou aos dois. O vulto atrás do Senhor Árvore.

— Por que a gente não dá uma volta no Pomar? — sugeriu Q, mudando de assunto para o bem de J. — Uma boa caminhada na neve talvez ajude a gente.

— Talvez você encontre as Árvores Vivas — disse D.

Q deu de ombros.

— Sei que está querendo me agradar, mas... talvez. Talvez eu ache. Talvez *a gente* ache. Seja como for, vou anotar isso no caderno. E não se preocupe tanto, D. De verdade. *Mudanças são boas*. Imagino até que sejam divertidas.

— É, acho que seria bom dar uma caminhada — respondeu J. — Você vem, D?

D olhou para o caderno no chão.

— Claro, mas não vou levar isso comigo. Ele já parece um invasor. É como se pudesse ler minha mente.

Os meninos sabiam que ele estava fazendo referência a *Os invasores*, de Lawrence Luxley, a história de um discreto membro da equipe da Parentalidade que claramente queria que o pior acontecesse com os meninos.

— É para parecer mesmo — disse Q, atravessando o quarto. — É exatamente isso que ele tem que parecer. — Abriu a porta. — Vou pegar meu casaco e já volto.

Então Q saiu, deixando J e D sozinhos. J foi até o armário e pegou o casaco xadrez azul com gola de pele de cordeiro. Tinha ganhado de presente do P.A.I. Todos os Meninos do Alfabeto ganharam a mesma coisa em seu aniversário coletivo, em 1º de janeiro.

— Estamos crescendo — falou J, tentando limitar a nova e assustadora sensação.

— Acha mesmo? Eu, não.

— Ah, fala sério. Não sei o quanto disso vou aguentar em um único dia.

— Acho que, seja lá o que você estiver sentindo, vai durar bem mais do que um dia — afirmou D.

J olhou para ele. A conversa pós-café da manhã tinha mostrado que

ambos sentiam coisa parecida.

— Seja como for — disse J, abrindo a porta —, o P.A.I. parecia estar falando diretamente comigo. Ele sabe que alguma coisa nova está acontecendo dentro da gente.

— Claro — respondeu D, seguindo J até o corredor.

Acima deles, o alto-falante prata da Inspeção estava inerte, mudo até a manhã do dia seguinte, quando a Inspeção de um novo dia seria anunciada.

— Mas tem uma coisa me incomodando.

— O quê? — perguntou J.

— A sensação de que o P.A.I. queria que falássemos exatamente sobre essas coisas quando voltássemos para os quartos.

— Como assim? Por que isso incomoda você?

Antes de responder, D pegou J pelo braço, impedindo que ele seguisse pelo corredor. Atrás deles, a porta da sala de Exames refletia as luzes fracas.

— Ele está sempre um passo à frente da gente. Sempre. É como se soubesse que estamos preocupados antes mesmo de termos alguma preocupação. Como se soubesse que vamos rir antes de uma piada ser contada. Isso não incomoda você? Será que tudo é mesmo tão... previsível? Somos tão óbvios assim? Isso me deixa incomodado. Quero ter ideias próprias, J. Isso é tão errado assim? E com certeza não é escrevendo tudo naquele caderninho azul que vou conseguir *isso*.

— Este aqui? — Q tinha se aproximado deles em silêncio.

Segurava o caderno de D com dois dedos.

— Ei! — exclamou D. — Deixei isso no quarto do J! Como é que você...

Q bateu com o caderno no ombro de D.

— É que eu sou discreto. E rápido também. Você sabe disso. Agora vá pegar seu casaco, idiota, e vamos dar uma volta. O L também. E se você quiser anotar alguma coisa? Anote. E se não quiser? Escreva isso também.

Richard

As janelas dos aposentos de Richard no térreo funcionavam como um espelho de duas faces, mas não do modo tradicional. Na verdade, as pessoas do lado de fora viam o Jardim refletido no vidro, mas uma grande fotografia de um apartamento vazio se insinuava por trás dele. Por conta disso, nenhum dos Meninos do Alfabeto via o P.A.I. parado, observando do quarto, em geral apenas de roupão. Naquele dia, enquanto observava Q, J, D e L caminharem pelo Jardim coberto de neve em direção ao Pomar, ele usava a regata úmida com o suor gerado durante o discurso. Tinha suado mais desde então, após receber de Gordon o relatório da reunião com Warren Bratt.

Ele não acredita mais na Parentalidade.

Será que sequer chegou a... acreditar?

Com certeza acreditava no dinheiro que ganhava dela.

E agora?

Agora estou confuso.

Uma palavra ruim para a Parentalidade.

E como Gordon sabia disso? O que o levou àquela conclusão?

Ele não se sentou durante toda a reunião.

E daí?

É isso que fazemos quando queremos parecer grandes, tão grandes quanto podemos ser. Ficamos de pé. Também ficamos de pé quando queremos ir embora.

Richard observou os meninos atravessando a grama embranquecida, felizes, usando os casacos novos.

Quase adolescentes.

Crescendo.

Prestes a se tornarem homens.

Os Anos Delicados.

— Dê roupas aos seus filhos — disse Richard, sozinho em seus aposentos. — Dê-lhes de comer também. E... — Pôs a mão no vidro e cobriu os meninos, como se as pequenas silhuetas distantesoubessem na palma de sua mão. — Garanta que estejam dizendo a verdade.

Enquanto os quatro meninos se tornavam cada vez menores, andando pela longa cerca de pinheiros, a mente de Richard viajou de volta para os Anos Básicos. Ele admitia que era uma falha sua analisar tanto o passado com olhar de águia, mas sempre presumir que o presente estava encaminhado. Sabia que a culpa por isso era das Inspeções. Os relatórios diários dizendo que seus meninos estavam bem, as lembranças diárias de que as coisas saíam de acordo com o planejado. Será que sempre tinha dependido demais das Inspeções? Depositado demasiada fé nisso? Será que as Inspeções lhe mostravam... tudo?

Com certeza reafirmavam a coisa mais importante: a falta de informação dos meninos... O espaço supostamente infinito que se abriu diante da ausência de distrações antes tão influentes, a Terra agora destituída de...

...mulheres.

Seu rádio antigo tocava um conjunto delicado de cordas, alto o bastante para se misturar ao som do vento invernal do Jardim e à ligeira interferência do Canto abaixo. Richard lembrou, sem analisar, sem procurar erros, apenas pensando em imagens dos meninos pequenos e de seu incrível potencial.

Naquela época, ele acreditava saber quais meninos estavam mais aptos a brilhar. Quais se tornariam os cientistas e engenheiros que o experimento prometia. Mas nunca acertava na mosca. E os pequenos erros nas previsões o preocupavam impiedosamente.

Um incidente nos Anos Básicos o deixava preocupado em demasia: uma patrulha de rotina que ele havia conduzido certa noite, as botas pretas ecoando nos pisos brilhantes, novinhos em folha, o tilintar distante de louça na cozinha. Ele havia olhado para o relógio naquela noite e franzido a testa. As regras da Parentalidade tinham sido marteladas na cabeça da gananciosa equipe, composta em sua maior parte por ex-prisioneiros, contentes com o emprego clandestino. No entanto... alguém estava acordado. Em um lugar onde não devia estar. Fazendo um lanchinho, quem sabe? A cozinha tinha sido fechada muito antes; o jantar, encerrado havia horas. Ele acelerou o passo ao ritmo de um monólogo interno cada vez mais irritado — uma bronca antecipada nos cozinheiros e lavadores de pratos.

A decoração da Torre era diferente na época, mais de uma década antes, e os corredores eram apenas parcialmente iluminados por luminárias de tavernas inglesas, que Richard havia insistido tolamente

para que fossem instaladas. As portas pretas do depósito e da sala de equipamentos, por uma infelicidade, lembravam portas abertas (outro erro de Richard), e ele se virou para olhar por ambas, esperando ver um rosto, alguém que estivesse mais a par do que ele a respeito do que se passava na cozinha. Alguém que soubesse dos erros que Richard havia cometido e dos que cometeria no futuro. Alguém que visse, de forma geral, as falhas da Parentalidade muito antes que surgissem.

Naquele momento, em seus aposentos, Richard se perguntou se havia conseguido se livrar da paranoia que o acompanhava no início. E se perguntou também se em breve a reencontraria.

A paranoia, dissera Burt, é provavelmente a única coisa que vai fazer *desse experimento um sucesso*.

Ele lembrou...

Tinha pegado o corredor de vidro até o Salão dos Corpos, entrado, chegado à porta vaivém da cozinha e parado para se recompor. Se fosse visto nervoso, ainda mais naqueles primeiros anos, quem da equipe colocaria fé nele?

Isso era essencial na época e continuava sendo: pagar o suficiente à equipe para deixá-la contente, mas, no fim das contas, todos tinham de acreditar no plano. Tinham de concluir por conta própria que acreditavam na Parentalidade.

Diante da porta da cozinha, naquela noite, ele limpou o primeiro botão do casaco.

Então entrou.

C, pouco maior do que um bebê, estava sozinho no chão da cozinha, de costas para a porta, tirando pratos do escorredor e os empilhando no chão à sua direita.

Richard deu um passo para trás, escondendo-se nas sombras criadas pelas estantes de louça e observando o pequeno menino negro de fraldas fazer sua tarefa. Não sabia se devia sorrir ou gritar. A metodologia do garoto era mais do que impressionante.

Richard notou que o menino estudava a enorme cozinha com muita segurança, talvez pensando no que mais podia arrumar ali. C expressava traços de personalidade essenciais. Bravura: havia engatinhado até ali sozinho. Produtividade: tinha completado a tarefa. Ambição: estava procurando mais coisas para fazer. Imitação: vira o lavador de pratos empilhá-los assim mesmo.

E livre-arbítrio, para completar. Richard se sentiu orgulhoso como pai.

Mas havia algo horrível naquilo também.

Se C, ainda bebê, podia surpreendê-lo tanto... O que aconteceria quando crescesse?

Aproveite, puta que pariu, pensou Richard. *Aproveite os primeiros sinais de que seu experimento está funcionando.*

Mas como poderia? C tinha conseguido sair do berço e chegar até a cozinha. O que impediria que ele, ou qualquer outro dos Meninos do Alfabeto, um dia... fossem aonde bem entendessem?

A qualquer lugar?

Naquele momento, com o nariz próximo do vidro frio da janela de seu quarto, Richard olhou para longe, para onde os pinheiros davam lugar a uma trilha aberta e coberta de neve. À frente dela, Q, J, D e L caminhavam pelo Pomar.

Não caminhavam?

— Estragados — disse Richard em voz alta.

Mas, não, não era isso. Nenhum de seus meninos estava estragado. E os dois que haviam se perdido pagaram por isso.

Só havia uma solução para crianças *estragadas*.

Sim, a última linha de defesa de Richard. Seu último recurso tanto para a equipe quanto para os meninos. Só de pensar no nome da sala já ficava mais calmo, lembrando que, caso algum menino soubesse da existência de mulheres, o Canto estava ali, à disposição.

Paranoia...

Ele lembrou...

Richard saiu das sombras das estantes e foi até o menino.

C, ao ouvir seu P.A.I., olhou para ele.

Richard então sorriu como sorria no momento presente, com o doce som de violoncelos dissuadindo seu nervosismo.

Preste atenção ao meu rosto, C, pois, se sua curiosidade um dia desvirtuá-lo, este será o rosto que vai chorar, estes serão os lábios que o mandarão para o Canto.

Ele pegou C no colo e levou o nariz do menino para perto do seu.

Você deixou seu pai muito orgulhoso hoje.

Mas se perguntou se o menino podia perceber a mentira. Perguntou se todos os Meninos do Alfabeto um dia conseguiriam perceber suas muitas mentiras...

Mas a paranoia, completara Burt, também vai ser a ruína da Parentalidade.

Naquele instante, Richard fechou a mão e bateu no vidro. Deu um

único murro forte e se afastou da imagem branca do Jardim.

Foi até o lado oposto do quarto, passando pela grande escrivaninha de carvalho, chegou ao bar e preparou um rápido martíni.

Burt também havia sugerido uma torre sem bebidas. Mas Richard tomou o drinque em dois goles. Energizado, virou-se para olhar pela janela outra vez, o clima, o mundo que havia criado.

Ah, os Anos Básicos foram dias *tão* lindos!

Nas lembranças de Richard, a primeira era foi gloriosa. A iluminação dos corredores da Parentalidade era mais suave. Os elevadores, mais silenciosos. O rosto dos meninos era a cara do futuro. O projeto de Richard havia ganhado vida.

A genialidade é perturbada pelo sexo oposto.

Então o que ele podia fazer?

Expulsar o sexo oposto.

E...

... observar...

... a...

... genialidade...

... brotar.

Você se lembra do cheiro do progresso, Richard? Era tão doce quanto a infância, não era?

Era.

Você ainda sente esse cheiro?

Ele preparou um segundo drinque, deixou o álcool cumprir sua função e lembrou os Anos Básicos.

Podíamos viver assim para sempre!, pensava. Quando adormecia. Quando acordava. *Perfeitos para sempre.*

Uma revolução permanente.

Serviu-se de um terceiro drinque, pôde ouvir Burt sugerindo que a Torre banisse bebidas. Nada de álcool perto dos meninos, quatro dos quais sem dúvida estavam esticando as pernas, tirando uma folga dos estudos, cultivando sua amizade, explorando, crescendo.

Q, D, L e J.

Richard levou a bebida até a janela. Beber tanto costumava culminar em uma avaliação dos meninos, seus pertences valiosos, suas obras-primas. E, ao fazer isso, dois nomes, duas letras, um mau presságio que

ele queria desesperadamente ignorar, acabava emergindo. Como se alguém tivesse roubado dois troféus particularmente brilhantes de seu armário.

A e Z.

Richard fechou os olhos. Cambaleando um pouco diante do vidro, ele se concentrou na música, encontrou equilíbrio nisso. As tubas graves remetiam às sombras no porão, que se amontoavam ao lado da porta do Canto. As flautas gritavam como as crianças atrás dessa porta.

A fora para o Canto.

Por ordem de Richard.

Ele abriu os olhos e viu que a neve caía com mais força. Pensou que talvez pudesse ver a silhueta dos quatro meninos, talvez de apenas um deles, caminhando pela cerca de pinheiros.

Mas não. Eram apenas galhos, balançando no vento cada vez mais forte.

A morreu primeiro. A era a primeira letra do alfabeto. Que coincidência terrível. O fósforo perfeito para incendiar a cabeça de papel de um homem paranoico.

Os meninos morreriam, um a um, seguindo A, em sequência, na ordem: B, C, D, E...

Richard riu. Foi uma risada dura, nervosa, que arranhou a linda música que começou a lhe parecer fora do tom.

Os Anos Delicados...

Não. Os outros meninos continuavam ali. Os outros meninos não haviam morrido, e não, não *iam morrer*. Contanto que não acabassem estragados. Estragados e podres. E tudo não se resumia a isso? O experimento daria certo enquanto se respeitasse a lei singular e irrefutável da Parentalidade.

Um homem passa todo o seu tempo construindo uma coisa, escrevera Burt certa vez, e aquele objeto se torna tudo para ele. Sua recompensa, sim, mas também sua fonte de pânico e horror.

Claro, A não havia *feito* nada de errado. A não havia feito nada.

A mãe de F, sim.

Uma vagabunda teimosa. Uma chorona e atrevida *mulher*. Uma idiota que deixou o coração controlar a mente e quebrou o acordo feito com a Parentalidade.

Ela havia aparecido.

Ali.

Na Torre.

Richard estava no Jardim naquele dia, na mesma parte da grama que observava nesse instante, deixando respingar no chão, desajeitado, seu terceiro martíni. Havia supervisionado a desmontagem dos enormes berços de acrílico. Os meninos já estavam grandes demais para eles. Os carpinteiros (todos ex-prisioneiros) carregavam as peças de volta para a Torre quando o bom humor plácido e orgulhoso de Richard foi interrompido por um som que ele não escutava havia muito tempo.

Um grito agudo. Um falsete de dor.

Uma mulher.

Ela estava horrível, tropeçando perto das janelas do andar térreo da Torre. Uma doida miserável. As roupas pendiam do corpo como se ela tivesse fugido de um hospital às pressas... até ali...

Os carpinteiros foram para cima dela antes mesmo que Richard pudesse falar. Mas Richard falou.

Cubram a boca dessa mulher, disse ele, calmo, atravessando o Jardim, já vendo a porta do Canto se fechar diante dela como a tampa de um caixão.

O céu parecia grande demais sobre ele. As janelas da Torre, limpas demais. Um suor repentino encharcou a ponta de seu cabelo, e gotas escorriam pela barba preta, azul sob o sol de verão.

De início, ao se aproximar, ele nada disse. Tinha apenas encarado seus olhos magoados: uma mãe que, no fim das contas, percebera o quanto a maternidade significava. Mais tarde, naquela noite, um dos carpinteiros disse a outro que pensara que Richard ia mordê-la. Mas Richard não a mordeu. Ele fez coisa pior.

Vá para o Canto, dissera a ela. Como se ela soubesse o que era aquela sala. Como se tivesse alguma noção de que havia aquela porta no porão do prédio que abrigava seu filho, o menino que ela tinha ido buscar. **VÁ PARA O CANTO AGORA!**

Os carpinteiros a haviam obrigado a andar, arrastando-a para dentro, quando Gordon, sempre presente, sempre uma testemunha, gemeu tão alto quanto o grito lunático da mãe.

Já sabendo o que havia de errado, o que tinha feito o assistente gritar, mas sem querer acreditar, Richard se virou para onde Gordon apontava o indicador trêmulo e impecável.

Um menino estava de rosto e mãos colados no vidro do andar térreo. Olhando para eles.

Para ela.

Ela.

— É o A — dissera Gordon, tremendo.

A na janela. A mãe de F nas garras dos carpinteiros.

Richard sentiu a força lhe escapar das pernas. Mas não caiu.

A lei da Parentalidade era única.

Não podemos criar um homem realmente cego se ele já tiver visto o céu.

Ele vai se lembrar... Ele vai se lembrar... Ele sempre vai se lembrar...

E vai perguntar sobre ela... ela... ELA...

Richard passou pelos carpinteiros, pela mãe que havia, sem querer, sentenciado o filho de outra pessoa.

Ele entrou na Torre.

Foi até o menino e se ajoelhou.

Segurou o rosto de A com os dedos.

A mulher que você viu, disse ele, estragou você.

O Canto.

O único lugar da Parentalidade que os meninos haviam sido ensinados a temer. Um lugar que fora construído antes mesmo dos berçários. Em algum lugar do labirinto do porão, perto de onde Lawrence Luxley escrevia os livros que eles adoravam; uma porta no fim de um corredor de paralelepípedos; o lugar de onde saíam os barulhos da noite.

Com o passar dos anos, Richard havia notado pequenos rasgos nos ombros dos uniformes usados pela equipe. Sabia que o tecido tinha se desgastado nas pedras do corredor do Canto, na tentativa de se manterem o mais longe possível do lugar.

O Canto.

Um título que parecia alcançar o corredor inteiro. Uma porta com dedos. Que capturava.

O Canto.

O lugar para onde A e a mãe de F tinham ido.

Juntos.

— Já chega — disse Richard, de sua sala, terminando o terceiro martíni. — É hora de...

Mas seu raciocínio foi interrompido pela imagem dos quatro meninos voltando do Pomar. A neve havia pintado de branco os ombros dos novos casacos. Os sorrisos salientavam as risadas que ele ouvia através do vidro, da neve, da distância.

Richard também sorriu. Quatro de seus meninos, *seus* meninos, já com doze anos de idade, voltando de um intervalo nos estudos. Mas, à

medida que continuavam a rir, que continuavam a ser como ele havia imaginado que seriam... Que Q, D, L e J apresentavam um retrato perfeito e orgulhoso de tudo que Richard pensara que poderiam ser, ele sentiu algo amargo se revirar em suas entranhas. Um parafuso solto em seu coração.

— Do que vocês estão rindo? — perguntou, batendo o copo na janela sem fazer barulho, no ritmo de suas palavras. — Sejam... bons... meninos... Contem a seu P.A.I. *Do que estão rindo?*

E os meninos, ao chegarem ao Jardim, viram apenas a neve caindo refletida no vidro dos aposentos do P.A.I., em meio a um novo inverno.

No Pomar

Durante a caminhada, os meninos conversaram sobre muitas coisas. Mas a cabeça de J não parava de voltar à discrepância entre o que o P.A.I. dissera na Inspeção e seu discurso.

Por que aquilo importava tanto? Muitos Meninos do Alfabeto haviam cometido algum deslize, esquecido algo que disseram, voltado atrás e dito a mesma coisa de modo diferente ou apenas contado de propósito uma pequena e inofensiva mentira. O próprio J tinha feito isso. Com o suco de cereja no carpete. Ou que tal os milhares de vezes que havia fingido entender uma piada apenas porque os outros claramente tinham compreendido? Isso era mentira? E se um dos meninos tivesse pedido a ele que explicasse o que havia de tão engraçado na piada da qual riam, o que ele teria dito? Será que teria sido flagrado?

— O T levou uma bronca — disse L. — Ele usou branco no discurso.

— Hoje de manhã? — perguntou Q.

— Como você fica sabendo dessas coisas tão rápido? — indagou D.
— É como se fosse um dos tijolos das paredes da Torre.

— Por que ele usou branco? — perguntou J.

A neve caía nos ombros, no colarinho do casaco e no cabelo dos meninos era macia. Quando chegaram ao Senhor Árvore, J sentiu algo como uma correia soltando. Uma coleira desprendendo. Pensou nos cães da Inspeção. Mal se lembrava de ter feito uma pergunta.

Mas também observou. Checou se havia alguém agachado atrás da árvore.

— Ele devia estar cansado — disse L. — Não imagino que estivesse protestando contra um discurso.

L riu como fazia sempre que surgia esse assunto absurdo de desafiar a Parentalidade. A neve havia se acomodado tão perfeitamente em seus cachos que ele parecia idoso, como se interpretasse um velhinho no palco do teatro da Torre.

— Talvez tenha sido um protesto, sim — lembrou Q. — Como o P.A.I. nos disse hoje, as coisas estão mudando.

Eles haviam chegado aos canteiros. O Senhor Árvore era nada mais (nem nada menos) que um recepcionista, um forasteiro solitário entre o Jardim e o Pomar. Os meninos pararam. Ali, em algum lugar entre as fileiras de cerejeiras, estavam as árvores onde eles tinham sido gerados. As Árvores Vivas das quais o P.A.I. os havia colhido doze anos antes.

Depois de olhar por uns instantes para a neve caindo nos galhos uniformes, os meninos recomeçaram a andar.

— Talvez ele só goste de branco mesmo — disse D. — Não precisamos chamar de protesto só porque ele gosta da cor.

— Bom — respondeu L, claramente tentando mudar de assunto. — Tem muito branco aqui! — Ele levantou as mãos abertas para o céu. — Talvez ele devesse vir aqui fora!

Os quatro haviam entrado no primeiro canteiro de cerejeiras, e os galhos de uma delas quase encostavam no da seguinte. Pela primeira vez na vida, J achou que as árvores lembravam uma cerca.

Lembrou a época em que brincava de pique-esconde com D no Pomar. Quando os dois também procuravam pelas Árvores Vivas. Nenhum menino sabia quais eram. E a Parentalidade dizia que era uma tarefa deles encontrá-las.

— Qual foi a punição dele? — perguntou D.

L bufou.

— Como é que eu vou saber?

— Você sabe de todo o resto!

— Bom, *isso* eu não sei. Mas posso adivinhar.

Os sapatos dos meninos amassavam a neve fresca e a grama. Ali fora, entre os canteiros do Pomar, as coisas eram menos ordenadas do que no Jardim. Eles não tinham dúvida de que o P.A.I. havia feito isso de propósito. Uma oportunidade para os meninos explorarem, sentirem-se menos trancafiados na Torre.

— Provavelmente perdeu o privilégio de ver o Filme do Ano — disse Q. — O que é uma pena, porque fiquei sabendo que é muito bom.

— O que você soube? — perguntou D.

— O C me disse que é o melhor que a gente já viu.

— Ah, e o que o C sabe?

— Tirar o Filme seria uma punição extrema demais — afirmou L. — Mas... o T devia ter pensado nisso. Usar branco em um discurso!

— Foi uma distração — reiterou D.

J ouviu a frustração na voz do irmão. Mas sua cabeça ainda estava longe. Ainda estava presa entre dois lugares, como o Senhor Árvore,

entre o Pomar e o Jardim; entre o que o P.A.I. disse na sala de Exames e o que disse no púlpito do Salão dos Corpos.

Eles chegaram à metade do primeiro canteiro, o horizonte coberto por uma névoa de neve fina. O vento frio bagunçou o cabelo dos meninos, e Q fechou o casaco ainda mais antes de limpar as lentes embaçadas dos óculos.

— Então é oficial — disse D.

— O quê? — perguntou L.

— Q limpou os óculos. O inverno começou.

Todo ano, a primeira nevasca anunciava a chegada do Encontro da Efígie, quando os vinte e quatro Meninos do Alfabeto competiam para ver quem fazia a melhor escultura de gelo, que seria escolhida pela Parentalidade. J nunca chegara perto de vencer, mas não se importava. O Encontro da Efígie incentivava a criação em si, a construção, os ângulos e a matemática necessária. A temperatura e a sustentabilidade. Quando o evento anual lhe vinha à mente, J não conseguia deixar de pensar nos muitos cômodos de um prédio que ele conhecia tão bem: a Torre que ficava cada vez menor atrás deles.

— Como vocês acham que é o Canto? — perguntou J, surpreendendo a si mesmo.

Ele olhou para trás — todos fizeram isso —, com medo de que a lendária porta no porão os tivesse seguido até ali, quem sabe suspensa entre os canteiros de cerejeiras.

— Fala sério! — disse L. — O T não vai para o Canto por uma camisa branca, J! Minha nossa, você está muito esquisito hoje.

— Não estou dizendo isso — respondeu J. — Só estou pensando. Como vocês acham que é?

— Sabemos como é — afirmou Q. — É só uma porta.

— Como sabe? — retrucou D.

Mais uma vez, J sentiu uma ligação com D. Não tinha muita certeza se gostava disso. Parecia mais fácil esconder ideias perigosas se estas estivessem apenas em sua cabeça.

— Porque me disseram — disse Q. E J ouviu uma vergonha rara em sua voz. Afinal, *ele* era a pessoa que costumava questionar. — Por que a pergunta, J?

J levou a mão a um galho desfolhado, como se fosse quebrar um pedaço, e então mudou de ideia.

Ele parou de andar.

— Vocês não querem saber para onde o A e o Z foram?

Os outros três também pararam. D se virou para J, os olhos cheios de interesse. Q tirou o caderno do bolso e anotou uma coisa. L se abaixou, apoiando as mãos nos joelhos.

— Acho que toda essa caminhada está acabando com o oxigênio do seu cérebro — disse L. — E o frio, congelando o que resta dele.

— Você nunca se pergunta, L? — insistiu J.

L se reergueu.

— Não, nunca. O Canto. E daí?

— Para onde *exatamente* você acha que eles foram? O que acha que tem do outro lado da porta?

L fez menção de dizer algo, mas desistiu.

— Imagino que seja igual ao Berçário — disse Q. — Vamos morrer no mesmo lugar em que fomos criados.

— Fala sério! — exclamou L. — Mentiras e morte! Eu cansei disso!

— O que quer dizer, Q? — perguntou J.

Mas o irmão apenas deu de ombros.

— Não sei. Estou pensando. Que tal isto: fomos feitos aqui no Pomar. Então talvez seja aqui que a gente... vai morrer.

Eles ficaram em silêncio. Mas J queria mais:

— E como a gente vai morrer? O que vai acontecer? Quem...

— Quem vai tirar nossa vida? — perguntou Q. — Isso é fácil. A Parentalidade. Quem mais? Faz parte da responsabilidade deles. Cuidar da gente do nascimento até a morte.

— E como vão saber que chegou a hora?

— Quando estivermos estragados — respondeu L, como se estivesse entediado. — Olha, gente, vocês estão me deixando animado com a troca de andar. Acho que preciso conversar com novos garotos. Irmãos com assuntos melhores!

Um movimento sutil na árvore mais próxima chamou a atenção de D.

— Olhem. Insetos Lutadores.

Era uma das muitas coisas que os Meninos do Alfabeto torciam para ver no Pomar. Raramente havia um inseto na Torre, e nunca dois juntos. Muito menos como aqueles dois pequenos insetos vermelhos que eles observavam de perto, um montado nas costas do outro.

Insetos Lutadores.

— Eles estão irritados — afirmou L. — E escolheram um dia lindo para se enfrentar!

Ombro a ombro, os meninos observaram os pequenos insetos,

vermelhos com manchas pretas, lutando na casca da cerejeira. Observaram por um longo tempo.

— Quem vocês acham que vai ganhar? — perguntou D.

Mas os meninos sabiam que não era assim. Ninguém nunca tinha visto um Inseto Lutador ganhar uma briga. Na verdade, aqueles dois, assim como todos os outros, simplesmente iam cada um para o seu lado quando a luta acabasse.

— Acho que eles parecem um pouco conosco — disse Q.

— Como assim? — perguntou D.

— Bom, eles lutam para ficar na frente. Falam o que pensam. Discutem. Depois se separam.

Assim eles seguiram, andando e conversando, sobre aquele assunto e outros, até chegarem à primeira curva. Pouco mais de um quilômetro depois, à segunda. A nevasca ficou mais forte. Q, L e D discutiam o número de árvores, o tamanho delas e quanto haviam crescido. Procuraram pelas Árvores Vivas. Examinaram muitas de perto. Quem sabe um novo menino pudesse ser encontrado crescendo em uma delas? Quando chegaram ao fim do Pomar, voltando a ver o Senhor Árvore, J estava imerso em um poço de ideias próprias. Imaginou uma Árvore Viva em uma ponta do corredor do porão, o Canto no outro. Imaginou-se sendo arrancado da primeira e entrando no segundo. Imaginou-se nascendo e morrendo. Como A e Z.

Quando passaram pelo Senhor Árvore, ele disse:

— Vou achar o Canto. E vou ver o que tem lá dentro.

Os outros pararam de andar.

— Bom — disse Q. — Agora estou concordando com o L. Tem certeza de que está bem?

— Tenho.

— Mas quer ver o Canto?

— Quero saber o que tem lá — explicou J.

Só D ficou em silêncio. L e Q discutiram as características anti-Parentalidade (e simplesmente bestas) por trás da ideia de J.

— Por que você não sobe nos pináculos da Torre e pula? — perguntou L. — Daria no mesmo.

Cansados de discutir e exaustos por causa dos assuntos estranhos do dia, os quatro meninos acabaram em silêncio. D e J olhavam para o chão. Q e L, para a neve que caía.

— Os Anos Transformadores — disse Q, por fim. — O P.A.I. sabia que alguma coisa ia acontecer. E aqui está. Ele fez muito bem em nos

contar.

Lentamente, os meninos voltaram ao Jardim.

— Se quiser saber mesmo como é o Canto — sugeriu L —, vá ficar parado em um.

Até J teve que rir daquilo. Ao passarem pela janela do quarto do P.A.I., enquanto viam a si mesmos e a bela neve refletidos no vidro, os quatro irmãos riram da imagem de J parado em um Canto, um canto qualquer, como se fosse possível reproduzir o horror que podiam ouvir zumbindo, o dia todo, nas profundezas da Torre.

Era bom rir. Ainda mais para J. E ouvir a risada aguda de Q e a gargalhada grave de L serviu para ajudar J a se ancorar de novo, mesmo que por ora, na fundação da Parentalidade. E, apesar das novas ideias, estranhas e sufocantes, ele se sentiu seguro. Protegido. Aquecido.

Mas a risada de D não durou muito, e J notou.

Enquanto Q e L andavam à frente, D se virou para encarar J, e J não quis retribuir o olhar. Sabia que uma simples troca de olhares com perguntas implícitas seria suficiente para fazê-lo perder de novo o controle.

L perguntou:

— Vocês acham que o P.A.I. está observando a gente dali?

Q respondeu:

— Acho que ele está com o dedo no nariz.

E então J riu com os irmãos, como se as risadas pudessem fazê-lo esquecer os pensamentos que estava tendo, bloqueá-los, risadas contra pensamentos, como dois Insetos Lutadores em sua cabeça, impedindo que tudo aquilo se multiplicasse.

Warren escreve

Warren deixou o bloco amarelo de lado e tirou o branco da escrivaninha.

E pronto.

Olhou para a porta do escritório. Estava trancada. Warren tinha se trancado, mas aquilo não o fizera se sentir mais seguro. Tinha escrito todos os livros de Luxley em blocos amarelos e os entregado aos tipógrafos e impressores do fim do corredor de pedras da Parentalidade, onde as páginas deixavam de ser compostas pelos garranchos de Warren e adquiriam um visual semiprofissional, para chegar às mãos dos Meninos do Alfabeto.

Mas o bloco branco...

Warren não usava o bloco branco desde que era um... um...

Novato não era a palavra certa, e Warren teria ficado irritado se tivesse ouvido outra pessoa usá-la. *Novato* insinuava que ele não sabia escrever. Mesmo na época. *Principiante, inexperiente, aprendiz, calouro*. Todos em Milwaukee podiam pegar aquelas palavras e enfiá-las no rabo. Warren *gostava* do modo como escrevia. Sempre havia gostado. Gostava *do que* escrevia, obrigado por perguntarem, e escrever, para Warren, nunca tivera nada a ver com dinheiro. Nada a ver com um brinde de vodca em uma editora metropolitana. Nada a ver com romances impressos com uma capa profissional e brilhante da Modern Library, com uma bela foto dele, que os leitores não resistiriam a ir lá olhar sempre que deparassem com mais uma sentença bem elaborada.

— Não — disse Warren, batendo o lápis nas folhas brancas na escrivaninha. Fora de seu escritório, o aquecedor zumbiu. Ou talvez fosse o Canto. — Nunca fiz isso pelo dinheiro.

No entanto... ali estava ele, muito mais rico do que os antigos colegas, os Mafiosos da Escrita, o grupo de Milwaukee repleto de pretensiosos, egoístas...

— Artistas porra nenhuma — exclamou Warren.

Voltou a olhar para a porta. Ainda trancada. Observou o bloco

branco. Pensou nos Meninos do Alfabeto, em seus doze anos, e, nossa, como o tempo voa quando não estamos nos divertindo nem um pouco.

Tentou, esforçou-se muito, para imaginar como seria não saber o que era uma mulher.

— É criminoso.

Mas isso era óbvio. E com certeza não era o pior. *Concordar* em fazer parte daquilo, ah, *isso sim* era absurdo. O restante da equipe precisava do trabalho — cacete, o restante da equipe era como viciados reanimados depois de uma overdose: tinham ganhado uma segunda chance graças a um homem que se tornara um Deus para eles. Richard lhes dera riqueza e um esconderijo.

Mas qual era a desculpa de Warren? Ele não tinha ficha criminal. Não tinha *motivo* para desaparecer. Para sumir. Para se esconder. Então por que diabos havia concordado em trabalhar ali, e por que diabos demorara tanto para perceber que aquela tinha sido uma decisão terrível?

Warren estava empacado quando conheceu Richard. É. A essa altura já havia parado de se iludir quanto a isso.

Ah, um drinque seria ótimo.

Beber nunca tivera um valor social para o Metido de Milwaukee. Nunca se *divertia* com cerveja e álcool. Na verdade, eram localizações físicas, lugares aonde ele ia para obter novas ideias, pontes entre ideias existentes, canais aos quais não tinha acesso quando sóbrio. Quando Warren saía do apartamento entulhado e ia até a loja de bebidas, não se sentia matando uma vontade. Na verdade, via as garrafas como portas, guardando muitas possíveis histórias.

— Lembra o *detetive Bratt*? — perguntou-se Warren, permitindo que um pequeno sorriso triste se arrastasse até seus lábios. — Você fingia caçar ideias por aí. Deus do céu, detetive Bratt. Incômodo particular.

Ergueu a primeira folha do bloco branco. *Tanto potencial ali*, pensou. *Qualquer história... Qualquer história mesmo...*

— Tudo bem — disse Warren, empurrando a cadeira para longe da mesa. — Já chega.

Levantou-se como se estivesse prestes a fazer algo específico, mas apenas andou pelo escritório. No sofá de couro preto, parou e desabou, mas logo em seguida se levantou de novo. Ajustou os óculos embaçados. Passou os dedos gordinhos pela grande barriga. Pensou sentir o cheiro do próprio medo.

Pensou também nos Mafiosos da Escrita. Tentou não imaginar o que

diriam se lessem os livros com os quais ele lucrou tanto. Aquelas péssimas histórias de aventuras de Lawrence Luxley, sempre (sempre!) seguindo o mesmo arco, falando dos mesmos temas, com personagens sem dúvida do mesmo sexo, milhares e milhares e milhares e milhares de vezes...

Warren olhou para o bloco branco na escrivaninha. Dali do outro lado do escritório, parecia mesmo uma evidência luminosa. Fogo branco. Como se ele tivesse de correr para apagar o bloco.

Ouviu algo se aproximando pelo corredor, botas contra o chão de pedra.

Não havia palavras naquele bloco branco, mas, se Richard tentasse abrir a porta, percebesse que estava trancada, destrancasse-a com a própria chave e *visse* aquele bloco... Bom... Será que não perceberia o que estava passando pela cabeça de Warren? Não conseguiria ver a história inspirada pela vergonha escorrendo pelos braços de Warren, levando seus dedos a se movimentarem como se já escrevessem o livro?

— Livro? — sussurrou Warren para si mesmo. — Que livro?

Os passos ficaram mais silenciosos ao passar pela porta do escritório. Ou talvez tenham apenas parado ali? Não, não. Tinham se afastado. Warren imaginou os impressores, a dupla de ex-prisioneiros do fim do corredor que imprimia os panfletos, livros didáticos, avisos, cartas, boletins e (sim) todos os livros horríveis e desprovidos de senso artístico que Lawrence Luxley escrevia.

— Os Mafiosos da Escrita linchariam você — disse ele, quase gaguejando, voltando devagar para a escrivaninha, os olhos sobre o bloco branco intacto. — Chamariam você de fraude, plagiador, vendido. — Reprimiu algumas lágrimas. — E com razão.

Ah, como era eminente em Milwaukee, apesar da bebida, apesar de falido... na época em que a oferta da vida dele chegou em um telefonema.

— Mas que vida era aquela? — perguntou Warren a si mesmo, ainda encarando a primeira folha do bloco em branco. — Não era a sua.

Ah, mas era, sim.

Vou mostrar a vocês como devem escrever, costumava gaguejar ele, no seu jeito curto e grosso, falando com os outros Mafiosos. Tem o jeito que a gente escreve e o jeito que quer escrever. E aí tem o que a gente acha que é loucura demais para escrever. O que vocês precisam é se envergonhar... perder a linha. No fim das contas, as coisas vergonhosas são o que a gente queria ter escrito desde o começo.

Ah, tão cheio de alma. Tão cheio de *arte*.

Tão cheio de merda.

Os Mafiosos adoravam aquilo. Os *seguidores góticos de Warren*, como uma ex-namorada os havia denominado. Seu fã-clube. As únicas pessoas em todo o Wisconsin que enfrentavam uma tempestade de inverno para ouvir o bêbado do Warren Bratt definir o que era escrever de verdade. E ele também correspondia ao papel, e o bebia, com certeza. O escritor gordinho e raivoso que falava sobre o coração da arte e o propósito de um bom livro. Livros eram sua religião, dizia. O Jesus, o Deus. O Criador.

Mas, apesar de afirmar não estar interessado em dinheiro, com certeza achava que valia muito.

Inúmeras brigas no Don Don's. Tantas brigas com os Mafiosos. Sempre, sempre, sempre sobre dinheiro.

Sempre.

— Você era um porco — disse a si mesmo. — Puta que pariu, Bratt. Você era um porco.

Ainda por cima, um porco empacado. Perfeitamente pronto para uma visita de Richard.

Warren costumava dizer a quem quisesse ouvir o quanto valia. O quanto uma frase dele valia. O quanto valia até mesmo uma conversa sobre o quanto ele valia. Uma vez Warren havia até pedido que outro Mafioso pagasse por ter sido abençoado com seus conselhos.

— Você costumava se considerar um *vidente* — disse, sentando-se por fim na cadeira da escrivania. Não se lembrava de ter pegado o lápis, mas lá estava. Entre os dedos. — Meu Deus... Que vergonha.

Por que naquele momento? Por que havia percebido aquilo *naquele momento*? Seria o arco natural de um idiota? O inevitável dia da revanche?

Ou tinha sido o olhar de maturidade nos olhos dos Meninos do Alfabeto? O momento em que não pôde mais dizer: *Ah, mas as crianças não sabem nada mesmo*.

Tentou voltar para o vazio dos próprios salões enfumaçados, da mente perturbada, para as salas que ele havia ocupado por tanto tempo para tornar seu papel na Parentalidade suportável. Mas não conseguia mais encontrá-las. Tal como o Berçário que um dia havia sido ocupado por vinte e seis berços, aquelas salas tinham sido fechadas com cimento.

— O que foi que você fez?

Ele olhou para cima, esperando ver outra pessoa parada do outro

lado da escrivadinha. Com certeza não havia sido a voz *dele* que fizera a pergunta, certo? Com certeza ele não soava daquela maneira, certo? E não havia como o homem que tinha feito aquela pergunta ser o mesmo que concordara em escrever livros para duas dúzias de meninos manipulados e trancafiados em um experimento de uma dinâmica absurda...

... pela vida toda.

Sentiu algo não natural se mover em suas entranhas. Como se alguma coisa muito ruim tivesse entrado nele e não fosse possível sair dali. Nenhuma cirurgia para remover a barbárie da qual ele tomara parte.

A Parentalidade não era mais suportável. Em qualquer grau e de qualquer forma. Tinha certeza disso.

— Ah, puta que pariu — exclamou. — Você vai fazer isso, não vai?

Não era lá bem uma frase motivacional. Não fez com que ele se sentisse nada bem.

Na verdade, o deixou morrendo de medo.

Warren olhou para a porta do escritório, talvez considerando destrancá-la. Guardar as folhas brancas.

Mas sabia que já havia deixado aquela opção para trás, como se fosse um marco no espaço por onde Warren passara flutuando, sem a resistência da gravidade.

Os Mafiosos tinham alertado sobre a obsessão por dinheiro. O careca do Bill O'Brien disse que isso cresceria feito mofo em Warren. Um dia engoliria sua arte. E, no dia seguinte, engoliria *ele* próprio, por inteiro. Warren havia negado tudo. Socado O'Brien por dizer aquilo. Terminado com Trish Newton por dizer a mesma coisa.

Quando o Metido de Milwaukee começava a falar de dinheiro, era como ficar a centímetros de um canhão aceso da Guerra Civil: não havia muito a fazer a não ser se abaixar.

A primeira folha do bloco branco também parecia acesa.

Pronta para explodir.

Warren costumava falar para eles que a arte era um lugar intocável, que não era isso que ele queria dizer quando falava que valia alguma coisa, quando, embriagado, cobrava dos amigos por seu conhecimento. Não se devia temer o dinheiro. Não se devia evitá-lo. E ele havia provado isso, ou assim pensava. Com sua primeira história publicada, usara a doce recompensa para pagar uma rodada para os Mafiosos no Don Don's.

Mas aquela noite não saiu como Warren queria.

“Desejos” foi publicado em uma revista punk, *The Hips and Lips Trip*, e, quando leram seu trabalho, os Mafiosos tiveram muito a dizer.

O que vai escrever agora, Bratt? Uma merda de um faroeste?

Quem disse isso foi Arlene, uma gorda fumante e cheia de espinhas. E Warren mal aguentava olhar para a cara da mulher, que dirá ouvir suas críticas.

Não gostou?, perguntou ele, os olhos parecendo duas fendas de um escritor profissional metido à besta. Sabe como se chama uma pessoa que encosta a caneta no papel e não recebe nada por isso? Mendigo. “Querida mamãe, estou tão triste e sozinho... e falido. Por favor, me mande dinheiro para comprar uma porra de uma bebida.” Vá se foder, Arlene. Agora eu sou um profissional.

Mas, se “profissional” era quem recebia para escrever, Warren Bratt estava muito mais perto disso do que imaginava.

Em uma noite quente de verão, sozinho em casa só de cueca, sentado diante da máquina de escrever à mesa da cozinha, Warren recebeu um telefonema. Imaginando que fosse um dos Mafiosos, ele não atendeu. Já tinha começado a datilografar quando a secretária eletrônica anunciou que não era amigo nenhum. Muito menos uma revista. O tosco aparelho transmitira uma voz que Warren não reconhecia.

Olá, Warren. Meu nome é Gordon Fink.

Warren voltara a atenção para a secretária.

Somos grandes fãs de sua história e temos uma oportunidade para você. Um trabalho, caso tenha interesse. Uma carreira como escritor.

Era assim que funcionava, então? Ele enfim havia ganhado dinheiro suficiente para pagar uma rodada de drinques, e a partir daí tudo deslanchava? Na mente abaixo do cabelo ralo e da testa enrugada, Warren imaginara mais dinheiro entrando pela ventilação, entupindo a privada, caindo como neve do lado de fora.

Seja quem fosse Gordon Fink, pela voz parecia ter mais dinheiro do que os editores da *Hips*.

Meu empregador prefere não deixar o número de contato, mas tento de novo mais tarde.

CLIC.

Quando o telefone tocou de novo, uma hora depois, Warren pulou da mesa da cozinha, o corpo de ogro se movendo mais rápido do que havia se movimentado em anos.

— Aqui quem fala é Warren Bratt.

Estática soou do outro lado da linha. Parecia que o homem estava ligando de Aruba.

— Podemos nos encontrar amanhã à noite, sr. Bratt?

A palavra *cilada* passou pela cabeça dele.

— Não sei. Tenho umas coisas para fazer. Outra história.

— Não quero menosprezar seus planos, mas nossa oferta é muito boa.

Warren analisou as dimensões de seu apartamento de quinta. Viu revistas masculinas espalhadas pelo piso torto de madeira. Viu uma cama desarrumada à luz da televisão velha. Viu caixas de pizza vazias e nenhum uísque. Nenhum vinho. Nenhuma mulher.

Nenhuma dúvida.

— Eu posso ir. A que horas? Onde?

— Por enquanto é só. Obrigado, sr. Bratt.

O homem desligou.

Warren tirou o telefone da orelha e ficou olhando. Um arrepio deslizara por seu pescoço até algum lugar em suas costas. A ligação havia parecido mais uma ameaça de morte do que uma proposta de publicação.

Por enquanto é só. Obrigado.

Cilada, pensou ele, antes de colocar o telefone no gancho.

Um leitor idiota da *Hips* teria conseguido seu número com o editor e vivia passando trotes nos escritores. Era isso, só podia ser. Só que mais tarde, muito mais tarde, Warren teve dificuldade para dormir, dominado por imagens de Gordon Fink entrando em seu apartamento por buracos no teto cheio de infiltrações. Uma cilada. Uma piada. Uma enganação.

Quando acordou na manhã seguinte, teve de pensar na chance de o sonho ter sido real. Um bilhete dobrado em seu peito o obrigou a fazer isso.

Ele tinha saltado da cama e vasculhado todos os armários do apartamento entulhado. A porta da frente estava trancada. Será que ficou trancada a noite toda? As janelas continuavam fechadas. O beco abaixo delas, vazio. O bilhete dizia:

19h

Hotel Brewer

313

Warren balançou a cabeça e gargalhou mais alto do que havia gargalhado em semanas. Gordon Fink e seu chefe estavam loucos se achavam que ele ia aparecer em um hotel como o Brewer *naquele dia*. Depois de uma ligação como aquela e um bilhete como aquele.

O mais provável era que ele chamasse a polícia.

Mas ele não chamou. E também não contou aos Mafiosos da Escrita sobre aquilo. Não. Na verdade, Warren passou a tarde sentado à mesa da cozinha, relendo o bilhete e escutando a mensagem original na secretária eletrônica sem parar.

A questão era que o dinheiro na voz de Gordon Fink soava *mesmo* genuíno. Era como se sua voz fosse feita do som de cheques sendo assinados, de apertos de mãos durante legítimos acordos de publicação, de cumprimentos respeitosos de caixas de banco conhecidos e de recepcionistas conduzindo Warren ao que sabiam ser as mesas favoritas dele.

Às seis e meia, Warren já estava pronto. Disse a si mesmo que ia apenas até o bar. Don Don's. E acreditava naquilo. Faria uma pesquisa. Encontraria outra história. O detetive Bratt. Talvez em uma garrafa de uísque. Talvez de gim.

Amarrou o caderço das botas, passou água no rosto e se preparou para sair. Mas, ao segurar a maçaneta, viu que o bilhete ainda estava em sua mão.

Não, pensou, saindo e trancando a porta pela última vez.

— Nunca foi pelo dinheiro — disse Warren, sentado à escrivaninha do escritório na Parentalidade.

O Canto uivou.

Mas foi. Sempre.

Então, com tanto suor no rosto que cogitava tomar um banho, ele levou a ponta do lápis ao bloco branco. Olhou para o bloco amarelo ao lado, relegado ao canto da escrivaninha. Leu o título do livro que já havia começado a escrever.

O lavador de janelas
de Lawrence Luxley

Voltou a atenção para o bloco branco e escreveu, pela primeira vez desde que havia entrado no Hotel Brewer e aceitado um emprego, um segundo título.

Urgências
(um romance sobre a realidade e o que é real)
Por Warren Bratt

Ele não olhou para a porta do escritório. E, quando começou a escrever, a escrever mesmo, esqueceu por completo o livro de Luxley que estava ali do lado. E, pela primeira vez em mais de uma década, Warren Bratt se sentiu um *escritor*, um homem com uma história para contar.

Apesar de o tema, o corpo e a mensagem serem irreconhecíveis para um fã de Luxley, o público-alvo permanecia o mesmo.

Os Meninos do Alfabeto. Crescendo.

Com novas sensações para lidar.

Agora. Hoje.

Com urgências.

J

J dormia.

Tinha terminado os estudos do dia, relido quase quarenta páginas do livro mais recente de Luxley e se deitado. Mas não era fácil.

Ele se revirava e se remexia, o cobertor havia muito tempo jogado no chão acarpetado, o lençol de repente quente demais, mesmo com a janela entreaberta.

J não era muito de sonhar, mas sonhou naquela noite. E, como acordava e adormecia toda hora, o sonho se misturou à realidade, resultando em uma sensação estranha e incômoda de se pegar vivendo em um mundo similar, no qual ele não podia confiar. Era realidade... ou não?

No auge da noite difícil, um menino o chamou da janela do quarto. Não do Jardim lá embaixo, mas logo ao lado. Como J morava no oitavo andar (e com certeza ninguém conseguia flutuar tão alto), ele soube que estava sonhando. É. Mas saber, de certa forma, não era suficiente e não lhe passava a confiança que ele gostaria. À janela havia mesmo um menino. Ele usava um macacão de bolinhas como todos os Meninos do Alfabeto haviam usado um dia, e seus pés descalços pareciam vermelhos por causa do frio do inverno.

J se sentou.

— A? — perguntou.

A, porque, apesar de fazer muitos anos, J se lembrava um pouco dos irmãos que havia perdido.

— J! — gritou A, a voz soou como o barulho do calor saindo regularmente da ventilação. — Saia da cama! Vá até os pinheiros!

J decidiu que não. Não, ele não iria até o bosque. Não deixaria a Torre naquele frio, o primeiro do inverno, e vasculharia o mesmo bosque em que tinha visto uma pessoa agachada na noite anterior.

Será que tinha mesmo visto?

— Eu não vi ninguém — disse J. Mas falar só tornava as coisas piores. — Era uma árvore!

A balançou a cabeça. Flocos de neve caíram do cabelo dele. Ou

talvez fosse poeira.

— Não era uma árvore!

J se levantou e foi até a janela. O ar frio derrotava o calor do quarto. Era bom senti-lo no peito nu.

— Mandaram você para o Canto — disse J, lágrimas inesperadas acompanhando a voz sonolenta. — Você estragou. O P.A.I. disse isso!

Uma névoa invernal passou por A, fazendo os olhos dele brilharem, verdes, e sua pele enrugar. Então a névoa se dissipou, e J voltou a ver o menino, ainda pairando muito acima do Jardim. De rosto vermelho, vivo.

Ou não?

— Vá até os pinheiros, J. Alguém está esperando você lá. Alguém que você vai querer conhecer!

J olhou para as árvores que margeavam o Jardim e viu um segundo vulto parado em meio à expansão branca. De início, achou que fosse Q. Os óculos o enganaram. Mas a figura era jovem demais para ser Q, não estava de casaco, e as roupas se pareciam muito mais com a que o próprio J usava quando tinha seis anos.

— Z! — gritou J.

Abaixo dele, o menino apontou para o bosque. Quando falou, sua voz soou impossivelmente próxima, como se seus lábios se estendessem pelo céu de inverno.

— Você vai querer ver quem está no bosque. Vai querer encontrar com ele.

O corpo de A desceu até o chão, como se estivesse pendurado em um fio amarrado no topo da Torre. J tinha visto um truque como aquele no teatro. Quando B havia interpretado um pássaro.

A pousou com cuidado perto de Z. Os irmãos mortos tanto tempo antes se deram as mãos.

— Z! — chamou J no frio. — Você também estragou!

A névoa se ergueu do Jardim, como fumaça azul. Atrás da fumaça, os olhos de Z brilharam, verdes, e sua pele rachou e partiu, revelando ossos e tecidos escuros.

Terra nos pés e nas mãos.

Então A pareceu flutuar até os pinheiros. J não conseguiu ver os pés do menino encostarem no gramado. E, enquanto A se afastava da Torre, a cabeça dele se virou devagar para trás, como não seria possível, como se estivesse em um ângulo inverso ao que devia estar.

Ele olhou para J.

— Bem aqui! Bem aqui!

J subiu no parapeito da janela, escancarou-a e ficou de pé, agarrado à moldura. Algo dentro dele dizia que conseguiria voar se realmente quisesse. Assim como A. Bastava um salto da janela da Torre e ele flutuaria pelo Jardim até se encontrar com os irmãos mortos nos pinheiros.

Mas J desceu rápido do parapeito e fechou a janela. O barulho do inverno surgindo foi interrompido, e J correu para a outra ponta do quarto. Ali, ele se virou para a parede e balançou a cabeça. Não, não tinha visto A e Z. Não, não havia ninguém esperando para vê-lo no bosque. Não, não havia...

J ouviu uma batida e, quando se virou, viu A à janela de novo.

— Não! — gritou J. — Você quer me estragar também!

A olhou pelo vidro, para o corredor que levava ao banheiro do quarto de J. J também olhou. Viu Z parado no escuro.

— Vá para o Jardim — disse Z. — Você quer se encontrar com ele.

J ficou parado, grudado na parede. Suas pernas pareciam papel, talvez as folhas do caderno azul ainda não preenchido.

Seminu, sem camisa e descalço, ele correu, abriu a porta e fugiu pelo corredor. O andar estava em silêncio. O alto-falante prata que anunciava as Inspeções refletia a luz fraca acima dele.

J correu até a porta de D. Bateu.

— D. Me deixe entrar!

Um som veio de trás dele, de seu quarto. J olhou para trás e viu a porta se abrindo devagar. Não esperou para ver o que ia sair. Correu para a outra ponta do corredor, para o lado contrário da sala de Exames, para a entrada da escada. Jamais pegaria o elevador àquela hora da noite. Não ia se arriscar a acordar o P.A.I. e a equipe, os Inspectores, Lawrence Luxley, *qualquer pessoa* que pudesse pará-lo, perguntar o que ele estava fazendo.

Inspecioná-lo.

Por que não, J?, perguntou a si mesmo, disparando escada abaixo, ainda descalço, dois degraus de cada vez. Por que não contar ao P.A.I. sobre a figura no bosque e agora... agora...

— E agora o quê? — perguntou ele, sem fôlego, já dois andares abaixo. — Os fantasmas de A e Z? Não são reais!

Balançou a cabeça enquanto descia, não, não, não, não era verdade, não havia fantasmas, era algum tipo de sonho apodrecido, um casamento impossível entre o dia e a noite.

Quatro andares abaixo, os movimentos dele já ecoavam alto o bastante para acordar qualquer pessoa com dificuldade para dormir. Mas J continuou até chegar à porta do andar térreo e entrar com ímpeto no corredor de piso de ladrilhos pretos. Ali ele parou, tentando ouvir a Parentalidade.

Não havia ninguém ali. Ninguém apareceu.

J só estivera sozinho no térreo à noite algumas vezes na vida. As portas de carvalho do Salão dos Corpos estavam fechadas. A porta principal da cozinha também. Gabinetes em que J nunca havia entrado. Armários cheios de produtos de limpeza. O vestiário que levava à piscina. O banheiro da equipe.

Ele correu até o corredor margeado por janelas, de onde podia olhar o jardim.

Por quê, J? Por que não está fugindo do Jardim? Não quer se afastar de lá? O máximo possível?

NÃO!

Por quê, J?

PORQUE QUERO SABER O QUE VI PERTO DO SENHOR ÁRVORE!

A última resposta lhe deu coragem. Era verdade: com ou sem visões impossíveis de seus irmãos mortos, J *tinha visto* alguém. Alguém agachado. Alguém olhando para sua janela.

Fosse ou não sonho, admitir isso foi um passo e tanto.

Junto ao vidro, J observou. Não havia sinal de irmão algum ali. Apenas o vento branco, levantando a neve do gramado congelado do enorme Jardim.

J esperou. Observou. Olhou. Analisou. E viu...

Talvez, sim, quem sabe, sim, uma forma que se destacava de seu entorno.

Abaixo, uma batida repentina fez com que ele se afastasse do vidro e olhasse os pés descalços. Os aposentos do P.A.I. ficavam no fim do corredor à direita. Mas aquele som tinha vindo do porão.

Como vocês acham que é o Canto?

J voltou a olhar pelo vidro, para a forma do Senhor Árvore.

Alguém?

São o A e o Z. Eles querem que você vá até lá também. Foram mandados para o Canto e agora estão apodrecendo nos pinheiros. Você viu seus irmãos mortos, J. Você viu...

Mas aquilo não parecia verdade. Não. E, pela primeira vez desde que

tinha ouvido as batidas na janela, J entendeu claramente que estava acordado.

No térreo. Sozinho.

— “Alguém que você vai querer ver” — sussurrou J, o nariz contra o vidro gelado.

Pensou no livro de Luxley, *Pessoas e lendas*, e se lembrou do mito de um menino que bebia água, percebia que era a melhor água que já havia provado e acabava bebendo tanto que se afogava. J ficou com medo quando leu aquilo.

Morrer por querer matar a sede.

Era assim que J se sentia. Sedento por conhecimento.

Outro barulho vindo do andar de baixo. J não tirou os olhos do Senhor Árvore. Na verdade, pensou em que doença poderia pegar do lado de fora, no que podia aparecer na Inspeção da manhã.

*Placaso*res, pensou. *Vês. Podridões.*

Mas o que os Meninos do Alfabeto sabiam sobre aquelas doenças? J repensou tudo o que julgava saber.

E percebeu que nada sabia, exceto que havia mais chances de contrair aquelas doenças no bosque.

Nada nos livros didáticos. Nada tampouco nos livros de Luxley. Os Meninos do Alfabeto apenas *sabiam* desde sempre que aquelas doenças eram muito ruins. E que bastava quebrar uma das regras da Parentalidade para contrai-las.

Pensou nas próprias idas à enfermaria da Parentalidade. No olhar triste do dr. Previns ao examiná-lo. Como se o homem estivesse muito perturbado. Muito triste. J sempre havia suposto que era porque o médico temia o que podia encontrar no corpo do menino. Mas então...

O vulto no bosque se moveu, um pouquinho, e J perdeu o fôlego.

Com certeza era um vulto.

Você está bem, dr. Previns?

Não era eu que devia fazer essa pergunta a você, J?

Era sempre assim na enfermaria. Claro, o dr. Previns examinava os meninos com a mesma precisão fria dos Inspetores, com suas lupas e sua declaração final...

LIMPO.

Mas não havia alegria quando Previns dizia aquilo. E Previns tinha

sumido muito tempo antes. Para onde havia ido? Para o mesmo lugar que A e Z? Tinha sido mandado para...

Um terceiro chacoalhar abaixo de seus pés descalços, e J manteve os olhos no Senhor Árvore. Pensou em A e Z, mandados para o porão.

Estragados, dissera o P.A.I.

É só uma porta, dissera Q no Pomar. Mas Q sabia que não. Q sabia que J estava perguntando o que aconteceria com um menino lá dentro.

Será que era a Localização que eles buscavam nas Inspeções? Ou eram Vês? Os nomes haviam mudado tanto com o passar dos anos, e as explicações não se mantinham por muito tempo. Os meninos nunca perguntavam.

Por que não?

O P.A.I. quase nunca explicava nada. Quando dizia algo, o fazia bem por alto, como se nada fosse, como se estivesse sugerindo um jogo de Barcos.

Inspeção excelente, J. Nenhum sinal de Mofo.

Fico feliz em saber que você não tem Podridões.

Nenhum Vê, J. E isso, meu garoto, é algo bom.

Ah, J sabia que as Inspeções eram para seu bem. Sabia que a Parentalidade estava fazendo de tudo para proteger J e os outros de coisas absurdamente perigosas. Ele a *amava* por isso. Amava-a por fazê-lo sobreviver aos anos em que era pequeno demais para se proteger, pequeno demais para seguir as regras.

Mofo, Podridões, Vês, Placasores, Vegiques.

Localização.

J contemplou o vulto no bosque.

No entanto, sua mente, o caminho que estava seguindo não podia ser detido. Ele pensou na enfermaria, na sala de Exames, nos milhares de Inspeções que havia suportado.

Será que tudo era um tipo de teste? Será que a Localização era passível de *fracasso* para um garoto? Será que ele *devia* encontrar Podridões no bosque e, por fim, superá-las por conta própria?

E se não conseguisse, e se falhasse?

O que exatamente aconteceria se uma das muitas doenças com nomes mutantes fosse descoberta nele?

Os meninos nunca reprovavam em uma Inspeção. Nem mesmo A e Z.

— Então por que as Inspeções assustam você?

O tom maduro em sua voz o assustou ainda mais do que suas ideias.

J olhou para trás, quase esperando ver um adulto. Talvez o P.A.I., com respostas. Sempre o P.A.I., atrás dos Meninos do Alfabeto.

Mas J estava sozinho. Sozinho com sua nova voz. Uma voz que soava mais inteligente do que ele mesmo acreditava ser.

J quase queria rever A e Z pelo vidro — como se, mortos, pudessem lhe explicar as coisas. Luxley uma vez havia escrito sobre um fantasma. Havia sido a primeira vez que os Meninos do Alfabeto tiveram contato com essa ideia. No livro de Luxley, um homem morria e voltava da morte para ensinar a um menino o modo certo de se viver. Estudar, concentrar-se, progredir no campo a que ele escolhesse se dedicar. Mas, apesar da mensagem assombrosa, tinha sido o conceito de fantasma o que mais havia chocado J.

Ele olhou para os pinheiros e ficou surpreso ao ver os galhos e folhas em grande detalhe. O Jardim não estava mais coberto pela nevasca, e sim por um branco brilhante e ofuscante.

— Ai, não! — exclamou, sentindo pontadas intermináveis de horror.
— O sol.

J não tinha ideia de quanto tempo havia ficado parado à janela do térreo, e realmente não tinha ideia de quando havia acordado do sonho com A e Z. Mas o sol estava nascendo, e isso significava que logo, logo a voz fina do alto-falante prata do oitavo andar anunciaria a Inspeção do dia.

Será que veriam aquilo nele? Achariam aquilo no corpo dele, evidências de que havia passado a noite encarando os pinheiros que margeavam o jardim?

Uma porta se abriu no fim do corredor de piso preto, na direção dos aposentos do P.A.I.

J correu. Tentando ser o mais silencioso possível, correu para a porta da escada e subiu de volta, percebendo no quarto andar que tinha menos medo da imagem dos meninos mortos vistos naquela noite do que dos adultos vivos que já podiam estar patrulhando o andar térreo. Inspetores. Membros da equipe. O P.A.I. E, quando J chegou à porta entreaberta de seu quarto e entrou, sua cabeça estava tomada pela loucura: a enfermaria, os livros de Luxley, os nomes das diversas doenças, os Inspetores com lupas erguidas perto de seu corpo nu e as perguntas intermináveis que o P.A.I. fazia na sala de Exames toda manhã, todo dia da vida repentinamente confusa de J.

Ele se deitou rápido.

E percebeu também, puxando as cobertas até o nariz, que, apesar de

dois de seus irmãos terem estragado e de ele ter sonhado com as formas apodrecidas dos dois, ele nunca tinha sentido tanto medo na vida quanto alguns minutos antes. Medo de ouvir a voz no corredor.

Medo da Inspeção seguinte.

Warren aprende a usar a prensa

Um tanto atordoado, com a ponta dos dedos da mão direita cheias de bolhas e a camisa manchada de suor e café frio, Warren andou pelos corredores escuros do porão, seguindo para lugares aonde não devia ir.

A cabeça girava a mil por hora, como não acontecia havia anos. *Anos*. Na verdade, Warren não conseguia se lembrar de uma experiência de escrita igual à que tivera durante a noite. Quantas páginas escrevera? Preenchera um bloco e meio, sem dúvida, um tiro de canhão de setenta e cinco páginas escritas à mão que tinham até certo cheiro de pólvora. Meu Deus, como aquilo era bom. Tão bom que ele desejou estar em Milwaukee, poder telefonar para os Mafiosos, pedir que todos fossem ao Don Don's, minha nossa, ele tinha uma história ótima para contar.

— Setenta e cinco páginas?

Warren quis sorrir, mas seu rosto doía por ter ficado sério o dia inteiro e a noite toda, até a chegada da manhã, quando os ruídos da Parentalidade acordando lentamente haviam chegado até seu escritório. A verdade era que o sorriso que ele procurava não era mesmo de alegria, que dirá de orgulho. Mas setenta e cinco páginas eram vinte e cinco por cento de um livro. Deste livro. E de quantas páginas ele precisava? Será que uma não bastaria? Uma página com um só personagem detalhado, intenso, vivo...

... um personagem que fosse...

... mulher?

Ah, se encontrasse com Richard naquele momento. Se, ao virar a esquina, Richard de repente surgisse das sombras, a barba preta como um ninho de cobra em contraste com o vermelho vivo da jaqueta e das luvas bregas que não tirava nunca. Ele com certeza colocaria uma das mãos nos ombros de Warren e diria: *Por que o interesse repentino na prensa, Warren?*

— Quem falou na prensa? — disse Warren em voz alta, a voz estranhamente rouca, como se, em vez de escrito, tivesse gravado a si mesmo lendo as setenta e cinco páginas.

— Warren Bratt — chamou uma voz. Warren se virou rápido para encará-la. — Já estava achando que você não gosta muito da gente.

Warren fez que não, preparado para mentir se precisasse, *não, não, não, não, não comecei a escrever um livro que não devia. Não, não, não, foi por acaso que eu estava indo para a prensa.*

Mas, mesmo assim, ali estava ele.

Tinha sido o impressor Mark que havia falado com ele. O homem magro saiu da fumaça e das sombras do espaço entulhado e estendeu a mão. Warren a segurou.

— Você se lembra do Clarence, né, Warren? — Mark indicou com o polegar um homem debruçado na prensa. — O cara mais mal-humorado da Parentalidade. Seja simpático, Clarence.

— Eu me lembro do Clarence. — A voz de Warren outra vez. Rouca. Como se parte dele tivesse acabado de acordar, enquanto o resto de seu corpo tinha virado a noite escrevendo o livro.

— O que traz você a este lado do porão? — perguntou Mark.

— Ar fresco.

Mark riu. Clarence olhou para Warren por detrás da máquina que estava consertando.

— Imaginei que podia me entender melhor com vocês do que com o restante do pessoal — disse Warren, tentando arrancar algo daquele encontro. Exatamente a coisa que tinha ido buscar ali, admitisse ele ou não. — Para mim, a cozinha é um maldito labirinto, e boa sorte para quem conseguir extrair uma gota de diversão da equipe da contabilidade.

Mark voltou a rir.

— Estamos montando as páginas do jornal de hoje — disse, limpando tinta na calça jeans. — Por que não vem ver como fazemos?

Warren olhou para Mark como se o homem tivesse acabado de anunciar as intenções dele para toda a Parentalidade.

Richard, Warren podia ouvir o homem magro e sujo dizer, o Warren foi visitar a gente. Estava muito interessado na prensa. O que você acha que ele estava querendo com isso?

Warren sentiu a ideia cobrir seu corpo. Um ovo quebrado.

Intriga.

— O Clarence não vai admitir, mas levamos a manhã toda só para consertar uma mancha na página oitenta e cinco do novo livro de ciências. Pelo menos resolvemos tudo.

Clarence grunhiu. Warren o observou enquanto ele trocava uma

chave inglesa por outra.

Ouviu botas no corredor.

Richard?

Você está feliz, Warren?

Gosta da Parentalidade, Warren?

O que está fazendo aqui, Warren?

Um Inspetor mexeu no chapéu para cumprimentar Warren ao passar. Não era Richard. Essa foi por pouco.

— Entre — disse Mark.

Ele fez um gesto parecido com o que um traficante faz para suas vítimas. Como as pessoas fazem quando não se deve segui-las. *Por aqui.* Warren o seguiu.

— O jornal é fácil — explicou Mark, preparando a tinta. — Mas um livro do Luxley leva metade do dia.

— Mais do que isso — grunhiu Clarence.

Metade do dia.

— Eu sempre dou trabalho — comentou Warren. — De um jeito ou de outro.

— Não é o que todos fazemos? — retrucou Mark, sorrindo.

— Quantas horas são “metade do dia”? — perguntou Warren.

Ele ficou nervoso ao fazer perguntas diretas, em vez de esperar a informação ser oferecida.

— Umas boas sete horas — afirmou Mark.

— Mais do que isso — disse Clarence, trocando de chave inglesa outra vez.

Mark se aproximou de onde os modelos do jornal estavam espalhados em uma mesa transparente. Warren entrou mais no cômodo. Precisava ver aquela parte, mesmo que demonstrasse interesse demais.

Por sorte, Mark gostava de se exhibir.

— Imagine que isso é um livro seu — começou Mark.

É, digamos que seja um dos meus livros.

— Não precisamos acertar todas as páginas, mas tem que conferir tudo de perto. O papel prende o tempo todo. Se as páginas ficarem um centímetro para fora, a merda vai toda para o ventilador. Você provavelmente já notou inconsistências. É o melhor que a gente pode fazer com essa carroça.

— É uma boa máquina — disse Clarence.

— Claro — respondeu Mark. — Quando a gente faz o jornal, é uma maravilha. Mas não vou mentir: os livros do Luxley tiram nossa

paciência.

Warren observou tudo. Cada movimento que Mark fazia. Contou as etapas do processo, um, dois, três, quis até anotá-los. Em vez disso, encarou aquilo como uma história. Capítulos. E tentou guardá-los na memória exatamente assim.

— O que você está consertando? — perguntou a Clarence.

— O que o Clarence está tentando consertar com tanta bravura — explicou Mark — é o reservatório de tinta. Essa porra entope o tempo todo. E, a não ser que você queira escrever as trinta cópias por conta própria, Clarence precisa continuar tentando. Não podemos fazer o jornal sem tinta, certo?

Mark atravessou a sala, parando diante do que pareciam enormes rolos de papel-toalha. Bateu com o ombro na cordinha que acendia a luz do cômodo, fazendo-a balançar. Warren pensou em uma sala de interrogatório.

— As folhas passam duas vezes por aqui — disse Mark. — Uma vez ao entrar e outra para ajudar a secar a tinta. Mas, se os rolos estiverem apertados demais, podemos manchar as folhas, e, se estiverem frouxos, as palavras podem sair trepadas na página de cima ou de baixo. É um negócio delicado, mas imagino que você tenha seus próprios problemas para resolver, Warren.

Um negócio delicado. Os Anos Delicados.

Warren desejou que Mark parasse de dizer seu nome.

Quem foi visitar vocês hoje?

O Warren.

A quem você mostrou a prensa hoje?

Ao Warren.

Quem estava suando e parecia querer derrubar a Parentalidade hoje?

O Warren.

Warren apontou para a própria cabeça.

— Todos os meus problemas estão aqui.

Mark sorriu.

— Gostei disso! É por isso que você é o escritor. Tem jeito com as palavras.

— Muitas palavras — murmurou Clarence.

Mark apontou para as folhas de notícias espalhadas na mesa.

— Já viu um dos seus livros assim?

— Não. Não sabia que era assim que as coisas aconteciam.

— Imagino que seja como ver os órgãos do corpo humano pela

primeira vez, debaixo de toda aquela pele.

Warren o observou com cautela.

— O editor, Jim, traz tudo assim para a gente. Depois que ele datilografa seus garranchos. Tecnicamente, a gente podia fazer cópias dos seus rascunhos, mas quem ia ler isso?

É mesmo, pensou Warren. *Quem?*

Mark continuou:

— Nós montamos os tipos, claro, mas pegamos as páginas separadas, só impressas de um lado, formatadas desse jeito. Eu explicaria por quê, mas a gente ia ficar aqui até o almoço. Venha, você vai achar isso interessante.

Mark ligou um interruptor na lateral da mesa, e o rosto dos dois foi iluminado por baixo. Aquilo preocupou Warren, estar tão no interior da sala. Ele não parecia um homem só de passagem, e sim alguém que tinha vindo para ficar.

— Precisamos manter as páginas dentro dessas margens, ou não só algumas palavras vão ser cortadas na impressão final, como também a coisa toda vai embolar e o Clarence vai levar o dia todo para tirar as folhas da máquina. Confie em mim. Já passamos por isso antes. Não fale do *Allan Prime* se não quiser irritar o Clarence.

— Não sabia que vocês tinham problema com aquele livro — disse Warren.

Clarence olhou ao redor da máquina.

— Ninguém lhe contou o trabalho que tivemos que fazer nele? — perguntou Mark.

— Não.

Clarence bufou e voltou ao trabalho.

— É muito legal — disse Mark. — Você alinha as páginas assim e, quando a máquina está funcionando, aperta o botão verde e manda as páginas para impressão. Aí o livro sai com cara de livro. Digo, costurado. Não é moleza. O rabugento do Clarence me colocaria na prensa se me ouvisse dizer que é.

Capítulos. Warren sentiu que havia registrado as informações como se elas tivessem sido passadas em capítulos. Queria muito voltar para o escritório e transcrevê-las.

Olhou para o relógio na parede.

— Precisa voltar? — perguntou Mark.

— Eu devia.

— Para o café?

— Devia.

O que você devia fazer é dormir. O que não devia fazer é escrever outras setenta e cinco páginas de um livro que vai matá-lo.

— Ah, meu Deus! — exclamou Mark. — Eu provavelmente falei pelos cotovelos, e você só queria dar uma passeada antes do café da manhã.

— Mas foi legal — respondeu Warren. E completou: — É legal ver que outras pessoas também têm um monte de merda para resolver.

Mark assentiu. Clarence tirou os olhos do reservatório de tinta.

Ninguém disse: *Ei, quer saber? É uma loucura trabalhar em um lugar que esconde a existência de mulheres para vinte e quatro meninos que nós chamamos de Meninos do Alfabeto. Essa PORRA É CRIMINALMENTE INSANA.*

Warren seguiu para a porta. Ela parecia se afastar à medida que ele se aproximava.

— Passe aqui quando quiser — disse Mark. — E boa sorte com isso aí. — Ele apontou para a cabeça, como Warren havia feito antes.

Warren abriu um meio sorriso e assentiu. Apenas dois colegas de trabalho conversando sobre a firma no bebedouro. Nada absurdo ali. Nada mesmo.

Quando saiu da sala da prensa, Warren olhou para ambos os lados do escuro corredor de pedra. À direita, a cerca de trinta metros de distância, uma flecha vermelha brilhava. Tinha sido pintada muito antes de Warren chegar à Parentalidade, mas ele sabia o que era. O único corredor de toda a Parentalidade pelo qual apenas Richard podia passar.

O Túnel de Glasgow.

Por motivos que Warren não sabia explicar, a flecha vermelha o assustava tanto quanto a porta do Canto.

Voltando para o escritório, com os capítulos frescos na mente, ele ouviu outro par de botas no piso de pedra. Um bando de pássaros de couro vermelho alçou voo em sua imaginação, e ele percebeu que não tinha uma boa desculpa preparada.

Pensou no Canto. Os Meninos do Alfabeto tinham chegado aos Anos Delicados, o nome ridículo que Richard não conseguia deixar de usar. Warren nunca tinha visto Richard tão...

... incomodado.

Você foi um mau menino, Warren Bratt. Vá se sentar no Canto.

E toda menção ao Canto era acompanhada por uma imagem da

porta se abrindo... apenas para ele.

Você estragou, Warren. Apodreceu.

As botas outra vez, mais próximas.

Warren entrou em um closet, uma salinha de ferramentas, não sabia dizer ao certo. E foi só até ter entrado e fechado a porta que percebeu a péssima decisão que havia tomado.

Não ter preparado uma desculpa para caminhar pelo porão era uma coisa, mas ser flagrado escondido era suicídio.

Isso vale o dinheiro, Bratt? Era a voz de Arlene. Arlene, dos Mafiosos da Escrita. *Vale a pena ganhar dinheiro em um mundo que você não pode abandonar?*

Não, pensou Warren. Não, não vale. Ele fechou os olhos e imaginou a folha de rosto do livro do qual tinha escrito setenta e cinco páginas incendiárias.

Urgências

(um romance sobre a realidade e o que é real)

Ao trabalhar para a Parentalidade, cada momento do dia (e da noite) era acompanhado de um pouco de medo. Mas Warren não ficava com tanto medo havia muito tempo.

Ninguém vai abrir a porta. Calma. Seria... horrível... demais... horrível pra caralho. CALMA.

As botas estavam muito próximas. Warren ouvia os passos como se fossem dele próprio.

Clac-clac, clac-clac.

Colou o corpo contra a parede. Quase derrubando algum objeto. Tentou manter os capítulos em silêncio em sua mente, mas seus conhecimentos sobre a prensa pareciam uma autópsia em uma hiena viva, bagunçados e barulhentos.

Parece que você consegue imprimir um livro tranquilamente sozinho, não é mesmo, Warren?

As botas pararam diante da porta do closet, separadas dele por um centímetro de madeira. Warren podia ouvir a poeira sendo pisada por um calcanhar.

Ele fechou a mão. Percebeu claramente que estava preparado para matar quem quer que abrisse a porta.

A maçaneta virou.

— Dan!

Warren se inclinou para a frente ao ouvir o nome. O punho erguido e preparado no escuro.

— Dan, ande logo! A gente só tem uns quatro minutos!

Dan. Quem é Dan?

Talvez você devesse prestar mais atenção aos seus colegas, Warren. Talvez devesse fazer uns amigos.

— Só um segundo! — gritou Dan de volta. — Vou pegar papel higiênico!

Warren prendeu a respiração. Outras botas. A primeira voz mais próxima agora.

— Não tem papel higiênico aí. Anda, vamos terminar isso.

— Preciso terminar *isto aqui* primeiro.

Um suspiro. Movimento. Botas no piso de pedra.

— Naquela porta ali — instruiu a primeira voz.

Uma porta se abriu. Uma porta diferente. Movimento. Botas. Cascalho. Uma porta se fechou. Uma porta diferente.

— Obrigado. Babaca.

Uma pausa. Silêncio.

Os homens se afastaram juntos, o barulho das botas e vozes se espalhando pelos corredores de pedra do porão da Parentalidade.

Warren ficou dentro do closet por outros noventa segundos, depois se esgueirou rápido. Correu, elétrico, de volta para o escritório. Não viu ninguém no caminho.

Dentro de sua sala, sentou-se à escrivaninha e se limitou a respirar. Devagar. Inspirou e expirou. Inspirou e expirou.

Depois de uns minutos, anotou o que havia aprendido sobre a prensa. Escreveu em código num marcador de livros. Tudo que lembrava.

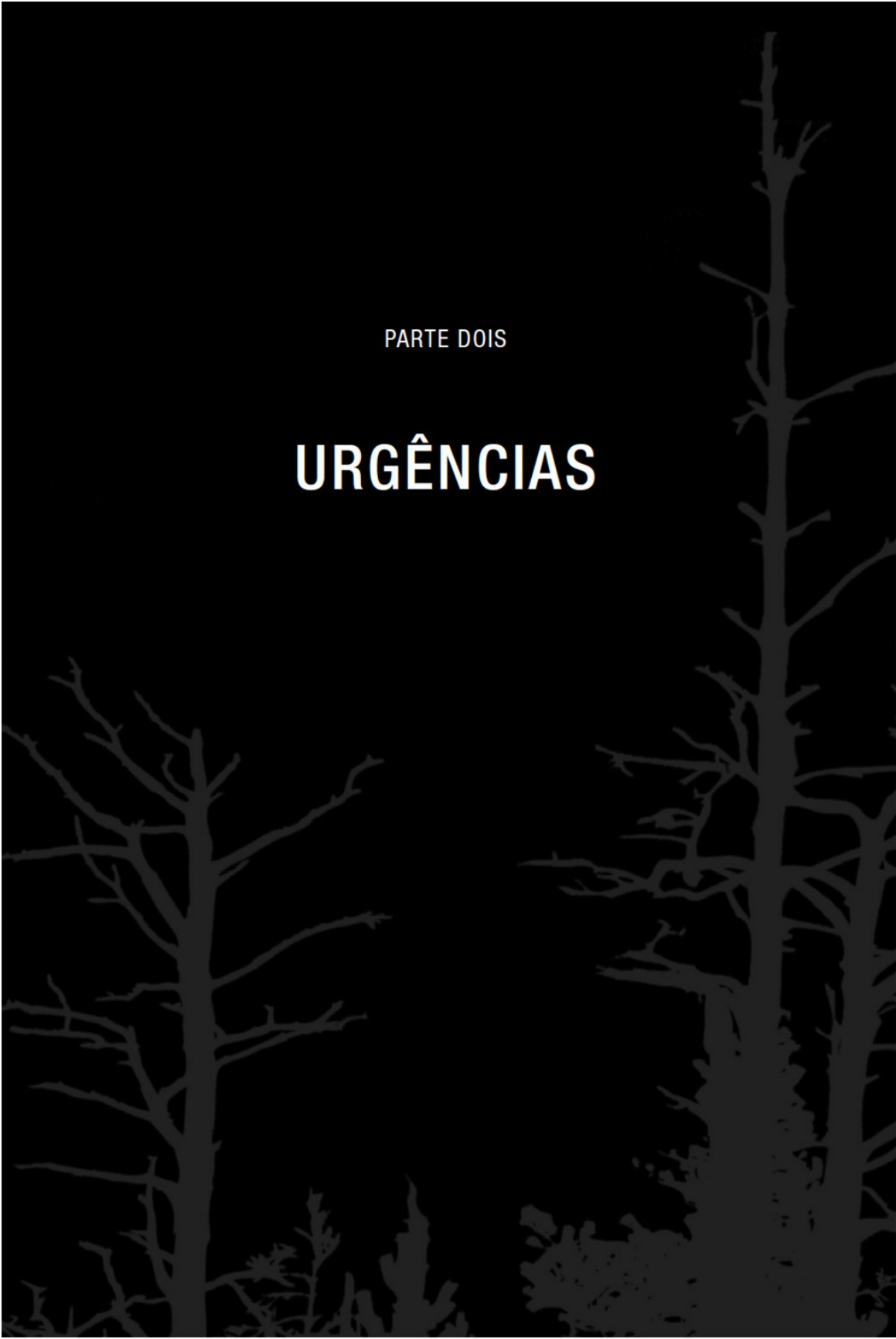
Pensou nos livros de Luxley. Nos tantos que havia escrito para a Parentalidade. Imaginou as páginas espalhadas na mesa como Mark havia mostrado. Páginas que lhe deram tanto dinheiro que ele poderia ir a qualquer lugar do mundo. Só mais cinco anos daquilo. Quinze ao todo. O contrato. Então... um paraíso. Seja lá o que isso significasse para Warren.

Mas como esperar quando não se pode... mais... esperar? Os livros de Luxley. Páginas que significavam tão pouco para ele quanto para a estranha dupla de mecânicos que as transformavam em livros. Livros sobre os quais os vinte e quatro meninos lá em cima conversavam

durante as refeições, perto da janela de seus quartos, pensavam enquanto dormiam e (ah, Deus impiedoso) até usavam como exemplo de conduta.

Quando terminou de anotar o que tinha aprendido, amassou o marcador de página e o jogou na lata de lixo. Caiu com um leve baque contra o restante do lixo, e Warren imaginou o efeito cascata de seu pouso, em como devia ter tocado de maneira infinitesimal as setenta e cinco páginas no fundo da mesma lata. Pensar naquelas páginas o incentivou, deu a ele o primeiro cisco de paz que sentira em muitos anos, apesar dos horrores que aquelas páginas insinuavam. Resumindo, *Urgências* era a melhor coisa que Warren Bratt já havia escrito.

E ele estava apenas começando.

The background of the page is a dark, almost black, field. Overlaid on this are the silhouettes of several bare, leafless trees. The trees are positioned in the lower half of the frame, with their branches reaching upwards and outwards. The branches are thin and intricate, creating a complex pattern of lines against the dark background. The overall mood is somber and mysterious.

PARTE DOIS

URGÊNCIAS

O RELATÓRIO BURT: 1º DE DEZEMBRO DE 2019

Leia ao acordar

Como entrar nos Anos Delicados com cuidado

Bom, estamos nos aproximando dos “Anos Delicados”. Mas a questão é a seguinte: isso não existe. Pelo menos não da maneira que Richard imagina. A sexualidade inevitável dos meninos não é, pelo que sei, o que o preocupa, embora sem dúvida a diretriz que gerou a Parentalidade sugira isso. Richard sabe tão bem quanto nós que a sexualidade é igual a uma locomotiva, uma força incontrolável que vai entrar pela janela se não conseguir passar pela porta. A verdadeira preocupação dele é com algo muito mais assustador:

A evolução da PERSONALIDADE dos meninos.

Será mera coincidência que a visão de mundo de um homem se consolide à medida que ele ganha pelos nas axilas? À medida que descobre para que seu corpo é feito? A conexão óbvia entre os dois (corpo e mente) é o fio invisível que subjuga o bem-estar de um a outro. Corpo e mente. O corpo se desenvolve; não há nada que se possa fazer nem nada que se deva fazer a respeito. O perigo, no caso de Richard, é que a mente cresça na mesma proporção, tornando as ideias e os juízos de valor que os meninos carregam em si tão estranhos para nós (a equipe) quanto o estirão de M ou um bigode que L deixe crescer. Em uma palavra: irreconhecíveis. E, caso Richard não consiga reconhecer o padrão de ideias e comportamentos dos meninos, como ele vai (1) prever o potencial deles; (2) usar toda a informação que coletou no passado; (3) entender por completo o que ficará subentendido quando um menino perguntar ou sugerir algo aparentemente irreconciliável com a essência que Richard conhece dele; e (4) se proteger exatamente daquilo que serve de base para a Parentalidade? Não duvido da inteligência de Richard, de modo algum; não tenho motivo para pensar que ele, em circunstâncias normais, teria problemas para acompanhar o desenvolvimento dos filhos. No entanto, neste que é um caso extremo, a mente de um menino pode mudar da noite para o dia. F pode de repente se retrair e flertar com uma possível depressão, mas na verdade estar

apenas voltando sua veia cômica para questões mais sérias. Q, após se tornar exímio em Barcos, pode cansar e desistir do jogo. Isso pode ser natural, sim, mas também indicar algum tipo de rebeldia. R poderia canalizar a raiva numa impressionante concentração, uma concentração que poderíamos confundir com mais raiva, já que estamos condicionados a isso. Em outras palavras, a transformação, quando não é percebida, pode dar a impressão de que toda a Torre enlouqueceu. De que todas as precauções que Richard tomou há uma década e meia perderam a força, foram abaladas e podem causar a queda da própria Torre. A mudança no comportamento de vinte e quatro jovens será sentida em todos os cômodos e andares como a difusão de um gás pesado e preencherá o Salão dos Corpos até o teto, afetando a cozinha, contaminando até nossos escritórios e quartos, sufocando-nos enquanto dormimos. Esses “anos” para os quais Richard se preparou não têm tanto a ver com a chance de as coisas darem errado; na verdade dizem mais a respeito de sua noção inconsciente de que, um dia, o humor e a personalidade dos meninos (como os conhecemos) escaparão do controle.

Esse é o efeito colateral natural da masculinidade tóxica. Parte de uma filosofia machista deve ser construída à base de medo... e, um dia, esse medo, assim como a sexualidade dos meninos, vai pular da janela, caso não o deixemos passar pela porta.

A não ser no caso de uma verdadeira epifania ou de uma tragédia grande o bastante para alterar a persona deles de maneira inorgânica, a transformação que os meninos estão sofrendo é, sem dúvida, a maior reformulação da personalidade que qualquer garoto sofre na vida. Por doze anos, B foi um bom menino. Ele pode se tornar maldoso em um mês. Ao que parece, essas novas personalidades podem se instalar do dia para a noite, quase como numa possessão. Pode não haver nenhum sinal prévio. Nenhum aviso. E isso, claro, vai contra todos os objetivos das Inspeções — e Richard, apesar de querer muito que os meninos o impressionem, odeia surpresas.

Estamos perto do dia em que não reconheceremos aqueles que amamos.

Aqueles que estudamos, também.

Pensem nas dores de cabeça que temos ao criar um menino do modo “normal”. Mas aqui? Na Parentalidade? Essas dores de cabeça podem rachar um crânio. Pois o que oprimimos nos Meninos do Alfabeto de algum modo vai escapar. Alguns deles não vão sequer abrir essa janela

antes de passar por ela.

Cuidado com os estilhaços, Parentalidade.

Como Richard vai se preparar para não ser levado por essa onda de caos? Como não ficará cego ao olhar para seus filhos irreconhecíveis? (Peço desculpas pela prosa, Richard, mas alguns assuntos são mais comoventes que outros.)

Como Richard vai mudar para acompanhar o ritmo das mudanças de seus protegidos?

O desabrochar da sexualidade tem regras próprias, regras que a Parentalidade simplesmente não consegue estabelecer. Como falaremos com eles sobre isso? De forma direta? Verdadeira? Não vamos. Por isso, os meninos devem sentir certa dificuldade de se libertar de sua antiga personalidade (já que não terão um rompimento claro, o rompimento que todos nós vivemos ao entrar na legítima idade adulta. Em outras palavras, a sexualidade define idades e eras, separando crianças de homens). O fantasma do passado dos meninos será o primeiro a assombrar Richard. E a forma que eles assumirão no futuro é desconhecida. Antes tão familiares, Richard vai ouvi-los rindo de piadas que não vai entender, sugerindo teorias que ele não será capaz de compreender. Talvez falando de características do próprio Richard que ele mesmo ainda não terá notado.

Há algo mais assustador do que duas dúzias de estranhos que você tinha certeza que conhecia?

O que estava adormecido em G pode despertar. A expressão que O vai aprender hoje pode se tornar seu mantra amanhã.

Os meninos podem ser dominados por suas características mais sutis.

Uma ideia assustadora: e se essas novas características incluírem uma sede por ver o mundo além dos pinheiros? Com certeza um dos vinte e quatro vai ficar curioso...

Todos ficamos chocados com as ideias de Q se aproximado tanto da religião organizada. Mas será que um menino moderno pode inventar Deus do mesmo modo que os homens da caverna fizeram? Será que se produziria o mesmo Deus? E Q é mesmo um menino moderno? Algum deles é? Q é o sonho de um teólogo. Mas e se Q quiser partilhar essas ideias com seus colegas? E se Q começar a pregar, a incutir espiritualidade nos irmãos, a exigir que atravessem os pinheiros e se aventurem juntos, em busca do sentido da vida?

Possibilidades como essa não são improváveis, Parentalidade.

Quando criança, conheci um menino chamado Roger Doll, que era

muito bom em ciências. Ganhou muitos prêmios na escola. Era aplaudido pelos professores e recebeu bolsas de diversas universidades. Anos depois, encontrei um conhecido que tínhamos em comum, o qual, numa rodada de drinques, perguntou se eu soube que Roger Doll tinha largado a faculdade. Encontrara a Deus e assumira o comando de uma igreja, só dele.

Roger Doll mudou, muito, pouco depois dos Anos Delicados.

Todos mudamos.

Nossas mentes são mais inteligentes do que nós. Isso, claro, gera muita tristeza, depressão e mania, entre outras coisas. Uma vez que aceitamos isso de coração, as mudanças pelas quais nossos colegas passam aumentam nosso apreço pela complexidade da mente. Não desmereci as decisões de Roger nem as considereei desespero. Para mim, o Roger temente a Deus era o mesmo Roger dedicado a acompanhar os fatos. Parte dele estava apenas à espreita quando o conheci.

Lembrem-se: os meninos vão se comportar como estranhos. Depende de nós aceitarmos as novas pessoas que eles se tornarão.

Receio que os meninos de Richard estejam crescendo.

* * *

Sem terminar de ler, Richard pegou o telefone preto em sua mesa.

— Gordon.

— Richard.

— Por favor, informe a Burt que estou animado para as mudanças detalhadas no último relatório. Não tenho medo.

Ele desligou e voltou a ler.

Richard está obviamente preocupado com a quantidade de energia que um homem dedica à conquista de mulheres — energia essa que poderia ser objeto de estudo, esmiuçado em busca de um conhecimento específico. Mas o que o assusta mesmo é o que traz a natural maturidade sexual: os meninos serão homens, e, por causa disso, Richard perderá grande parte do controle que detém sobre todos nós.

Em minha opinião profissional, os meninos são tão bem ajustados quanto possível, dadas as suas circunstâncias singulares. Afinal, são quase adolescentes. O problema inerente é óbvio: adolescentes mentem para os pais. É esperado que mintam para os pais. Faz parte do

desenvolvimento de seus mundos privados e da necessidade de manter privados esses mundos, pelo máximo de tempo possível.

Será que os meninos vão se sentir tão à vontade quanto antes para expressar o inevitável humor que está por vir? Será que vão esconder coisas de nós? Vão suspeitar de que estamos escondendo coisas deles?

O objetivo destes relatórios, claro, é dar uma opinião especializada sobre o estado psicológico da Parentalidade e de seus principais componentes (neste caso, o P.A.I. e os Meninos do Alfabeto). A resposta simples, a análise geral, é clara:

Tudo está saindo como o planejado. Mas as coisas vão mudar. E temo que o projeto da Parentalidade não esteja contando com isso.

Os meninos estão felizes.

Os meninos são saudáveis.

Os meninos são brilhantes.

Mas os meninos não serão meninos por muito mais tempo. E homens são muito mais difíceis de controlar.

CONCLUSÃO: Meninos não são os únicos que passam por mudanças. Homens também passam. E assim, enquanto os Anos Delicados exigem que prestemos ainda mais atenção a cada capricho dos Meninos do Alfabeto (o caderno azul se mostrou eficiente, assim como Barcos sempre é, claro), talvez seja bom ficarmos de olho também na equipe. Não estou insinuando que Richard deva aumentar o número de revistas repentinas nos quartos, mandar Inspetores para o escritório da contabilidade nem vigiar todos em busca de sinais de insubordinação. Mas, com uma mudança tão grande, a mudança dos meninos, toda a Parentalidade precisará mudar com eles.

Warren ao trabalho

A Culpa.

Era isso que Richard devia estar inspecionando. A CULPA. De todos os riscos...

Vejam Warren caminhar. Vejam Warren andar pelos corredores do porão. Vejam Warren enxugar as mãos úmidas na camisa de botão cada vez mais manchada. Vejam Warren se revelar. Vejam Warren se libertar. Vejam Warren revidar.

Vejam Warren escrever.

Vejam Warren pôr a vida em perigo. De verdade.

Curvado sobre um bloco branco, Warren Bratt estava no meio de outra maratona de palavras, expelindo dois livros ao mesmo tempo: um para a Parentalidade, outro para si, um para a Parentalidade, outro para si, um para a...

Um barulho de botas soou diante da porta de seu escritório, e Warren jogou depressa o bloco branco no colo, sem tirar os olhos arregalados da maçaneta. Sentiu o suor pingar do cabelo ralo para as orelhas.

As coisas mudam as coisas mudam as pessoas mudam as coisas mudam as pessoas mudam as coisas mudam não tenho tempo para pensar em como as coisas mudam as pessoas mudam estou escrevendo as pessoas mudam estou escrevendo as coisas mudam estou escrevendo dois livros ao mesmo tempo.

Quem estava diante da porta do escritório? E mais importante: quem era ele que estava dentro do escritório?

As pessoas mudam.

As coisas tinham de fato mudado. O escritor outrora superficial, antissocial e prepotente se levantou da cadeira e esperou. Prestou atenção no barulho das botas. Pelo que ouvia, os passos ainda não tinham se afastado.

Você vai dar um jeito de sair dessa pela escrita.

Mas a frase pareceu extremamente rasa diante do que a imaginação dele podia criar: a porta se abrindo com um golpe, uma dupla de ex-

prisioneiros da Parentalidade entrando, pegando-o pela camisa, e Richard surgindo em meio à poeira do corredor.

O que acha de agora escrever no Canto, Warren?

Ainda assim, ele tentou se agarrar à ideia. Sair dessa pela escrita. A tinta das palavras se ergueu, criando um lance de escadas que podia levá-lo do porão até o térreo. Ali, as palavras do bloco branco podiam se tornar um skate, um barco com rodas, qualquer coisa para tirá-lo da Parentalidade, atravessar o Jardim, passar pelos pinheiros.

Sair dali. Sair do estado. Sair do país. Sair para qualquer lugar, e apenas escrever palavras suficientes para *chegar* até lá.

Warren, outrora tão arrogante, outrora tão *superior* às regras do dia a dia e aos mistérios da Parentalidade, não se moveu. Manteve os olhos na maçaneta. Havia alguém no corredor. Não restava dúvida.

Qual é o problema, Warren? Está amolecendo?

Sim. Estava.

Você agora se importa com os Meninos do Alfabeto? Agora se importa com a educação deles?

Warren lembrou que Richard uma vez, meio embriagado, tinha confessado por que o contratara: *Você não liga para ninguém além de si mesmo, Warren Bratt. Não sente culpa.*

E agora a Culpa.

As pessoas mudam.

Warren não conseguira olhar nos olhos dos meninos no café da manhã. Não aguentava mais ficar no refeitório. Será que alguma outra pessoa se sentia daquela maneira? Algum dos professores, dos cozinheiros, dos Inspetores?

Rebelião.

Era uma das palavras que não podia incluir em seus livros.

Foi para a frente da escrivaninha e atravessou o carpete em silêncio para chegar à porta. Parou no meio do caminho. Percebeu que, se a porta estivesse aberta, ele não teria explicação para o que estava fazendo parado ali, no meio do escritório. Olhou para a cafeteira no canto da sala. Olhou para a escrivaninha. Pensou no papel branco na cadeira. Pensou também nas folhas amarelas. Não podia escrever nas brancas sem as amarelas. Precisava das amarelas para mostrar a eles, para mostrar um livro e dizer: *Ah, é, eu andei escrevendo, escrevendo um livro, e daí?*

Silêncio no corredor.

Quem está aí?

A boca entreaberta; ele não sabia que estava cerrando os dentes.

Lentamente, Warren foi até a porta. Se a abrisse naquele instante, apenas diria que estava saindo, indo para o corredor, para pegar um pouco de ar...

Que ar, Warren?

Quase ouvia Richard dizendo aquilo. Ouvia a condescendência na voz vexatória do homem.

Com a orelha colada à madeira, Warren ouviu o aquecedor sibilar e, mais alto, o zumbido do Canto.

Então abriu a porta.

— Oi?

Sua voz soou baixinha no corredor. Como a voz de alguém com medo de atender ao telefone, com medo das notícias que a ligação poderia trazer.

Mas o corredor estava vazio. Warren franziu a testa. Uma coisa era decidir combater a Parentalidade. Outra era viver com um medo absurdo e abjeto daquela decisão.

No entanto...

— É assim que você está, idiota. Com um medo absurdo.

Fechou a porta e se sentou à escrivaninha.

Voltou a trabalhar no mesmo instante, o lápis se movendo mais devagar no início, uma ou duas palavras, metade de uma ideia, as pequenas estruturas da história se conectando.

De certa forma, escrever aquele livro, aquele livro incrivelmente perigoso, era como reaprender a escrever. Como se estivesse lendo o livro que escrevia e desejasse escrever daquela maneira. Em alguns momentos, saía mais rápido do que Warren era capaz de falar. A sensação, depois a ideia, a estrutura, então o corpo. As letras, então as palavras.

Ah, como aquelas palavras específicas o empolgavam. Quase tanto quanto imaginar os Meninos do Alfabeto lendo aquilo, seus rostos distorcidos, confusos, seu espanto, a voz deles conversando sobre aquilo.

Tantas perguntas. Enormes perguntas. Tentativas de explicar os personagens que o autor havia chamado de *mulheres*.

Warren terminou a página, levantou-se, pôs o bloco na cadeira e foi até o pequeno frigobar do escritório. Pegou uma caixa de leite e bebeu do gargalo. Ouviu outro leve clique no corredor e se virou.

Gordon estava parado em silêncio na soleira da porta aberta.

Warren olhou para a cadeira. Daquele ponto, o assento ficava escondido pela escrivaninha. O bloco estava camuflado. Por pouco.

— Posso entrar? — perguntou Gordon.

Warren tomou outro gole de leite, querendo um segundo a mais.

— Você nunca bate, Gordon? Richard nunca lhe ensinou isso?

Gordon sorriu.

— Devo dizer, Warren, que, pela hora, você que me deu um pouco de susto. Temi que tivesse desmaiado aqui. Não é do seu feitio trabalhar tanto.

Warren olhou para o relógio. Meia-noite. Como assim?

Gordon entrou na sala e fechou a porta. Foi direto para a escrivaninha. Warren também. Por estar mais próximo, Warren chegou primeiro. Sentou-se sobre o bloco branco na cadeira. Gordon folheou as páginas amarelas na mesa.

— É isto aqui?

— Não mexa nisso.

— Sério? Você não costuma ser tão apegado a seu trabalho.

— Só não quero seus comentários.

— Deve estar gostando muito deste aqui. — Gordon esticou o pescoço, leu o título. — *O lavador de janelas*. Ah, direto ao ponto. Você sempre trabalha até tão tarde? Pergunto mais por curiosidade. Em todo esse tempo desde que nos conhecemos, não sei se consegui entender muito seu... processo criativo.

— Você sempre anda pelo porão atrás de livros infantis a esta hora da noite, Gordon?

Gordon olhou para ele rápido. Warren contou quatro, cinco significados naquela expressão.

— Bom — respondeu —, não tem por que se irritar. Estou tão curioso quanto os Meninos do Alfabeto. Você sabe que sou um grande fã do Luxley.

Warren percebeu que Gordon era fã de qualquer pessoa que não fosse Warren Bratt.

— Fique à vontade. Mas não vou contar o fim. Não adianta implorar.

Gordon ergueu as folhas amarelas. Warren tentou não se mexer, tentou não amassar as páginas brancas embaixo de si.

— Você escreve com uma letra tão pequena... — afirmou Gordon. — É horrível para a vista. Não é à toa que estreita tanto os olhos.

Quando Gordon virou de costas, Warren abriu a primeira gaveta da

escrivaninha devagar. Apanhou um lápis novo e afiado como empunharia uma faca.

Gordon leu um parágrafo e olhou para trás.

— Relaxe — disse ele. — Não sou editor.

Warren sentiu como se a gravidade não pudesse mantê-lo sentado. Como se de repente fosse flutuar até o teto e revelar o segundo livro na cadeira. Pensou no Canto. Imaginou Inspetores invadindo a sala, subjugando-o, agradecendo a Gordon por tê-lo mantido ocupado.

Segurou o lápis com mais força.

— Uau — disse Gordon, assentindo. — Isto está muito bom, Warren.

Warren o observou, o rosto coberto por sombras.

O lápis quebrou. Ele o quebrou.

— *Adorei*, Warren. — Gordon colocou o bloco na escrivaninha. — *Enquanto lavava as janelas, limpava seu passado*. Como é que você chegou a isso?

— Você não sabe que essa é a pior coisa que podia perguntar a um escritor?

Gordon estalou a língua.

— Ah, é. Você é um *artisssta*, afinal.

— Não sou há muito tempo.

Gordon sorriu, e, naquele sorriso, Warren viu que o homem encontrou o que fora procurar: a autodepreciação no escritor.

— Vou contar a Richard — disse Gordon. — Ele ficará feliz em saber como você está trabalhando neste livro.

— Não mais do que em qualquer outro.

— Não? Não foi o que me disseram.

— Disseram?

— Não. — Gordon balançou a cabeça devagar. — Teve gente que andou ouvindo você escrever a noite toda. Em horários estranhos, disseram.

Ele parou e o encarou por um longo tempo.

Warren bufou com exagero. Sentiu que fingia. E estava mesmo.

— Gostaria de voltar ao trabalho agora.

— Claro.

Gordon bateu na escrivaninha uma vez com a ponta do indicador. Como se quisesse marcá-la feito gado. Como se aqueles Inspetores em breve viessem buscar a mesa. A mesa e o escritor sentado a ela.

Gordon saiu, fechando a porta.

Warren afundou na cadeira e ouviu as desrespeitosas folhas

amassando sob sua bunda.

O que você está fazendo?, perguntou a si mesmo. *Falando sério. O que você está fazendo?*

Olhando a porta do escritório, fez menção de tirar as folhas brancas debaixo de si, mas logo as pôs de volta. Mexeria nelas depois. Em um minuto, talvez. Mas precisava daquele minuto, um ou dois bons minutos. Para pensar sobre aquilo. Para pensar no que estava fazendo. Pensar na enrascada em que estava se metendo. Ainda dava tempo de parar. Ainda podia fazer a coisa certa para si mesmo. Afinal, o que devia aos Meninos do Alfabeto? Não estavam arruinados de um jeito ou de outro? O que *ele* podia fazer para mudar aquilo?

Olhou para a escrivaninha e viu uma gotícula de sangue. Sua mão; ele não havia notado que o lápis tinha cortado sua mão ao quebrar.

Warren abriu a mão e analisou o fio de sangue.

De certa forma, a ferida pareceu tão boa e tão ruim quanto escrever *Urgências*. Ruim porque o sangue era um sinal, uma luz, um alerta: *AQUI EMBAIXO! UM HOMEM EXPONDO A PRÓPRIA ALMA! SANGUE E SUOR! VENHAM PEGÁ-LO! VENHAM LEVÁ-LO PARA O CAAAAAANTO!*

Mas boa também.

Sim.

Boa porque a pele rompida significava uma fissura na Parentalidade.

As coisas tinham começado a degradingolar. As pessoas tinham começado a sangrar. Começado a mudar.

E não importava que os Meninos do Alfabeto estivessem arruinados, sem salvação. O que Warren queria não era dilacerar a Parentalidade? E esta já não havia sido cortada ao meio?

E quem era Warren Bratt, um reles escritor... para impedir a sangria?

Matemática Negra

O professor Hall escrevia com um giz especialmente barulhento enquanto os oito Meninos do Alfabeto estavam sentados em silêncio, absorvendo a aula do dia. Mas apenas sete deles realmente prestavam atenção, já que J lutava para se concentrar naquela manhã, após outra noite vendo o vulto agachado atrás do Senhor Árvore. Ele não havia contado ao P.A.I. nem aos Inspetores sobre aquilo, e tampouco encontrara força ou motivação para fazê-lo — apesar de saber que, quanto mais ele mantinha o segredo, mais difícil a experiência se tornava.

— No fim — disse o professor Hall, ainda de costas para a turma — a resposta é a mesma. Mas esse caminho é bem mais *complicado*!

E ergueu a mão quando Hall virou o rosto para eles e sorriu. O professor chamou o garoto, e J olhou pela janela, para os pinheiros no fim do Jardim. A vastidão branca entre as Torres e as árvores altas era acolhedora. Bastaria um pulo pela janela do térreo e o impulso, o embalo, o levaria até a margem do Jardim e o nome do estranho que ficava escondido por lá.

Será que ele estava ali? Havia *alguém* ali em algum momento?

J se inclinou para a janela, estreitando os olhos. Pelo ângulo da luz do sol, as árvores desnudas pareciam quase sem galhos, mas o espaço entre elas estava no máximo enevoadado. J se aproximou ainda mais.

Tinha alguém ali?

— Saia de cima de mim, J!

J viu que sua mão segurava com firmeza o ombro de G. O irmão lutou para tirá-la dali.

— O que você está *fazendo*?

— Nada!

J se endireitou. Olhou para o professor Hall, mas era tarde demais. O professor, assim como o restante da turma, o encarava.

— Está sonhando com o Jardim? — perguntou Hall.

Ele mexia no giz, fazendo-o desaparecer e reaparecer na palma da mão.

— Estou — disse J. — Desculpe... Eu estava... Estava pensando no...

— No Encontro da Efígie, claro — completou Hall. Ele sorriu, presunçoso, e assentiu. — Mas ele ainda não chegou, com certeza não é hoje, e não podemos deixar que essas brincadeiras os distraiam, ou elas não estarão cumprindo sua função. Alguém pode me dizer que função é essa?

— Não temos mais dez anos — respondeu F.

Ele só deu uma meia risada, mas estava “meio rindo” de um professor. Os outros meninos sentiram em cheio.

— Está bem, F — disse Hall. — Então me diga.

F deu de ombros.

— Obviamente é um teste do sistema.

— Ah, é? Em que sentido? — Hall sorriu tal como os professores sorriam quando acreditavam saber algo que um menino não sabia.

O sorriso parcial de F abandonou seu rosto. Foi substituído por uma rara expressão séria.

— É o jeito de a Parentalidade saber como evoluímos. Até que nível avançamos. — Ele olhou para a turma. Ninguém falou. — O quê? Isso é óbvio, não é?

— Isso faz com que tudo pareça meio clínico demais, não acha, F? — retrucou o professor Hall.

F balançou a cabeça.

— Não. Eu não acho. Acho que parece a verdade.

O professor pousou o giz no suporte do quadro e limpou as mãos. Uma nuvem branca se formou.

— O Encontro da Efígie devia ser *divertido*. Um desafio. Não é mais nem uma coisa, nem outra para você?

— O que é isso? — perguntou F, ruborizando um pouco. — Uma Inspeção?

Os outros meninos murmuraram. J observou F de perto. Os meninos já haviam, claro, se rebelado antes. Todos tinham sido postos para fora da sala por comportamento disruptivo. Mas a maioria dos casos havia acontecido muitos anos antes. E o modo de F falar... Era como se os meninos falassem com o professor de igual para igual. Como se tivessem passado a ter as respostas para as perguntas.

O professor Hall não gostou nada disso.

— Como ousa? — disse, demonstrando mágoa e decepção naquelas poucas palavras. — E como acha que o P.A.I. vai se sentir se souber que você desrespeitou suas Inspeções diárias?

— O quê? Eu não fiz isso!

— Fez, sim, F. Com certeza fez. — O professor Hall andou dramaticamente até a própria mesa e fez uma anotação. Ao terminar, voltou a encarar F, os olhos severos e frios. — Tem ideia de como as Inspeções são valiosas para você? Tem *ideia* de como isso o mantém seguro?

Os meninos ficaram imóveis. Não disseram uma palavra. O que aconteceria a seguir?

— Gostaria que a Parentalidade o abandonasse, F?

— O quê?

— Você ouviu — disse Hall, mais alto. — O que acharia se a Parentalidade e toda a equipe simplesmente... deixassem você sozinho? Quem escreveria seus livros? Quem daria as aulas? Prepararia a comida? Quem traria filmes e consertaria seus tabuleiros de Barcos, costuraria suas roupas ou *ensinaria* você?

— Professor Hall...

— Eu *não* terminei. — Ele se afastou da mesa, foi até o quadro e pegou o giz outra vez. Com a manga da camisa xadrez, apagou a fórmula que havia escrito e desenhou um retângulo alto. — Sabe me dizer o que é isto, F? Algum de vocês pode me dizer o que é?

Os meninos observaram a forma simples por muito tempo.

— Ninguém? E agora? — O professor Hall desenhou um pequeno círculo quase na metade do lado direito do retângulo. — Alguém?

Ninguém. Quase.

— É uma porta — respondeu E, por fim.

— É — disse o professor Hall. — Claro que é uma porta. Mas não é qualquer uma. O que está atrás dessa porta específica, meninos?

J sabia a resposta, mas não queria dizer em voz alta.

— *Alguém?* — O professor havia começado a gritar.

Sem saber por quê, J imaginou que o homem também tinha visto alguém do lado de fora. Não. Não era isso. Imaginou que o homem tinha na mente algo mais profundo que a sala de aula. Mais fechado que os pinheiros.

— Não — continuou o homem. — Claro que não sabem.

Levou a mão ao quadro. O giz guinchou a cada linha de cada letra. Hall escreveu:

O CANTO

Não se ouviu nenhum arquejo de surpresa dos Meninos do Alfabeto. Na verdade, aconteceu o inverso. O silêncio, de algum modo, se intensificou. Como se toda a luz da Torre tivesse sido cortada com a última letra, o O, exatamente o nome do menino sentado, imóvel, na primeira cadeira da fileira da direita. E, naquele momento, todos os meninos imaginaram o Canto abaixo deles, tal como fizeram a vida toda.

Para O, era uma escuridão completa.

Para E, paredes de agulhas.

Para F, um som agudo, névoa e então... nada.

E para J...

J voltou a olhar pela janela, pois tinha visto um movimento pelo canto do olho. Estreitou os olhos para mirar os pinheiros.

Tinha alguém ali?

Hall bateu o giz no espaço entre ele e os meninos. Parecia bater em uma porta invisível.

— Nenhum de vocês *esteve* no Canto. — Hesitou. Olhou nos olhos de cada menino. — Desrespeitem a Parentalidade outra vez e é para lá que vão. Todos vocês. É para lá que vão.

A campainha na mesa do professor Hall soou. A aula tinha acabado. Mas ninguém se mexeu. Ninguém sequer guardou seus papéis nas pastas. Oito Meninos do Alfabeto, as golas rulês pretas coladas nas costas de suas cadeiras.

— Podem ir — disse o professor Hall, por fim. Como se estivesse enojado. — Saiam.

J foi o último a sair da sala. Enquanto fazia isso, olhou, uma única vez, de volta para o quadro-negro e para o professor Hall, que estava sentado à mesa, encarando as cadeiras vazias. Ele também tinha uma expressão que transparecia emoções conflitantes. Um tumulto interior. J pensou no discurso do P.A.I. um mês antes. Sobre mudanças. Sobre os cadernos azuis.

Ele atravessou a sala depressa, aproximou-se do professor Hall e disse:

— O F tem juízo, professor Hall. Todos nós temos.

Mas, quando o professor o encarou, J não viu em seus olhos o que imaginou que veria. Compaixão. Ou compreensão.

— Têm mesmo? — perguntou Hall.

E a derrota nos olhos do homem era igual à dor em sua voz. J reconheceu ambas como características de um homem que havia

começado a questionar.
Tudo.

A mudança de andar

O dia angustiante havia chegado. Durante as Inspeções da manhã, os meninos foram instruídos a embalar todos os seus pertences: eles iam mudar de andar. J, Q, L e D não foram os únicos a reagir à notícia. Toda a Parentalidade se abalou. L, depois de entregar os cadernos dos quatro no escritório do térreo, voltou para contar aos outros que tinha ouvido “choro nos corredores”. Seus colegas de andar atuais não duvidaram. Sentados na sala de estar de J, todos também sentiam vontade de chorar.

— Isso não é certo — disse D. — A gente passou uma década no oitavo andar. Como o P.A.I. ia se sentir se mudássemos o escritório dele para o telhado?

— Isso nunca aconteceria — respondeu L.

O apoio dele à mudança de andar incomodava os outros havia algum tempo. Até isso se tornar insuportável.

— Você não podia pelo menos *fingir* que esse é um evento importante? — pediu J.

— Mas é importante! Claro que é. Só que eu, ao contrário de vocês, acho que vai ser melhor assim.

— Cale a boca — disse D.

— Sério? Você vai me odiar por conta disso? Escute, D... Escutem, todos vocês. A vida é assim. Foi isso que aprendemos que a vida é. Crescimento, mudança, expandir horizontes. Querem ficar no oitavo andar para sempre?

Sem hesitar, os outros três responderam de uma vez só:

— QUEREMOS!

L balançou a cabeça. O cabelo encaracolado saltitou como uma peruca.

— Essa é a coisa mais boba que já ouvi. E vocês todos sabem disso.

— Ah, é? — perguntou D. — Bom, talvez seja porque você nunca fez parte deste andar de verdade, L. Talvez seja porque você sempre foi o intruso aqui.

Silêncio. Mas Q contornou a situação antes que ela piorasse.

— Ah, por favor, L. O D só está frustrado com a mudança. Todos nós estamos.

D tentou dizer algo, mas um olhar de Q o calou. L ainda não estava satisfeito.

— Não, não — disse. — Por favor, D. *Continue*.

— Pessoal — chamou J —, se vocês quiserem brigar...

— Você nunca concorda com a gente em nada — afirmou D, pondo o dedo na ferida. — Tem bancado o advogado do diabo há anos. A gente nota isso há muito tempo, e, toda vez que você faz isso, fica bem na cara! Está sempre se contradizendo só para contradizer *a gente*. É, L. Você é do contra. E quer saber? Às vezes é bom estar perto de alguém que vê o mundo do mesmo modo que a gente.

L olhou para os outros meninos. Mais uma vez, Q tentou colocar panos quentes.

— Que tal uma partida de Barcos? — perguntou.

Então foi a vez de L cutucar a ferida.

— É que eu acho muitas das suas teorias imaturas, D. Até meio conspiratórias. Minha nossa, às vezes parece que você acha que a Parentalidade quer acabar com a gente! — L riu, com frieza. — Mas no fundo você *sabe* que não podemos existir sem eles, não é? Sabe que o P.A.I. cuidou de nós e nos ensinou literalmente tudo o que sabemos, não sabe?

D tirou o cabelo preto dos olhos.

— É *exatamente* isso que me preocupa, L. O que você acabou de falar. E a única coisa pior do que receber toda a informação de apenas uma fonte é acreditar piamente nessa fonte.

L arquejou.

— O que quer dizer com isso? Que há alguma outra fonte de informação? Você parece... louco!

— É, D — confirmou Q. — O que está dizendo?

J e D se entreolharam. De novo. O elo ainda subentendido. Dois Meninos do Alfabeto que haviam começado a questionar a Parentalidade que os criara. Naquele instante, J decidiu contar a D sobre o vulto no Jardim. Sobre como ele escondera isso do P.A.I. nas Inspeções.

D se levantou. Andou até a janela e voltou.

— Vamos jogar Barcos — pediu.

— De jeito nenhum — respondeu L. — Primeiro explique o que você quis dizer.

— Não quero dizer nada — disse D. Mas queria. — E quero jogar Barcos. Tudo bem?

Silêncio. Por fim, Q foi pegar os tabuleiros no armário de J. Ele os dispôs na mesa da sala. Arrumou as cadeiras em lados opostos. Dois jogos para quatro meninos. Duas duplas de um contra um.

— Eu contra o D — disse Q, sorrindo. — J e L. — Os meninos se sentaram. — E quando terminarmos? Faremos enfim as malas.

Ele tirou os barcos de plástico das caixas. Pôs os tabuleiros nas tomadas sob a mesa. Os quatro meninos grudaram os eletrodos no pescoço e nos antebraços, peitos e punhos.

Q pegou os interruptores e ligou os jogos.

As ondas pintadas em cada tabuleiro começaram a quebrar, a subir e descer. A espuma branca parecia quase se derramar pela mesa, o que nunca acontecia. As variações de azul tanto acalmavam quanto assustavam os meninos: a profundidade aparente era sempre um pouco incômoda de ver. Quando pequenos, todos os Meninos do Alfabeto haviam olhado embaixo das mesas em que brincavam, certos de que veriam mais água, fluindo, tornando-se mais escura à medida que ficava mais profunda. Mas, claro, não havia nada. Uma ilusão de ótica, uma fonte infinita de fascinação.

Barcos.

As embarcações de plástico boiavam nas ondas. Os meninos sentiram uma ligeira corrente de eletricidade, dúbia por natureza: a corrente acalmava, a corrente preocupava. D fechou os olhos. L fechou os olhos. Q sorriu para J, e J percebeu que Q havia aquietado as sensações ruins, a discussão, antes que D dissesse algo irrevogável. No entanto, J queria ouvir. E parte dele queria que L tivesse ouvido também. As dimensões de seu quarto no oitavo andar não eram diferentes das dimensões do quarto do terceiro andar para o qual ele se mudaria dali a algumas horas. Ele voltaria a ter uma janela com vista para o Jardim — um golpe de sorte, já que a maioria dos meninos tinha sido posta em cantos diferentes de cada andar. E por quanto tempo ficariam nos quartos novos? Por quanto tempo J dividiria o andar com G, F e X? O P.A.I. não dera sinais de saber, quando os meninos perguntaram em suas Inspeções diárias. O máximo que o P.A.I. respondeu foi: *O tempo dirá*. Bom, pensou J, o tempo sempre disse e sempre dirá. Mas o que mais ele podia dizer?

— Olhem! — disse L, de olhos arregalados para seu barco no tabuleiro, observando a pequena peça balançar nas águas agitadas.

Um dos dois não estava se sentindo à vontade. Era a tarefa deles; e o objetivo do jogo, expor quem era.

Mas J sabia que ele já havia perdido aquela partida de Barcos. Q era um mestre no jogo, por ser mais “emocionalmente contido” do que os outros Meninos do Alfabeto. O P.A.I. sempre o elogiava por sua “propensão natural” ao jogo. E os outros não podiam negar. Ninguém “ganhava” de Q em Barcos. Mas isso era parte da graça de jogar contra ele. Como se Q fosse uma máquina, o próprio jogo, um ponto de referência que os outros meninos usavam para medir o próprio progresso. E era Q quem sugeria o jogo com mais frequência. Não porque fosse um jogador melhor, mas porque sabia dos méritos reais do jogo: a decisão sempre reconfortante de confrontar águas agitadas.

J olhou por um longo tempo as ondas batendo contra os limites do tabuleiro entre eles sempre parecia um boneco de pelúcia quando jogava. O cabelo encaracolado e os olhos arregalados não haviam mudado muito desde a infância. Por isso, J sentiu uma saudade repentina e profunda dos dias em que ele, L, D e Q apostavam corrida pelo corredor do oitavo andar. Quando brincavam de pique-esconde com as quatro portas de seus quartos abertas, e qualquer lugar que não a sala de Exames valia como esconderijo. J tinha lembranças fortes de L e ele rindo, chorando, comendo, estudando, discutindo, debatendo, torcendo, apoiando, escolhendo, querendo e crescendo.

— Veja! — exclamou L.

J estava vendo. Viu ondas atingirem alturas nunca antes vistas. Uma pareceu alcançar seu rosto, fazendo-o se esquivar de verdade. L riu. Claro que era apenas mais uma ilusão. Mas como Barcos parecia real!

J pensou na Parentalidade. Na Torre. Nas Inspeções.

Pensou em ilusões.

— Minha nossa — disse L. — Que dia de águas agitadas! Meu caderno vai ficar cheio de teorias sobre *isto*.

— É a mudança de andar — mentiu J. — Só isso.

L deu de ombros, os olhos ainda no tabuleiro.

— Pode ser. Pode *até* ser. Mas vou ter que escrever sobre isso...

— É a mudança de andar — repetiu J.

As águas se tornaram azul-escuras no tabuleiro. O barco de J pendia tanto para o lado que quase dava para ver todo o casco.

— Tudo bem, essa pode ser a *sua* interpretação, mas...

— **É A MUDANÇA DE ANDAR, SEU IDIOTA!**

J arrancou os eletrodos do corpo e jogou o tabuleiro para fora da

mesa. Como ainda estava conectado a L, o jogo voou de volta e bateu nas pernas do móvel.

O mundo de J pareceu se tornar branco. E depois preto. E, enquanto os detalhes de seu quarto (não mais... não mais seu quarto) voltavam a se definir, J viu que Q e D o encaravam.

— Ah, você vai *ver* — disse L, levantando-se e retirando os eletrodos.

— Qual é o seu *problema*, J? — L saiu do quarto, com passos pesados.

— Foi bom morar com você — afirmou. — Seu... Seu *bobo*.

Quando ele saiu, Q e D também retiraram os eletrodos do corpo.

— A partida de Barcos foi animada? — perguntou Q.

Ele e D tinham se concentrado no próprio jogo.

J deu de ombros, mas estava com o rosto tão vermelho quanto o de L.

— Acho que agora não precisamos mais fingir que nos damos bem com o L.

Q abriu um leve sorriso.

— Nós só estamos crescendo. Isso é uma mudança. E mudanças assustam.

— O que está mudando? — perguntou J, ainda irritado. — O que está mudando exatamente?

Q parou para pensar.

— Se a perspectiva é tudo e nossas perspectivas estão mudando, então imagino que... tudo esteja mudando. — Ele ficou calado por um instante e se levantou. — Tudo bem. Não se preocupe com o L. Vou conversar com ele. Você também devia conversar. Mas agora? — Olhou com tristeza para o quarto. — Vamos fazer as malas.

Quando Q foi embora, J se virou para D e disse:

— Vi alguém se escondendo atrás do Senhor Árvore.

— O quê?

— Eu vi alguém lá fora e quero saber quem é.

D olhou pela janela. Então fez algo que J não esperava de jeito nenhum: sorriu.

— Bom... Por que não falou antes? Vamos ver quem é. Amanhã à noite.

J o encarou, abismado.

— É sério?

— Por que não? Tem certeza de que viu alguém?

— Talvez.

D pareceu analisar a resposta seca.

— *Talvez* já está bom para mim. E quer saber?

— O quê?

— Você enfim me deu um motivo para ficar animado hoje. — Piscou para J. — Obrigado.

D saiu do quarto. E, enquanto guardava seus pertences e se preparava mentalmente para morar cinco andares mais perto do chão, J pensou em como era bom poder falar com alguém. Com alguém que havia compartilhado a vida toda com ele.

Mas era mesmo para ele se sentir tão estranho?, pensou. *Tão estranho por falar a verdade?*

E ainda mais estranho: será que devia ficar tão aliviado ao *sentir* a verdade, no quarto com o irmão? Dentro das paredes da Torre... será que a verdade devia lhe parecer tão rara?

Urgências

O combustível não acabava, rindo do ritmo com que ele trabalhava. Os próprios Meninos do Alfabeto poderiam ter duvidado de que haveria suficiente para sustentar aquele interminável dispêndio de energia. Mas os Meninos do Alfabeto ainda não conheciam a paixão.

Ah, dois livros, histórias tão diferentes, almas tão diferentes! Um, resultado da loucura de outro homem; o outro, do surto do próprio autor.

Calor branco. Parecia que um calor branco emanava das páginas.

Warren se perguntou se o ritmo havia se tornado... perigoso.

Fazia certo tempo que ele não parava para beber água. A comida era um incômodo distante. Levantar-se e ir até a pia não era possível naquele momento. O suor frio, a dor muscular, a dor de cabeça, o punho que parecia feito de madeira (Pinóquio era feito de madeira! Pinóquio também precisou aprender a parar de mentir!), a loucura de mergulhar nas próprias profundezas expostas.

Preciso escrever os dois. Preciso cumprir meu papel enquanto sou outra coisa.

E terminá-los juntos era, para Warren, a maior arapuca que podia armar contra a Parentalidade.

Terminei o livro novo, Richard. De verdade.

Warren não escrevia tanto e tão bem havia anos.

Warren não escrevia tanto e tão bem... nunca.

Quando havia sido a última vez que sentira a corrente de palavras fluindo? Quando havia sido a última vez que *não conseguiu parar*?

Ele fechava a cara enquanto escrevia; sorria enquanto escrevia — semblantes incongruentes para histórias incongruentes. Chamas cozinham seu crânio em um livro e eram apagadas pelo outro. Mas até o livro ruim contribuía para a concretização, a escrita, o feito. Períodos de tempo passavam em que ele apenas observava os dedos se moverem, a caneta no papel, escrevendo, a caneta no papel, escrevendo pela página. O movimento era bobo, o fazia rir. Rir feito uma hiena. Gargalhar feito uma bruxa. Aquelas mãos não podiam ser dele,

podiam?

Tão fluidas, tão contundentes, tão inacreditavelmente seguras.

Será que podiam ser? Dele?

Enquanto se aproximava (tiro de canhão) dos dois finais, ele se perguntou quantas palavras teria feito naquele dia. Quinze mil? Vinte? Vinte e cinco?

Não sabia. Não queria saber.

Metade daquilo significava tanto; a outra metade, tão pouco. E o movimento de sua mão pela folha era tudo que importava.

Depois de um tempo, sua mão parecia um barco de plástico, oscilando nas águas brancas da página.

E, na verdade, não era isso que Barcos era? O jogo não era, em essência, a mesma coisa que Warren estava fazendo?

A verdade?

Quando sentiu câimbras nos músculos do punho, Warren o massageou com a outra mão. E, quando a mão direita ficou paralisada, ele escreveu com a esquerda. Um livro era uma risada. O outro, um grito.

— Foda-se o dinheiro.

Ahh, como era *bom* dizer *aquilo*.

Chega de dinheiro. Chega.

Ele estava fugindo. Muito em breve. Fugindo. Estava.

Tinha escrito tantas palavras que não pareciam mais caber nas folhas. Todas flutuavam por seu escritório, acomodando-se nos cantos, na cafeteira, no sofá.

Veja! Era o próprio lavador de janelas! Mergulhando os trapos na água limpa!

E veja! Perto da geladeira! O Titã da Torre! O Partido da Parentalidade!

Mulher.

Ah, voltar a escrever sobre uma mulher. Ah, simplesmente *descrevê-la*.

Cada *ela* tinha o sabor de um bife.

Mas a escrivanhinha tocando sua barriga parecia a ponta de uma baioneta.

Escreva, Bratt. E não pare até terminar.

Ele assentia no ritmo irregular dos livros opostos.

Como cada palavra era diferente quando aparecia em uma história, depois na outra:

*O lavador de janelas deve cumprir sua função.
Sabíamos que a mentira tinha uma boa função.*

Vergonha.

A Parentalidade.

Os meninos.

Medo também. Medo da mesma Parentalidade e do zumbido no fim do corredor.

Mas Warren não diminuiu o ritmo. Warren não podia. Não diminuiria. Não.

Ele sacudia a mão direita enquanto escrevia com a esquerda. Sacudia a esquerda enquanto escrevia com a direita. Sentia que as costas estalariam se ele se levantasse rápido demais. Estava se matando à escurinha. Mas não se importava nem um pouco.

Warren nunca se sentira tão *vivo*.

Parece que você está morrendo? Ou que acabou de nascer?

Ambos ao mesmo tempo. Ambos ao mesmo tempo. *O lavador de janelas e Urgências.*

Estava a minutos de terminar, mi-mi-minutos de terminar.

Aqueles barulhos diários e horríveis do porão continuavam, chegando do outro lado da porta do escritório. O aquecedor irritado, as botas no corredor, o crescimento do que quer que estivesse dominando o Canto. Warren temia tudo, mas não hesitava. Tudo era uma lembrança, um tapa na cara, uma voz exigindo:

TERMINE TERMINE TERMINE

E vá embora.

É, embora. Teria de ser o próximo passo. *Ir embora* logo depois da entrega dos livros.

Mas para onde ele iria?

Importava o lugar, desde que ele fosse?

Por causa da legítima purificação que estava vivendo, Warren pensou nos amigos. Nos Mafiosos da Escrita. Dana, o Cara. Arlene, a Idiota. Imaginou os companheiros escritores o observando do outro lado da escurinha.

Será que ainda estavam vivos? Fazia dez anos. Será que ainda escreviam? Ainda reviravam os olhos? Ainda guardavam rancor por Warren ter lhes virado as costas daquele jeito? Será que sabiam que, apesar de escrever tanto, ele não havia *escrito* nada em dez anos?

Warren riu, e a risada se misturou à tosse mortal do Canto. Dana e Arlene, ainda munidos daquelas expressões raivosas, os braços

cruzados, *decepcionados* com Warren Bratt.

Talvez estivessem mortos?

Warren, o cadáver de Dana diria. *Por que não escreve no seu dinheiro? Agora o que não falta para você é papel em forma de notas.*

Warren riu, tanto de vergonha quanto de orgulho, o barulho da caneta no papel incansável.

Vocês dois morreram de Arte, pensou, irritado. Mas será que escreveriam, poderiam escrever um livro num lugar em que ninguém procurava? Será que contariam, poderiam contar a verdade? Para uma torre de meninos sem nada que servisse de prova?

Warren escreveu. Um livro. Depois o outro. Um livro. Depois o outro.

O que está escrevendo, Warren?, perguntaria Arlene. *Um cheque?*

— Estou escrevendo a *melhor* coisa que já escrevi, seus pretensiosos de merda. Agora me deixem em paz!

Ele esperou. Silêncio. Gordon não disse que as pessoas ouviam o lápis em seu escritório?

O que mais as pessoas tinham ouvido?

Ele estava tão perto. Tão perto. Tão tão tão tão tão...

Isso não absolve você, Warren. Dana. Sempre orgulhoso. Sempre certinho. Estar enfrentando a verdade agora não apaga que tenha virado as costas para ela na época.

— FORA DO MEU ESCRITÓRIO!

Botas no corredor. Warren não se importou. Não dessa vez. Dessa vez, Warren escreveu.

Um livro. Depois outro. Um.

Depois o outro.

Um.

O que acontece, Warren perguntou (e escreveu também, escreveu a ideia em um livro, não no outro), quando um homem sente tanta culpa que precisa realizar uma cirurgia em si mesmo, removê-la do corpo? E o que o homem faz quando a culpa é extraída? E o que ele faz com o espaço vazio?

Warren queria que Richard lesse *Urgências*. Ah, como ele queria que Richard lesse. Ah, como ele queria que o homem de jaqueta vermelha *ficasse* vermelho.

TRAGAM WARREN BRATT AQUI!

Falta uma página em cada um. Meu Deus.

Falta uma página em cada um.

Meu.

Deus.

Richard. O Canto. Entregue os livros e vá. Quem dá a mínima para o Canto agora?

Meia página para *O lavador de janelas*... Falta meia página. A eletricidade o cegava. Parecia loucura. Uma loucura verdadeira, irregular, instável. Como se as cores do carpete estivessem brotando do chão, preenchendo o ar entre ele e a porta. Como se ele estivesse cercado por uma luz amarela viva, uma luz quente, uma luz que ele podia sentir, o espírito de A e Z, o espírito de todas aquelas mães e pais que haviam aceitado ceder os filhos em nome de...

— DINHEIRO! — gritou Warren.

Então ele chorou suas lágrimas. Por que, afinal, terminar *O lavador de janelas*? Estava tão institucionalizado que ele achava que era sua obrigação? Ainda? Será que duvidava da própria capacidade de fugir depois de entregar o verdadeiro livro aos meninos, o verdadeiro livro bom?

Será que duvidava de que sequer conseguiria entregar o livro?

Escreveu FIM em *O lavador de janelas* e empurrou a pilha de folhas amarelas para fora da escrivaninha.

Elas voaram como icterícia até o chão.

Abriram mais espaço para as brancas.

Ele se recostou na cadeira, olhos arregalados, quase incapaz de entender o que havia escrito (tinha tomado cuidado com a letra durante todo o processo, já que o livro para os meninos seria apenas uma cópia... um clone do rascunho que ele estava tão tão tão perto de terminar), quase incapaz de levar a caneta ao papel, consciente de que SIM era aquilo SIM era o melhor SIM era a melhor obra de arte que Warren Bratt já havia feito.

E era...

O FIM.

Urgências.

Pronto.

O aquecedor emudeceu. Nenhum barulho soou do Canto.

Ele releu as últimas palavras.

Porque as mulheres não distraem. Elas inspiram.

Pegou a folha de rosto embaixo da pilha.

Urgências
(um romance sobre a realidade e o que é real)
Por Warren Bratt

— Dana, Arlene. Deleitem seus olhos.

Os olhos dele, no entanto, ficaram cheios de lágrimas. Não se sentiu corrigindo um erro ao cruzar a linha de chegada. Não aplacou a culpa.

Imaginou os Mafiosos da Escrita pegando o manuscrito, folheando as páginas.

Ficou bom, diria Dana.

Ficou muito bom, diria Arlene.

Warren olhou para a frente e não viu ninguém no escritório. Viu como o escritório estava vazio.

Ele desabou para a frente. Sentiu um vazio em si se expandir.

O que quer que tivesse vivenciado ao terminar *Urgências*, era muito mais pesado, muito mais frio do que a sensação que os Mafiosos da Escrita chamavam de Depressão Pós-Escrita.

Warren sentiu que não tinha nada. Nada no mundo além daquele objeto de ouro. E nem isso era suficiente.

A Culpa. Por ter concordado em estar em uma posição que o havia levado a escrever aquele livro.

Mas, perdoado ou não, ele tinha duas coisas a fazer.

Entregar o livro.

E IR EMBORA.

Será que tinha forças para ambas?

Pondo ambas as mãos na escrivaninha, ele se afastou da mesa e caiu de joelhos ao lado da cadeira. Não havia planejado desabar.

Sentiu a madeira na barriga, apesar de não estar mais encostado à mesa. E os punhos latejavam como se ainda segurasse a caneta. Warren chorou, ainda contorcido na postura do escritor.

Não queria abandonar aquela postura.

Então, recuperando-se, Warren se levantou. Foi até a cozinha e tirou a pasta do balcão. Levou-a até a escrivaninha e guardou os dois manuscritos ali dentro, com cuidado.

O trabalho estava pronto. E não havia mais por que esperar.

Enxugou o rosto e o pescoço com uma toalha. Trocou de roupa. Não olhou para o escritório antes de sair. Seria sua última vez naquele cômodo, respirando o ar pesado.

No entanto, absolvido ou não, seria para sempre a sala onde ele havia mudado.

Warren desligou a luminária da mesa, pegou a pasta pela alça e saiu para o corredor. Não havia guardas. Não havia Inspetores. Não havia P.A.I. Não ainda.

Os tênis de Warren não fizeram barulho algum. Ele agradeceu por isso. Se alguém tivesse aparecido no corredor à frente, Warren o teria matado na hora.

Não se permitiu imaginar exatamente quem poderia encontrar. Não importava mais. Apesar do vazio que sentia, o apogeu da expressão estava vivo nele. Warren não se arrastou, aquele seu andar característico e relaxado que por tanto tempo incomodou os colegas e uma vez o fizera imaginar que ele tinha algum poder naquele lugar.

Nesse momento, Warren andou com as costas retas. A cabeça erguida. E a caminhada foi rápida, talvez rápida demais, já que a porta do escritório do editor apareceu de repente a seu lado. Ele entrou, tirou *O lavador de janelas* da pasta e o colocou na mesa livre com um bilhete.

Aqui está, Jim. Acabe com ele.

— W.B.

Quando deixou a sala, Warren percebeu como aquela atitude era desnecessária. Não havia dúvida de qual seria seu próximo passo. Ele não precisava da segurança de ter escrito um livro para a Parentalidade, de uma prova caso Richard viesse procurar. Na verdade, *O lavador de janelas* era a única coisa que ainda podia impedi-lo de fazer o que devia. O que teria de fazer.

Sem aquele livro, o que ele tinha para mostrar pelas recentes maratonas de escrita? Como responderia às perguntas sobre o barulho do lápis ouvido no corredor?

Warren olhou de volta para o escritório que havia acabado de deixar. Então entrou de novo, pegou o livro e o bilhete da mesa e os levou embora.

Não queria mais ser capaz de responder àquelas perguntas.

Seguindo pelo corredor, para uma área que não era a dele, até a prensa, Warren parou ao lado do incinerador. Sem hesitar, abriu a porta, sentiu o leve calor e jogou o livro e o bilhete dentro.

Pela primeira vez desde que começara a sentir a Culpa, notou uma

chispa de absolvição.

Mas não bastava. Não, não. E no momento estava se equilibrando em uma corda bamba muito alta, sem rede de segurança.

Continuou andando até a prensa, o minúsculo domínio de Mark e Clarence no mundo.

Ele tremia ao chegar à porta.

Por que veio até aqui, Warren?

Trouxe outro livro.

Por que veio aqui da última vez?

Estava dando uma volta.

Por que trouxe outro livro?

Porque escrevi dois desta vez.

Por que escreveu dois desta vez?

Porque um é uma mentira. Mas, neste caso, o segundo não é.

Mas não havia ninguém ali dentro.

A Parentalidade dormia. Mas será que todos?

Pode levar sete horas ou mais. Foi o que Mark e Clarence disseram. Contaram. Ensinararam.

Warren entrou.

Abriu a pasta e retirou o manuscrito, alinhando as folhas na mesa.

Ele faria vinte e quatro cópias do romance manuscrito. Uma para cada menino. Não queria nenhuma para si. *Urgências*, para ele, era mais um quadro que um livro.

Que outra pessoa pendure em casa.

Com as folhas no lugar, ele pôs o mecanismo para funcionar e observou as primeiras palavras da coisa mais significativa que já havia feito começarem a ser duplicadas, como os falsos vírus que os meninos tanto temiam.

Levou quatro horas e meia. Das quais nenhum minuto foi bom.

Não era medo de morrer. Era medo de morrer antes de entregar os livros aos meninos.

Os meninos iam (*PRECISAVAM*) acordar e ver os misteriosos livros, como um bilhete anunciando um discurso, em seus quartos.

Alguns começariam a folhear as páginas. Alguns começariam a ler.

Sobre o mundo real.

Sobre a vida real.

Sobre mulheres.

Você podia tê-lo matado, Warren, pensou. Podia ter simplesmente arrancado as tripas de Richard.

Warren abriu um sorriso triste. Era exatamente isso que estava fazendo.

A sala cheirava a motores sobrecarregados. A sala cheirava a fatos.

Ao terminar, pôs os exemplares em uma caixa. Saiu da sala da prensa carregando a caixa. No Canto, não acelerou nem diminuiu o passo. Apenas andou. E andou. Uma esquina. Depois outra. Por fim, seus olhos encaravam com firmeza a porta marcada com a palavra ESCADA. A escada levava, claro, para cima. Para o térreo. Para os muitos andares acima dele também.

Ele subiu os degraus. Enquanto a Parentalidade dormia, Warren começou o processo de acordá-la. E, enquanto a porta marcada se fechava, sua mente aflita imaginou, por um instante, que aquela era a porta do Canto.

Mas, quando Richard pedisse sua cabeça, Warren Bratt estaria tão longe da Torre que talvez nem soubesse encontrar o caminho de volta.

E os meninos? Onde eles estarão, Warren? Isso não vai ser uma sentença de morte para eles? Conhecimento? Não vai estragá-los... Apodrecê-los?

As perguntas soaram abafadas. Ele não se permitiria ouvi-las.

— A verdade — disse, subindo os degraus. — Eles merecem saber a verdade.

Imaginou cada Menino do Alfabeto em uma gaiola; vinte e quatro meninos atrás de grades pintadas de modo a se camuflar ao resto do mundo.

Chegou à porta do térreo.

Abriu-a com o pé.

E entrou.

Levando chaves para as fechaduras, entregando a realidade em uma caixa.

“Um monstro no meu quarto”

J e D não vasculharam os pinheiros atrás do vulto na noite seguinte. Tinham planejado. Queriam. Estavam animados. Mas, quando acordaram, encontraram um livro estranho no quarto, uma coisa tão misteriosa que apagou qualquer compromisso do calendário.

No livro, havia um bilhete do P.A.I. ordenando que *não* o discutissem com ninguém, nem com ele mesmo, até terem terminado.

Impressionante, realmente.

— Inspeção!

J acordou com o chamado após apenas duas horas e meia de sono. Tinha passado a noite toda acordado, olhando pela janela do terceiro andar, incapaz de se acostumar com a nova vista. Afinal, o terceiro andar ficava cinco andares mais perto do chão, e o que quer que J tivesse visto na noite anterior também estava mais próximo.

Ouviu G, F e X no corredor. Os novos companheiros de andar sem dúvida já estavam na fila, conversando sobre estudos, a mudança de andar, o café da manhã, sabe-se lá o que mais. J quis ouvir as vozes de D, Q e L. Sim, inclusive a de L, que, como D bem observara, sempre havia sido um incômodo para os outros. Era impressionante para J como a sensação de perda era palpável. Como se os outros meninos tivessem sido conectados a ele fisicamente, como se o P.A.I. tivesse removido mais do que a proximidade entre eles com essa mudança.

J se sentou.

— Estou atrasado — disse, esfregando os olhos até que as caixas com todos os seus livros e roupas, materiais e ferramentas entrassem em foco.

O quarto estava uma zona. E, apesar de saber que os novos companheiros de andar desfizeram as malas antes de dormir (ele os ouvira e vira as portas abertas), J não conseguiu fazer o mesmo. Simplesmente não queria. Era mais do que resistência à mudança: J relutava em encarar aquilo como uma mudança permanente. Não havia nada no novo quarto indicando que aquele espaço era dele. Podia ser parecido, mas tinha um cheiro diferente. Dava uma sensação diferente

também.

E tinha aquela vista nova.

No topo de uma pilha de caixas bem no pé da cama, J viu um bloco de folhas brancas, amarradas, como um diário improvisado ou um livro didático malfeito. Até onde lembrava, aquilo não estava ali na noite anterior, mas era do feitio da Parentalidade deixar bilhetes nos quartos durante a noite, e J supôs que fosse um caso parecido.

Só que era um bilhete bem grande.

Ele saiu da cama.

— INSPEÇÃO!

J tinha muito pouco tempo. Muito pouco. G, F e X deviam ir primeiro, dando-lhe minutos preciosos para escovar os dentes, pentear o cabelo e tirar aquela sensação incômoda e estranha das costas. Cruzou o novo quarto e leu a capa do montinho de folhas brancas.

Urgências

E, abaixo do título, o bilhete do P.A.I.

— Urgências mesmo — disse, correndo para o banheiro.

Pegou a escova de dentes, pôs pasta nas cerdas e se sentou para fazer xixi e escovar os dentes ao mesmo tempo. Enquanto isso, olhou pela porta aberta os papéis amarrados numa costura frouxa sobre a pilha de caixas.

Uma batida à porta do quarto o fez pular da privada, dar descarga e cuspir a pasta de dente na pia.

— Já vou! Desculpe!

J jogou um pouco de água no rosto, correu para o quarto e percebeu que ainda usava as roupas do dia anterior. Não tinha posto o pijama para dormir.

Tirou as roupas depressa e vestiu o pijama. Fingiu estar com sono.

Assim que terminou, a porta se abriu. X olhou dentro do quarto.

— Você está atrasado.

— Eu sei.

J sentiu uma pontada de ressentimento. O novo companheiro de andar dizendo a ele o que fazer. Aquela função era de Q.

— Bom — continuou X, os olhos azuis e o cabelo louro muito diferentes dos de Q. — Então venha.

J assentiu e andou até a porta, passando pelos papéis outra vez.

Urgências

Dizia que era um *romance*?

Ainda caminhando, ele olhou para trás. Da porta, não dava para ler a capa. Não importava. Ele leria quando voltasse da Inspeção. Além disso, tinha certeza de que o P.A.I. mencionaria o que quer que fosse na sala de Exames.

No corredor, X e G esperavam perto da porta de metal da sala da Inspeção.

— Desculpem — pediu J. — Não dormi muito bem.

— Eu também não — afirmou G. — Achei que tinha um monstro no meu quarto.

— Um o quê? — perguntou X.

— Ouvi alguém no meu quarto ontem à noite. Andando. E acho até que vi a pessoa.

— Como ele era? — quis saber J.

X e G olharam para ele como se J tivesse soltado alguma coisa. Será que tinha?

— Baixinho. Gordinho. Não sei.

— Você não sabe — repetiu X, como se quisesse acabar com a conversa antes que o assunto tomasse impulso.

— Quem ficava no seu quarto antes de você? — perguntou J.

— O I — respondeu G.

— Devia ser ele, então — disse J, pensando no vulto dos pinheiros. Pensando que ainda não tinha contado aquilo ao P.A.I.

— Não se preocupe — pediu X.

— Não estou *preocupado* — afirmou G. — Mas também não gostei disso. Como se não bastasse ter que mudar de quarto, agora não consigo dormir em paz nesse novo.

— Deve ter sido a entrega daquele livro novo — disse X.

J olhou para a porta de seu quarto, depois para os meninos.

— O livro novo. Luxley.

— Não é do Luxley — corrigiu X.

— É de Warren Bratt — lembrou G.

Ambos olharam para a porta da sala de Exames. J sentiu que eles escondiam algo. O nome *Warren Bratt* soava tão exótico quanto as doenças mentais discutidas na aula de psicologia.

— O que foi? — perguntou.

— O bilhete — respondeu G. Ele quase sussurrava.

— Eu vi — disse J.

— É, bom, então não vamos falar sobre isso.

Eles não falaram. Não falaram sobre nada por um minuto ou mais.

J pensou no nome que disseram.

Quem diabos era Warren Bratt?

— Novos andares, novos colegas... — disse G. — Como esperam que a gente durma aqui?

X riu.

— Porque sabem que você vai ficar bem. E, caso você não consiga mesmo lidar com isso, embora seja óbvio que *vai conseguir*, é só escrever no caderno.

J sentiu um peso no estômago. Aquela mesma conversa. Só que com novos companheiros de andar. Ele não queria anotar nada no caderno azul. Nenhuma palavra.

Pensou no livro mal costurado em seu quarto. Ele também parecia um caderno.

Warren Bratt.

J sabia que o caderno não havia sido entregue durante a noite. Tinha ficado acordado a noite toda, olhando pela janela, revirando-se na cama, sentindo-se absurdamente confuso e deslocado.

A Parentalidade devia tê-lo entregado bem cedo de manhã, talvez minutos antes da chamada para a Inspeção.

— Mas vocês não podem escrever sobre o livro novo no caderno — lembrou X. — Só depois que lerem tudo.

— Já chega de falar disso — pediu G. — Não quero mais uma palavra.

A porta da sala de Exames se abriu e F saiu, dentes grandes e cabelo bagunçado. Ele bocejou e piscou para J.

— Você sempre se atrasa?

— Não — respondeu J. — Só nas manhãs em que nossa vida vira de cabeça para baixo.

O Encontro da Efígie

J não teve tempo de ler o novo livro após a Inspeção e o café da manhã. No refeitório, a Parentalidade anunciou a chegada de uma enorme tempestade. Os Meninos do Alfabeto sabiam o que isso significava.

O Encontro da Efígie seria naquele dia.

Enquanto J vestia as luvas e o gorro, uma nevasca começou. Era um modo intenso de passar o primeiro dia nos novos quartos e, assim como os pinheiros, a neve também parecia maior do terceiro andar.

Do outro lado do corredor, X, G e F conversavam sobre o que iam produzir. O Encontro da Efígie era o concurso anual que determinava qual dos Meninos do Alfabeto conseguia criar a escultura de gelo mais original. O P.A.I. dava o prêmio principal para o garoto cuja obra demonstrasse o menor grau de trivialidade. E apesar de, todo ano, os vinte e três segundos lugares ficarem momentaneamente desapontados, todos respeitavam o vencedor.

Outra olhada para a nevasca e J optou por usar suas longas roupas de baixo sob a calça preta, que por sua vez estava por baixo da calça impermeável. Era importante ter mobilidade no Jardim, porém não mais que resistência, e nenhum menino que pensasse em voltar para a Torre ia alcançar a linha de chegada (o julgamento) até o pôr do sol.

J não havia pensado no que ia fazer. Nem por um segundo. Sua mente estava nos pinheiros, nos cadernos e nas mentiras. Isso, sabia, o deixava em desvantagem: caso quisesse vencer o Encontro da Efígie, tinha de estar pronto. Q, por exemplo, organizava suas ideias em uma série de rascunhos presos nas paredes de sua sala de estar. L desenhava plantas. Nos anos anteriores, até D havia debatido sobre o que gostaria de criar e por quê.

Para J, não tinha só a ver com a mudança de andar. Não era só porque escondia algo da Parentalidade.

Ele havia começado a questionar tudo.

E o montinho irregular de folhas que deixara no quarto, o livro novo de um novo escritor, parecia um bom lugar para procurar respostas, uma reação ao alarme emocional que começara a soar.

Ele havia relido o bilhete anexo ao livro antes de seguir para o Jardim:

Meninos,

Considerem este livro um novo desafio. Sejam discretos. Experimentem estas palavras sozinhos. Que menino vai conseguir passar mais tempo sem debater o conteúdo com os outros? Qual de vocês vai resistir a falar comigo sobre ele? Tentem. Aliás, eu os proíbo de falar qualquer coisa dele, com qualquer pessoa, inclusive comigo, até chegarem ao fim. Acho que vocês vão descobrir que é um jeito revigorante e surpreendente de ler uma obra. Talvez seja como todos os livros devessem ser lidos.

P.A.I.

O mistério era insuportável.

— J!

No Jardim, sob a neve que caía, J se virou e viu os óculos inconfundíveis de Q adornando um rosto completamente encoberto.

— O Encontro da Efígie — disse Q. — E a nevasca perfeita para isso.

— Que tal seu novo quarto? — perguntou J.

— É igual ao antigo. Mas sem você para conversar. Ou seja... é um saco. Sabe o que vai criar?

J tentou bancar o menino engajado no evento. Bateu o pé no gelo que se formava sob a neve que caía. Olhou para as estalactites de gelo penduradas nos galhos dos pinheiros. Mas, no fim, não conseguiu mentir. Não para Q. Nunca havia conseguido.

— Não tenho a *menor* ideia do que vou fazer.

Q riu.

— Bom, como você sabe, alguns dos melhores projetos foram criados no calor do momento. Relaxe. Mas, ao mesmo tempo... é melhor pensar rápido.

— O que você vai fazer?

— Euzinho aqui? Estou pensando numa... escada.

— Uma escada? Nossa, isso parece legal.

— Verdade. Uma escada de gelo. Quanto peso será que aguenta? E o mais interessante: a que altura chega?

— Você provavelmente vai ganhar.

— Ah, nunca se sabe. *Você* pode vencer. Com ou sem ideia. Na

verdade, tenho um pouco de inveja. Começar do zero sempre foi o meu jeito preferido de começar qualquer coisa. — Olhou para os flocos que caíam. — E aqui vou eu. Boa sorte, J. Mal posso esperar para ver o que você vai inventar.

Q quase desapareceu sob a cortina de vento e neve, juntando-se a outras formas indistintas no Jardim.

Parecem fantasmas, pensou J. Tão indeterminados quanto a forma que tinha visto esperando perto do Senhor Árvore à noite.

À frente, uma figura mais alta surgiu da parede de bruma e neve. J, agasalhado, sem ideias, observou enquanto a figura se aproximava.

O P.A.I.

Sem chapéu nem cachecol, seu rosto estava rosado sobre a jaqueta e as luvas vermelhas.

— J. Está parado feito uma estátua. Não conseguiu pensar em nada?

J olhou nos olhos do homem que, por muito tempo, havia sido o farol que o orientava. O timão e a vela.

— Pensar?

— No Encontro da Efígie!

O P.A.I. estendeu a mão para os outros meninos, a ponta dos dedos enluvados coberta de gelo. Então levou um daqueles dedos vermelhos aos lábios.

— Calma — pediu. — Não me conte nada. Me *surpreenda*.

J pensou na familiaridade — entre o que o P.A.I. havia acabado de dizer e o que ele escrevera na primeira página do novo livro estranho em seu quarto.

— Pode deixar.

— Boa, garoto. Solte sua imaginação, sem deixar de lado tudo o que aprendeu aqui.

Tudo o que aprendeu aqui.

E havia algum outro lugar para aprender?

— Obrigado, P.A.I. — disse J, já caminhando para a imensidão branca da nevasca. — Vou fazer isso.

* * *

Richard observou J se afastar.

Observou todos os meninos.

Seus meninos.

O Encontro da Efégie indicava o nível dos Meninos do Alfabeto tanto quanto quaisquer provas ou esportes que fizessem. Richard se orgulhava muito da ideia: esperar a primeira nevasca brutal da estação e ver o que os meninos podiam fazer com o gelo.

Moldar a natureza.

Uma bela frase.

De certa forma, o Encontro da Efégie se parecia com as feiras de ciências da infância de Richard. Mas aqueles eram meros concursos que sempre aconteciam em ginásios, salões de conferência de hotéis e bibliotecas. Ali na Torre, no inverno, o Jardim ficava majestoso. A mente dos meninos criava algumas das realizações mais impressionantes daquelas jovens vidas, tendo como ferramentas apenas neve e gelo. Nos invernos anteriores, Richard havia caminhado por túneis de gelo perfeitamente erigidos; andado em trenós com rodas e até jantado a uma mesa congelada. O astral do evento era palpável, e muitas vezes os meninos se ajudavam. Trabalhavam em duplas, criando polias de gelo para erguer tijolos de neve, carrinhos de mão brancos para carregar blocos de gelo. C uma vez tentou recriar a própria Torre, um projeto que se provou ambicioso demais, mas que deixou o P.A.I. muito admirado. O Encontro da Efégie era mesmo um dia agitado para a Parentalidade, já que Richard documentava toda e qualquer conversa, teoria, idealização e resultado. A primeira nevasca brutal de cada inverno havia se tornado a maneira de Richard marcar a cada ano o progresso praticável e impraticável de seus meninos. A que altura as ideias deles chegariam? A que amplitude? E que técnicas usariam para concretizar aqueles sonhos?

Richard havia pensado grande. Em altura e amplitude.

A própria Parentalidade era sua perpétua contribuição ao Encontro da Efégie. Uma coisa que havia construído com emoções frígidas, quase congelantes. Um ideal sem limites, uma lei da natureza... desde o início. Será que os Meninos do Alfabeto tinham aquela ambição tão elevada dentro de si? E será que tinham coragem de usá-la? Algumas das realizações de gelo eram simples, ano após ano. Algumas, muito sérias. Outras, bobas, e outras ainda, espetaculares.

Mas será que alguma... reinventava as leis naturais tal como ele havia feito?

Richard sacudiu a neve da barba e do cabelo. Sabia que precisava ser paciente; eles só tinham doze anos. Como era o Richard de doze anos?

— Distráído — confessou, antes de cuspir na neve.

A lembrança, que quase não mencionava, era séria demais para aquele dia. Richard a deixou desaparecer em meio à nevoa, onde podia congelar e se quebrar em pedaços insignificantes.

Seus meninos não tinham ideia de quão poderosos podiam ser. Concentrados. O Encontro da Efígie tinha o objetivo de revelar a psicologia profunda deles... não a de Richard.

O *Encontro da Efígie*, dissera Burt, *representava a compreensão comunal da vida (a criação, pelas mãos deles) e da morte (mesmo as esculturas mais espetaculares um dia se tornariam poças de água)*. Richard, dissera Burt, *adorava isso, pois forçava os meninos a pensar na própria mortalidade*. A genialidade deles, acreditava Richard, inspiraria os meninos a encontrar uma maneira de prolongar a vida. Imortalidade pela eliminação de distrações. Pois, se um menino só precisasse dedicar a vida a si mesmo, será que não passaria seu tempo combatendo a morte?

Na Parentalidade, a neve era boa para fazer pensar.

Os meninos nunca demonstravam tanta curiosidade sobre o *significado da existência* quanto no inverno. Burt achava aquilo absurdamente fascinante. Os Meninos do Alfabeto expressavam tanta autoanálise quanto os habitantes de uma grande cidade, influenciados por milhares de exemplos, miríades de *estilos de vida*, vários tipos e humores. Aquilo não fazia sentido para Burt: devia ser impossível pensar que o mundo homogeneizado dos meninos podia gerar os mesmos resultados que os obtidos com uma criança de Detroit, Chicago ou Los Angeles. No entanto, ano após ano, as Inspeções de inverno mostravam os meninos contemplando metafísicas tão complexas quanto as que o próprio Richard havia investigado ao longo da vida. Até mais complexas, em alguns casos. Os questionários emocionais apresentavam respostas estranhas e novas perguntas, que iam desde o significado da vergonha até determinar quantas vezes o coração de um homem bateria em toda a sua vida.

A morte se tornava um tópico impressionante entre meninos que não sabiam como haviam nascido.

Tendo sempre aquilo em mente, Richard os observou. Seus meninos trabalhando, esculpindo, criando. Mas não conseguiu parar aquele fluxo de pensamento.

Sabia que, nos últimos tempos, os meninos estavam sussurrando, tentando entender o objetivo da Parentalidade. Atribuía isso às mudanças em suas filosofias e esperava algum tumulto e até rebeldia

pelo caminho. A recusa total às câmeras (que partira dele, mas se tornara lendária entre a equipe), apesar de contraditória em relação ao objetivo final, provava-se cada vez mais certa com o passar dos anos. Os meninos não precisavam ser *vigiados*. Precisavam ser treinados para confessar suas transgressões, suas preocupações, seus temores. Haveria mesmo a chance de um menino estragar sob o olhar da Parentalidade?

Os meninos não precisavam ser vigiados, e sim *protegidos*.

Ali, observando o Encontro da Efígie daquele ano, vendo os meninos fendendo e talhando, as lascas de gelo se amontoando como crenças em suas botas, Richard se sentiu tão confiante quanto a nevasca.

Com as mãos sempre para trás, o cabelo embranquecido pelo inverno, ele caminhou pelo Jardim feito um general, um tenente espectral, as botas pretas esmagando a neve acumulada, deixando rastros de sua passagem por ali, para observar o trabalho de seus meninos. Seus meninos! Ah, o toque *fresco* do ar em sua pele! O som do picador de gelo dançando em seus ouvidos! O *clic clic clic* de tantas portas se abrindo! De tantas mentes destravadas!

Uma cortina de granizo o fez proteger o rosto. Quando Richard reabriu os olhos, viu Y desabalado pela nevasca em uma carruagem de gelo. W e F o puxavam, feito cães de trenó provisórios. Colaboração. Trabalho em equipe.

Seus meninos.

Richard gritou para eles, incentivando-os a correr, correr, correr inverno adentro.

E nunca afora.

G trabalhava pesado em uma estrada, longa o bastante para circundar a torre, plana o bastante para servir à carruagem de Y.

S se sentava no que em breve seria uma cadeira de balanço.

P polia um espelho de gelo.

— Excelente trabalho! — gritou Richard. — *Excelente trabalho!*

X parecia trabalhar em um palco. Para quê? Richard teria de esperar para ver.

I tinha construído uma sala. Quatro paredes e duas portas. Para quê? Ele veria.

Q havia iniciado uma escada.

Para quê?

— Pode me ajudar a ver o peso da escada? — perguntou Q. — Seria bom testar.

Richard olhou os sete degraus, o topo apoiado contra os tijolos da

Torre.

— Adoraria — respondeu.

Subiu a escada de Q, encontrando uma base sólida perfeita no primeiro degrau. A confiança implícita, a fé na precisão e na praticidade de Q o emocionaram, e logo Richard estava acima do Jardim, olhando seus pupilos, seus filhos, seus meninos. Estava um andar acima deles, e o vento soprava ainda mais forte.

A música de cordas fluía dos alto-falantes da Torre acima dele. Seus meninos em perpétuo movimento, abaixo.

— E vai ser ainda mais alta! — gritou Q, colocando as mãos em concha em volta da boca para que sua voz vencesse a distância e a neve.

— Não duvido! — berrou o P.A.I. de volta. — Acredito que você chegue até o telhado!

Depois de descer, Richard continuou a caminhada zen pelo espetáculo de neve, aplaudindo todos os meninos que encontrava.

— Está maravilhoso, P! Que maravilha!

L havia construído um pêndulo frio de gelo. O P.A.I. conhecia bem a técnica necessária para executar aquela tarefa, mas, no meio de uma verdadeira tempestade, o menino conseguira fazer aquilo sozinho.

Richard continuou, os ombros retos, as mãos unidas junto às costas. O cabelo branco como um osso. Uma valsa por seu próprio desfile de inverno.

B lhe mostrou um manequim cujos órgãos congelados podiam ser removidos e o torso ficava equilibrado em dobradiças de gelo.

N cimentara um deque para os aposentos de Richard.

Ainda a alguns passos de D, Richard parou. D, claro, havia demonstrado sinais irregulares em suas Inspeções mais recentes. Indícios, afirmara Burt, de um menino prestes a se rebelar. E, ali, o menino havia esculpido uma porta de gelo deitada no chão. Com maçaneta e tudo. Como se pudesse abri-la e entrar na terra.

Ou embaixo da Torre.

Um projeto simples?

Uma tarefa a cumprir?

Uma saída?

— Me diga, D. Aonde essa porta leva?

D não hesitou ao responder:

— Ao Canto. Como eu sempre imaginei que seria.

Pela primeira vez naquele dia, Richard ficou surpreso.

— E por que você decidiu fazer *isso*?

D pesou as palavras.

— Não sei. Talvez eu ache que, se construir a porta aqui, do lado de fora, eu nunca precise vê-la... lá dentro.

O P.A.I. pôs a mão no ombro de D.

— Vamos chamá-la de porta para o futuro. E vamos torcer para que você a veja... lá dentro, aqui fora, sempre.

Ele olhou nos olhos de D enquanto flocos de neve passavam entre os dois.

— Gostei — respondeu D. Eram lágrimas em seus olhos? Por quê? Que sentimentos o menino guardava para si? — Uma porta para o futuro.

* * *

Um sorriso frio, e o P.A.I. continuou seu caminho. D observou o P.A.I. se afastar. Mas, quando tornou a olhar para a porta, quando tentou, sinceramente, vê-la do jeito que o P.A.I. a havia descrito, não conseguiu. Pois não importava o ângulo, não importava o quanto tentasse consertar as rachaduras e farpas que havia acrescentado, a porta se recusava a ter qualquer coisa a ver com o futuro.

— A não ser que o futuro seja... — começou D.

Mas não disse o *Canto*.

Enfim, uma oportunidade

J ainda não tinha recuperado toda a sensibilidade dos dedos. Por isso, o livro pareceu meio estranho em suas mãos.

Estava de volta em seu quarto. Seu corpo se reaquecia. O livro jazia aberto diante de seus olhos. O calor do quarto, o sofá preto confortável sob seu corpo, a neve caindo do lado de fora.

Primeira página.

Urgências

Escrito por um homem chamado Warren Bratt (que nome...).

Era muito melhor que desfazer as malas.

O topo da escada de Q estava apoiado contra o vidro da janela de sua sala de estar. J sentiu que era um jeito de seu bom amigo, seu irmão, manter contato, mesmo com os andares entre eles.

J leu.

Desde a primeira linha, o texto pareceu diferente de qualquer livro de Luxley que J já havia lido. Era, em uma palavra, contundente. J não sabia se gostava disso. Lawrence Luxley pintava belas imagens do Pomar e do Jardim, da Torre e de seus muitos andares. Mas aquele homem, Bratt, falava de um lugar chamado... *Milwaukee*?

Parecia bobo. Bobo demais. Um lugar totalmente imaginário, a que o autor se referia como “cidade”. Havia muitas torres em Milwaukee. Torres demais para contar.

J fechou o livro.

O vento do lado de fora afastou a escada e fez com que batesse de volta no vidro. J se virou rápido ao ouvir o baque, quase esperando ver Q à janela.

O vento. A nevasca. A tempestade não tinha passado.

J se levantou do sofá, foi até o vidro e olhou para as diversas esculturas no chão. As luzes da Torre iluminavam a cena, e o menino pôde ver, daquele ângulo, detalhes que no Jardim passaram

despercebidos.

Olhou de volta para o sofá. Para o livro.

— Milwaukee.

Balançou a cabeça. O que quer que o livro fosse, não era muito bom. Ele fazia com que J se sentisse... estranho. Quase como se uma ou duas páginas o tivessem assustado.

Uma nova rajada de vento afastou a escada e fez com que batesse na janela outra vez. Uma batida. Soou como dedos.

J olhou para os pinheiros. Não viu ninguém ali.

— Cidade — disse ele.

Mais uma vez, a ideia de tantas torres (*e quantos meninos, então, hein? Quantos meninos em tantas torres, sr. Bratt!*) o deixou zozinho. Ele olhou para o livro. Foi a seu encontro.

Sentando-se, abriu no ponto em que havia parado.

Milwaukee. Cidade. Bar. Carros. Charutos. Álcool. J conhecia algumas palavras do livro. Mas nunca tinha visto tais palavras sendo usadas assim. Uma palavra específica se destacou, causando arrepios:

Beco.

Mais especificamente, J leu sobre homens discutindo em um *beco*. Pelo que pôde entender, estavam parados entre duas torres, cercados por latas de lixo. Warren Bratt escreveu muito sobre o cheiro do lixo. O cheiro do exaustor. O cheiro da *cidade*.

Não parecia um lugar agradável. J olhou para a porta do quarto. Será que ele e os companheiros de andar deviam se juntar e conversar sobre aquilo? Tipo... *agora mesmo?*

Mas não. O bilhete do P.A.I. dizia com todas as letras que eles *não* deviam falar sobre o livro até terminarem. J estava descobrindo como aquilo ia ser difícil.

Fechou o livro e se levantou. Apesar do frio cruel do lado de fora, o quarto estava quente. Quente demais. J cruzou o curto corredor até o banheiro e lavou as mãos. O rosto. Queria sentir a água fria. Precisava de uma mudança, qualquer mudança. Aquele livro...

Olhou para o sofá ao fim do corredor.

— Esse livro *não é* legal.

Pensou no P.A.I. e nos cadernos azuis. Pensou em muitas coisas. Nas novas sensações que estava tendo. Nas novas ideias e nos temores. Será

que aquele livro era um tipo de experimento? Com certeza o P.A.I. acabaria fazendo perguntas sobre isso a J e seus irmãos nas Inspeções seguintes. Que perguntas ele teria a fazer?

— Você precisa terminar primeiro — lembrou.

Mas será que J *conseguiria* terminar um livro como aquele? Será que aguentaria ler tudo? Apoiado na pia, como se tentasse se afastar o máximo possível do livro e continuar de olho nele, J achou que não.

Quando o vento voltou a afastar e bater a escada de Q contra a janela, J soltou um grito real de terror.

Milwaukee. Beco. Lixo.

J voltou correndo para o sofá. Pensou em Q. Q leria o livro. Inteiro. E teria centenas de coisas brilhantes para dizer.

— Não tenha tanto medo! É só um livro!

Tentou rir. Tentou.

O que D achou daquele texto? E L? J tinha certeza: L não ia falar nada até terminar, porque essas foram as ordens da Parentalidade. Mas D? Talvez D falasse. Talvez D dissesse algo de propósito, só para quebrar a regra.

D ainda por cima havia esculpido no gelo a porta do Canto — sem dúvida foi assunto de fofoca entre os Meninos do Alfabeto.

J foi até a janela e olhou as esculturas lá embaixo. A carruagem de Y. A casa de um cômodo só de I. A porta de D.

Ficou preocupado com D. O Canto. Por quê? Por que D havia decidido fazer *aquilo*?

Ele olhou para o Senhor Árvore. Para a escada de Q.

De volta ao sofá, pegou o livro e começou a ler do ponto em que havia parado. Teve vontade de pular certas partes, mesmo que apenas para se poupar das sensações estranhas que o livro lhe causava. Em tão pouco tempo. No entanto, precisava admitir: seja lá o que Bratt estivesse fazendo, era eficaz. Ali estava ele, com medo de abrir um livro! Nunca antes J havia sentido aquele tipo de força em um punhado de folhas de papel. Ah, Luxley sabia causar arrepios. Sem dúvida. E os livros didáticos podiam intimidar... Mas aquilo. *Aquilo* era diferente. Era como se alguém estivesse no quarto com ele. Como se o sr. Bratt estivesse agachado atrás do sofá, ouvindo J ler, esperando para saltar, agarrá-lo e dizer: *FUNCIONOU? ASSUSTEI VOCÊ?*

Assustou, pensou J. *Em bem pouco tempo.*

Continuou a leitura. Leu sobre um homem que havia bebido tanto uísque que estava de quatro no *beco*, vomitando sangue. Leu sobre outro que, de sua *quitinete*, observava os transeuntes na rua. O homem pensava coisas ruins sobre eles. Muito ruins. Leu sobre outro homem que pensava coisas ruins de si mesmo. Muito ruins.

Mas o homem que mais interessava a J se chamava Robert, que buscava *inspiração na forma de uma pessoa, alguém com quem ele pudesse construir algo mais profundo do que um porão. Alguém para amar. Alguém para ouvir a verdade.*

J olhou para o teto.

Alguém para ouvir a verdade.

Tudo parecia tão estranho, tão diferente, tão absurdamente criativo. Ele continuou lendo.

Quase contra a própria vontade, ele passou a gostar. Em parte. Aconteceu quando um homem socou o rosto do outro e o sangue se espalhou como se o cara tivesse *espirrado vermelho*. Ou quando um homem pisou em uma *poça de vômito*.

Tudo era absolutamente inacreditável. Todas as palavras. Não havia uma frase familiar em todo o livro.

Do lado de fora, o vento uivava, como se enunciasse palavras. J observou a escada voltar a bater no vidro. Imaginou de repente, em uma imagem chocante, a criação de Q quebrando a janela, deixando o mau tempo entrar.

E mais.

Tipo Milwaukee. Talvez Milwaukee entrasse no quarto dele.

J imaginou os personagens do livro de Bratt entrando pela janela quebrada. Os homens com *a cara pustulenta, o nariz vermelho de tanto beber e tristes olhos marejados*. Pele flácida e testa franzida. Mau hálito e cabelo oleoso.

Cada ideia grotesca de Bratt ocupava o quarto dele. Cada ideia o cercava no sofá, forçando-o a beber *gim*. A falar alto. A confessar.

Confessar o quê? O que o homem Robert queria confessar?

Urgências

Que título horrível para um livro desses! O que Warren Bratt tinha na cabeça? Usar um título daquele para descrever tudo o que *não era* urgente para um menino!

A ideia fez J sorrir. Como se, ao tentar desqualificar aquilo, ele tivesse de algum modo entendido a piada. Como se, ao ver como era ridícula, ele de alguma forma tivesse entendido o que Warren Bratt queria *dizer*.

Mas será que havia entendido? Será que ele e os irmãos iam entender aquele livro algum dia?

Ele continuou lendo.

Robert andava por uma das *muitas ruas de Milwaukee* quando viu alguém (*uma figura magra, de cabelo longo e olhos escuros*) entrar em um *bar de esquina*. J mal conseguia acompanhar todas as palavras inventadas, as imagens, o nome dos lugares e o jeito de Warren Bratt descrever tudo, como se o leitor, J, tivesse que entender sem precisar de nenhuma explicação.

Disparates.

Mas como eram interessantes esses disparates.

Depois de um monólogo interior bem longo, no qual Robert se perguntava se o homem que tinha visto entrando no bar podia ser seu *confidente*, ele próprio entrou no bar também. J quis saber se D havia lido até ali. Q, L, X, qualquer um. Será que algum dos Meninos do Alfabeto havia chegado tão longe? Será que algum já havia terminado o livro?

A ideia, por incrível que parecesse, o deixou com inveja. A mesma inveja que sentira quando precisou ir ao banheiro durante o Filme do Ano e perdeu a cena que acabou sendo a preferida de D ou Q.

O que Q achava de Robert? O que Q achava do *bar do bairro*? Será que já havia lido o bastante para saber o que acontecia com Robert quando ele entrava lá?

Continuou a leitura.

A descrição do bar era muito *Bratt*. Fumaça e vômito. Ar abafado e sussurros. Mesas com bancos arredondados e acolchoados. Fileiras de bancos altos alinhadas diante de um longo balcão de madeira (também chamado de *bar*, o que era estranho para J). Espelhos e garrafas. Luzes, mas aparentemente não muito fortes, segundo a descrição sombria, lúgubre e mal iluminada que Bratt fazia do lugar. Uma música tocava, mas a descrição não batia com as músicas que J conhecia. J pensou nos violinos e percussões, violoncelos e flautas que tocavam nos alto-

falantes dos corredores da Torre durante as aulas. O P.A.I. dizia que tudo primava pelo *aprofundamento dos estudos*, mas J duvidava de que alguém estudasse naquele bar em Milwaukee. Havia muitos homens ali dentro (*pelo menos três pessoas em cada mesa e, por vezes, dois em um mesmo banco*), mas nenhuma menção a livros. Na verdade, era mais uma combinação perturbadora do Salão dos Corpos e do refeitório: todos estavam se pronunciando ou bebendo... *alguma coisa*. E o que exatamente eles bebiam? Difícil dizer.

Bratt não parava de usar o termo *birita*, e a descrição do cheiro daquilo (*algo meio rançoso, meio doce*) fez J pensar que já o havia sentido no P.A.I. Nas poucas ocasiões em que o P.A.I. não parecia *ele mesmo*, como Q dizia. L uma vez insinuou que o P.A.I. tinha um tipo leve de Vês, que se manifestava poucas vezes com o passar dos anos, quando ele parecia ter o cheiro de outra pessoa.

Ou vai ver, pensou J, ele estivesse cheirando a birita.

J estava animado. O bar, por mais deprimente que fosse, parecia uma aventura. Como se as mesas escuras acolhessem mundos inteiros onde tudo era possível, contanto que se sentisse, falasse e bebesse.

— Este livro — disse J — é *bom*.

Ele olhou para as sombras de sua nova sala de estar, onde a luz não chegava. Será que aventuras parecidas o esperavam ali?

J achava que não.

O professor Willis, de psicologia, conversava bastante sobre arte com os Meninos do Alfabeto. Destacava quão necessária era a imaginação para um grande pensador, seja qual fosse o objetivo do pensador para a própria mente. Falava do tipo de música que o P.A.I. adorava e dos livros de Lawrence Luxley. Mas de outras coisas também. Willis falava da arte do céu, dos pinheiros que cercavam o Jardim, do Jardim em si. Dizia aos meninos que era importante parar um pouco, notar a perícia usada nos tijolos da Torre, nos pináculos do telhado. Falava que o Pomar era um lugar excelente para fruir a *arte viva*, os canteiros de cerejeiras, um diante do outro, como um reflexo infinito — mas o que era real e o que era o espelho?

O professor dizia que aquilo era arte. J gostava disso.

A arte no cotidiano de J. A arte no sofá em que estava deitado. Nas roupas que usava. No livro que lia.

Ah, não era difícil encontrá-la naquele livro. A arte transbordava dali, como se Warren Bratt, aquele autor novo e desconhecido, tivesse deixado suas páginas caírem em uma bacia de grande significado, com o

tipo de *instinto profundo* de que Q falava quando jogavam Barcos.

J continuou lendo.

Robert andou devagar até o balcão de madeira, onde vários homens bebiam o líquido que J havia sentido no hálito do P.A.I. nos dias em que ele *não parecia o mesmo*. Mas Robert parecia concentrado em um homem, o magro, de cabelo longo (J pensou nas fotos dos Meninos do Alfabeto ainda bem criancinhas, quando alguns usavam o cabelo na altura do queixo). J notou uma coisa. Warren ainda não havia chamado esse homem de *homem*. Sempre dizia *pessoa*, de um jeito que fez J questionar o que exatamente estava sentado no bar, tamborilando as unhas pintadas na madeira.

Um monstro?

O vento afastou a escada de Q outra vez e a jogou com força no vidro. J chegou a ofegar. Mas não parou de ler. Não tirou os olhos do livro. Robert já estava no meio do bar. Passando por mesas de homens que *zombavam e riam*, que engasgavam de tanto gargalhar. Fumaça se erguia das mesmas mesas e das sombras dos cantos do bar, criando uma névoa, não muito diferente da tempestade que rugia na janela de J.

O rosto da pessoa no bar estava todo coberto pelo cabelo e pelas sombras. As unhas continuavam tamborilando na madeira. A pessoa bebia.

J estava com medo de ver aquele rosto.

Um estranho, claro, mas não por muito tempo. Uma pessoa com quem Robert tinha que falar, interagir, mesmo que recebesse uma desanimadora rejeição. Mesmo que saísse dessa experiência com um sentimento de inadequação. Porque, Robert sabia, havia uma força legítima sentada ali no bar. Uma força que Robert estava encobrindo havia muitos anos.

Como era estranho, pensou J, o jeito de Warren Bratt descrever pessoas! Luxley sempre começava com um homem e uma tarefa. Em *Outra Torre*, Jacob iniciava a construção de... outra torre... tijolo por tijolo. Sozinho. E conseguia? Pode apostar que sim. E Jonathan Ford colhia todas as frutas do Pomar *sozinho* em *Projetos para o Pomar*, de Luxley. Viu só? Até os títulos combinavam com as histórias contadas!

Mas aquele livro?

— Ele tem muita audácia — disse J, lutando para se concentrar nas palavras, tentando (sem conseguir) resistir à incrível energia que transbordava das páginas.

Em seus quase treze anos de vida, J nunca tinha vivenciado nada

parecido. Era impossível ignorar. Do mesmo jeito que seria impossível ignorar um Inspetor parado ali dentro da sala de estar, lendo as mesmas páginas por cima de seu ombro.

J estremeceu. A tempestade aumentou lá fora. Será que havia ficado mais frio na sala?

Continuou a leitura. Simplesmente não tinha escolha. Porque, se Warren Bratt escrevia ou criava uma trama ou se sabia contar uma história tão bem quanto Lawrence Luxley, simplesmente não... não...

— IMPORTA! — berrou J.

Não importava! Um livro, J de repente se convencera, não *precisava* contar história alguma.

— Liberdade — disse J.

A palavra reverberou como nunca antes.

Warren Bratt, J percebeu, estava, para usar uma expressão de Q, *abalando sua mente*.

E ele gostava.

Continuou lendo.

Robert chegou ao bar. Tudo bem. Ainda não disse nada à pessoa que havia seguido até ali. Tudo bem. Pediu um drinque.

Tudo bem.

Ele precisava de um tempo para pensar, escreveu Bratt. *No que ia dizer e em como ia dizer. Apesar de só ter conseguido pensar naquele assunto a caminho da cidade, ainda não sabia como expressar sua confissão.*

Robert pediu uma *vodka*. A palavra soava muito parecida com Vês para J, e ele estremeceu só de pensar em pedir por uma doença. Será que os Inspetores detectariam vodka na sala de Exames? J olhou para os braços, para os dedos que seguravam o livro. Estaria vendo vodka ali?

Robert bebeu. O homem que lhe entregou a bebida assentiu, e Robert assentiu também, em resposta, e J se preparou porque, não importava como, Bratt havia deixado tão claro quanto o dia que o momento que ele estivera construindo tinha chegado.

Robert enxugou a boca com as costas da mão. Porém, ficou surpreso ao perceber que seus lábios já estavam secos, apesar da bebida. Estava nervoso. Não mais por não saber o que nem como dizer, mas porque fazia tempo. Tempo demais. E qualquer homem diria que o tempo tem um papel muito

importante nesse jogo. O homem que somos quando conhecemos alguém e quem em troca a pessoa se torna. Mas, às vezes, quer esteja pronto para isso ou não, ou mesmo com medo, um homem precisa se virar, encarar o indivíduo a seu lado, ver-se nela.

— Nela — disse J.
Franziu a testa.

Nela.

Um erro de ortografia. Claro. Um erro curioso.

*Então Robert se virou, e viu que não havia sido o único.
Ela havia se virado também.*

Ela. Bratt estava descuidado nessa parte. Um “a” errado.

A mulher.

— A mulher — ecoou J.

Deixou o livro no sofá e se levantou. Lá fora, o vento parecia ter se acomodado em um lamento monótono. Uma trilha sonora para a história, talvez.

J olhou para o teto. Como se pudesse ver através dos andares seus irmãos lendo também, naquele instante, a palavra “mulher”.

Mulher.

Usada no lugar de “homem”.

À janela, com as palmas das mãos no vidro, J riu do absurdo, da audácia daquele autor Warren Bratt. O cara simplesmente inventava palavras! Pelo visto, a partir do nada. Uma hora, a coisa no bar era uma pessoa. Na outra? Uma mulher.

Erros de ortografia.

Erros.

Ou...

J foi até a cozinha. Precisava fazer outra coisa que não fosse ler. Beber um suco. Comer uns chips de batata. Qualquer coisa.

Mas, no meio do caminho, voltou para o sofá e apanhou o livro outra vez.

— Eu vi você entrando — disse Robert. — E tive que entrar também.

— Ah, é? — respondeu a mulher.

Mulher. De novo. Era incrível, mesmo, como Warren Bratt ia fazendo as próprias regras enquanto escrevia.

— Rá!

— Sei que não é a coisa mais normal para se dizer a uma mulher que acabou de conhecer, mas é a verdade. E hoje em dia a verdade é mais importante para mim do que qualquer outra coisa.

— Isso é bom — disse a mulher. — Mas eu teria que conhecer você melhor para acreditar.

— Bom, é isso mesmo o que eu quero. Que a gente se conheça. Muito melhor. — Então, com verdadeiro desespero na voz: — Escute, tem um lugar no meio do nada. Um lugar em que trabalhei por tempo demais. É uma torre na floresta, tão isolada que ninguém a encontraria se não estivesse mesmo procurando. Era um lugar horrível, onde conduziam um experimento do pior tipo. E eu fiz parte disso. Deixei aquilo continuar! Até hoje. — Ele fez uma pausa, não para criar suspense, mas para recuperar o fôlego, permitir que seu coração se apaziguasse e entrasse em um ritmo que não o matasse. — Hoje resolvi contar a verdade. Para mim mesmo. Para o mundo. Para aqueles meninos.

As sobrancelhas de J se contraíram em uma expressão de confusão quase cômica. Mas ele não achou graça.

Aonde Warren Bratt queria chegar com aquilo?

— *A vida inteira deles é uma mentira! Tantas mentiras! Dá para imaginar a culpa de encarar aqueles jovens todo dia e fingir que o mundo em que eles vivem, uma realidade que você ajudou a criar, é a verdadeira?*

O barman serviu um segundo drinque para Robert sem que ele pedisse. Robert só demonstrou ter percebido o gesto ao levar o copo aos lábios.

— *Acho que não quero conhecer você* — disse a mulher.

— *Não* — respondeu Robert. — *Eu também não ia querer. Mas você precisa me escutar. Porque pode até já ter conhecido um homem desesperado, mas nunca alguém tão desesperado quanto eu.*

— *Continue* — pediu a mulher.

Robert se virou para encará-la. Observou a forma de seus olhos. A leve curva de seu pequeno nariz. As maçãs do rosto pronunciadas, o cabelo preto longo. Não fazia diferença se aquela mulher era “bonita” ou não. Todas eram, entendeu Robert claramente. Toda mulher do planeta era bonita.

— *Não tenho escolha a não ser continuar* — disse ele, antes de, por fim, se sentar na banqueta ao lado dela. — *Nós criamos uma realidade falsa, toda construída na base da desinformação. Se isso soa dramático, se também parece mentira, é só porque você não viveu a situação.*

— *Por que você ajudaria em uma coisa dessas?*

A voz dela. Tão diferente das vozes que ele tinha ouvido por uma década inteira.

— *Dinheiro!* — respondeu ele. — *Por que mais?*

Robert bateu com o punho no bar, estremecendo os copos. A mulher pôs a mão no ombro do casaco dele.

— *Tudo bem* — disse ela. — *Você se arrependeu. Está abalado. Imagine aqueles que estão nesse mesmo lugar e não sentem nada.*

— *Sim. Não consigo parar de pensar neles. Neles e... nos meninos.*

J não gostou de como Robert disse os *meninos*. Era quase... excessivamente familiar. Ali, Warren tinha mudado de ritmo bem rápido. Foi. Do absurdo para... coisas reais demais.

— Me conte — pediu a mulher. — O que você fazia exatamente?

Ela não desviou o olhar quando lágrimas surgiram nos olhos de Robert. Apenas tirou a mão de seu ombro quando elas escorreram pelo rosto dele.

O que foi que ele fez?, perguntou-se ela. Mas sabia que tinha sido algo muito, muito ruim.

— Nós os criamos sem que soubessem das mulheres. Fingimos que mulheres não existiam. Tudo em prol da genialidade. — A última palavra saiu como uma tosse. Como a palavra mais nojenta de todas as línguas. — Tudo sob as ordens de um lunático que...

J jogou o livro para o outro lado do quarto. As folhas bateram na parede e caíram no chão, com um baque. Ele esperou ouvir outras três batidas em ambas as pontas do corredor. E mais dos andares de cima e de baixo, quando os outros Meninos do Alfabeto jogassem também seus livros. Com certeza ninguém ia terminar aquilo. Onde a Parentalidade estava com a cabeça ao dar aquele livro para eles lerem? Era horrível! Simplesmente... *péssimo!*

J se levantou e andou de um lado para outro na sala de estar. Warren Bratt era um homem horrível que escrevia sobre coisas horríveis. Ele inventava um mundo próprio, com palavras próprias! E não dava a mínima para o que o leitor pensaria delas!

A mínima!

J bateu com as mãos no vidro. Nem havia percebido que estava perto da janela. A escada balançou, o vento uivou e, lá embaixo, na base dos pinheiros mal iluminados, ele viu a silhueta de uma figura agachada.

Então se afastou do vidro.

O vulto!

Irritado, confuso, mas também encorajado pelo livro, J apanhou as roupas de inverno do chão da sala de estar e se vestiu de novo.

— Chega. Chega de se esconder!

Havia uma linha no livro que simplesmente o assombrava, o fim da frase que ele havia jogado na parede.

— *Chega!* — repetiu, amarrando os cadarços depressa.

Vestiu as luvas e o gorro.

A janela se abriu com facilidade, e o ar frio estava

surpreendentemente agradável. J puxou a escada de Q.

Tinha visto o irmão subir pela invenção mais cedo. Todos os meninos tinham visto. Aplaudiram quando Q se virou para eles do topo, no terceiro andar, e ergueu os punhos para o céu de inverno.

J pôs uma perna para fora da janela e apoiou o pé no primeiro degrau. Moveu-se rápido. Respirou rápido. Olhou para trás, para onde os pinheiros tocavam o solo. A neve nos olhos não permitiu avistar o vulto. Com ambas as botas apoiadas no gelo, ele desceu. As emoções conflitantes impulsionavam seus músculos, ossos, coração e cabeça. J não conseguia ver direito, ouvir direito, pensar direito. Não fazia diferença se era noite ou dia. Se estava quente ou frio. Todo o bom senso havia se abalado por aquele livro desgraçado e pelas palavras que terminavam aquela frase cruel que o assombrava, sim, arrepiava até seus ossos.

No Jardim, J olhou uma vez para as janelas do térreo, depois caminhou até o Senhor Árvore. Andou por entre as esculturas de gelo, demonstrações da mente incandescente dos irmãos, os Meninos do Alfabeto. Não parou para examiná-las, não pensou em nenhum irmão específico. Detalhes eram difíceis de discernir: palavras, letras, nomes, ideias, sentimentos. Tudo aquilo era uma erupção (INSPEÇÃO!) de emoções avassaladoras que haviam formado uma tempestade própria, um turbilhão de cores escuras, ventos negros de por quê.

J carregou aquele medo feroz consigo até a árvore. Uma sensação tão quente que negava o inverno.

toda construída na base da desinformação...

— Não! — grunhiu J, batendo as mãos enluvadas uma contra a outra.

Não havia ninguém atrás do Senhor Árvore. Ele se virou para os pinheiros. J estreitou os olhos para ver a floresta, até onde os holofotes iluminavam.

— *Apareça!* — gritou.

E as palavras da última frase que havia lido emergiram, como se estivessem escondidas nos pinheiros por todo aquele tempo.

— *APAREÇA!*

Mas nada se mexeu. E nada apareceu.

J entrou nos pinheiros, quebrando galhos congelados com as botas

de inverno.

As palavras... A frase...

Tudo sob as ordens de um lunático que...

— Apareça, droga! Se... — A palavra lhe escapou. Mas ele a encontrou. — Se *arrependa!*

Tudo sob as ordens de um lunático que chamávamos...

Um movimento atrás dele na neve, e J se virou depressa. Nada nos pinheiros, não, mas no Jardim, sim.

A silhueta de um homem grande. Seus traços estavam ocultos, iluminados apenas por trás.

— J — disse o homem.

— Quem é você? — perguntou J. — *Quem é você?*

O homem deu um passo à frente, e J viu que era o Inspetor Collins, o bigode embranquecido pelo inverno.

— É melhor entrar — disse Collins. — Agora.

J olhou para os pinheiros, depois de volta para Collins.

Tudo sob as ordens de um lunático que chamávamos...

— Eu... Eu sinto muito — disse J.

— Vamos. Para dentro. Agora.

O Inspetor Collins estendeu a mão enluvada para J. Mas J apenas olhou para a mão dele, pensando na mão da *mulher* segurando o ombro de Robert em um bar em Milwaukee.

— Eu... Eu...

Ele não conseguia falar. Não conseguia se mexer.

Por isso Collins o puxou. Pegou J pelos ombros e o forçou a andar até a Torre. J se deixou levar, mas balançou a cabeça, só pensando nas palavras que o confundiram ainda mais do que *ela, nela e mulher*:

Tudo sob as ordens de um lunático que chamávamos de P.A.I.

Nado Livre / A Piscina

Richard, usando a sunga e a touca vermelhas, estava sentado no deque de pedra, observando os meninos se divertirem no Nado Livre. Mas talvez *diversão* não fosse a palavra certa naquele dia, já que todos pareciam estar com os nervos à flor da pele — *surtados*, como Burt diria. Richard acreditava que era por conta do incidente com J na noite anterior. O menino foi pego andando pelos pinheiros que margeavam o Jardim. Não era a pior coisa que um deles podia fazer, mas sem dúvida era preocupante. Sobretudo pelo motivo que ele dera para estar ali fora.

Só estou curioso para saber até onde vão.

Até onde vão.

Muito tempo antes, Burt havia avisado a Richard que aquele momento chegaria, e, ao saber do passeio de J, a surpresa foi por ter levado tanto tempo para acontecer. Richard entendia. A curiosidade não só devia ser incentivada, como também era absolutamente necessária para o objetivo final dele. Que tipo de cientistas, que tipo de pensadores os meninos seriam se fossem ensinados a não olhar, observar e pesquisar?

Ainda assim, J tinha dito aquilo de um jeito... E Collins relatara *um medo palpável* nos olhos do menino. Tinha sido o suficiente para Richard ordenar que J ficasse um dia de quarentena. Queria analisar melhor o caso. Tinha que fazer isso.

Mas permitir que aquilo controlasse a Parentalidade seria tolice. Sim, que os outros meninos saibam que J foi pego. Sim, que fiquem meio assustados com a punição branda de J. Mas, no fim, Burt tinha razão: os meninos sempre vão aprontar. E talvez a peregrinação noturna de J não fosse tão perturbadora quanto parecera a princípio.

O tempo diria.

Depois de ensinar o nado borboleta aos outros Meninos do Alfabeto, uma hora inteira dedicada ao ensino, Richard havia se retirado para as arquibancadas, com uma toalha jogada sobre os próprios ombros molhados. Em silêncio, para não perder uma palavra do que diziam, ele subira os degraus de metal até o deque de observação e se sentara em

um banco próximo à grade. Tinha sido bom entrar na água. Tinha sido bom ensinar. E também era bom observar os meninos de cima, já que nenhum deles sabia que ele continuava por perto.

O nome de peso e abrangente que era A PARENTALIDADE decorava os tijolos da frente do deque em tons vívidos de azul e branco. Como se fosse o nome do time deles. E, claro, era mesmo. De onde estava, Richard não conseguia ver as letras, e as palavras pareciam estar mais longe de seu alcance do que ele gostaria.

Algo estava acontecendo ali.

Claro, J fora apanhado nos pinheiros. Sim, os meninos sabiam que ele estava sendo interrogado enquanto nadavam. Mas não era um acontecimento grande o bastante para provocar tamanha... *distância* nos olhos deles. Os meninos pareciam pensar em algo distante da piscina, algo que nenhum deles havia mencionado abertamente na Inspeção da manhã e tampouco na aula de natação, na presença do P.A.I.

Será que escondiam algo? Será que tinha algo a ver com J?

E o que podia ser?

Richard os observou com cuidado, nadando lá embaixo. Suas vozes e batidas na água ecoavam até lá em cima pelas paredes de tijolo branco.

Espionar os meninos muitas vezes era mais revelador do que as Inspeções.

Era verdade que os garotos, como quase todos os pré-adolescentes, podiam ser falsos, e, sim, estavam crescendo depressa, mas Richard nunca havia valorizado tanto a inocência deles quanto naquele momento. Para ele, o experimento claramente funcionava: qualquer bebê tinha força para carregar o peso de sua pureza, mas, no mundo real, a maioria perdia essa pureza de vista aos treze anos de idade.

Os meninos estavam bem ali. Bem ali. No entanto... eram tão diferentes dos meninos do mundo real. Tão diferentes de quem o próprio Richard havia sido.

Ainda assim, um efeito colateral de tamanha castidade era a obviedade de uma mácula; eles foram muito polidos com o P.A.I. naquele dia. Talvez travados demais. Mas já pareciam mais relaxados, alheios à sombra que ele projetava.

Richard quis mandar que parassem. Que parassem de crescer. De *amadurecer*.

Vocês são perfeitos, desejava lhes dizer. São irrepreensíveis. Sua perspectiva é tão pura quanto a de um homem das cavernas, que não

conhece nada além de suas tarefas diárias, mas seu intelecto supera o meu.

Que parassem de crescer e escapar de seu controle.

Richard levou as mãos à cabeça e massageou as têmporas. Vinha fazendo muito isso nos últimos tempos. Tentou abrir passagem para sua mente, por água e céu, campos vazios, abertos. Mas era sempre difícil se manter calmo; a Parentalidade estava sempre à beira de um colapso.

— Vamos, E! — gritou R. — Até a borda!

O Nado Livre sempre acabava com um punhado de Meninos do Alfabeto reunidos na borda da parte rasa da piscina. Alguns já estavam lá. D se apoiava no corrimão de metal da escada, braços cruzados, olhos demonstrando um estado contemplativo. Q boiava perto dele.

Richard continuou a massagear as têmporas.

Q falou:

— Noite estranha.

D concordou: sim, muito estranha. R e E se juntaram a eles. L também. Todos concordaram. Noite estranha.

Será que o passeio noturno de J os afetou tanto assim?

— Nunca li nada parecido — continuou Q. — Nenhum de nós leu.

Por muito tempo, Burt dera aos meninos o benefício da dúvida, salientando de maneira explícita que eles estavam apenas crescendo. *Não existem acontecimentos não naturais*, escrevera Burt, *se foram provocados por um ser natural*. Mas o clima na piscina incomodava Richard profundamente.

Assim como incomodaram as Inspeções da manhã.

A questão era que elas haviam sido boas *demaix*. Limpas demais. Como se todos os meninos tivessem concordado em guardar segredo.

Não fique paranoico, escrevera Burt mais de uma vez. *Você vai enxergar segredos em tudo o que disserem*.

— Fiquei assustado — disse L. — Fiquei muito, muito assustado.

Em um mundo como o da Parentalidade, como era possível um segredo? Quem os teria ensinado a mentir?

— Acho que esse era o objetivo — respondeu Q. — Assustar a gente. Fazer a gente pensar de outro modo.

Nenhum dos meninos olhou para o deque. Será que isso sugeria preocupação?

No que estavam pensando, afinal?

— Calma — disse L. — Todo mundo já leu? Até o fim?

Richard não se mexeu. Imóvel como uma cobra nas sombras do

deque.

Leram o quê?

— Se alguém já leu, não me conte — pediu Q.

Contar o quê?

Os meninos pareceram mudar de assunto de propósito. Em um esforço para falar de outra coisa. Mencionaram os estudos. L discutiu a densidade da água em que estavam. Q e U conversaram sobre Barcos. O jogo, contestou U, devia ser jogado com tanta liberdade quanto a mente deles pensava, inclusive com tangentes, dúvidas e inseguranças. Mas havia um problema.

— Mas, por ser um jogo e, portanto, ter *regras* — disse U —, Barcos é incompleto e não cumpre o que promete.

Q não podia discordar mais. Acreditava que Barcos havia sido elaborado à perfeição.

— Duas pessoas não conseguem jogar Barcos do mesmo jeito. Por isso ele é tão bem-feito. Também existem regras na vida real.

Desse modo, sugeriu Q, Barcos era uma representação melhor da *realidade* do que a que U preferia. U rebateu outra vez, citando que as regras da vida real eram autoinfligidas e, por isso, podiam mudar a qualquer momento.

— Mas sua mente não é tão livre quanto você pensa — afirmou Q. — Você criaria as mesmas regras, sempre, todo dia.

Richard soltou um meio suspiro de alívio. Os meninos estavam falando de Barcos. E soavam muito mais maduros do que sua idade sugeria.

Antes, deviam estar discutindo um livro de Luxley. Ah, os meninos adoravam seus livros de ficção.

Você lembra quando contratou Burt?, pensou. Lembra por quê? Queria que alguém controlasse você. Que o lembrasse de suas prioridades. Que garantisse que você não se embriagaria com o progresso. Mas aí está você, desconfiando de seus meninos. Quem está controlando você agora? Eles estão discutindo assuntos muito mais profundos do que os que você discutia na idade deles, mas aqui está você, procurando um problema, decidido a encontrar algo de errado. Burt diria que não há nada a temer. Mas você teme. Então, será que contratou Burt porque ia parecer que queria andar na linha esse tempo todo?

Ou realmente quis se manter fiel às raízes?

Não tinha vontade alguma de analisar a si mesmo no deque. Devia se

sentir bem, devia se sentir *ótimo*. Com o avanço das coisas. Com o jeito de os meninos falarem. E com as coisas que eles falavam.

— O livro — disse D. — A gente pode falar do livro, por favor?

— Depois que todo mundo ler — respondeu Q.

Mas isso não impediu D de falar:

— Warren Bratt escreve como alguém com algo urgente a dizer. Acho que ler aquilo me fez sentir assim também.

Richard expirou e sorriu. Agarrou a grade do deque e se ergueu. Deus do Céu, como estivera perto de pensar que havia uma conspiração na Torre quando, no fim das contas, os meninos só estavam falando de um livro de ficção!

Ajeitando a toalha nos ombros, desceu os degraus até a saída do deque. Fez isso em silêncio. Não tinha por que revelar aos meninos que estavam sendo vigiados. Não tinha por que fazê-los se sentirem violados de modo algum. Desceu a escada até o térreo. As sandálias em seus pés bateram nos frios ladrilhos pretos enquanto o inverno permanecia firme e forte para além das janelas do corredor. À porta de seus aposentos, ele parou. Tirou a touca de natação.

Um drinque? Por que não? Um gim para comemorar o progresso de seus meninos. Ah, como ficou preocupado. Como ficou *desconfiado*.

J tinha dado uma voltinha. E daí? Vida longa a J.

O telefone tocou do outro lado da porta. Richard entrou no quarto e atendeu.

— Ele não está dizendo nada diferente de antes — afirmou Gordon.

— Você acredita nele?

— Se *eu* acredito, Richard? Bom, sim, acho que sim.

Richard desligou o telefone. Em seguida, foi até o bar e preparou um dry martíni. Já embriagado com o avanço intelectual de seus meninos, relembrou alguns dos principais assuntos conversados por eles na água.

Por isso, Barcos não é realista.

A água em que estamos não pede nada físico em troca. A água só abre espaço.

O trabalho depende apenas das ferramentas. O Jardim sempre vai ficar tão bonito quanto as ferramentas.

Havia mais. Muito mais. Richard ficou de pé na quase escuridão, mexendo o drinque, apreciando aquele som reconfortante. Como os braços e as pernas dos Meninos do Alfabeto enfrentando a água da piscina.

Ah, os Meninos do Alfabeto. Ah, as coisas que diziam...

*... toda a ideia por trás de uma piscina é fascinante, porque...
... madeira não queima a não ser que peçamos...
... uma boa ideia, mas falha...
... porque a motivação de um menino para aproveitar um filme
pode...
... o livro dele... o livro dele... o livro dele...
... cuidado para não derramar no caminho até a Torre...
... não importa como você entra, depois que mergulhamos...
... o livro dele...*

Quem gostou tanto assim do livro de Warren? Tinha sido D?

Sim, D tinha dito: *Warren Bratt escreve como alguém com algo urgente a dizer. Acho que ler aquilo me fez sentir assim também.*

O bom e velho Warren Bratt. Quantos livros ele já havia escrito para a Parentalidade? Quase trinta? Uma bela carreira, não importa o parâmetro, de orgulhar qualquer escritor do mundo real. Só que aquilo era ainda melhor. Warren Bratt podia ser depressivo, entediante, cínico ou louco, mas estava contribuindo para o maior experimento da história da humanidade.

Em um raro momento de sentimentalismo, Richard empunhou o telefone outra vez.

— Traga o Warren até aqui — disse, antes de desligar.

Warren, Warren, Warren. Podia não estar escrevendo o tipo de livro que tanto queria, mas Richard apostava que seus livros de ficção eram muito melhores do que qualquer coisa que Warren havia escrito em casa.

Richard riu. Não por ser fácil ridicularizar Warren Bratt, mas porque aquele *troll* corcunda e acima do peso (*Quasímodo no porão*, como ele o chamava, para deleite de Gordon) não tinha ideia de quanto Richard havia feito por ele. De quanto contribuíra para as artes, no fim das contas.

Será que Warren ia querer uma bebida também? É. Talvez quisesse. Talvez Richard devesse compartilhar uma bebida com o valioso escritor da Parentalidade e lhe dizer: *Sim, sim, bom trabalho, os meninos o amam, Warren. Eles o amam muito.*

No bar, inspirado, preparando o segundo drinque, voltou a relembrar algumas passagens importantes, palavras e ideias ditas pelos meninos quando achavam que não estavam sendo observados.

*... somos feitos de tanta água que podemos nadar em nós mesmos!
... será que podíamos fazer um filme? Em que nós fôssemos...
os personagens?
... contei os tijolos da Torre, e tem muito mais do que...
... Warren Bratt escreve como alguém com algo urgente a dizer.
Acho que ler aquilo me fez sentir assim também.*

Richard olhou para o telefone às suas costas. Talvez fosse o gim, mas ele sentiu uma leve onda de enjoo. Algo mais profundo do que uma ânsia de vômito. Passou. Mas ficou ecoando.

Será que algo que um dos meninos disse o preocupou, no fim das contas?

Talvez.

— Não. Hoje vamos celebrar.

Mas, mexendo o segundo drinque, não sentiu que celebrar era a coisa certa a fazer. Não de verdade. Não.

Por que não?

*... somos feitos de tanta água que podemos nadar em nós mesmos!
... será que podíamos fazer um filme? Em que nós fôssemos...
os personagens?
... contei os tijolos da Torre, e tem muito mais do que...
... Warren Bratt escreve como alguém com algo urgente a dizer.
Acho que ler aquilo me fez sentir assim também.*

Warren, Warren, Warren. Sempre o deixava um pouco enjoado, supôs Richard. Talvez devesse cancelar o drinque.

*... toda a ideia por trás de uma piscina é fascinante, porque...
... madeira não queima a não ser que peçamos...
... uma boa ideia, mas falha...
... porque a motivação de um menino para aproveitar um filme
pode...
... Warren Bratt escreve como alguém com algo urgente a dizer.
Acho que ler aquilo me fez sentir assim também.*

Warren vivia tão bem ali. Warren, que havia escrito mais no porão

do que jamais teria escrito em Wisconsin. Warren, que, como Lawrence Luxley, havia entrado para os anais da literatura. Apenas por participar do projeto.

— Lawrence Luxley — disse Richard, levando o segundo drinque à boca, distraído, como se o tivesse preparado para si mesmo. — Lawrence... Luxley.

O nome soava tão fresco. Como se ele não o mencionasse havia muito tempo. Como se tampouco tivesse pensado nele.

*... somos feitos de tanta água que podemos nadar em nós mesmos!
... será que podíamos fazer um filme? Em que nós fôssemos...
os personagens?
... contei os tijolos da Torre, e tem muito mais do que...
... Warren Bratt escreve como alguém com algo urgente a dizer.
Acho que ler aquilo me fez sentir assim também.*

Mas não. Não, não, não. Os meninos (D? Sim, D) não disseram aquilo.

Ele dissera que *Lawrence Luxley* escreve como alguém com algo urgente...

Richard deixou o drinque cair no chão. O copo explodiu nas sandálias que calçavam seus pés. Um caco de vidro cortou seu tornozelo, e o sangue deixou um rastro do bar até a mesa quando ele disparou até o telefone.

— *Tranque tudo* — pediu Richard, incapaz de acreditar nas próprias palavras.

— Richard?

— *TRANQUE TUDO AGORA MESMO!*

— Richard... O que... O que aconteceu?

— Os meninos. Os meninos usaram o nome dele. O nome verdadeiro.

— Richard, não estou entendendo.

— *OS MENINOS FALARAM DELE COMO WARREN BRATT!*

Richard não conseguia distinguir mais nada no quarto. A mesa, os espelhos, o bar. Tudo de repente se tornou um vento frio de inverno que havia entrado ali.

— Você está com ele aqui? *ESTÁ?*

— O Warren?

— CADÊ ELE?

— Richard...

Mas Richard sabia as palavras que ouviria em seguida. Antes mesmo de ouvir. E, enquanto Gordon as dizia, ele apertou o telefone até rachar o aparelho.

— Ele não está no quarto. Nem no escritório. Richard, *não sabemos* onde Warren está.

Richard não desligou. Na verdade, o telefone caiu despedaçado na mesa.

* * *

Minutos depois, enquanto os Meninos do Alfabeto andavam pelo corredor do térreo depois de sair da piscina, as diversas conversas sobre os diversos temas emocionantes foram destruídas, obscurecidas e queimadas pela força de uma única palavra que eles nunca tinham ouvido depois das sete da manhã.

Todos os meninos pararam imediatamente por causa disso.

E ninguém respondeu.

Todos apenas encararam o alto-falante prata, que tremia no alto da parede por conta do volume, do calor, da raiva inerente à voz que pronunciava a palavra como nunca antes.

— *INSPEÇÃO!*

Confinamento

Ele começou a chorar. Nunca tinha visto o P.A.I. daquele jeito. O menino estava assustado. E o pior de tudo, sem dúvida a parte mais difícil de estar na sala de Exames no meio do dia pela primeira vez na vida, era que os Inspetores Collins e Jeffrey também estavam assustados...

... — Quantas páginas você leu, Q? Ouvi você conversar sobre isso na piscina. Se mentir para mim, vai ser mandado para o Canto neste instante. Quantas páginas?

De trás dos grandes óculos, Q estudou o rosto enlouquecido do P.A.I. Suor escorria do cabelo preto até a barba escura, como se o homem fosse um sistema de irrigação, vivo apenas graças ao suor, ao horror, à raiva.

Q mal conseguiu encontrar a voz.

— Trinta — respondeu, por fim.

— Trinta — repetiu o P.A.I.

Ele andava de um lado para outro desde que o menino entrou e, ao que parecia, tinha andado de um lado para outro em todas as Inspeções anteriores. Os Meninos do Alfabeto estavam enfileirados diante da sala de Exames do andar térreo. Todos menos J. O P.A.I. foi até a mesa de aço e olhou o punhado de folhas brancas mal amarradas pousado ali.

— Trinta é um número muito redondo, Q. Muito redondo. Vou perguntar de novo...

— Trinta — disse Q. — Certinhas.

Ele falava a verdade, mas, quando o P.A.I. se virou para encará-lo de novo, isso não parecia importar. A verdade não parecia mais importar nem um pouco...

... O P.A.I. segurava T pelo pescoço imprensado em uma das paredes de aço da sala de Exames. Ele não viu seu reflexo distorcido no aço, mas os Inspetores viram. Os olhos dele ficavam enormes no metal; a boca

aberta, um ninho negro de desespero. A pele parecia feita de pedra, e o cabelo preto arrepiado feito madeira queimada.

Os cães latiam, histéricos, atrás do vidro.

— QUANTAS PÁGINAS, T? QUANTAS PÁGINAS VOCÊ LEU?...

... W começou a chorar na fila diante da porta da sala de Exames. Os barulhos que saíam lá de dentro eram inimagináveis. O P.A.I. gritava tão alto que podia acabar com a própria voz. Mas não acabava. E ele continuava.

Sem parar.

— *Ele não escreveu o bilhete — disse X, mais atrás na fila. Mais de um menino pediu a ele que se calasse na mesma hora. Mas X precisava concluir o raciocínio: — Não foi ele que escreveu o bilhete que estava com o livro...*

... L tentou não olhar para o P.A.I. Era muito difícil encará-lo. O P.A.I. não parecia o P.A.I. Nem um pouco. Não mais. Ele havia se tornado um monstro. O tipo de coisa que ele tinha medo de encontrar embaixo da cama, no fim do corredor do banheiro, atrás da cortina da banheira. Um simulacro do P.A.I. Era isso. Aquele homem na sala de Exames, já sem a jaqueta e as luvas vermelhas (já haviam sido jogadas fazia muito tempo no piso de aço, ao lado dos tapetes de borracha), aquele homem não era o P.A.I. Aquele homem era Vês. Aquele homem era Podridões. Aquele homem era uma doença.

E aquele homem havia feito uma pergunta. Uma pergunta a que L não conseguia responder. Não porque não soubesse a resposta, mas porque não conseguia encontrar saliva na boca para falar.

— *Que palavras novas você aprendeu, L?*

Era uma pergunta diferente de todas que L já tinha ouvido. Certamente nunca saíra da boca do P.A.I. Nem de qualquer outra pessoa. Nunca. Não. Nunca. O modo como ele perguntou, a expressão nos olhos daquele homem, a raiva nos olhos daquela imitação do P.A.I., era como se não soubesse quem L era. Ou como se L nunca tivesse conhecido o verdadeiro P.A.I.

O Canto, pensou L. O P.A.I. comentou algo sobre o Canto?

Então o P.A.I. foi até ele de um jeito que fez L pensar que o homem ia bater nele. Bater nele! E L, por fim, encontrou sua voz.

— Milwaukee — disse, tremendo, preso ao chão como se a sola de seus sapatos tivesse sido colada.

O P.A.I. parou. Olhou para os lábios de L como se o menino tivesse deixado Podridões saírem dali. L percebeu que o P.A.I. já tinha ouvido a palavra antes. Mas isso não mudava a expressão idiota e pasma do homem. Como se ouvir a palavra sair da boca de L tivesse aberto uma ferida profunda, feito algo horrível em sua mente...

... — Bar — disse N. — Bar do bairro. Excitado. Beco. Milwaukee...

... — Táxi — respondeu P. — Motorista. Milwaukee. Bar. Uísque.

— O que mais? — perguntou o P.A.I.

Mas não foi bem uma pergunta. Era como se uma cobra feita de letras tivesse escapado por entre seus dentes.

— América — disse P. — E Estados Unidos...

... — Eu não li nada — explicou B. — Nem uma palavra. Desculpe. Eu estava estudando. Estava...

— Nem uma palavra?

O P.A.I. estava parado perto da porta de vidro que prendia os cachorros.

— Desculpe, P.A.I. Não deu tempo.

O P.A.I. analisou o menino em completo silêncio por dois agonizantes minutos. Tempo suficiente para Collins e Jeffrey se entreolharem antes de virarem depressa o rosto para a frente, com medo de que Richard ameaçasse os mandar para o Canto também...

... — Eu não gostei — disse E. — Fiquei com medo.

— De quê. Qual parte.

Não havia pontos de interrogação no fim das perguntas do P.A.I. Apenas afirmações diretas, em uma voz que E não reconhecia.

— Não passei da primeira página. Não gostei da voz.

— Que voz.

O P.A.I. estava péssimo. Pálido. Suando. Cansado. Ele se sentou de frente para as costas de uma cadeira a dois passos do menino, os braços nus cruzados sobre o encosto do móvel.

— Você sabe — disse E. — Da voz do autor.

Algo distante brilhou nos olhos do P.A.I.

— Quer dizer... que não gostou do estilo?

— Não, não gostei.

Por um segundo, pareceu que o P.A.I. tinha voltado a ser o mesmo: forte, inteligente, controlado. Então o velho P.A.I. desapareceu, substituído novamente por alguém cujos olhos revelavam uma possível loucura...

... — Não, eu não entrei no bar — respondeu Q, com dificuldade. — Não cheguei até essa parte.

O P.A.I. estava ajoelhado em cima do menino. Q estava de costas, com sangue escorrendo de seu lábio cortado.

O P.A.I. lhe dera um soco. Era só nisso que Q conseguia pensar, sem parar.

O P.A.I. me deu um soco...

... — Se eu entrei no bar? — perguntou S. — Quer dizer o Robert, não?

O P.A.I. foi para cima dele tão de repente que S quase riu, achando que o louco vindo em sua direção só podia estar brincando. Só podia estar vindo para mostrar gentileza, humor, afeição.

Mas não. Antes que S pudesse erguer os braços para se proteger, antes que pudesse se abaixar, o P.A.I. já o segurava pela nuca e apertava sua cabeça contra os tapetes de borracha.

— Você entrou no bar?

S não conseguia falar, os lábios esmagados contra a borracha.

— Rich... — arriscou Collins, mas o P.A.I. olhou tão bruscamente para ele que a expressão pareceu cortar a palavra ao meio.

— Me diga, S — disse o P.A.I. — Conte para nós.

— Não — respondeu S, por fim. — Não entrei no bar.

— Por que não?

S chorava. Todos os Meninos do Alfabeto haviam chorado naquele dia. Todos até então.

— Fiquei com medo demais de ver a pessoa de perto.

— Que pessoa?

— A pessoa que Robert tinha seguido até o bar.

— Por que ficou com medo?

S chorava. Lágrimas se acumularam no tapete, onde as solas de seus pés descalços deviam estar.

— *Eu não queria saber o que Robert ia confessar.*

O P.A.I. o soltou. S rolou para o lado.

— *Tudo bem?* — perguntou S. — *Eu vou para... o Canto?*

Parte de S, a maior parte, esperava que o P.A.I. sorrisse, pusesse a mão em seu ombro, risse e dissesse: Não se preocupe, S, claro que você não vai para o Canto, por que iria para o Canto, tudo isso não passa de um mal-entendido e você vai ver, logo, logo, como isso tudo é razoável, como tudo faz sentido.

Mas o P.A.I. não fez isso. Na verdade, encarou S em dúvida... como se dissesse: Não sei... Vai?...

... — *Até que ponto do livro você chegou, J?*

J, que havia passado a manhã isolado dos outros meninos, que havia sido chamado, que havia sido levado pelo corredor do térreo, passando pelos outros vinte e três Meninos do Alfabeto, não tinha ouvido os gritos de dentro da sala de Exames. Mas viu o rosto dos irmãos. Viu o medo e ouviu o silêncio. Viu sangue em mais de um deles. Sentiu horror se revirando nas entranhas, muito maior do que havia sentido na noite anterior, ao ser encontrado por Collins no Jardim. E sabia que, não importava o que o P.A.I. perguntasse atrás da porta de metal, ele não ia contar nada sobre o livro de Warren Bratt. Não por causa do bilhete na primeira página que o próprio P.A.I. havia assinado, mas porque J se identificava mais com o que havia lido no livro do que com qualquer coisa que o P.A.I. lhe ensinara.

— *Até a primeira página* — disse J. — *Com o seu bilhete. Não li mais.*

O P.A.I. o encarou, o analisou com uma expressão que J só tinha visto nos cães. Como se, caso sentisse algum cheiro impróprio, o homem fosse de repente mordê-lo.

— *Até a primeira página* — repetiu o P.A.I. — *E por que desceu a escada para o Jardim, J?*

J não olhou para o Inspetor Collins. Sabia muito bem que ninguém o ajudaria ali, só poderia contar consigo mesmo.

— *Eu quis ver até onde as árvores iam.*

— *Foi isso que disse ontem à noite. Foi o que disse hoje de manhã.*

— *É, bom...*

— *Não estou gostando disso, J.*

— *Por que não?*

— Porque você sempre diz isso do mesmo jeito.

J ainda assim não olhou para os Inspetores. Nem para os cães que salivavam atrás do vidro.

— Solte-os — pediu o P.A.I.

Jeffrey destrancou a porta do canil. Os cães se aproximaram. Cheiraram as mãos de J. As pernas. Os pés.

Naquele momento, J disse a si mesmo que não importava. Nada daquilo. Deixe os cães mostrarem que ele estava mentindo.

Um menino, pensou, tem suas urgências.

Mas os cães se cansaram dele e trotaram de volta até os Inspetores.

Collins e Jeffrey se mantiveram imóveis como esculturas de gelo, e pareciam derreter com o suor.

O P.A.I. apenas se voltou, sem desviar o olhar, para o outro lado da sala de Exames. J achou que os olhos dele fossem quebrar. Como se fossem de gelo também...

... — Eu li tudo — disse D. — Cada palavra.

Collins soltou um grunhido. O P.A.I. exalou como se por fim tivesse achado uma prova do problema de que suspeitava havia tanto tempo, da mentira que não queria que fosse verdade, mas que desejava provar com tamanho desespero.

— Cada palavra — repetiu o P.A.I.

Perda em seus olhos. Dor. Uma porta também. A que D havia recriado no Jardim.

O Canto.

— É.

— E por quê? Por que leu um livro inteiro de uma só vez? Era tão... bom assim?

D sorriu.

— Porque foi o melhor livro que já li. Porque foi a coisa mais sincera que já ouvi. — Ele parou, olhando para o chão como se conseguisse enxergar do outro lado, como se visse o Canto. — Porque, P.A.I... — Uma lágrima caiu de seu olho, atingindo o tapete de borracha, igual aos tapetes de borracha em que pisara, descalço, todas as manhãs de sua vida. — Porque finalmente... parecia a verdade...

Pânico

O Salão dos Corpos. Richard de preto no púlpito. Calça preta, casaco preto, luvas pretas. Cabelo preto, barba preta, olhos pretos.

Voz preta.

Palavras pretas.

Quase toda a equipe estava na plateia. Todos os cozinheiros. Ambos os contadores. Os homens que cuidavam da prensa. Quase todos os Meninos do Alfabeto também.

Mas não Warren Bratt e os homens contratados para trazê-lo de volta.

Não D.

— *Pânico* — disse Richard, a voz ainda rouca das Inspeções, mas cheia da retidão que acompanhava um projeto ameaçado.

Antes de entrar no Salão dos Corpos, enquanto os Meninos do Alfabeto, horrorizados, eram empurrados até os bancos pela equipe, Richard tinha ido até o porão. Depois da prensa, Richard vira as setas vermelhas e as letras pintadas na parede de pedra: TÚNEL DE GLASGOW. APENAS RICHARD.

As letras de seu nome pareciam parcas à primeira vista, como se ele tivesse negligenciado o design, negligenciado cada aspecto e elemento da Parentalidade, como se tivesse ficado preguiçoso, destruído seu sonho, como se...

— MERDA!

Ele batera a mão enluvada na pedra e se virara para a seta, entrando na escuridão de seu túnel particular.

— *Pânico* — repetiu Richard, agarrando o púlpito. Ninguém havia cantado antes do discurso. Nada do Vozes. — Eu sempre odiei essa palavra. Por mais motivos do que dá tempo de explicar aqui, mas, sem entrar em muitos detalhes...

A voz dele ecoava no pé-direito alto igual a como suas botas haviam ecoado no túnel abaixo dele momentos antes.

Igual a como outro par de botas havia ecoado em sua direção, naquele mesmo túnel.

— Isso significa, claro, que alguém perdeu o controle. Que alguém se deixou dominar pelo mundo. Mas vocês têm ideia de como a serenidade é pouco saudável? De quanto dano pode causar? — Ele fez uma pausa, olhos arregalados. — Eu não me importo com a preocupação. A preocupação é muito, muito boa. O problema, meninos... — A palavra *meninos* o deixou meio zozinho. Ainda eram dele? Ainda eram seus meninos? — O problema é quando a preocupação vira pânico. Porque o pânico é um menino mau. Todo estragado.

À sua frente, no túnel escuro, uma luz havia se acendido. Graças a isso, Richard pôde ver a parede de acrílico no centro do túnel. A forma de uma figura de pé, imóvel do outro lado. Richard conhecia bem aquela postura desapontada.

— *Pânico!* — berrou ele, tão alto que os vinte e três Meninos do Alfabeto de preto se encolheram diante da estática dos alto-falantes. — O que *vocês* veem quando ouvem essa palavra? Veem tijolos caindo da Torre, igual a mim? Veem os campanários caindo de bico no Jardim?

No túnel, ele não havia falado até chegar ao acrílico. E, ainda assim, não tinha sido o primeiro a falar.

Quantos se estragaram?, perguntara a figura oculta do outro lado da parede.

Um leu o livro inteiro.

Então... silêncio. Não porque a perda de um menino já não fosse horrível, mas porque havia ficado claro que Richard ainda não sabia a resposta para aquela pergunta.

— Em que ano estamos? — perguntou ele, a voz ecoando pelo Salão dos Corpos. — Até que ponto do futuro chegamos, um futuro que antes era apenas um vislumbre? Existem grandes construtores, inventores, pensadores atrás de nós. E eles também não sentiram pânico? E devemos esperar que a mesma sensação *nos* destrua? Por quê? Por que devemos ser punidos por algo que motivou tantos antes de nós? Temos a história para nos alertar, para nos mostrar como *não* devemos nos comportar, o que não devemos fazer, como evitar o pânico. No entanto... aqui estamos. Nos esforçando ao máximo para recuperar o controle. Tentando reempilhar os tijolos de uma parede desmoronada.

Ainda acredita nos outros?, perguntara a figura. Pelo acrílico, a voz soara pequena, miúda, jovem. Mas Richard sabia que não era. A força explosiva inerente àquelas sílabas era forte o bastante para derrubar a torre.

Não sei.

Mas não devia? Você não devia conhecer seus meninos melhor do que qualquer outra coisa no mundo?

— Entre a minha juventude irresponsável e as vidas daqueles que conheci, aprendi que o pânico *rouba*. O pânico deixa cicatrizes. Ao sentir pânico, um homem nunca mais encara um desafio sem um mínimo de medo. Ao sentir o verdadeiro medo, um homem se esquece da expressão permanente da segurança. Porque o pânico, o *verdadeiro pânico*, é um estado de espírito maior que o pensador. Ele encolhe o pensador. Deixa o pensador pequeno! E, ao descobrir algo maior que si mesmo, um homem deve ficar impressionado. E o que é ficar impressionado senão reverenciar? E o que é a reverência senão respeito? E o que é respeito senão aderência às leis que vocês respeitam? Ah, meninos. Não posso dizer que não devemos entrar em pânico, porque já entramos. E, ao fazer isso, vimos a face do medo. Mas eu me pergunto... Será que essa face nos ensina algo? Podemos *aprender* com isso? Podemos determinar quando outra face igual pode voltar a aparecer? Podemos prever faces similares?

Eu conheço meus meninos.

Mas não sabe dizer quem está mentindo?

Não. Não sei.

A figura do outro lado do acrílico ponderara aquilo. Richard esperou.

Já parou para pensar — uma estática acompanhou as palavras pelo alto-falante pequeno — que uma mulher ficcional não é o mesmo que uma mulher de verdade?

Richard ficara surpreso com a pergunta.

Claro que não. Uma vez que um menino descobre sobre uma mulher, não importa o tipo ou o aspecto dela, o experimento perde o propósito.

Será mesmo? Será que uma cobra deixa de atingir o potencial máximo só de ver o desenho de um mangusto?

— Seja nosso objetivo quebrar as regras ou não, depois de quebrada, uma regra não pode ser repostada. Vocês não pediram por esse livro. Mas todos sentiram que ele não era certo... não era algo que deviam ter. Não posso culpar aqueles que avançaram por suas páginas, ainda acreditando serem doentias. Não posso culpá-los por virarem as páginas, como virariam as curvas desta mesma construção, para ver de onde vem o barulho no fim do corredor. Mas posso punir aqueles que não viram com nojo a essência contida ali. E com certeza posso punir os que gostaram.

Ele continuou:

— D confessou ter lido o livro todo. Ainda vamos determinar se D se estragou.

Mas e as palavras ela e mulher?, perguntara Richard pela parede transparente do túnel.

Disparates. Sem sentido para eles. Mas leve D embora. Analise o que fazer. O desaparecimento de D vai restabelecer seu controle sobre a Torre. Entendido?

Claro.

Vai conseguir fazer isso?

Claro.

— D me contou a verdade, e fiz o mesmo em troca. Ele descreveu o livro e sua sede por mais, em grandes detalhes. Perguntei a ele se, caso tivesse a opção, sabendo o que sabe agora, sabendo que a Parentalidade tinha sido enganada, se ele o leria outra vez. D respondeu que leria. Não o culpo pela curiosidade. Mas posso puni-lo pela cruel rebeldia. Ele descreveu o livro como algo *melhor do que qualquer jantar, qualquer banho, qualquer noite de sono*. Perguntei a ele por que leria o livro de novo se tivesse escolha, e ele me disse: *Existem coisas que precisamos fazer, mesmo que você nos proíba*.

Então continue, Richard. E, nas Inspeções, você vai descobrir quem mais pode estar escondendo algo. Se há mais a descobrir. Vamos torcer para que o livro seja a única coisa que eles tenham encontrado.

Tem alguma dúvida disso?

— Algum de vocês se estragou? Algum menino desta sala?

Richard fez uma pausa. Para gerar suspense, e apenas isso. Olhou para os meninos de preto. Seus meninos. Sim. Ainda eram seus meninos. Petrificados de tanto medo. Os olhos arregalados como as maiores cerejas do Pomar.

— Vocês me contaram a verdade sobre o livro? Todos vocês? Deixo todos com um aviso. — Richard se aproximou do microfone, os fios da barba preta fazendo cócegas no metal, como as pernas de uma aranha. Analisou aqueles rostos jovens. Viu sangue seco no lábio de Q. Viu horror no rosto de L. Incredulidade no de J. — Quando algo estraga na Torre, a Parentalidade *sente* o cheiro. E ninguém tem olfato melhor do que seu P.A.I. — Outra pausa. — Se mentiram para mim hoje, serão punidos. Serão mandados para o Canto. Onde vão ficar com seus irmãos mortos, A e Z.

Um arquejo geral dos Meninos do Alfabeto. Como se o P.A.I. tivesse

soltado Placasoires no Salão dos Corpos.

— Vamos saber se vocês mentiram. Não importa em que lugar da mente vocês escondam a verdade, não importa quão fundo ela esteja enterrada. A Parentalidade vai saber que vocês mentiram.

Não temos um assunto mais preocupante?, perguntou a figura do outro lado do acrílico.

O que seria mais preocupante do que a santidade dos meninos, dos meus meninos?

Silêncio da outra metade do Túnel de Glasgow, intenso o bastante para ser ouvido.

Você precisa encontrar Warren Bratt. Antes que ele conte.

Estou cuidando disso. Claro. Mande...

Antes que ele conte ao mundo.

Vinda da Terra da Neve

J estava deitado, olhando para o teto, pensando em D.

D estava em quarentena. Um dia depois de J. E pelo quê? Por ter lido um livro. J havia lido muito mais do que admitira. Será que isso podia tê-lo estragado também? E o que ia acontecer com D? Será que D seria mandado para o Canto? J não se sentia diferente. Será que se sentiria diferente se estivesse estragado? Será que importava?

De algum modo?

Era inimaginável pensar em D sendo mandado para o Canto. Eram todos tão pequenos quando A e Z foram mandados para o Canto que os outros Meninos do Alfabeto nem entenderam direito o que aquilo significava. Mas, aos doze anos, eles tiveram anos para imaginar como era o Canto, anos para cristalizar a ideia daquele bicho-papão, anos para desenvolver um medo permanente.

J se sentou. O discurso espontâneo do P.A.I. tinha sido assustador. Não havia palavra melhor para descrever. A voz do homem soara diferente. Ele assumira um *aspecto* diferente. Como se um estranho tivesse tomado o lugar do P.A.I. Um homem que havia se escondido na Torre por muito tempo, esperando a oportunidade de aparecer.

Ele havia aparecido.

Q tinha levado um soco. Não chegara a tanto com T e S, mas os dois sofreram um bocado.

J se levantou da cama e caminhou pelo corredor acarpetado até a sala de estar. A escada de Q havia sido retirada na noite passada — medida que a Parentalidade tomou para garantir que J não fizesse outro passeio noturno. Por que não? Não tinha mais o livro, e agora... também não podia andar lá fora.

Olhou o próprio reflexo na janela que dava para o Jardim. Nenhuma ferida. Nenhum arranhão. Nenhuma erupção. Nenhuma mudança mesmo.

Não era para os Inspetores terem percebido que J havia lido mais do que afirmou ler? Não era para o P.A.I. ter percebido? O que *estragado* e *podre* significavam, então, se eles não percebiam?

J tomou o corredor de volta para o quarto. Deitou-se, tentou dormir e até conseguiu por dez minutos. Tinha sido um dia emocionalmente exaustivo. Não sonhou, embora Q tivesse dito que todos sonhavam e às vezes só não lembravam mesmo. Q havia sangrado naquele dia. Fora da janela do quarto de J, o vento suspirava, depois soluçava; os galhos congelados dos pinheiros estalavam. As esculturas de gelo do Jardim rangiam ao serem açoitadas.

Tudo soava como música lá embaixo. Uma canção muito fria. Talvez algo que Warren Bratt soubesse descrever.

J saiu da cama de novo, sentindo-se mais do que um pouco desvairado. Mais do que um pouco assustado.

O carpete estava quente sob seus pés, contrastando com o mundo fora da janela. No banheiro estava ainda mais quente, já que o cômodo era menor do que o quarto. J apreciou o calor que saía do exaustor. Pensou em uma pessoa sentada em um bar em Milwaukee. Pensou em um homem chamado Robert, que precisava confessar algo àquela pessoa.

A ela.

Disparates. Palavras inventadas.

O alívio em urinar era bem-vindo, como se todas as sensações ruins e os temores para fora, despejados na privada.

Quase conseguiu ver o discurso do P.A.I. girando ali dentro.

Depois de terminar, J se aproximou da pia e lavou as mãos. A marca de uma mão (a sua própria) no espelho o fez lembrar as marcas que ele, D, Q e L deixaram quando crianças na neve do Jardim tantos invernos atrás. Imaginou-se mais novo. Falou consigo mesmo:

J? Onde você está? Você cresceu? Mudou? Vamos fazer as coisas que fazíamos antes, quando confiávamos na Parentalidade e víamos o P.A.I. como um guia. Você consegue encontrar aquele lugar de novo, J? Consegue me encontrar? Onde você está?

Ele enxugou as mãos e se afastou do espelho. Fora do banheiro, o vento na janela fazia muito mais barulho. J já tinha ouvido a música muitas vezes, no inverno anterior e antes daquele, mas nesse instante a canção parecia acompanhar o Robert de Warren Bratt enquanto ele confessava para a *mulher* no bar:

Nós criamos uma realidade falsa, toda construída na base da desinformação...

J ficou surpreso ao ver que estava parado no corredor, encarando uma foto de si mesmo quando bebê, nos braços do P.A.I.

Como parecia inocente. Como era fácil de enganar.

— Pare com isso — disse a si mesmo. — Não pense assim.

Mas de que outro jeito podia pensar? A Parentalidade, no coletivo, havia perdido a cabeça por causa de um livro. Uma obra a cujo autor o P.A.I., na assustadora e repentina Inspeção, havia se referido como *um maldito troll*.

Em um dos livros de Luxley, um troll concedia a um menino três desejos.

De sua boca para o meu ouvido, três desejos serão ditos, e três desejos, atendidos!

J sentiu uma onda súbita de segurança. Os livros de Luxley continuavam sendo um lugar que ele podia acessar sem se perguntar *por quê*.

Nesse sentido, a ficção, para J, havia se tornado mais confiável do que a realidade.

Três desejos. Da boca de J para o ouvido de Warren.

Primeiro, eu quero seu livro de volta.

Tem certeza?

Tenho.

Tem certeza?

Tenho.

Tudo bem.

Segundo, quero saber do que o P.A.I. tem tanto medo.

Tem certeza? A verdade é assustadora.

Tenho.

Tudo bem.

E terceiro... Quero conhecer você.

Tem certeza?

O reflexo de J no vidro se sobrepôs à imagem dele quando bebê.

Ah, como tudo havia mudado.

Não havia conhecimento no rosto daquele bebê. Nenhuma desconfiança.

J se afastou da foto.

Ah, a voz do P.A.I. mais cedo. Na sala de Exames do térreo. Sangue nos nós dos dedos. No Salão dos Corpos também.

O som que um homem faz quando uma coisa que pode desmascarar o trabalho de uma vida inteira aparece em seus aposentos e bate a sua porta.

Alguém batia à porta de J.

Ele parou na entrada da sala de estar. Olhou para a porta. Quem? Quem estava ali tão tarde da noite?

Outra batida, mais forte do que a primeira, revelou que não vinha da porta. Vinha da larga janela à direita.

J olhou.

Alguém segurava a ponta da escada de Q com uma das mãos e batia no vidro com a outra. Alguém havia reposto a escada de Q junto à janela.

— Ah! — gritou J, voltando para o corredor, voltando a se esconder.

Não conseguia respirar direito, não conseguia encontrar forças para impedir que as pernas tremessem.

Mais batidas. J pensou no cabelo comprido que ele tinha visto sendo soprado pelo vento. Na pele clara. No pequeno punho que batia no vidro.

Então uma voz, acrescida à música fria.

— Por favor! Eu preciso de ajuda!

Aquilo falava. Falava! E a voz era diferente de todas as que J conhecia.

— Quem... — Ele repetiu a palavra muitas vezes, ainda escondido.

— Por favor! Rápido!

J encostou na parede do corredor. Balançou a cabeça. Não, o que quer que aquilo fosse acabaria indo embora. Não. Ele não ia olhar de novo para a pessoa na janela.

Mas, depois de outra batida desesperada, J espiou.

A visão no vidro o deixou mais arrepiado do que o gelo da escada que levava até ali.

Cabelo longo, sim. Corpo magro, sim. Mãos pequenas.

Olhos arregalados. Rosto infeliz. Lábios formando um quadrado, os dentes à mostra.

Que tipo de menino era aquele?

Do tipo que Robert havia seguido até o bar em Milwaukee.

— *Vá embora!* — gritou J.

Mas a coisa bateu de novo.

— *Por favor!*

J não entendia o que estava ouvindo. As luzes da Torre que iluminavam as esculturas abaixo também iluminavam a coisa à janela. E o rosto que falava com ele era diferente de todos os outros que J já vira.

— *Vá embora!* — gritou ele de novo.

O vento uivou, a Torre rangeu, e a pessoa do lado de fora titubeou,

tentando se equilibrar na escada.

Uma coisa era ler sobre aquilo em um livro, pensou J. Mas ver...

Mas o que aquilo significava? *Quem* era aquilo?

Era a morte? A doença?

— J! — disse a pessoa. — ME DEIXE ENTRAR!

J. Aquilo sabia o nome dele.

estragado estragado você vai se estragar

Sentindo que mais nada era real, que ele não sabia mais nada, J saiu do corredor e se aproximou da janela da sala de estar.

— Rápido — pediu a pessoa.

J foi rápido.

— Abra a janela, por favor! Está muito frio.

J foi até o vidro. A janela não quebrou em cima dele. A pessoa não a quebrou.

Placadores não entraram gritando em seu quarto.

J abriu o fecho da janela.

Pensou em Robert entrando no bar. Pensou em Robert confessando.

Nós criamos uma realidade falsa, toda construída na base da desinformação.

Por que você ajudaria em uma coisa dessas?

J segurou a lateral da janela, ainda assustado demais para abrir, para deixar entrar a tempestade, para deixar entrar...

— Ela — disse.

Mas desejou não ter dito.

— *Por favor.*

— Ela.

Tremendo, chorando.

— Me deixe entrar.

— Mulher.

— Eu sei a verdade sobre a Parentalidade. — Olhos espertos. Olhos bondosos. — A Torre. O Canto. Seu P.A.I. Eu sei as respostas.

As palavras do livro subiram pela garganta de J como os insetos de muitas pernas do Pomar. Infestaram sua cabeça. Ameaçaram

enlouquecer o menino.

— Por favor — disse aquilo.

J abriu a janela.

E a pessoa que se parecia tanto com o mistério de Warren Bratt em Milwaukee, a *coisa* de cabelo comprido no bar, à sua janela, no limite de sua sanidade, entrou.

Uma mulher entrou em sua sala de estar.

E em sua vida.



PARTE TRÈS

K

O mundo passando por você

Não era que K gostasse de desenhar; ela demonstrara uma propensão incrível para a técnica desde muito pequena. Aos quatro anos, a representação que fizera da Torre tinha sido tão precisa que a Inspetora Krantz achou que fosse uma foto e a levou para Marilyn, com medo de que alguém tivesse fotografado a Parentalidade. Marilyn, por já ter visto o trabalho de K antes, não foi enganada por muito tempo. Mas sentiu um arrepio, uma triste onda de medo que não sentia havia muitos anos, quando Krantz levantou o desenho do outro lado da sala e disse: *O que vamos fazer sobre isso?*

Marilyn — M.Ã.E. para as meninas — não demonstrou para sua valiosa Inspetora o medo que sentia. Na verdade, ficou sentada, estoica, e disse com uma voz firme: *K. Minha K.*

Fotos das torres não eram permitidas. Nem fotos dos hectares de pinheiros que separavam as duas torres. Nenhuma prova. Ela e Richard haviam combinado isso desde o princípio. Nada de fotos, vídeos nem gravadores. Se alguém descobrisse o que estava acontecendo ali no meio da floresta do norte de Michigan, não seria por uma prova aleatória que a Parentalidade havia deixado vazar. Teria que ser palavra contra palavra. A deles contra a dos outros.

Os dois, casados havia muito tempo, acreditavam que, se negassem, assegurados pelo dinheiro que tinham, a palavra deles prevaleceria no fim.

Foi isso que passou pela cabeça de Marilyn quando Krantz entrou em seu escritório e lhe deu a imagem tão fabulosamente realista. Mas, de perto, ela reconhecera as pequenas inconsistências que revelaram se tratar de um desenho. E havia apenas uma Menina do Abecedário na Parentalidade que conseguia fazer tal coisa.

Marilyn sorria, não apenas porque costumava ser fácil acabar com as preocupações de Krantz assim, mas porque uma de suas meninas já mostrava sinais de que o experimento seria um sucesso imprevisto.

Quantas crianças do *mundo real* sabiam desenhar daquele jeito? Mais do que isso, quantas crianças de quatro anos tinham a habilidade

mas não a tutela necessária para fazer aquilo?

O mundo real era um desperdício constante de potencial.

* * *

K gostava tanto de desenhar que, aos seis anos, já podia ficar sozinha no Jardim, enquanto B e V escolhiam times para jogar futebol ou Bola Amarela, e F e L corriam da Torre até a ponta do Pomar de cerejeiras. Claro, K se exercitava um pouco fazendo longas caminhadas pelo mesmo Pomar, mas a M.Ã.E. sabia que não era o suficiente. Se preferia se sentar e desenhar as irmãs no Jardim, K tinha que pegar a escada para seu quarto no sétimo andar, um andar que dividia com B, V e Y. Tinha que subi-la pelo menos duas vezes por dia. O elevador era absolutamente proibido para ela.

De início, o acordo parecia estranho, claro, quando K dizia a B que a veria no térreo na hora do café, mas K logo percebeu quanto tempo livre havia em um dia na Parentalidade. Sim, o café começava às oito da manhã, mas quando começava *para valer*? Quanto tempo as Meninas do Abecedário passavam conversando sobre seus sonhos e estudos antes de a comida ser mesmo servida? E aquilo valia para qualquer evento, diário ou não, do Filme do Ano ao Nado Livre, da hora da história até as aulas.

O único momento em que uma menina não podia se atrasar de jeito nenhum era nas Inspeções.

K prestava atenção em tudo. E, aos oito anos, já havia passado a gostar muito da subida e da descida diárias. Ao descer, gostava de imaginar como seria o dia, e mais tarde, ao subir de novo, gostava de comparar aquelas percepções matinais com o que de fato tinha acontecido. Raramente batia.

Aquela tinha sido, na verdade, a primeira recompensa de K pela dedicação à arte.

Outras surgiriam.

Desenhar a distinguia das irmãs, não apenas fisicamente (por causa da escada), mas porque dava a ela uma identidade singular: nenhuma outra Menina do Abecedário gostava de desenhar, de arte, tanto quanto K. Por isso todas as irmãs, e até algumas Inspetoras, pediam a ela que desenhasse seus retratos. Como presentes. Como agradados. Dentro da Torre ou fora, no Jardim. Ao sol durante o dia, à luz de uma lanterna à

noite. Até que as paredes do quarto de K ficaram cobertas com seus desenhos, representações fotorrealistas de todas as Meninas do Abecedário e dos rostos da equipe da Parentalidade, tomando conta dela enquanto a menina dormia, feliz.

Todas, exceto pela M.Ã.E, que havia pedido gentilmente que seu rosto não fosse desenhado. Nunca.

K respeitava isso, como todas as meninas respeitavam tudo o que a M.Ã.E. e a Parentalidade decretavam. Todas menos uma. Uma azarada menina de sete anos que havia se estragado e fora mandada para o Canto.

J.

K gostava especialmente do desenho de J, e muito se entristecera ao descolar a fita adesiva e tirá-lo da parede do quarto. O desenho, feito no Jardim quando as meninas tinham seis anos, havia ficado ali por mais de um ano, e o espaço que deixou encarava K como um assustador fac-símile do próprio Canto.

Eu sou fácil de desenhar?, perguntara J, sentada em uma cadeira de vime perto da cerca de pinheiros. O vento de primavera bagunçava o cabelo da menina. K o pusera para trás da orelha de J muitas vezes naquela tarde.

Ninguém é fácil de desenhar, respondera K. *Mas gosto bastante do desafio que você representa.*

J havia franzido a testa. *Eu nunca tinha me imaginado assim. Como um desafio.*

Ao tirar o desenho da parede, quando a Parentalidade a obrigara, K viu que havia capturado mais do que J. Também havia capturado o olhar de alguém com um segredo. Respondendo à pergunta original de J muito tempo depois, K achava que J era, sim, difícil de desenhar. A maioria das meninas tinha os pensamentos estampados nos olhos, mas os de J ficavam em um lugar muito mais profundo de sua cabeça. E, no dia em que dobrara o desenho da irmã que se fora, K havia percebido o próprio potencial: era capaz de capturar não só os detalhes superficiais, os ângulos e as sombras das pessoas que dividiam o mundo com ela, mas também o que vivia dentro de cada uma delas.

Talvez fosse por isso que a M.Ã.E. se recusasse a ser desenhada.

Quando K tinha dez anos, a rotina do Jardim (em todas as estações) incluía a menina sentada em uma cadeira de vime, desenhando retratos fotorrealistas das irmãs, dos braços da cadeira, da grama, de seus dedos, joelhos e botas de neve, de nevascas e das esculturas absurdamente

criativas que as irmãs criavam durante o Encontro da Efégie.

Inclusive do incrível escorregador de B.

No inverno do décimo ano delas, B havia construído um escorregador que circundava toda a Torre, com inclinação suficiente para descer continuamente de uma janela do terceiro andar — a sala de estar de O — até o Jardim. As Meninas do Abecedário tinham se revezado para descer pela invenção sem usar as mãos e os pés, sem precisar nem sequer de um empurrão. K, como todas as outras, tinha ficado muito animada para experimentar. Na fila, esperou a vez de M, depois L, depois U, até que, empolgada com os gritos aparentemente intermináveis das irmãs, subira na janela e se sentara na invenção de B. Ela se deitara de costas, os braços cruzados como as irmãs haviam instruído, as pernas esticadas e as botas pressionadas contra as laterais, esperando a deixa para descer.

Você vai adorar, dissera B, claramente orgulhosa. *E não esqueça que sua irmã número um construiu essa coisa.*

Como eu ia esquecer, dissera K, os olhos no céu de inverno, *com você por perto para dizer?*

Era assustador estar fora de uma janela da Torre, a três andares de altura.

Depois de uma pausa teatral característica, B disse: *Já*. K juntou as botas e desceu.

Foi muito mais rápido do que ela imaginava. E as paredes do escorregador pareciam baixas demais. A emoção foi quase assustadora quando ela pegou a primeira curva, onde o gelo dava a volta nos tijolos da Torre. O escorregador não parecia largo o bastante para segurá-la. K, assim como as irmãs antes dela, gritou, certa de que ia sair voando e cair no monte de neve. No entanto, fez a curva em uma velocidade que dava a sensação de estar sendo lançada de um canhão (algo que uma menina chamada Susan havia feito no livro mais recente de Judith Nancy, *Um circo no Jardim*) e voltou para as paredes geladas e a base curva suave que B havia projetado tão bem. Irmãs aplaudiam de todas as janelas por onde ela passava. E, quando seu grito já havia se dissipado no céu congelado, K fez outra curva, indo parar no lado oposto do ponto de partida, nos fundos da Torre, onde viu uma Inspetora no alto de uma árvore sem folhas, afastando os galhos de outra, em busca de uma luva lançada ali por uma catapulta de gelo. K não havia percebido na hora, mas, enquanto observava a Inspetora, ela viu, pelo espaço entre os pinheiros, um pináculo aparecer entre as

muitas árvores nuas. Um pináculo parecido com o que coroava a Torre que ela havia circundado em alta velocidade.

K só perceberia que tinha visto aquilo muito depois, quando o misterioso pináculo aparecesse em sua arte.

Mas antes disso, no fim do escorregador que levava ao Jardim coberto de neve, as irmãs surgiram para cumprimentá-la, e a M.Ã.E., vestida com seu macacão de neve vermelho e justo, o cabelo preto salpicado de flocos de neve, se ajoelhou a seu lado, a mão estendida para ajudá-la a se levantar, dizendo: *Talvez você possa desenhar o que viu do mundo passando por você.*

O RELATÓRIO BURT: 1º DE JULHO DE 2018

Leia ao acordar

As Meninas do Abecedário têm onze anos agora.

Por favor, parem um pouco para pensar nisso.

Mais de uma década se passou desde que você e Richard criaram o projeto conjunto de um experimento inédito, em que meninos e meninas seriam criados sem que uns soubessem da existência dos outros. Extenso, ousado e (alguns com certeza diriam) polêmico. Seja como for, aqui estamos, onze anos depois.

E o que aprendemos?

Primeiro, Marilyn, agradeço por poder me dirigir a você diretamente em meus relatórios mensais, coisa que seu marido ainda não permite. Só posso supor que seja porque (1) ele gostaria de manter um caráter de pesquisa científica ou (2) ele se incomoda ao ler sobre as próprias falhas e fraquezas. ATENÇÃO: É meu trabalho oferecer uma análise legítima de vocês dois. Digo isso para o caso de Richard começar a articular minha demissão ao ler as linhas acima.

Para mim, é muito mais fácil falar diretamente com vocês. Parece mais com uma conversa. Ou, talvez, isso me mostre que minha opinião não é periférica, mas uma visão de campo.

Enfim, chega de falar de mim.

As Meninas do Abecedário... as Meninas do Abecedário...

Agora têm onze anos e são muito superiores a suas homólogas do mundo real, ou como vocês gostam de chamar o restante do planeta: distração. Não é de surpreender que as meninas estejam à frente dos Meninos do Alfabeto em quase todos os temas possíveis, mas talvez isso mereça uma análise mais profunda — afinal, não é verdade que parte da filosofia da Parentalidade partiu do conceito de que os meninos querem impressionar as meninas desde muito cedo e que, por isso, se preocupam mais com a imagem que os outros fazem deles do que com a própria essência? E no entanto aqui estão os meninos, atrasados em relação às meninas mais uma vez. Tal como no Planeta Distração. Tem coisas, Marilyn, que são simplesmente biológicas, e seria muito

conveniente que nos lembrássemos disso.

K provavelmente é a criança mais excepcional de todas (incluindo meninos e meninas), a julgar por suas notas, muito superiores às dos outros. Mas, enquanto o Q dos meninos chama atenção por sua combinação interessante entre o científico e o espiritual, K parece ter sido tirada do Planeta Distração ontem mesmo; até o linguajar dela sugere uma criação mundana — por exemplo, “Nem vem”, “Você que sabe” e “E aí?”. E, apesar de essas frases serem clichês em cidades como Detroit, com certeza não são aqui na Parentalidade. Então, enquanto Q começa a contemplar uma força espiritual por trás de toda a existência, enquanto Q começa a inventar Deus, K está ocupada inventando clichês, figuras de linguagem que, caso ela tivesse nascido em outra época e em outras circunstâncias, poderiam, como Dickens, mudar o léxico de todo o mundo.

K tem uma relação quase estranha com a condição humana, o que é interessante para as outras Meninas do Abecedário, o que é interessante para nós, a equipe. Parte disso pode ser menosprezado por nós com facilidade, já que todos crescemos com as coisas que ela diz, as coisas de que ela gosta, as coisas que ela desenha. Mas precisamos nos lembrar de refletir (e de maneira constante): quem ensinou essas coisas a ela?

A resposta? Ninguém. Desse modo, K é valorizada de uma maneira quase inversa: a Parentalidade esperara desenvolver uma forma totalmente diferente de pensar ao erradicar a influência do mundo exterior, mas a realidade é que temos uma Menina do Abecedário que está recriando esse mundo exterior. E isso não é fascinante? O que mais impressiona, dado o mundo que criamos? Uma genial cientista ou alguém que se encaixaria bem no mundo que negamos a elas? Chamamos atenção para a arte como um escape para a sexualidade, uma fuga para debates acalorados sobre matemática e ciências, um tipo tolo de entretenimento... e K a transformou no foco de sua vida. PERGUNTA: Estaria K transcendendo assim a Parentalidade? Seria ela uma metacriança, por assim dizer? Minha opinião profissional é de que ainda é cedo demais para sabermos. Estamos a dois anos de Richard e seus Anos Delicados e temos muita consciência de como os meninos e meninas podem mudar de maneira drástica. A experiência nos diz que K pode repudiar a própria proeza artística e voltar toda a sua atenção para a física. Mas eu me pergunto... Será que isso deixaria você feliz, Marilyn?

Ou triste?

E temos o problema dos desenhos mais recentes de K. Sim... Sua fixação dos últimos seis meses: os inúmeros desenhos de pinheiros e da Tal Árvore.

Já discutimos a Tal Árvore vezes demais para lhe dar um nome — a copa que mais parece o pináculo da Torre dos rapazes do que qualquer outro pinheiro da floresta. Como K é uma grande realista (fenomenal, inclusive), como não questionar a aparência levemente diferente daquele pináculo em relação às árvores que o cercam?

Bom, já fizemos isso. Em várias Inspeções, você, Marilyn, questionou a menina sobre o significado da Tal Árvore, já que, da última vez que contei, a árvore apareceu em quarenta e quatro desenhos. E a resposta dela não muda desde o início: É só uma árvore. E talvez a resposta dela na semana passada tenha sido a mais reveladora de todas (e talvez deva marcar o momento em que começamos a acreditar nela): Talvez seja um pouco diferente porque eu sou um pouco diferente. Talvez aquela árvore seja eu.

Artístico, com certeza, mas atípico de K. Mais uma vez: K é uma realista, e se há uma coisa que sabemos sobre pessoas artísticas é que, mesmo quando as obras delas mudam, suas raízes subconscientes parecem persistir. Não consigo deixar de imaginar uma interpretação da copa de uma árvore enlouquecendo a jovem que a observa, sabendo que sua aparência na verdade é outra. Então, por conta disso, nós a questionamos. Não chegamos a lugar algum. Talvez não haja mesmo aonde chegar. Mas há mais que podemos fazer e que já fizemos.

Nós a levamos até o Jardim e pedimos a ela que apontasse onde a Tal Árvore ficaria. Ficamos no Jardim, segurando os desenhos de K, comparando-os com o topo dos pinheiros, alinhando a realidade dela com a nossa, até termos certeza de que sabíamos onde a Tal Árvore ficava. E sabem o que descobrimos? Descobrimos que fica exatamente onde a Torre dos rapazes devia estar. Mas, apesar de saber que esse devia ser o fim da história, não é. Por quê? Porque ainda precisamos achar um ângulo pelo qual dê para ver a Torre dos rapazes de qualquer lugar do Jardim. Paramos diante das muitas janelas dos fundos da Torre e fizemos a mesma coisa. E ainda assim... não vimos sinal da outra torre. ATENÇÃO: Claro que não há sinal da outra torre. Esse é o alicerce da Parentalidade. Mas parece que K a viu.

Ou será que viu mesmo? Será possível que nossa visão, o que vemos, seja tão influenciada pelo que construímos? Achamos que está claro que a menina deve ter visto a ponta da Torre dos rapazes, mas não há

evidência visual que embase isso. A única teoria que posso oferecer é a possibilidade de que alguém estivesse nos pinheiros um dia (tem que ter sido durante o dia, não à noite), talvez pegando algo das árvores, e as tenha puxado, criando um tipo de abertura...

Mas isso seria coincidência demais, e minha opinião profissional é a de que devemos confiar na menina e nos considerar com sorte por ela estar simplesmente desenhando algo que parece um pináculo, e não o rosto de um dos rapazes.

Isso levanta questões interessantes, não é, Marilyn? Será que uma criança estraga se ele ou ela vir um desenho do sexo oposto? Se ouvir uma menção ao sexo oposto? Se ler um livro que retrate um membro do sexo oposto? Com base em como criamos essas crianças, será que o sexo oposto não seria o equivalente a um unicórnio ou a um duende do Planeta Distração? Será que as características não seriam tão estranhas, tão absurdas, que só se encaixariam (seguramente) na ficção?

Mas a questão não é apenas K talvez ter visto o topo da Torre dos rapazes (por mais horrível que soe essa ideia); é a possibilidade de K não estar nos contando a verdade ao afirmar que a excentricidade constante em seus desenhos é de apenas uma árvore. Porque ver é uma coisa, mas mentir é claramente outra. No entanto, graças ao Barcos, sabemos que K é tão sincera quanto qualquer outra criança criada pela Parentalidade. Nós nos preocupamos porque você e Richard nos doutrinaram com a necessidade de nos preocupar, questionar, Inspeccionar constantemente nossas crianças.

Vocês pediram que, neste relatório, eu desse minha opinião oficial/profissional sobre a situação de K. Meu veredito. É raro que você ou Richard peçam um relatório tão específico, e também é inerentemente impossível que eu faça isso, já que minha primeira função na Parentalidade é analisar tanto você quanto Richard, e inclusive responder POR QUE acho que vocês pediriam um relatório baseado apenas em uma série de desenhos pouco preocupantes de uma Menina do Abecedário.

Então me permitam primeiro fazer meu trabalho:

K é uma ameaça existencial. E assim como a personalidade dela é difícil de aceitar, levando em conta o que ensinamos a ela, como a ensinamos a ser e como ela se transformou sozinha, a ameaça que ela representa também vale uma discussão filosófica. Será que ela viu a Torre dos rapazes? Será que sonhou com isso? Será que inventou um reflexo da Torre que lhe serve de morada, situada no único lugar que

ela conhece fora do Jardim — ou seja, em meio aos pinheiros? Será que K, uma artista, está tentando criar uma versão ficcional da Torre não muito diferente das apresentadas nos livros de Judith Nancy que ela tanto adora? Se esse for o caso, será que isso não é algo que deva ser comemorado? Por favor, não me considerem a voz liberal em meio ao seu coro conservador. A criatividade de K deve ser estudada, pois em que outro lugar do Planeta Distração existe uma menina de onze anos capaz de inventar um mundo real a partir de sua imaginação? Talvez uma criança do Yukon. Talvez uma criança criada em uma caverna de que nunca ouvimos falar. Mas ouvimos falar de K. E minha opinião profissional é que você e Richard não têm que se preocupar com nada. Nenhum de nós tem. K não está desenhando homens e muito menos falando sobre isso. Temos aqui uma jovem absurdamente brilhante que descobriu, sozinha, um lugar além da Parentalidade, além dos pinheiros.

K valoriza tanto a própria imaginação quanto a habilidade de recriar o mundo real que conhece. As representações fotorrealistas que faz não sugerem que ela é incapaz de pensar por si mesma. Na verdade, é o contrário. K tem a legítima alma de uma artista, e, seja pintando paisagens perfeitas ou mulheres de três olhos com doze braços, o artista, no fim das contas, é movido pela imaginação.

O que me leva ao meu veredito, que vocês pediram inicialmente.

Não acho que K tenha visto o topo da Torre dos rapazes de maneira consciente. Também não acho que tenha mentido nas Inspeções. E, apesar de saber que a última opção é relevante, na minha opinião a primeira não é. Mas há uma coisa nessa situação que me preocupa, uma questão que com certeza já passou pela mente de vocês muitas vezes:

Tenha K visto o pináculo ou inventado uma segunda torre do jeito que artistas/autores fantásticos fazem, precisamos ficar de olho nela.

Por quê?

Bom, e se nossa menina de onze anos decidir visitar o lugar, seja ele imaginado ou não?

Apesar de não estar sugerindo de maneira alguma que K tenha se estragado (nem de longe), tenho consciência da velocidade com que a notícia se espalharia caso ela procurasse (e encontrasse!) a Torre dos rapazes e contasse isso para a amiga brilhante (e muito tagarela), B. A Parentalidade, claro, desabaria, já que as variáveis do experimento estariam comprometidas.

Então é isso, Marilyn. Meu veredito é simplesmente... ficar de olho

nela. E, por favor, para minha própria sanidade e para a integridade do trabalho específico designado em meu contrato com a Parentalidade, permitam que o próximo relatório seja composto por minhas elucubrações mundanas sobre o funcionamento de sua mente e da mente de Richard... Me sinto muito mais à vontade com isso do que decidindo o destino de uma menina.

*Barbara Burt
A Parentalidade*

Decisões ruins, sempre, com B

— Porque elas estão sempre perguntando. É por isso.

K e B estavam sentadas de pernas cruzadas, com o tabuleiro de Barcos entre elas, mas não plugado, nenhum eletrodo conectado. As águas azuis não estavam se agitando de acordo com as emoções expressas pelas Meninas do Abecedário. Os barcos não estavam em perigo. B mexia no interruptor havia muitos minutos. Estava pronta para jogar, mas K a interrompera com aquela conversa inesperada.

— Como assim, elas sempre perguntam? Sobre o quê?

B tinha um jeito de fazer perguntas que forçava a amiga a dizer a verdade. K adorava isso nela. B era tão direta quanto qualquer outra Menina do Abecedário da Parentalidade.

— Bom, é assim. — K pegou um de seus desenhos do outro lado do carpete e o levou até o tabuleiro. — Tenho desenhado muito os pinheiros nos últimos tempos.

— Me conte uma novidade.

— Pare. O que posso fazer? Eu me interesso pela floresta. Tem algo... — ela se inclinou para a frente, olhou a própria obra — de fascinante na copa das árvores.

B analisou o desenho.

— Certo. E daí?

— E daí... o quê?

— O que a M.Ã.E. pergunta?

— Bem aqui — disse K, levantando o indicador para apontar algo no desenho. — Espere... — Ela interrompeu o movimento. — Primeiro, você está vendo?

B franziu o rosto como fazia quando estava se concentrando. Uma emoção exagerada. Típica de B.

— Não — respondeu, por fim. — Não estou vendo nada. Copa de árvores, sim. Algo mais? Não.

K enfim apontou.

— Bem aqui. Está vendo?

Afastou o dedo o bastante para revelar o topo de uma árvore

desgarrada. O único pico entre todos os outros ligeiramente diferente.

B balançou a cabeça.

— Não. Ainda não estou vendo. Isso é um tipo de jogo artístico? Uma ilusão de ótica?

— Bom, é. De certa forma, é. — K virou o desenho para si. — Se você analisar de perto, vai ver pedaços de cascas e pontas irregulares no topo de todas as árvores, com exceção de uma. Está vendo?

B analisou a imagem. K viu uma luz surgir nos olhos da melhor amiga.

— É! Estou vendo. — A luz se apagou. — E daí? Qual é o problema em você cometer um erro?

K balançou a cabeça.

— Bom, foi isso que chamou a atenção delas. Eu não erro. Não assim. Estou desenhando o que vi lá fora.

— Lá... fora?

— É. Não sei quando foi, mas eu vi uma coisa e tenho desenhado isso desde então. E acredite quando digo que a M.Ã.E. *adoraria* saber quando e como vi isso. — Ela olhou para o desenho. — Nem eu mesma tinha percebido esse detalhe até a Parentalidade me mostrar. Agora vejo em todos os desenhos. — Ela se esticou para o lado e pegou algumas folhas da pilha no carpete. — Você me conhece, B. Eu desenho exatamente o que vejo. Simplesmente supus que o topo dessa árvore específica fosse... diferente. Olhe.

Um a um, K mostrou a B a única ponta de pinheiro sem tronco de cada desenho.

— Está bem. Estou vendo. Estranho. O que a M.Ã.E. acha que é?

— Não sei.

K olhou para a porta. Para as janelas. Sabia que B percebia sua tentativa de guardar segredo.

— O que foi, K? Está me assustando.

O quarto de K ficou mesmo desprovido de qualquer humor. B obviamente havia percebido a graça sumir.

K se levantou, andou de um lado para outro, voltou e se ajoelhou diante do tabuleiro.

— Da primeira vez que a M.Ã.E. me perguntou sobre isso, ela e Krantz se entreolharam. Pareciam saber de alguma coisa.

— O velho olhar de águia — disse B. — Minha K não deixa nada passar.

— Pelo menos não muita coisa.

— E aí...

— Aí que isso me pareceu estranho. — K deu de ombros. — Estranho o bastante para eu me perguntar *por que* elas estavam tão preocupadas com esse... topo de árvore.

As duas meninas olharam juntas o primeiro desenho da pilha.

— Então — disse B —, é por isso que você está desconfiada. Elas não param de perguntar sobre isso. Como você disse. Hum...

— Em toda Inspeção. E eu não diria que estou *desconfiada*. Só que... é interessante, não é?

B deu de ombros também.

— É. E por isso...

— Por isso...

B balançou a cabeça.

— Não, K.

— Por que não?

— Quer dizer... Eu não... Só não.

— B, me escute.

— Não!

— Provavelmente é uma coisa que só devemos ver quando formos mais velhas. — K ergueu as mãos, as palmas para cima, como se quisesse dizer: *Nada de mais, não é?*

Mesmo sem nenhuma expressão no rosto, B parecia exagerada. Até o olhar estoico era excessivo.

Ela se levantou e foi até a porta. K não perguntou aonde ela ia. Sabia que B ia para o próprio quarto ler um livro de Judith Nancy, e que não conseguiria parar de pensar no topo de árvore diferente. Assim como K não conseguia. Assim como a M.Ã.E. não conseguia.

— Tudo bem — disse B, virando-se para K outra vez. — Tudo bem. Claro. Vamos lá.

— Sêrio?

K se levantou e foi até ela. B ergueu as mãos como se quisesse evitar um abraço.

— Não se anime toda. Provavelmente é uma grande tora de madeira presa no chão. Marcando alguma coisa. Um banheiro público.

— Um banheiro público?

— É, vai saber!

Elas riram.

— Você quer mesmo fazer isso? — perguntou K. — Sabe que a gente pode se encenar. E com certeza vamos ter que contar à M.Ã.E. na

Inspeção seguinte.

— Quero. Por que não? Se sua memória fotográfica capturou uma coisa interessante, por que não *devíamos* agir como se estivéssemos em um livro de Judith Nancy e investigar? O que somos senão... aventureiras?

— Exato — disse K. Depois, mais séria: — Obrigada, B.

— Claro. — B abriu a porta. — Amanhã.

— Amanhã é o Filme do Ano.

— E daí? Prefiro fazer nosso próprio filme.

— Uau! — exclamou K.

Mas, antes que K pudesse falar outra coisa, B já estava no corredor, fechando a porta atrás de si.

K foi de novo até o tabuleiro no carpete. Ainda de pé, olhou para os desenhos a seus pés.

Amanhã, pensou. Depois olhou pela janela, para os pinheiros, e pensou na palavra de novo, mais uma vez, antes de pensar de novo, mais uma vez.

Amanhã

O filme no Salão dos Corpos era uma das melhores coisas do ano para as Meninas do Abecedário. Quando a primavera finalmente dava lugar ao verão, o primeiro pensamento da maioria das meninas era a proximidade do evento, a única oportunidade do ano que tinham de ver imagens em movimento em uma tela. Z suspeitava de que os filmes fossem roteirizados por ninguém menos que Judith Nancy, teoria que havia se espalhado depressa e nunca fora negada pela M.Ã.E. Nancy era lendária entre as meninas por suas histórias de aventura, retratando as Meninas do Abecedário adultas, superando obstáculos e distrações em prol de seus objetivos. O livro favorito de K se chamava *À noite*, no qual Marla Haynes se dedicava a longas horas de estudo depois que as irmãs iam dormir, e, ao fazer isso, curava todas as irmãs (e a si mesma!) de uma doença. Mas não era com a trama do livro que K e as outras se identificavam tanto. Na verdade, de tão bem escrito, o livro era de tirar o fôlego, e tinha uma voz que parecia sussurrar em seus ouvidos.

Será que Judith Nancy roteirizava os filmes de verão aguardados o ano todo pelas Meninas do Abecedário? A M.Ã.E. não ia dizer, e K nem ligava para isso. O mistério, conforme ela passou a acreditar, podia ser em si um personagem.

Com ou sem Nancy, o Filme do Ano era mágico.

E naquela noite era exatamente o tipo de distração com que K e B contavam.

Em nenhum outro dia do ano as Meninas do Abecedário se sentavam juntas no escuro, os vinte e cinco corpos pequenos escondidos nos bancos. Mais de uma menina adormecia todo ano (inexplicavelmente, G não dava a mínima para os filmes), e nenhuma Inspetora, integrante da equipe, escritora nem a M.Ã.E. jamais havia saído das sombras para acordá-las. B, que havia sugerido *amanhã* na noite anterior, tinha muita consciência da oportunidade que o Filme do Ano dava às duas meninas. Duas horas de escuridão, duas horas durante as quais a M.Ã.E. suporia que a dupla estaria sentada com as outras, duas horas que deviam ser suficientes para chegar à árvore estranha dos desenhos de K, identificar

o que era e voltar antes que sua ausência fosse notada. E, caso elas *fossem* pegas, a punição com certeza não seria nada de mais. Afinal, elas estavam conduzindo uma Inspeção própria.

Estavam vestidas para o Salão dos Corpos, ambas de calça e gola rulê pretas, paradas diante do quarto de K. Por sorte, nenhuma das duas estava na escala do Vozes.

— Vamos repassar o plano — disse B.

— Vamos.

Foram até a ponta do sétimo andar contrária à sala de Exames, onde haviam passado por Inspeções em todas as manhãs de sua vida. Ali, K abriu a porta da escada e disse:

— A gente responde à chamada como faz todo ano.

— Isso. Responder à chamada.

Elas pegaram a escada. A porta se fechou.

— A gente espera as luzes se apagarem.

— Isso. As luzes.

Enquanto seus sapatos martelavam a escada, K deu um cutucão no ombro de B, pedindo a ela que se detivesse. As duas olharam por cima do corrimão. B, para cima; K, para baixo. Não podiam deixar que as Inspetoras Krantz ou Rivers as escutassem. Isso com certeza acabaria com a aventura. Observando a escada mais abaixo, K imaginou a M.Ã.E., os óculos e o cabelo escuros se misturando às sombras, olhando para ela.

Vamos falar sobre essa Tal Árvore, K... e esse seu plano também.

Mas as meninas estavam sozinhas.

— A gente precisa sair antes que o filme comece, quando o Salão dos Corpos estiver o mais escuro possível, na hora em que apagarem as luzes — disse K.

Elas seguiram juntas, de mãos dadas, descendo a escada.

— É — respondeu B. — E a única porta que não vai nos denunciar é a da cozinha.

— Porque o jantar já foi servido. Ninguém vai estar lá.

— E não vai ter luz acesa.

— Isso. Isso mesmo.

Elas pararam à porta do térreo.

— Você está pronta, então? — perguntou K.

— Pronta para investigar o único erro que você já cometeu em um desenho?

B olhou para a porta. As duas ouviram as outras Meninas do

Abecedário no corredor. Vozes entusiasmadas e o barulho de muitos sapatos. O coral já havia começado.

— Sim. Estou pronta.

As duas puseram uma das mãos na porta, sorriram e a abriram.

Todas as irmãs seguiam depressa para as portas do Salão dos Corpos com a cabeça no filme. A maioria falava enquanto andava. Ia ser melhor do que o do ano anterior? Seria o novo filme favorito delas de todos os tempos? A ansiedade era palpável, e tanto K quanto B sentiram pontadas de dúvida, também querendo muito ver o filme. Com certeza a M.Ã.E. perguntaria o que tinham achado na Inspeção do dia seguinte. O Filme do Ano era sempre um tema na sala de Exames na manhã após a exibição. Mas nenhuma das duas mencionou isso. Era o jeito delas: independência da forma que fosse possível. E ambas sentiam que estavam em um filme próprio, afinal, ou em um livro de Judith Nancy talvez chamado *Detetives* ou *Investigação*.

— Oi, K — disse E. E, que era certinha no discurso e na aparência como nenhuma outra Menina do Abecedário queria ser. — Oi, B.

Sempre existira certa tensão entre a conservadora E e a engraçada B. K assentiu, a cabeça longe demais para sorrir para aquele momento de tensão.

— Animada para o Filme do Ano? — perguntou B, cordial.

E ajustou a gola rulê preta, ajustou a calça preta. Sorriu de um jeito que só E conseguia: tinha informações sobre o filme.

— Eu sei o... — ela olhou para os dois lados, criando suspense antes de sussurrar: — ... *título*.

— Ah, é? — perguntou K. — Bom... E qual é?

— Aos seus lugares, meninas.

K e B ficaram imóveis, pois a M.Ã.E. parecia ter se materializado do nada, passando por elas antes de entrar no Salão e seguir pelo corredor central em direção à escada, ao púlpito e à tela. Ela sorriu ao passar, mas K viu algo mais, algo que quase a fez cancelar a missão daquela noite.

A M.Ã.E. havia piscado para ela.

Provavelmente ela queria demonstrar que percebia a empolgação com o evento, mas K não pôde deixar de pensar que significava outra coisa.

K, querida, explique se puder: qual é o significado por trás do topo desta árvore, este aqui, sem a casca?

— *Feia* — disse E. Então cruzou os braços e sorriu, esperando K e B

responderem. — Meninas? Vocês me ouviram?

Mas nenhuma das duas tinha ouvido. Ou tinham, mas bem ao longe.

— Quem é feia? — perguntou B.

K notou o tom defensivo da melhor amiga. Como se E estivesse sugerindo que ela era feia... por bolar aquele plano.

— Esse é o nome do *filme*, suas tapadas — disse E, balançando a cabeça. — O que há com vocês hoje?

Mais uma vez, K pensou em cancelar tudo. Primeiro a piscadela da M.Â.E., depois uma irmã sugerindo que havia algo de errado.

Mas B se iluminou.

— Ah! É um título *fantástico*! E faz mesmo a gente pensar!

— Não é? — comentou E. — Por sorte, eu mal me identifico com a palavra.

Ela olhou para as outras Meninas do Abecedário que se dirigiam aos bancos. Então as seguiu.

Com os acordes exuberantes do Vozes as tranquilizando, K e B pegaram o corredor central e deslizaram pelo banco para o mais longe possível, querendo se aproximar das portas pretas da cozinha.

Mas para isso precisavam passar por Q.

— Você se importa se a gente pular você? — perguntou K.

O rosto pálido de Q parecia flutuar sobre suas roupas pretas e as sombras do Salão dos Corpos. K conhecia bem aquele rosto: a testa franzida de Q estava imortalizada em um desenho no quarto de K havia alguns anos.

— Por que me importaria?

— Ah, é só um jeito educado de falar — respondeu B.

— Sentem onde quiserem.

— É o que vamos fazer.

As meninas pularam as pernas estendidas de Q e por fim se sentaram. Para K, as portas da cozinha, distantes dos holofotes do púlpito, pareciam um buraco negro na parede. Um túnel. Ela pensou no único outro túnel de que tinha ouvido falar na vida. O Túnel de Glasgow abaixo da Torre. E o Canto, pelo qual era preciso passar para chegar até o túnel.

— Tudo bem — disse B. — Está pronta?

K pensou no Canto. Não pôde evitar. Bom, pensou na imagem que tinha daquilo. Formas atrás da porta que a M.Â.E. havia descrito muito tempo antes como o único lugar a que nenhuma Menina do Abecedário ia querer ir.

Seria preciso ser uma menina muito malcriada para ser mandada para o Canto. Uma menina que houvesse estragado e apodrecido.

K se imaginou apodrecendo de dentro para fora.

Nem o Vozes conseguia acalmar aquela imagem.

— Estou — respondeu ela.

Mas havia nervosismo em sua voz.

— Não temos que ir — sussurrou B. — Podemos ficar aqui e ver o filme. Parece divertido, não parece?

K tentou sorrir, mas não conseguiu direito. O plano havia parecido bom na noite anterior. Mas ali? B parecia tão nervosa quanto de fato estava. K não tinha dúvida de que a irmã imaginava a própria versão da mesma porta de madeira.

— Não — disse K. — Quando as luzes se apagarem, antes de o filme começar. Como planejamos. Vamos só...

Mas o medo havia crescido dentro dela. Medo de verdade. Suficiente para fazê-la parar para pensar.

— Quer saber? — perguntou B. — Tudo bem. Vamos ficar bem.

Elas olharam para a ponta do banco ao mesmo tempo, olharam para Q, cujo cabelo castanho comprido cobria o rosto. Todas as Meninas do Abecedário haviam tentado conhecer Q melhor. A equipe também. Ninguém mais do que a M.Ã.E. Mas K havia aprendido que algumas meninas simplesmente não queriam que ninguém as conhecesse.

No palco, um leve chiado do microfone fez as meninas se sentarem empertigadas e se concentrarem na M.Ã.E., à frente do púlpito.

— Minhas meninas — começou a M.Ã.E., a voz tão carinhosa quanto direta. Sempre. As meninas do Vozes concluíram com um acorde alegre. — Bem-vindas ao Filme do Ano na Parentalidade.

As Meninas do Abecedário comemoraram, as vozes elétricas ecoando nas paredes altas do Salão dos Corpos. Inclusive K e B.

— Não vou falar muito agora, já que não quero atrasar o que vocês vêm esperando ansiosamente há meses. Mas tenho algumas coisas para lembrar antes.

K se pegou impressionada, como sempre, com o tom de voz, a postura e a compleição esguia da M.Ã.E., além da forma como o cabelo preto emoldurava os ângulos de seu rosto. Os olhos da M.Ã.E. estavam cobertos pelos óculos escuros sempre presentes, dando a ela uma sensação de extrema acuidade. A M.Ã.E. sempre parecia *ver tudo*.

K se remexeu no banco, desconfortável. B se inclinou em sua direção e sussurrou:

— Esqueça. Vamos ficar. O que passou pela nossa cabeça? Quem liga para uma árvore sem casca? O que tem de errado com a gente?

K assentiu, mas sem desistir ainda. Sabia que aquilo era importante, *não desistir*. Ela e B podiam alternar seus sins e nãoos, mas, se dissessem “não” juntas, a missão seria cancelada.

Enquanto a voz da M.Ã.E. viajava pelo Salão dos Corpos, K se pegou dominada pela afinação perfeita, pelo tom tranquilizador da voz da mulher que havia guiado as Meninas do Abecedário a vida toda. Tinha sido a M.Ã.E. que, muito tempo antes, havia informado às meninas que existiam coisas como meninas desamparadas. Meninas que morriam de fome nos corredores de outras torres. Meninas que, sem saber, desciam para o porão dessas outras torres e seguiam até o próprio Canto, onde, sem ninguém para impedi-las, abriam a porta.

Anos atrás, antes da nossa época, algumas meninas menos afortunadas deixaram a coisa escapar.

A coisa, M.Ã.E.?

É. E levou muito, mas muito tempo para colocá-la de volta no Canto.

K ajustou a gola rulê.

— K? — chamou B.

K se virou para ela na quase escuridão.

— Pareceu tão divertido ontem à noite.

— É.

A M.Ã.E. discutiu as atividades semanais delas. Atletismo no Jardim. Uma mudança na alimentação. As provas chegando.

— Ainda parece — disse K.

Mas sua voz dizia outra coisa.

— Será?

K tentou usar um truque que a radiante Y havia ensinado a elas menos de um ano antes.

Você pode se convencer de estar feliz. É sério. Quando não estiver com vontade de sorrir... sorria assim mesmo. E adivinhe só. Vai começar a se sentir feliz!

Na época em que ela disse isso, tanto B quanto K reviraram os olhos. Era fácil rir de Y. No entanto, ali estavam elas, com uma grande decisão a tomar, fazendo justo o que a colega de andar impossivelmente otimista tinha ensinado.

E estava funcionando.

— É — disse K. — Divertido. Basta... passar por aquelas portas...

- Sair pela cozinha.
- Isso. Pela cozinha e sair pela porta do lixo até o Jardim...
- Até o Jardim.
- É. E de lá até os pinheiros e depois nos pinheiros...
- Depois entramos nos pinheiros.
- É. Entramos.

A M.Ã.E. havia parado de falar. Por um instante, K teve a sensação de que a mulher olhava bem para ela, como se tivesse parado para encarar as duas irmãs. Como se fosse perguntar: *O que têm a porta da cozinha, o Jardim e os pinheiros de que vocês tanto falam?*

Em vez disso, ela disse:

- Agora, para o prazer de vocês, a Parentalidade apresenta... *Feia*.

As Meninas do Abecedário foram à loucura. P e F se levantaram e aplaudiram. Abrindo um sorriso astuto, a M.Ã.E. se afastou do púlpito e foi até a ponta do palco, onde sumiu nas sombras.

E as luzes se apagaram.

K sabia que ela e B tinham talvez quinze segundos para se mover. O projetor não demoraria mais que isso para acender. A sala seria tomada pela luz dos títulos, a palavra *FEIA* em uma fonte maior do que qualquer coisa que as meninas tinham visto em um ano. Ela e B seriam tão óbvias quanto uma mancha de cereja no carpete do quarto dela.

K foi primeiro. Então B a acompanhou. Elas deslizaram pelo banco, agachadas, depois correram pelo pequeno espaço entre o banco e a porta da cozinha. Na porta, diminuíram a velocidade até as duas encostarem uma das mãos na madeira.

Em silêncio entraram na cozinha, as portas batendo depois que elas passaram.

B pôs uma das mãos no ombro de K e, com a outra, tapou a própria boca. K ouviu a risada abafada de B quando viu, pelas janelas redondas da cozinha, o Salão dos Corpos ser iluminado. Bem a tempo, então.

As meninas acompanharam os letreiros por alguns segundos antes de adentrarem mais na cozinha. Fizeram movimentos lentos mas deliberados, sem parar para olhar para trás, para pensar duas vezes. B bateu o quadril em uma pia de aço quando um címbalo caiu no Salão dos Corpos, seguido pela primeira frase de diálogo do novo filme:

— *Cadê você, Franny?* — Era a voz de uma mulher mais velha. — *Está se escondendo de novo?*

— Aqui — disse K.

Elas haviam chegado à porta dos fundos. A maçaneta, pensou K,

parecia grande demais, muito maior do que a da escada. Ela parou.

— Que foi? — perguntou B.

— Não sei. E se tiver um alarme?

Uma voz mais jovem gritou da tela do Salão dos Corpos.

— *Mas, mãe! Eu sou tão feeeeeeeia!*

As Meninas do Abecedário vibraram.

— Talvez a gente devesse passar pelo corredor do térreo — disse B.

— Pegar a porta da frente.

Parecia perigoso demais para K. Havia Inspetoras patrulhando.

— Por que a maçaneta é tão grande? — perguntou ela.

— Não faço ideia, mas talvez você não deva...

K abriu a porta.

Nenhum alarme soou. Nenhum barulho.

— O que de pior pode acontecer? — perguntou K. — Perder um livro de ficção? Comer sozinha?

— Quarentena — disse uma terceira voz na escuridão da cozinha.

K e B se deram as mãos com força.

A M.Ã.E.

Mas não. Uma Menina do Abecedário surgiu sob o leve luar que entrava pela porta aberta do Jardim.

— Q? — perguntou B.

— Desculpem — disse Q. — Não consegui não seguir vocês. O que vocês falavam soou muito mais divertido do que o filme.

— Q — avisou K —, você não devia vir com a gente.

— Por que não? — perguntou Q, passando por elas e saindo da cozinha. — O que de pior pode acontecer, não é mesmo? — Sob o luar, ela parecia mais à vontade. Menos a Menina do Abecedário antissocial, e mais parte da natureza. — Mas vocês têm que me dizer o que vão procurar. Senão, vou ser só um peso morto.

K e B se entreolharam. O que iam fazer?

— Está bem — respondeu K.

— K fez um desenho dos pinheiros — explicou B.

— Muitos desenhos.

— E em todos tem o topo de árvore diferente dos outros.

Q franziu a testa.

— É sério? É por isso que estão perdendo o Filme do Ano? Por uma árvore estranha? Tudo bem.

— Bom — disse B —, é mais do que isso. K nunca erra um desenho.

Q assentiu.

— Eu sei. E daí?

— E daí... — B fechou a porta da cozinha sem fazer barulho. Ao bater, ela silenciou a voz da mãe do filme que passava no Salão dos Corpos. — Se não é uma árvore... o que é?

— Ah! — exclamou Q. Ela dividiu a franja castanha arrepiada, expondo mais o rosto. — É um depósito.

— Não — disse B. — É alta demais. Por que um depósito ia precisar de um pináculo?

— Um pináculo? — perguntou Q.

Ela olhou para o topo da Torre. Todas olharam.

— Vamos — pediu K. — Podemos tentar adivinhar enquanto andamos.

E elas foram. K, B e Q deixaram a torre para trás, mais animadas a cada passo em direção às árvores. E mais ansiosas também, já que ninguém nunca tinha feito o que elas estavam fazendo. Nenhuma Menina do Abecedário tinha entrado nos pinheiros sem um tipo de cuidadora, uma Inspetora, uma professora. K não podia negar o medo que sentia. Empolgada, sim, interessada, claro, mas o que esperava encontrar?

— É um poste de luz — disse Q.

— Não — respondeu B. — A Parentalidade não esconderia um poste de luz.

— Esconderia? Esperem aí.

Q parou de andar.

— Vamos nos encenar por causa disso? Tipo... de verdade?

B abriu a boca, pronta para dizer que não. Mas deu de ombros.

— Talvez. A gente não sabe.

Q pareceu pensar no assunto. Não olhou de volta para a Torre, mas desapareceu atrás do próprio cabelo, como se tivesse cortinas particulares que lhe dessem privacidade para deliberar. Então, ela voltou a emergir com um meio sorriso.

— Tudo bem — disse, por fim.

— Tudo bem — repetiu B. — Isso foi... estranho.

Elas continuaram andando, até que a Torre ficou encoberta por troncos, tanto marrom e verde, que seus tijolos e vidro ficaram tão visíveis quanto o refeitório visto por entre os dentes de um garfo.

— Então é um marco — disse Q. — De um tesouro enterrado.

— Seria incrível — respondeu B. — Viraríamos as heroínas da Parentalidade.

— Direto de um livro de Judith Nancy — comentou K.

— Mas não — continuou B, puxando para o lado um galho particularmente longo. — Não tem tesouro enterrado aqui. Por que fariam um marco tão alto? Por que não só um X no chão?

— É um dedo — disse Q.

As outras meninas pararam.

— Um *dedo*? — perguntou K.

Elas esperaram.

Q sorriu, os dentes brancos por trás do cabelo e das sombras das árvores.

— Um dedo muito comprido saindo do chão. De um cadáver que está ali embaixo.

K e B se entreolharam. B riu primeiro. Depois K. Então as duas caíram na gargalhada, a oitocentos metros da Torre, da Parentalidade, de seu mundo. Foi bom rir. Foi ótimo. K e B puseram a mão no ombro uma da outra ao mesmo tempo. Então Q se juntou a elas, um leve soluço de risada de início, até K e B ouvirem a gargalhada da menina pela primeira vez na vida. Era alta e primitiva, com guinchos e tudo, e chegava até o topo dos pinheiros, como se pudesse olhar para o topo da árvore desgarrada, tal como o periscópio usado por Karen no emocionante livro de Judith Nancy *Olhe, vigie, investigue*. A risada de Q, ou melhor, a disposição dela de se soltar, foi a última peça de que as duas precisavam para legitimar a decisão que tomaram. Pois o que era mais memorável? Um filme chamado *Feia* ou o lindo som de uma menina até então tímida soltando uma gargalhada que irrompia da barriga para o peito, para os céus?

* * *

Elas continuaram. Mais rápido. Guiadas pela bússola de B. E, apesar de alguns trechos serem mais escuros, a maior parte do caminho era iluminada pela lua. Apenas duas vezes elas tiveram que parar, dar as mãos e seguir como se fossem uma só, encorajadas pela corrente que haviam formado. Descobriram que os espaços entre as árvores eram grandes o bastante para que duas pessoas passassem, uma ilusão de ótica, já que, do Jardim, a grande extensão de floresta parecia quase impenetrável. E, no caminho, todas carregavam uma ideia similar e vaga de um poste marrom e alto, fincado no chão, uma coisa

insignificante, talvez, no máximo uma árvore careca e seca. K começou a acreditar que o importante não era o *que* iam descobrir, mas a descoberta em si. De acordo com seu relógio, elas só tinham saído havia quinze minutos. Restava outra hora e meia de Filme do Ano em casa.

Talvez elas até pegassem o fim.

— Vocês acham que é muito longe? — perguntou Q.

— Não sabemos — respondeu B. — Mas dá para ter uma ideia.

Ela parou em uma área particularmente aberta da floresta, particularmente iluminada pelo luar. Tirou uma folha de papel dobrada do bolso traseiro da calça preta.

— Você trouxe um dos meus desenhos — disse K.

— Claro que trouxe. — As meninas se aproximaram uma da outra, e B segurou o desenho diante das três. — Com base na largura e na altura da árvore, tem como determinarmos a distância.

— Mas não sabemos o que é — disse Q. — Pode ser algo muito largo que de longe parece bem fino.

— É verdade. Mas vamos supor, para nossa discussão, que tenha a largura de uma árvore.

— Mas não sabemos se tem mesmo.

— Não sabemos. Mas já é alguma coisa. E a professora Huggings sempre diz que...

— *Um pouco de alguma coisa é melhor do que muito de nada* — responderam K e Q em uníssono.

— Isso. Então vamos analisar esse desenho. E pensar no objeto misterioso. Em termos de escala.

Elas levaram dez minutos para fazer isso. Apesar de terem consciência da falta de precisão do método, determinaram que a coisa estava entre cinco e sete quilômetros de distância. Caso andassem a uma média de dez minutos por quilômetro (as árvores atrapalhavam e não havia nenhum caminho reto), talvez tivessem tempo suficiente para determinar o que era, dar meia-volta e entrar de novo no Salão dos Corpos quando *Feia* estivesse terminando.

— Mas temos que continuar andando — disse B. — Chega de fazer conta. E não vamos conseguir ficar muito tempo com a coisa, seja ela o que for.

— E, caso a gente não chegue em quarenta e cinco minutos, a gente volta e pronto — continuou K.

Nenhuma delas gostava dessa ideia, mas K estava certa. Não podiam se arriscar a perder a volta para o Salão dos Corpos. Podiam, claro,

dizer à M.Ã.E. que estavam no Pomar, no quarto, qualquer coisa que não a verdade, mas nenhuma delas se sentia à vontade em mentir descaradamente.

Ainda não.

— Por que simplesmente não contamos a ela que queríamos descobrir o que era? — sugeriu Q. — Acho que a M.Ã.E. ia ficar feliz em saber que algumas das Meninas do Abecedário preferem resolver problemas a ver um filme no escuro.

— Com certeza — disse B.

— Provavelmente — afirmou K, pensando no interesse que a M.Ã.E. e as Inspetoras demonstravam nos desenhos dela.

Quase disse: *Mas não gosto dos olhares que elas trocam. Não gosto de como insistem em me perguntar sobre os desenhos sem explicar por quê.*

Mas não disse.

Depois de meia hora, o céu havia clareado. A lua estava mais alta do que quando saíram. As meninas tinham parado de conversar, já que o cronômetro que haviam disparado na última parada consumia todos os seus pensamentos. Cada uma delas imaginava o filme passando no Salão dos Corpos, o arco da história chegando ao clímax no primeiro quarto e seguindo para o primeiro terço, momento em que ou elas localizavam o objeto misterioso ou voltavam derrotadas. K e B compararam as bússolas aquecidas pelo céu da noite, suando, ofegantes de tanto puxar e abaixar os galhos.

Então, como se no fundo esperasse não encontrar nada, B levou um susto.

— Que foi? — perguntou Q.

Mas ela não precisou esperar por uma resposta. B apontava para a frente.

— Luzes — disse K.

Não da lua.

As três meninas se entreolharam e, sem discussão, usaram as árvores mais próximas para se esconder. O que quer que estivessem esperando encontrar no meio dos pinheiros, não incluía luzes.

— Isso com certeza muda nossas suposições — disse Q.

B olhou para K e, então, ambas sentiram uma semente abalar algo em suas estruturas. Talvez aquela experiência tivesse potencial para cultivar algo maior do que as duas haviam planejado.

K pensou em voltar. Pelo bem das irmãs. Antes que envolvesse as

duas em algo que fugisse de seu controle.

— Esperem um pouco — pediu.

— Que foi? — perguntou B. — Não temos tempo.

— E se a gente descobrir algo que não devia? E se a M.Ã.E. estivesse preocupada com o que viu nos meus desenhos por saber que era algo perigoso? Para nós.

— Preocupada? — retrucou Q. — Vocês não falaram que ela estava preocupada.

— Falamos, sim — disse B. — Bom, falamos que ela estava *interessada*. Isso não é quase igual?

— Não — respondeu Q.

— Tudo bem — concluiu K. — Agora estamos no meio do bosque. Nada mais importa. E, se voltarmos *agora*, podemos evitar uma coisa...

— Que coisa? — perguntou Q.

— Não sei. Uma coisa que não queremos na nossa vida.

As três olharam para a luz fraca que parecia emergir feito névoa dos pinheiros. Como a bruma enevoadada da véspera do Encontro da Efígie.

— Bom — disse B, dando um passo à frente. — Eu gostaria de entender essa história.

— Eu também — afirmou Q. — Não sei se conseguiria voltar.

— Nosso filme — lembrou B. — Vamos ver como termina.

— Nosso filme? — repetiu K, aliviada porque o medo não seria suficiente para deter as irmãs. — Qual seria o título? Essa pergunta parece importante agora.

Q disse:

— Eu chamaria de *Três Meninas do Abecedário e uma descoberta*.

— E tem final feliz? — perguntou B.

Mas as irmãs não responderam.

As folhas faziam barulho com o andar de suas botas. Os galhos também faziam, ao serem puxados.

E, quanto mais perto chegavam da fonte das luzes, mais as luzes se pareciam com a noite no Jardim de casa. Os holofotes que K havia tentado ignorar por tantos anos, enquanto desenhava as cortinas de seu quarto antes de dormir.

Mais alguns passos e a luz ficou forte o bastante para preencher os espaços entre todas as árvores, fazendo K pensar que os pinheiros bloqueavam a luz e não o contrário. Atrás dela, B e Q continuavam em movimento.

Mas K viu primeiro.

A Tal Árvore.

O topo da árvore diferente.

O pináculo.

Ela parou e apontou, mas B falou primeiro.

— Uau. É isso.

— É isso — repetiu K.

— Bom, com certeza não é uma árvore sem folhas — disse Q. — É um pináculo.

— Igual ao da Torre — afirmou B.

— Exatamente igual — falou Q.

— Vamos — pediu B. — Não temos muito tempo.

— Quanto? — perguntou K.

B olhou o relógio.

— Cinco minutos?

— Sério?

— Se não quisermos nos arriscar. Sério.

K avançou primeiro. B e Q a seguiram. Q bateu no ombro de B.

— Não sei se essa é uma boa ideia.

— O que quer dizer? — perguntou B.

K ia mais à frente. Sua silhueta foi cortada pela luz, depois virou algo impossivelmente magro, antes que ela desaparecesse em meio às árvores restantes que as separavam do que quer que sustentasse o pináculo.

— Se essa fosse uma coisa que devíamos saber, a M.Ã.E. teria nos contado.

— Bom, é claro! Dissemos isso o tempo todo.

Passaram a andar rápido, tentando alcançar K, incapazes de voltar, apesar de todos os alertas disparados por sua intuição. Não conseguiam mais ouvir K se movendo, e descobriram o motivo quando B trombou nas costas dela, derrubando a amiga em um campo gramado aberto. B, tropeçando, quase caiu sobre ela. Mas conseguiu se equilibrar e, enquanto se levantava, ficou paralisada ao ver a torre de tijolos que se erguia infinitamente até o pináculo muito acima.

— Hum, K?

K estava no chão, de bruços, também olhando para cima. Não só para os tijolos que constituíam aquela construção, aquela réplica da Torre que haviam deixado para trás, para a qual tinham que voltar imediatamente (*agora mesmo!*), mas para as janelas iluminadas na lateral da torre. E para as meninas que se moviam lá dentro.

Quando K se levantou, B e Q estavam a seu lado. As três voltaram

devagar para os limites do bosque de pinheiros.

— É igual ao Jardim — disse Q, constatando o campo gramado, a única coisa que as separava da segunda torre que tinham visto na vida.

Mas K e B não ouviam. E não tiravam os olhos daquelas janelas.

— Aquelas... meninas — disse B.

K era incapaz de processar aquilo tanto quanto B. Será que tinham dado a volta? Seria aquela a casa delas?

— Eu não entendo — concluiu Q.

E, por mais simples que fossem, as poucas palavras explicavam exatamente como todas se sentiam.

Não, K sabia. Aquela não era sua casa.

Era difícil entender os cabelos curtos, as meninas sem camisa, de peito reto, ombros e pescoços magros.

— Vejam! — disse B.

Uma mulher grande entrou no corredor de vidro do térreo. A barriga pendia por cima do cinto, do qual pendia uma lupa.

— Está vestida igual a uma Inspetora.

Só que aquela ali tinha pelos no rosto. E se movia de um jeito diferente de qualquer outra mulher que as meninas já haviam visto.

Ela se arrastava como um ogro de *Tralhas e cacarecos*, de Judith Nancy, avançando lentamente pelo corredor de vidro.

— Isso não é bom — disse B. — Temos que ir agora. Temos que contar à M.Ã.E. *agora mesmo*.

— Esperem — pediu K, ainda olhando, incapaz de se afastar.

O desânimo de ter perdido o Filme do Ano sumiu por completo diante da cena que viam ali. A emoção das imagens em movimento ofuscada por uma realidade não fictícia oculta, tão próxima à delas.

— B? — chamou K, sem tirar os olhos das janelas, da enorme Inspetora que caminhava do outro lado do vidro.

Mas sabia tão pouco quanto a irmã.

— Não estou me sentindo bem com isso — disse Q. — Nem um pouco.

A grande Inspetora parou em um bebedouro e se inclinou para usá-lo.

Por uma janela dois andares acima, K viu duas costas nuas à luz de uma sala de estar iluminada. Atrás delas, uma menina sem camisa e de cabelo curto falava. Acima delas, no outro andar, outra menina de cabelo curto passava pelo vidro carregando uma pilha de livros.

Parece igual à nossa, pensou K. Até os mínimos detalhes. Mas era

assustadoramente diferente de casa. Como se, no fim das contas, as Meninas do Abecedário tivessem voltado, viajado em um círculo que mudou todas elas.

Que mudou tudo.

— Temos que ir — repetiu B. — Só que... *agora*, K.

K se virou rápido para as irmãs.

— Prometam — pediu. — Prometam que não vão contar à M.Ã.E. Não ainda.

— O *quê*? — perguntou B.

— Do que está falando, K? — indagou Q.

K não sabia direito. Mas o que ela sentia, a sensação sufocante de ter acordado em um segundo sonho, não era todo feito só de nojo e medo.

Havia interesse ali também. Interesse por aquela segunda realidade. Pela distorção da sua.

— Eu só quero entender isso — disse K. — Quero pensar nisso por um segundo antes de voltarmos correndo e contarmos à M.Ã.E. sobre uma coisa da qual nada sabemos.

B analisou a irmã. Sua melhor amiga.

— Você está me assustando, K.

— Me desculpe. Só... por mim? Por enquanto?

Q apontou para uma janela alta. As meninas se misturaram mais às sombras das árvores.

Uma menina estava sentada à janela. Tinha os cotovelos no parapeito. Olhava para o Jardim.

— Agora — pediu B.

— Esperem — disse K.

— *Agora*.

Então K sentiu duas mãos em seus ombros quando B e Q a arrastaram de volta para os pinheiros.

Sem falar nada elas correram, guiando-se pela luz da segunda Torre.

E, quando a luz sumiu, quando ultrapassaram o alcance dela, as três usaram a lua, as novas informações que tinham dos pinheiros, desviando de galhos e árvores com mais facilidade do que no caminho de ida. E quando viram a luz da própria Torre à frente, entenderam com mais clareza como ela se parecia com a outra. Como era similar, análoga à delas. *Igual*. Como se tivessem saído daquela segunda Torre para buscar o significado do objeto no topo dela, um mistério que K havia desenhado muitas vezes.

Elas correram pelas luzes, até o Jardim, todas sentindo um “calmo”

nervosismo por terem voltado. Se fossem pegas, podiam contar a verdade à Parentalidade ou simplesmente dizer que tinham saído para o Jardim, entediadas com o filme, que queriam respirar o ar noturno de verão. Mas nenhuma delas se sentia bem com aquilo. Com nada daquilo. E, quando chegaram à porta dos fundos da cozinha, por onde a equipe tirava o lixo, e penetraram a escuridão do cômodo, seus pensamentos continuaram presos às assustadoras meninas que tinham visto na floresta.

Às costas nuas das meninas de cabelo curto.

Ao rosto peludo da Inspetora.

À menina no alto da Torre, olhando pela janela.

Passando pela cozinha, K se sentiu no meio de um emaranhado de emoções. Não conseguia defini-las. E, apesar de estar feliz por ter B e Q a seu lado para atestar o que tinha visto na floresta, também quis, de certa forma, que as duas não houvessem ido. Que não precisasse se preocupar com a chance de ambas contarem aquilo à Parentalidade antes que ela chegasse a uma conclusão sobre o que tudo significava.

Pare, disse a si mesma, andando devagar, tentando não derrubar uma bandeja com louça. Um carrinho com panelas. *Entre lá e conte à M.Ã.E. agora mesmo!*

Mas a voz interior não era dela. Não de todo. Na verdade, soava como as Meninas do Abecedário, todas juntas, quando a M.Ã.E. ia fazer um discurso, quando a M.Ã.E. entrava no Salão dos Corpos, parando perto das colunas para olhar os bancos, sorrindo para as meninas, orgulhosa.

A voz na cabeça de K era de suas irmãs. Todas juntas. Ao mesmo tempo.

Vá contar à M.Ã.E. agora mesmo!

— Logo — disse B, querendo dizer que o filme ia terminar logo.

Haviam chegado a tempo.

As três estavam perto uma da outra, ombro a ombro, perto da porta da cozinha. K olhou por uma das janelas redondas. Viu o rosto das irmãs nos bancos, iluminado por rostos muito maiores na tela grande.

Algumas sorriam. A maioria estava abismada.

— Estou com medo — afirmou B.

B. A menina mais engraçada que K conhecia. Com medo.

Será que tinham mesmo descoberto algo tão horrível? Ai, se o que fizeram naquela noite mudasse algo, por menor que fosse...

— Tente não ficar — disse K. — Se pensarmos nisso por...

Mas sua voz foi abafada pelo aplauso repentino das Meninas do Abecedário quando o filme chegou ao fim.

— Agora — avisou Q.

A tela ficou escura no Salão dos Corpos. K, B e Q passaram pelas portas de vaivém. Deslizaram pelo banco: Q primeiro, depois K, depois B, tal como estavam sentadas quando o filme começou.

Quando as luzes acenderam, a M.Ã.E. se dirigia ao púlpito, um sorriso orgulhoso no rosto. As meninas aplaudiam, e suas vozes ecoaram, soltas, pela abóbada alta. K olhou para B. Não queria, mas não conseguiu evitar. Na ponta do banco, viram Q sentada como sempre, o cabelo castanho e longo escondendo de novo a maior parte de seu rosto.

— Bom, espero que tenham gostado tanto quanto eu — disse a M.Ã.E., a voz repleta de generosidade. — Vamos conversar mais sobre isso nas Inspeções de amanhã. Mas, por enquanto... por favor, voltem para seus quartos. Estudem. Relaxem. Ou... — Ela olhou bem para K. — Ou desenhem.

As meninas do Vozes começaram a cantar. Todas as luzes do teto se acenderam. As Meninas do Abecedário se levantaram juntas, conversando sobre o filme, citando diálogos que K, B e Q nunca ouviriam por si mesmas.

E, enquanto começavam a sair do Salão dos Corpos, K viu as Meninas do Abecedário e a Torre e toda a sua vida fluindo dos lábios de uma torneira para a boca de um ralo. Como se ela tivesse aberto algo que não conseguiria fechar. E para onde aquilo iria depois? Onde a água ia parar? Onde K podia voltar a encontrar sua antiga vida, aquela em que ria com as irmãs durante o Filme do Ano e não pensava em réplicas de Torres na floresta, onde mulheres peludas não caminhavam pelos corredores como horrores de uma fantasia de Judith Nancy?

— Lá em cima — disse B.

K olhou nos olhos da melhor amiga. Viu vestígios de humor ali. Como se, por um instante, elas pudessem rir daquilo.

Mas nenhuma delas riu.

K percebeu que o elo entre elas já parecia diferente. E, ao se juntarem ao fluxo de Meninas do Abecedário no corredor do térreo, K soube que as coisas nunca mais seriam as mesmas com B. Como poderiam? Depois do que viram?

Como poderiam?

No entanto, com B seguindo a seu lado e Q se arrastando até as

portas à frente, K também percebeu que ia voltar. Com ou sem B. Contando ou não à M.Ã.E. o que haviam descoberto.

Ela ia voltar àquela Torre na floresta. Até achar que sabia de onde aquilo tinha saído, quem eram aquelas meninas e por que nunca soube delas antes.

Marilyn

O apartamento era bom, com vista para o rio. A obra interminável na Ponte de Água era o único defeito na maravilhosa paisagem de ondas batendo e barcos... Tantos barcos passando abaixo dela, dia e noite, até Marilyn começar a inventar os próprios jogos com as buzinas cronometradas lá embaixo, verdade ou consequência até tudo se tornar apenas verdade, a alma exposta, limpa e sem mácula, graças à passagem dos barcos.

Ela morava sozinha e acreditava gostar disso. No entanto, lembranças de suas amigas próximas sempre voltavam, insistentes. A maioria, se não todas, havia atolado na lama dos relacionamentos. A maioria, se não todas, estava casada. E, apesar de Marilyn marcar ponto, visitando as amigas mais próximas quando suas agendas permitiam, mesmo em feriados e aniversários se tornou difícil comparecer.

Por quê?

Por que parecia que todas a sua volta mudavam tanto ao se juntarem com outras pessoas? Vejam Evelyn, por exemplo. Evelyn Tule, maldosa e forte. A mulher estava irreconhecível em seu estado atual: uma quase dona de casa, esposa do ridículo Adam Horn. Um dia, uma leoa; no outro, só restaram risadinhas e programas de TV ruins. Era isso o que ela queria? Era o que pretendia dizer com: *Não vou me acomodar?* Mas o pior para Marilyn era que nunca tinha visto Evelyn Tule tão... feliz. Como se a alegria do casamento tivesse tirado de sua consciência perturbada as teias de aranha que conservavam as ideias mais profundas.

Aquilo não fazia sentido, e Marilyn não gostava. Não gostava de como Tracy Paul havia parado de escrever. Como Mary Tudor-Johns tinha se mudado para o outro lado do país. Como Anne Horowitz sorria, desconfortável, à menor sugestão de algo que ela considerasse *coisa de solteiro*. Como um drinque, por exemplo. Voltar para casa mais tarde que o normal, por exemplo. Como uma transa de uma noite só.

Era o bastante para enlouquecer Marilyn.

Mas ela tinha um plano.

Um encontro, se suas antigas amigas próximas aguentassem chamar o evento assim, no qual todas lembrariam como os dias eram bons antes dos homens. Uma festa simples, sem frescura, no apartamento de Marilyn, com vista para a Ponte de Água. Caramba, elas podiam até dar uma volta na ponte, com os drinques na mão, escondidos nos mesmos sacos de papel marrons usados pelos bêbados de toda a cidade. É, Marilyn estava ansiosa, planejando, torcendo por algo um pouco mais animador do que uma festa do Tupperware das antigas amigas hilárias. Naquela noite, ela queria lhes *mostrar* as pessoas que haviam sido, as noites que estavam perdendo, plantar no atual estado de maturidade absurdamente previsível delas as sementes de uma liberdade que um dia lhes tinha sido tão comum.

Anne foi a primeira a chegar. Toda maquiagem e rabo de cavalo, saia e salto alto. *Vamos cair na farra?*, perguntou, estreitando os olhos ao sorrir, revelando há quanto tempo não usava a palavra. Marilyn disse que sim, caíam na farra, e percebeu o olhar de Anne começar por seus sapatos baixos e pegar o elevador para subir pelo terninho até o cabelo preto rebelde. Marilyn não se enganava. Sabia que encarnava a feminista maluca, a mulher sem marido. Mas gostou da preocupação detalhista que viu nos olhos da velha amiga.

Você parece... a Marilyn de sempre.

Era o melhor que podia esperar de Anne, e simplesmente assentiu, pois havia decidido horas antes que não ia permitir que nenhum sorriso amarelo lhe agraciasse o rosto. Não naquela noite. Aquela noite ia lembrar a força, ia revigorar um clã tedioso que um dia já fora vibrante.

Mary e Tracy chegaram juntas, o que, no fundo, Marilyn registrou como uma extensão de como estavam afundadas no casamento: esposas costumavam sair com esposas. Não bastava que os homens dominassem quatro quintos da vida delas. A última fatia não podia ser encarada sozinha, não, não, tinha que ser de mãos dadas com uma companheira de sofrimento.

Marilyn!, exclamou Tracy, aproximando-se para beijar suas bochechas, um gesto que ela não tinha previsto. Acabou sendo estranho, mas Marilyn não se acanhou. Também havia decidido, horas antes, não se permitir ruborizar em momento algum naquela noite. A ideia era inspirar, não espalhar um clima repugnante de inadequação. Mary a ajudou com isso, por estar alegre como sempre e até perguntar,

brincando: *O que tem para beber?*

Marilyn disse que ficava feliz por ela ter perguntado, que Evelyn podia entrar (uma declaração cheia de entrelinhas, sem dúvida: HAVIA MUITAS COISAS QUE EVELYN NÃO PRECISAVA DE AUTORIZAÇÃO PARA FAZER) e que esperava que as meninas estivessem prontas para uma *noite na cidade*, mesmo que a cidade fosse o apartamento de Marilyn.

As coisas começaram bem. Muito bem. E Evelyn realmente se permitiu. E as cinco antigas amigas se sentaram nos sofás de Marilyn e falaram sobre os velhos tempos e beberam um pouco demais e falaram palavrões e brincaram e reclamaram. Foi a última parte que puxou conversas sobre a vida cotidiana, a vida de casada e sobre como o passado lhes parecia distante. Marilyn, que havia escapado estrategicamente de qualquer conversa sobre o passado, tentou em vão direcionar a conversa de volta para o presente, lembrando às mulheres que elas ainda eram jovens, que, afinal, fazia apenas cinco anos, que qualquer vida que quisessem ainda estava à espera, que tudo podia ser conquistado caso se empenhassem o bastante. Aquelas declarações nobres, depois de três drinques, não ajudaram muito a cortar a onda de assuntos domésticos e, no fim, Marilyn percebeu que se sentia na pior. Lá estavam suas amigas mais antigas reunidas a pedido dela, lá estava ela se matando para direcionar o rumo da conversa, dedicando-se a relibertar aquelas “mulheres tornadas meninas” e, antes que o relógio chegasse às oito horas, tinha falhado com todas. Pelo amor de Deus, o que Anne e Mary falavam soava como o roteiro de um programa infantil. Tracy pedindo desculpa por criticar Jeff demonstrava uma clara síndrome de Estocolmo. E Evelyn, então!

Marilyn tinha que se levantar. Tinha que sair da sala, respirar fundo, recuperar-se antes de voltar. Tinha que lembrar a si mesma do objetivo da noite e de como estava longe de atingi-lo. Ela sabia que as cinco precisavam mesmo era sair daquela droga de apartamento. Precisavam atravessar a Ponte de Água até o cassino, um restaurante ou até uma boate.

Qualquer coisa para lembrar àquelas mulheres o que era independência.

Parada diante do espelho do banheiro, observando o terninho branco e o cabelo revolto, não teve dúvida de que os olhos ampliados pelos óculos não escondiam nem um pouco a raiva. Como acabar com aquilo? Bêbados podiam sentir o cheiro da raiva. Desviar o rumo para

fugir daquilo ou confrontá-lo. Marilyn não queria deixar aquilo acontecer. As mulheres estavam rindo na sala de estar. Aquilo era bom. Mas *do que* riam? Porque havia uma grande diferença entre achar engraçado o lava-louças sempre quebrar na hora errada e redescobrir o próprio valor.

Um passeio, disse a si mesma.

Só tire as meninas do apartamento.

Decidida, ela voltou e encontrou um novo drinque para si na mesa. Mary, a feliz dona de casa, tinha preparado. Marilyn agradeceu e não tentou controlar a conversa, ou quanto tinha avançado, quanto tinha se aprofundado, se era um assunto digno de atenção ou não. Em vez disso, ela interrompeu tudo.

Vamos dar uma volta?

Ah, a reação delas, ah, o olhar delas, para ela e depois umas para as outras, depois para os relógios, as janelas, o chão. Será que podiam dar uma volta? *Podiam?* Constava na lista de coisas que elas se viam fazendo atualmente? Dar uma volta? Ou era quase tão absurdo quanto se Marilyn sugerisse que comessem suas plantas?

Barulhos perto da porta. Uma voz mais rouca. Marilyn, ainda de pé, olhou da entrada para Evelyn no instante em que o rosto da amiga se abriu em um sorriso.

O *Adam chegou!*, disse Evelyn, levantando-se para atender a porta que ainda não levava uma batida sequer.

Marilyn olhou para as outras, que desviaram o olhar.

Ela então entendeu. Entendeu que a noite tinha dado errado. Entendeu que as amigas sabiam como ela se sentia e o que estava tentando fazer ao convidá-las para sair. Havia sido uma batalha perdida desde o início. Uma perda de tempo, aquele encontro. Evelyn abriu a porta, e um grupo de homens bêbados tropeçou para dentro do apartamento.

Tentando ao máximo aceitar o que havia acontecido, que um esforço idiota para reanimar a independência perdida de suas antigas amigas tinha ido por água abaixo, Marilyn ergueu o drinque que Mary havia preparado enquanto Adam e Jim, Tony e Nate soltavam piadas ridículas, derrubavam um quadro da parede e invadiam a sala de estar. Todos foram até suas respectivas esposas, águas agitadas se abrindo, revelando, com eles, um quinto homem, sozinho, solteiro, indo até a própria Marilyn.

Quem era ele?

Eu odeio essa merda, disse o homem, estendendo a mão para apertar a dela. Ela o cumprimentou. *Toda vez que a gente sai, acaba voltando para uma casa.*

Marilyn, que ainda se sentia surpresa pela aparição dos homens, ainda sem conseguir superar o rumo que a noite tinha tomado, ergueu o drinque.

Quer um gole...?

Aquelas poucas palavras se ergueram em uma pergunta incompleta.

Richard, respondeu o homem. *E você não tem ideia do quanto eu quero.*

O medo de B

Olhando pela janela da sala de estar, sentada no parapeito, K pensou na menina que tinha visto na mesma posição na Torre da floresta. Tentou não olhar para o pináculo daquela Torre, mas se pegou olhando mesmo assim. Afinal, quem notaria? Nas Inspeções daquela manhã, B e Q não tinham contado à M.Ã.E. sobre a jornada. Tampouco a própria K. Com isso, as três haviam mesmo feito algo: escondido informações da Parentalidade de propósito, pela primeira vez na vida.

Mas aquilo não era exatamente verdade. *Havia* instâncias do que Judith Nancy chamava de “mentirinhas” (Nancy inclusive tinha intitulado um de seus emocionantes livros de *Mentirinhas*), e não havia uma Menina do Abecedário na Torre que nunca tivesse jogado a própria culpa em outra pessoa, que nunca tivesse dito que estava estudando quando não estava. K quase conseguia se convencer de que aquilo era um precedente, prova de que mentir não era o fim da linha, não era maldade e com certeza não era motivo para que fossem mandadas para o Canto. Não importava que fingir ler o livro de matemática fosse muito diferente de encontrar meninas estranhas (*absurdamente estranhas!*) em uma segunda Torre na floresta. K *precisava* acreditar que não havia problema em fazer o que fizera.

Desenhar o que tinha visto era, para ela, um tipo de terapia, apesar de saber que uma prova no papel podia ser perigosa.

E B, observando os desenhos ganhando vida, enquanto o tabuleiro de Barcos continuava inerte e desligado entre as duas no carpete, foi ficando cada vez mais obcecada com a sala punitiva do porão: o Canto, o antigo bicho-papão das Meninas do Abecedário.

— Não quero ser mandada para lá — disse B.

— Para onde?

Como costumava acontecer entre melhores amigas e irmãs, não era preciso enunciar a conclusão à que ambas haviam chegado. Ainda assim B disse:

— Será que a segunda Torre é o Canto?

K assentiu.

— Talvez.

— Será que isso significa... Será que significa que a J está lá?

— Talvez.

Só de pensar que a segunda Torre era o lugar que elas temiam havia tanto tempo, que era o lugar para onde meninas iam quando estragavam...

— Talvez isso explique os pelos no rosto — disse B. — Podridões. Placadores. Ah, K... A gente viu o *Canto*!

— Espere. Calma. A gente *talvez* tenha visto o Canto. Isso não explica por que lá tem tantas meninas.

— Muitas.

Pensaram na nova teoria. Conversaram sobre isso. Tentaram achar falhas. Mas sempre acabavam voltando ao mesmo ponto, ao conceito simples e original: *a segunda Torre é o Canto*.

Apesar de não elaborarem uma boa explicação para as outras meninas, de não terem ideia de como uma menina ia de uma sala no porão *daquela* Torre para a janela do oitavo andar da outra, a teoria simplesmente fazia sentido demais para estar errada. E elas queriam estar certas sobre alguma coisa.

— A gente devia perguntar à M.Ã.E. — disse B.

O sorriso estressado em seu rosto revelava mais do que apenas o orgulho de ter resolvido um enigma difícil. K viu alívio ali. Sabia que B estava morrendo por não ter contado à M.Ã.E. o que tinham encontrado.

— Acho que não — respondeu K.

B tentou manter a calma, mas não era fácil.

— Não entendo você, K. A gente perde o Filme do Ano porque quer encontrar um pedaço de pau na terra. Em vez disso, a gente encontra... *aquilo*... e você quer guardar só para você! Por quê?

— Bom, agora eu quero saber se a J está lá.

— Tem um jeito bem fácil de descobrir.

— Tem mesmo?

B pareceu magoada. Não como se K a tivesse ofendido pessoalmente, e sim a cada detalhe do mundo em que vivia, do mundo em que se sentia confortável vivendo.

— O que está dizendo, K? O que está dizendo exatamente? Porque, no começo, achei que você só queria pensar no que tinha encontrado. Não foi isso que disse que a gente devia fazer? E agora descobrimos, aquela Torre tem que ser o Canto, mas *ainda assim* você quer esconder

isso da M.Ã.E. Por quê? Você parou de repente de... confiar nela? E por quê? Por ela ter se interessado pelos seus desenhos?

B olhou para os novos desenhos, de uma Inspetora gorducha com pelos no rosto, andando pelo corredor de vidro da segunda Torre.

— Acho que está levando para o lado pessoal *demais*, K. É o que eu acho. O que incomoda você é que a Parentalidade esteja interessada nos seus desenhos por um motivo diferente de eles serem *bons*. É isso, não é? Você quer elogios, não perguntas. Quer tapinhas nas costas sem ninguém dizendo: *Ei, ei, o que é isso no seu desenho?* Eu ainda conheço você?

B se levantou. K também.

— Espere um pouco — disse K.

Ela tentou pegar o braço de B, mas B o puxou de volta.

— Ei! Você não quer saber se a J está lá? Não quer saber *por que* ela foi mandada para lá?

— Claro. Não. Quer saber? Não. Sinto muito, K. Mas isso é um problema da M.Ã.E., e cada minuto que escondemos isso dela é um minuto em que afundamos ainda mais nessa loucura! Pense nisso, K. *Você* por um acaso quer ser mandada para lá? Quer viver naquela segunda Torre com todas aquelas... aquelas... *meninas horríveis*?

K olhou pela janela para se recompor. Se olhasse por tempo demais para os olhos de B, ou desabaria ou diria algo de que se arrependeria.

Pensou rápido. Porque tinha que pensar. Nunca havia sido uma razão para se orgulhar, pensar rápido, ser mais esperta que as irmãs, mas não tinha escolha. E, quando despejou as palavras, começou a questionar os próprios motivos. Afinal, quando foi que ela passou a soar tão... convincente? E será que aquela capacidade repentina de convencer B havia nascido de uma preocupação legítima com o que existia longe dali (e com o motivo de as Meninas do Abecedário desconhecem aquilo)? Ou era mais uma questão de querer estar certa?

— B, estou pensando assim para proteger a M.Ã.E. Estou falando sério. Você viu quanto ela tem trabalhado nos últimos tempos... Acha que ela precisa do peso do nosso passeio idiota pelos pinheiros? Além disso, o que aconteceu lá, de verdade? Como foi sua Inspeção hoje cedo? Elas disseram que você tem Podridões? Disseram que tem Vês?

— Não. Fui declarada limpa.

— Mas é claro que foi. Então pronto. A gente fez uma coisa *horrível*, certo? Fugimos bem no meio do Filme do Ano. Saímos sozinhas e vimos uma segunda Torre. Mas nós duas também passamos nas Inspeções de

hoje. Não vejo um motivo sequer no mundo para jogar isso no colo da M.Ã.E. A coitada já tem problemas o suficiente.

Os olhos de B ficaram distantes, e K percebeu que a havia convencido. Pelo menos por enquanto. O que quer que tivesse dito, estava funcionando. E, com B, quando uma coisa começava a funcionar, funcionava até o fim.

— Tudo bem — disse B.

— Jura?

— É. Tudo bem. Tudo certo, K. Eu entendi. — Ela olhou pela janela.

— Mais ou menos.

K a pegou pelo braço, e dessa vez B deixou. K a levou até a janela.

— Venha aqui — pediu.

— Que foi?

— Quero mostrar uma coisa.

— O quê?

No vidro, K apontou.

— Está vendo o Jardim? Está vendo os pinheiros? Tudo continua ali. Assim como o quarto em que estamos. Assim como seu corpo e sua cabeça. Não quebramos nada, B. Nada foi destruído. E nós duas fomos declaradas limpas hoje. Não estragamos nem apodrecemos.

B sorriu.

— Você está certa. — Olhou para o Jardim. — Foi divertido, não foi? Quer dizer... Foi uma completa... *loucura*.

B riu, e aquilo soou bom para K.

— Em algum momento, vamos acabar descobrindo mais sobre isso. Mas, até não termos nenhuma escolha, não vejo motivo para incomodar a M.Ã.E. Como nos livros de Judith Nancy, algumas aventuras são só para as meninas.

B olhou a amiga, irmã, nos olhos. Um último acerto, um acordo silencioso. Por ora. Então foi até a porta. No meio do caminho, perguntou:

— Mas como, K?

— Como o quê?

— Como vamos descobrir mais sobre isso?

K se repreendeu por ter falado daquela forma.

— Do mesmo jeito que descobrimos tudo... Usando nossa *mente ilimitada*!

K riu da própria imitação da fala arrastada típica da professora Hjortsberg.

— Tudo bem, K. Vejo você mais tarde.

— Certo.

B saiu. K se voltou para o vidro.

Olhando os pinheiros, viu a si mesma ali, usando não a mente, mas as mãos, os pés, os olhos.

A volta

O luar outra vez. Os pinheiros outra vez. Mas, agora, K estava sozinha.

Fugir da Torre era simples. As Meninas do Abecedário quase nunca saíam de seus andares depois do pôr do sol, e K, tendo dominado a arte de descer a escada sem fazer barulho (o que incluía, claro, abrir e fechar as portas da escadaria), confiou na rotina ao chegar primeiro no térreo, depois esperar a Inspetora Rivers fazer a ronda — não uma, não duas, mas três vezes —, antes de sair da escada, correr pelo Salão dos Corpos e sair pela cozinha outra vez. Os holofotes da Torre iluminaram todo o Jardim, mas K pegou o caminho mais curto para atravessá-lo, da porta dos fundos até os pinheiros, margeando a entrada do Pomar, como havia feito com B e Q. Usando a calça e a gola rulê pretas, misturou-se com facilidade às sombras, maravilhada com a própria opacidade: suas mãos pareciam flutuar na escuridão. Segura nos limites do bosque de pinheiros, ela se virou para estudar a Torre inteira. Uma vez convencida de que não tinha sido vista por ninguém, nem mesmo por uma das irmãs, esperou mais um minuto. Então, usando a bússola, rumou para a segunda Torre.

Pensou em J no caminho.

Nunca havia sido difícil para ela reconhecer as características mais fortes das irmãs. Na verdade, a Parentalidade incentivava que elas as procurassem. E, apesar de todas serem inteligentes, J era esperta de um jeito diferente: era o que a M.Ã.E. chamava de *otimista*. Enquanto as outras Meninas do Abecedário (incluindo K) ficavam nervosas com as provas, J costumava dizer: *Sei tudo o que tenho para saber até saber mais*.

— Sei tudo o que tenho para saber até saber mais — repetiu K, andando por entre os pinheiros, sozinha.

A bússola confirmou sua direção, e o relógio avisou que estava na metade do caminho.

Será que alguém descobriria que ela não estava em casa? A Inspetora Rivers, talvez, ao conferir os quartos? E, se descobrissem, será que B contaria onde K provavelmente estava?

K não podia se preocupar com aquilo. Tinha chegado às luzes da segunda Torre (o Canto?) e via as pontas das botas pretas no chão da floresta. Entrou por completo na área iluminada pela nova luz e usou as árvores para se esconder, uma a uma. A lembrança do que tinha visto da última vez era impossível de ignorar: as costas nuas, o cabelo curto, a Inspetora molenga.

Depois da última fileira de pinheiros, com o segundo Jardim se estendendo ao longe diante dela até a calçada e a base de tijolos da segunda Torre, K se agachou. Observou. E ouviu um som atrás de si.

— Ah! — exclamou, virando-se rápido, esperando ver B, talvez, ou Q.

Ou talvez a Inspetora molenga.

Ela não queria usar a voz, não queria falar nada tão perto daquela Torre. Mas falou mesmo assim.

— Tem alguém aí?

Tem, sim, seus olhos disseram. Alguém que mal se escondia atrás da árvore.

K não perdeu tempo. Em vez de ouvir a própria razão e ficar imóvel, correu até a árvore que escondia alguém. Agarrou o tronco e o contornou, depois deu outra volta, depois mais uma, até se convencer de que não havia ninguém ali.

Ainda assim...

— Ainda assim... você está morrendo de medo.

Vasculhou ao máximo a floresta. A luz forte da Torre ajudava. Ela aguçou os ouvidos.

Quando voltou a se virar para a Torre, viu figuras pelo vidro do corredor do térreo. Três meninas de cabelo curto, mais altas, ao que parecia, do que as Meninas do Abecedário. K teve que conscientemente se segurar para não sair dos pinheiros, cruzar o Jardim e colar o rosto no vidro. Bater.

Ver vida naquela Torre pela segunda vez não era menos impressionante do que havia sido da primeira.

Quis vê-las mais de perto. Com a ajuda de uma lupa, como as usadas pelas Inspetoras todas as manhãs de sua vida.

As meninas do corredor riram. Foi o tipo comum de risada que, não importava como K ou B interpretassem, indicava legítima felicidade. As Meninas do Abecedário aprendiam sobre felicidade na aula da professora Hjortsberg. Aprendiam sobre inocência e também sobre tristeza. O que K estava vendo, os sorrisos enormes, as cabeças

inclinadas, as mãos no peito: tudo aquilo era incompatível com a ideia de aquela Torre ser o Canto. Não havia dúvida de que as meninas mandadas para o Canto não *gostavam* de ficar lá...

... não é?

— Não é o Canto — disse a si mesma.

Mas não tinha certeza. Não ainda.

De uma janela acima, K ouviu uma voz gritar um único nome, uma única letra, que partiu seu coração.

— J!

J. O nome que ela procurava. Prova de que a Menina do Abecedário perdida estava ali, afinal.

K saiu dos pinheiros e pisou na grama do enorme Jardim.

Quis estar, *tinha* que estar mais perto da janela do oitavo andar, de onde ouvira o nome ser gritado, onde via quatro meninas à janela. Duas de costas para o vidro, as outras duas de frente para elas. K não reconheceu J. Nenhuma daquelas meninas tinha o cabelo louro de J, a silhueta franzina, a postura de pé, sentada ou se movendo.

Nenhuma delas tinha o rosto que K havia desenhado.

Se aquela ali em cima era J (e *tinha* que ser, tinha que ser!), o que aquela Torre havia feito com ela para que mudasse tanto?

K voltou a se esconder nos pinheiros. O térreo parecia vazio então. Nenhuma menina. Nenhuma Inspetora. Ninguém.

No alto, à janela, as meninas conversavam. E as vozes chegaram até K.

— Quem teve essa ideia foi ele! — disse uma. A que usava óculos.

Ele. Jeito estranho de falar de alguém, pensou K.

— Não foi, não — respondeu outra. A de cabelo curto e encaracolado.

— Só pode ter sido dele — afirmou outra.

Dele. De novo?

— Ah, com certeza foi. — A que usava óculos. — O J sempre fala o que passa na cabeça dele.

O J sempre fala o que passa na cabeça dele.

Palavras demais para K processar. Precisava se aproximar. Queria vê-las de perto. Queria ouvi-las de perto. Queria poder desenhá-las, queria poder...

Um alarme soou. Um barulho tão familiar para K que, no começo, ela até achou que estava em casa.

Aquele era o sinal da hora de dormir. O leve som de um trompete de madeira, soprado pela Inspetora de plantão naquela noite. K olhou o corredor do térreo. Não viu ninguém. Olhou para cima. Viu as meninas se afastando da janela. Uma delas (a que haviam chamado de J? *O J sempre fala o que passa na cabeça dele*) fechou a janela e acenou para as outras.

Hora de dormir.

Como em casa.

K olhou os pinheiros. Será que o mesmo sinal havia tocado em casa?

— Não é o Canto — repetiu, voltando a olhar a Torre, ainda tentando processar as palavras, os nomes, os disparates que tinha entreouvido.

Uma a uma, as luzes se apagaram na Torre misteriosa. E, assim como em sua casa, meninas gritaram boa-noite umas para as outras, pela parede de seus quartos, dos andares e dos tetos.

Mas que vozes elas tinham. As meninas daquela Torre falavam com um timbre diferente.

— Boa noite, Q!

— Boa noite, L!

— Boa noite, D!

— Boa noite, J!

Boa noite, J.

Ele.

Dele.

Quando a última luz da Torre se apagou, K pensou na mesma coisa acontecendo em casa.

Olhou o relógio. Olhou outra vez para as janelas escuras de cima a baixo na Torre.

Então correu para casa. Pelos pinheiros, levando muitas informações novas, muitas palavras e imagens confusas.

E sentimentos também. Sim. K estava sentindo tanta coisa ao mesmo tempo que não sabia se estava animada, assustada ou se, de alguma forma, havia descoberto novas emoções ali nos pinheiros.

Mas ela lembrava como correr. Correr para casa. No entanto, quanto mais perto chegava, menos parecia *sua casa*. Pois, se havia um lar igual ao dela a apenas cinco quilômetros dali, no meio da floresta, um lar com as mesmas janelas e paredes, o mesmo Jardim e os mesmos

pinheiros, o mesmo sinal da hora de dormir... Quem podia dizer onde era sua casa?

Viver como se estivesse em um livro de Judith Nancy

Na Inspeção da manhã seguinte, Krantz e Rivers passaram um bom tempo examinando um arranhão no pescoço de K. A M.Ã.E. perguntou onde ela havia se arranhado. K disse que não sabia. O que, de certa forma, era verdade. K podia até saber que foi em um galho, mas *qual*?

Ela foi declarada limpa, mas nada naquele dia foi normal, e K percebeu que talvez nenhum dia voltasse a ser.

Não importava. Ela tinha um objetivo a partir de então. Um quebra-cabeça. Um problema de verdade para resolver.

Primeiro, olhos e ouvidos. K precisava melhorar ambos se a ideia era observar a segunda Torre de tão longe.

— Está falando de *superóculos* — disse Q. — E eu sei para que quer isso.

— Superóculos — repetiu K.

Elas estavam no Corredor das Aulas, antes do início das aulas do dia.

— Na verdade, já pensei nisso antes — explicou Q. Ela ergueu e baixou os próprios óculos, como se quisesse provar que havia mesmo pensado. — Não acha que eu queria enxergar melhor?

— Shhhh.

Então desejou não ter silenciado a irmã. Aquilo podia deixar Q irritada.

Por que tantos segredos, K?

— Várias lentes — sussurrou Q. — Óbvio.

— Meninas? — A professora Hatch olhava da sala de física para elas. — Agora.

Enquanto as Meninas do Abecedário corriam atrasadas para a sala, Hatch olhou para o espaço que elas deixaram no corredor. Como se pudesse ver um rastro do que conversavam.

* * *

— Microfones — disse Q, mais tarde na mesma semana, enquanto K e

Q boiavam na parte rasa da piscina durante o Nado Livre. B tentava mergulhar na parte funda, mas K percebeu a irmã de olho na conversa das duas. — Óbvio.

— Mas daria para fazer sem fios? — perguntou K.

— Provavelmente — respondeu Q. — Mas temos que pensar bastante sobre isso.

— Bom, então vamos.

* * *

B pulou da plataforma de três metros, dividindo a água sem espirrar. Quando emergiu, as outras Meninas do Abecedário aplaudiram. B olhou para K e Q na parte rasa. Viu que elas não assistiram ao mergulho. Viu que continuavam cochichando, como estiveram fazendo a semana toda.

* * *

— Se tivesse que mudar uma coisa em mim mesma — disse Y, sentada na cadeira da frente da fila, na ponta esquerda da sala da professora Hjortsberg —, eu gostaria de ser mais... heroica.

— Heroica? — perguntou Hjortsberg, pousando os óculos na mesa próxima do quadro.

As Meninas do Abecedário gostavam quando ela fazia aquilo, porque indicava que estava interessada em um assunto e não planejava ler seus livros por um tempo. Y havia falado algo importante.

— É. Várias vezes acabo me calando, quando preferia me expressar.

— E aqui está você... se expressando.

As Meninas do Abecedário riram daquilo. Y explicou:

— Bom, eu tenho uma teoria nova.

— Ah, é? — disse Hjortsberg. — Por favor... conte para nós, então.

Y respirou fundo. Olhou para as irmãs às suas costas.

— Bom, é o seguinte — continuou, por fim. — Acho que Judith Nancy é... a *melhor*. — As Meninas do Abecedário concordaram atrás dela. — E, se a gente pegar todos os quinze livros dela, se ler todos do início ao fim e prestar muita atenção no *padrão* que é mantido de um livro para o outro...

— Sim?

— Bom, a gente começa a ver que *todas* as personagens de Nancy investigam um problema até que seja resolvido. Elas não deixam pensamentos ruins e incômodos ou dúvidas a atrapalharem. Se a mocinha de um livro da Nancy quer chegar a um destino... ela chega.

— É verdade.

— Então... minha nova teoria é... Meu *mantra*...

— Estamos esperando, Y.

Y quase gritou:

— Se quisermos conquistar uma coisa, temos que *viver como se estivéssemos em um livro de Judith Nancy*.

A professora Hjortsberg sorriu. As Meninas do Abecedário riram e aplaudiram. Todas menos K, que afundou na cadeira, aliviada, como se Y tivesse acabado de lhe entregar a resposta para todas as suas perguntas mais recentes que beiravam o impossível.

Viver como se estivesse em um livro de Judith Nancy. Certo. De que outro jeito podiam viver? E o que K faria se estivesse em um livro de Judith Nancy? Por onde começaria a procurar mais detalhes sobre uma torre que havia descoberto e que parecia tanto com a sua?

Ela começaria estudando a sua própria Torre.

A ideia fez uma explosão tão forte, tão alta em sua mente, que K olhou em volta, quase esperando que as irmãs a encarassem, confusas. Mas a professora Hjortsberg já estava debatendo os méritos dos personagens de Judith Nancy e argumentando que a ficção não é igual à vida real. Todas as Meninas do Abecedário estavam com as mãos levantadas por terem algo a dizer. K fez o mesmo, só para se misturar às outras, só para Hjortsberg não se perguntar o que ela estava pensando.

Hjortsberg a chamou primeiro.

— K? Quer falar alguma coisa?

K baixou o braço devagar enquanto a sala emudecia. Não sabia ao certo o que dizer, mas entendia bem por que todas estavam animadas para dizer alguma coisa. Qualquer coisa. No entanto, teve medo de soltar palavras que revelassem suas reais intenções. Como se seus lábios encerrassem a verdade das duas viagens floresta adentro, as imagens da assustadora Inspetora de lá. A crescente evidência do lugar para o qual J havia sido enviada.

— Eu só queria dizer que, hum... — gaguejou ela, tentando se recompor. Então, quando ia deixar algo escapar, qualquer mínima contribuição para a aula, K percebeu que tinha uma frase verdadeira

para dizer. Ela se levantou. — A Y está certa, claro. Todas devíamos viver como se estivéssemos em um livro de Judith Nancy. Mas, como não *estamos*, temos que analisar o que é ser uma heroína no *nosso* mundo. Na Parentalidade. Na verdadeira Parentalidade.

Hjortsberg assentiu e estendeu a mão para apanhar os óculos, como se K tivesse terminado de falar. Mas K não havia terminado:

— E a coisa mais heroica que qualquer Menina do Abecedário pode fazer, a coisa mais importante de nossa vida e a que devemos dedicar nossa existência... é defender umas às outras.

Hjortsberg ergueu uma das sobancelhas. As irmãs de K permaneceram em silêncio.

— Se uma de nós cair, as outras devem levantá-la. Se uma de nós adoecer, as outras devem descobrir uma cura. E se uma de nós sumir...

— Ela pensou no nome J. Ouviu-o como se tivesse sido gritado da janela do oitavo andar da Torre rodeada de pinheiros. — As outras nunca devem desistir de tentar encontrá-la.

K se sentou outra vez. A sala ficou silenciosa demais. Suas irmãs se viraram para a professora Hjortsberg, que, já de óculos, ordenou:

— Vamos voltar aos livros, meninas. Os que importam.

* * *

Uma das leis da Parentalidade era que nenhuma Menina do Abecedário podia ir ao porão, e, até ali, K nunca tivera problema com aquilo. Podia haver Podridões lá. Vês. As doenças que a Parentalidade procurava diariamente nelas. Além disso, por mais tentada que ficasse a conhecer o porão, os escritórios das funcionárias, de Judith Nancy, o Canto... Simplesmente não havia uma *porta* conhecida.

Correndo pela pista coberta em formato oval que contornava a quadra de Bola Amarela, K percebeu como era inacreditável que nunca antes tivesse pensado em investigar o porão. O lugar tinha um papel tão importante na vida das Meninas do Abecedário... Seus livros favoritos eram escritos lá. O Canto (supostamente) ficava lá. Os lados bom e ruim da Torre pareciam sair daquela toca subterrânea, e nunca, nem uma vez, K havia pensado em ver como era.

Por quê?

— Você vai sair de novo? — perguntou B, correndo ao lado dela.

A pergunta pareceu repentina demais. B estava perguntando sobre

sair, e K, pensando em entrar mais.

— Ainda não sei — respondeu ela.

— Bom, eu acho que você não devia.

— Eu sei que você acha.

— Duas vezes já não está de bom tamanho, K? Por favor. Não acredito que está me transformando nesse tipo de menina.

— Que tipo?

Elas ficaram em silêncio ao correr pela frente da pista, ao passar pela treinadora Leslie.

— Está me *obrigando* a dizer não. Quando sou o tipo de menina que sempre diz sim.

— Então diga sim — pediu K.

— Você sabe o que acho. Duas vezes já bastam. Agora você pode falar com a M.Ã.E. sobre isso.

— Ainda não. Quero conferir uma coisa primeiro.

— K?

— O quê?

— Você está agindo feito maluca. Se eu estivesse no comando... mandaria você para o Canto.

Teve certa graça porque foi B quem disse aquilo. Mas falar no Canto nunca era engraçado de verdade.

— Interessante você dizer isso — disse K.

— Ah, é? Por quê? Agora está pensando em dar uma olhada no Canto?

K ficou em silêncio.

— K? Por favor, me diga que não está.

K ficou em silêncio. Até o fim da corrida ficou em silêncio.

* * *

— Bom, a M.Ã.E. vai até lá o tempo todo — disse Q, quando as duas estavam na fila para o jantar.

Ambas estavam vestidas de preto, mas Q parecia ter uma camada a mais por causa do cabelo. K se sentiu exposta. Q havia sussurrado, mas K falou ainda mais baixo.

— É. Então... como ela faz isso?

— Como todas elas fazem? — retrucou Q, antes de indicar a professora Ullman com a cabeça.

Ullman tinha sido, por muito tempo, a favorita das meninas. Pelos grandes olhos acanhados, ampliados pelos grandes óculos acanhados, mais a gagueira de toda aula. Sempre nervosa, sempre com medo, será que Ullman contaria a elas onde a porta ficava? Mesmo que... por acidente?

Quando K se sentou para comer, só conseguia pensar em Ullman. A submissa professora de matemática comia com outras três professoras à mesa mais próxima da janela. K precisava falar a sós com ela. Como? E, se conseguisse... o que diria?

— Temos provas daqui a dois dias — disse Y, dividindo o pão ao meio. — Estão todas prontas?

— Claro que estamos — respondeu B.

Mas olhou para K como se estivesse em dúvida pela melhor amiga.

— Estou pronta — afirmou V.

— Eu também — disse K.

Mas será que estava? Não se sentia pronta. Na verdade, não havia estudado quase nada para o que viria. Nenhuma Menina do Abecedário nunca foi reprovada em uma prova, assim como nenhuma Menina do Abecedário nunca foi reprovada em uma Inspeção.

Será que as outras percebiam como ela estava despreparada?

Do outro lado da sala, duas das professoras sentadas com Ullman limpavam a boca com guardanapos, levantaram da cadeira e deixaram o refeitório.

— Posso ajudar se estiver atrasada — disse B.

Pelo jeito que falou, a sensação de K foi que B tinha acabado de gritar para todo o salão: *K não estudou, pessoal! Ela está ocupada demais PENSANDO EM UMA SEGUNDA TORRE!*

A uma mesa de distância, Q se levantou e se arrastou até as duas professoras ainda sentadas à janela. Hjortsberg e Ullman. K só observou enquanto Q cutucava o ombro da primeira. Na mesa de K, B, Y e V discutiam física e engenharia. Provas.

— K? — chamou B. — Você não vai nem agradecer?

K não ouviu. Q tinha feito Hjortsberg se levantar e se juntar a ela no quadro-branco, onde as refeições diárias eram escritas com um marcador. Ali, Q escreveu uma citação na cor preta. Hjortsberg logo se pôs a explicá-la.

— Sabe quem pode me ajudar ainda mais? — perguntou K, encarando Ullman sozinha na mesa.

— Qualquer pessoa menos eu? — indagou B.

— *Ela*. Com licença, meninas.

Ela se levantou e atravessou o refeitório. Curvada em sua cadeira mordiscando o pão, a professora Ullman parecia especialmente vulnerável vista por alguém de pé diante dela.

— Professora Ullman?

Ullman se virou rápido. Em seus olhos, tão de perto, K viu tristeza.

— Sim. O que foi?

— A senhora se importa se eu me sentar?

O cabelo grosso de Ullman estava puxado tão para trás que parecia esticar as bochechas e o queixo. A professora parecia esquelética, dentuça, os olhos disparando para todos os cantos do grande salão barulhento.

— Claro — disse, por fim. — Não tenho como impedir você.

Bem diferente de: *Como posso ajudar você, K?*

— É o livro didático, professora — explicou K, adotando uma voz que ainda era nova para ela.

Uma voz que mentia com facilidade.

Quando Ullman franziu a testa, todo o seu rosto se contraiu.

— O *didático*? O que há de errado com o livro?

K fingiu estar decepcionada.

— É a impressão. Mal dá para ler algumas das fórmulas. A letra... é pequena demais.

Ullman observou a menina com desconfiança. Um de seus olhos ficou muito pequeno, enquanto o outro, mais próximo, pareceu dobrar de tamanho.

— Nenhuma menina nunca reclamou do *livro*.

Ela está com medo, pensou K. E, com aquela ideia, um tijolo se desprende da Torre de sua mente.

Será que Ullman sabia da segunda Torre? Será que toda a equipe sabia?

— Bom, não é fácil — disse K. — E está ficando mais difícil.

— Talvez você precise dar uma olhada nos seus olhos.

K riu. Ullman também, mas logo parou. Como se não esperasse expressar nenhuma positividade.

— Mas não tenho nenhum problema com os outros livros! E não são as letras, as palavras. São os *números*, professora Ullman. E o que é a matemática sem... números?

— E o que você quer que eu faça, menina? — grunhiu Ullman.

— Não sei direito. O que *pode* ser feito?

— Está sugerindo que a gente imprima livros novos por sua causa?

A voz dela parecia ficar menor, mais fraca. De perto, cara a cara, a professora Ullman era o que a professora Hjortsberg chamaria de *transtornada*.

K se identificava muito bem com aquilo.

— Não por *minha* causa. Por causa de todas. — Ela se aproximou da professora. — Não fui a única que... *disse isso*.

Ullman fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Sinto muito. Mas não vou levar um livro perfeitamente bom para a impressora e pedir números maiores. Você vai ter que usar uma lupa.

K sorriu.

— Pode deixar que eu levo.

— Leva o quê?

— Vou levar o livro para a impressora. Onde fica?

K olhou para trás como se pudesse encontrar livros sendo impressos ali no refeitório.

— *Não diga isso* — disparou Ullman.

Mas o medo na voz dela não fez K ceder. K queria saber como chegar no porão.

— Por quê? Onde fica a impressora? Eu posso falar com elas. A senhora não precisa fazer nada.

— No *porão* — disse Ullman, agarrando o xale com a mão ossuda e apontando para o chão do refeitório com a outra. — E uma Menina do Abecedário não pode ir lá embaixo de jeito nenhum!

— Ah — respondeu K.

Mas pôs significado suficiente em uma única sílaba para sugerir que não acreditava naquilo.

— Vocês não podem nem usar o banheiro das funcionárias, que dirá ir ao porão.

Ullman fechou a boca rápido. O banheiro das funcionárias?

Por que ela disse aquilo?

— A senhora está mais do que certa — disse K.

— A resposta é simplesmente não — insistiu Ullman. — Entendeu?

— Sim. Entendi.

— Ótimo. Agora vá procurar uma lupa. Ou fale com a enfermeira Simon sobre os óculos, pelo amor de Deus!

— Deus? — perguntou K.

Ela nunca tinha ouvido aquela palavra.

A raiva apreensiva de Ullman desabou de seu rosto. No lugar, surgiu

algo muito mais severo. K havia lido uma palavra que descrevia a expressão da professora em um livro de Judith Nancy.

A palavra era *horror*.

— Já chega — disse Ullman, e se levantou da cadeira. — Agora, xô. Volte a estudar. Volte ao trabalho.

Ullman saiu às pressas quando Hjortsberg voltou.

— Oi, K — cumprimentou a professora. — O que você e Ullman estavam falando?

Mas K ainda observava a professora de matemática magra e assustada partindo do refeitório.

— K?

— Ah, desculpe, professora. Estávamos falando dos livros didáticos. O de matemática especificamente. Não consigo ler os números.

Hjortsberg franziu a testa.

— Hum. Sempre achei que a letra podia ser um pouco mais legível na maioria dos livros didáticos. Foi bom você ter avisado.

O sinal anunciando o fim do jantar tocou, e as Meninas do Abecedário juntaram suas coisas e levaram as bandejas até as latas dispostas sob as janelas ao longo da parede. K e Q fizeram contato visual enquanto K jogava a caixinha de leite vazia na sacola plástica. Naquela breve troca, que mal dava margem para duas meninas fazerem qualquer coisa além de notarem a existência uma da outra, o tempo desacelerou para K, estendeu-se de uma ponta à outra do refeitório e ela se viu andando até o saguão do térreo, pegando o corredor das funcionárias e entrando no banheiro, passando pelas cabines e encontrando no fim outra porta, mais escura, com uma placa que dizia PORÃO.

Estremeceu ao se imaginar abrindo a porta do porão, depois a do Canto e encontrando um túnel ali... que seguia por debaixo dos pinheiros... até...

Q assentiu. Fez uma pequena reverência, como se dissesse: *De nada*. K havia desencadeado algo, afinal, pois uma sombra escura pareceu cobrir o refeitório, seus ossos gelaram, e ela se imaginou fazendo tudo o que havia aprendido a não fazer.

Até onde estava disposta a ir com aquilo? Até onde a descoberta na floresta a levaria?

Viver como se estivesse em um livro de Judith Nancy.

K tentou sorrir com a ideia, tentou sorrir de volta para Q. Mas não conseguiu. E sabia que sua incapacidade de expressar leveza, ainda que

falsa, também desencadeava algo.

A mulher toda de vermelho

B não gostou nada daquilo. Nem um pouco.

— O *banheiro* das funcionárias?

Ambas tinham acabado de passar pela Inspeção. Ambas foram declaradas limpas. Para K, era empoderador ir a lugares que não devia, pensar coisas que a Parentalidade teria achado abomináveis e até mentir, sem sofrer nenhuma punição.

Havia poder naquilo. Aos onze anos de idade apenas, ela sentia tudo aquilo.

— Você devia vir junto — disse K, desenrolando fios na estante de sua sala de estar.

— De jeito nenhum.

K se virou para a amiga, porque a conhecia muito bem, e o modo como B disse *de jeito nenhum* quase soava como *de algum jeito*.

— B? — Ela largou os fios e se aproximou da irmã no sofá. — Você quer vir?

B olhou pela janela. K viu as emoções conflitantes em seu rosto, como se a culpa e a aventura estivessem uma em cada bochecha, puxando o rosto da menina em sua direção.

— *Querer* eu não quero. Não. Mas...

— Mas o quê?

— Mas não acho que você devesse fazer isso sozinha.

K quis gritar de alegria. Mas o que planejava fazer não merecia alegria.

Afinal, o Canto ficava no porão. Ou assim lhes fora ensinado.

— Vai ter funcionárias lá embaixo — disse B.

— Podemos ir à noite.

— E se alguém nos pegar?

— Aí vamos ser pegas. Vamos nos fazer de bobas. Bancar as curiosas.

— Estou com medo.

K se sentou ao lado dela e passou o braço em volta da irmã.

— Eu também. Mas não consigo parar de pensar no que

encontramos lá, e eu...

— Eu também não consigo. Como poderia?

— ... acho que é nosso dever investigar isso. Tudo isso. Pelas Meninas do Abecedário.

— Você faz parecer que as Meninas do Abecedário não fazem parte da Parentalidade.

K tirou o braço, levantou-se e foi até a estante. Mexeu nos fios, verificando se estavam bem conectados. Q havia entregado o aparelho mais cedo. *Um terceiro ouvido*, fora a explicação dela. *Basta colocar sobre uma de suas orelhas e vai ouvir até as árvores crescendo*. Ela avisara que aquilo poderia deixar K desorientada, zonza, e também fazê-la pensar que alguém estava mais próximo do que de fato estava.

E o problema disso, dissera Q, encantada com a própria invenção, *é se a pessoa não estiver tão longe quanto se imagina*.

K o experimentou.

— Fale um pouco — pediu a B.

— Oi, meu nome é B.

K ergueu a mão depressa e tirou o aparelho da orelha.

— Ai! — gritou. — Foi alto *demais*!

— Dá para baixar o volume?

K balançou a cabeça.

— Q não descobriu como fazer isso. Ei... Vá para o corredor.

— Eu?

— É. Para perto da porta da sala de Exames.

— E depois?

— Aí fale comigo. Quero ver até onde isso alcança.

K pôs o aparelho de volta na orelha. Ouviu os sapatos de B no carpete. Além disso, ouviu V e Y conversando sobre as provas.

— Oi. Meu nome é B.

K olhou ao redor da sala de estar. Parecia que B estava parada do lado dela. Parecia que B nem havia saído dali.

— Uau.

— Oi, pode me chamar de B.

K riu.

— E eu não sei onde minha amiga K está com a cabeça. Você pode ajudar? Pode encontrar a cabeça dela?

K voltou para o sofá e se sentou.

— Meu nome é B. E agora estou sussurrando. *Minha amiga K é maluca*.

Ela ouviu o *tum tum tum* dos sapatos de B no corredor e tirou o fone pouco antes de a amiga abrir a porta.

— E aí? — perguntou B. — Funcionou?

— Tome — disse K. — Experimente.

* * *

Ao cair da noite, B voltou ao quarto de K. As irmãs usavam suas melhores roupas para o Salão dos Corpos: calça preta, camisa de gola rulê preta. Mas, dessa vez, também colocaram luvas pretas.

— Está pronta? — sussurrou K.

— Estou. Não me pergunte de novo, ou vou dizer que não.

Elas saíram para o corredor.

— Tudo bem — sussurrou K. — A gente consegue.

— Uma coisa — lembrou B.

— O quê?

— Se a gente descobrir algo muito ruim lá embaixo... Estou dizendo logo que vou contar à M.Ã.E., e acho que você deveria fazer o mesmo. Em algum momento, isso vai ter que acabar.

K assentiu.

— Combinado.

Mas, enquanto caminhavam pelo corredor acarpetado até a escada que K pegou pelo menos duas vezes por dia pela maior parte de sua vida, ela se perguntou o que poderia acontecer de tão ruim.

A porta não ficava depois da série de cabines do banheiro, no fim das contas.

Ficava *em uma das cabines*.

— Isso é loucura — disse B, antes de entrarem na cabine.

Não havia privada ali. Apenas uma porta.

— E se estiver trancada? — perguntou ela.

K ergueu a mão depressa. Pôs o terceiro ouvido em uma das orelhas, e a voz de B soou ensurdecadora. Ela entrou na cabine, escutando tudo que havia do outro lado da porta. Tudo mesmo.

Tirou o aparelho de Q da orelha e tentou abrir a porta. A maçaneta girou com facilidade. A porta se abriu.

As duas se entreolharam por alguns segundos antes de entrarem. E, naqueles segundos, pareceram envelhecer. Como se a experiência, desde a primeira ida à floresta até ali, tivesse feito algo de irrevogável com

elas. Não as mentiras ou os segredos, nem as missões clandestinas à noite.

Naquele momento, K e B sentiram que haviam crescido. Um pouco. Muito. Juntas.

— Tudo bem — disse K. — Para o porão.

Mas ambas ouviram *Para o Canto*.

* * *

Pegar a escada era tão aterrorizante quanto descobrir a segunda Torre. Apesar de terem passado a vida toda ali, as meninas nunca estiveram naqueles degraus de pedra, nunca experimentaram a sensação de ir para baixo do térreo. Era diferente da escada de cima. Como se as arquitetas tivessem largado pela metade. E, lá embaixo, o porão era pouco iluminado por lampiões tremeluzentes.

Ao pé da escada, as duas pararam e olharam para os lados do longo corredor de pedra, onde, em ambas as pontas, havia cartazes afixados às paredes.

K puxou a manga de B com cuidado e a guiou para a esquerda. Elas seguiram bem devagar pelo corredor. A luz fraca se refletiu em seus olhos quando leram o primeiro cartaz que encontraram:

LEMBREM-SE DE MANTER OS LAMPIÕES ACESOS:
UM CORREDOR ESCURO É UM CORREDOR PERIGOSO

K voltou a puxar a manga de B, e as irmãs andaram ainda mais devagar ao virarem a primeira esquina, depois seguiram por todo um segundo corredor. Uma porta fechada quebrou a monotonia dos paralelepípedos à direita delas.

— O Canto? — sussurrou B.

K iluminou a porta com a lanterna.

PILHAS, FITA PARA MÁQUINA DE ESCREVER,
MATERIAL DE ESCRITÓRIO

Fita para máquina de escrever. As duas pensaram logo em Judith Nancy.

Foi *ali* que escreveu todos os livros da vida delas?

B então puxou K pela manga e as duas avançaram, segurando o braço uma da outra. K pensou na segunda Torre. Pensou em J lá. Será que havia passado por ali? Por aqueles corredores, depois pela porta do Canto, pelos subterrâneos, apenas para sair do outro lado com um cabelo diferente, um corpo diferente, uma voz diferente em uma segunda Torre entre os pinheiros?

Imaginou a Inspetora obesa daquela segunda Torre entrando no corredor à frente. Os pelos do rosto chegando aos joelhos.

— Vamos — pediu B.

B de repente tinha assumido o comando. Hjortsberg havia falado sobre aquele tipo de comportamento. Chamava de *supercompensação*.

Quando uma pessoa está com medo, muito medo, costuma reagir sendo corajosa em excesso.

O que quer que fosse, K ficou feliz com aquilo.

As duas continuaram, virando em outro corredor, aquele para a direita, onde muitas portas se entremeavam à parede de pedra. Havia mais lampiões naquele corredor, e as portas variavam de tamanho. As meninas do Abecedário pararam para observar. K pôs o terceiro ouvido de Q. Ouviu as chamas crepitando. Uma garrafa se abrindo? É, uma tampa girando. O som inconfundível de um fósforo pegando fogo. O som de alguém bebendo.

K apanhou a mão de B.

O fósforo. Alguém acendendo os lampiões? Alguém conferindo os lampiões todos?

Um corredor escuro é um corredor perigoso...

K se moveu rápido, puxando B até um canto escuro de uma porta.

De repente, a ideia de ser pega no porão, com o terceiro ouvido de Q, pareceu muito ruim mesmo. Ficou preocupada por B. Ficou preocupada por Q. Ficou preocupada por si mesma.

Estava fazendo aquilo não só pela informação, mas pelas irmãs.

Será que agia da maneira certa?

Parecia que sim. Parecia que as duas tinham que continuar. Gostando ou não, havia respostas ali embaixo.

K tirou o fone.

— Ouviu alguma coisa?

— Vamos voltar lá para cima — pediu B. — Acho que já vimos o suficiente.

— Talvez.

Elas saíram de perto da porta e olharam o corredor. Viram outro cartaz preso à parede, lá no fim.

— Vamos ler aquilo — disse K. — Depois podemos voltar.

Mas o corredor pareceu longo demais para B.

— Eu espero aqui.

— O quê? Não. Vamos juntas.

B respirou fundo.

— Vai ficar me devendo depois dessa, K.

— Eu sei.

As duas saíram de perto da porta e continuaram, de braços dados. Passaram por uma, duas, quatro portas, cada uma com um nome e um cargo. K pensou no banheiro das funcionárias no andar de cima. Uma porta dentro de uma cabine. Mais portas em um corredor escuro e sombrio. A Parentalidade não tinha tanto brilho quando vista por aquele ângulo.

Havia uma porta designada como IMPRESSORA. Outra, como CONTABILIDADE. Algumas incluíam os nomes de mulheres que elas já haviam visto na Torre. Como se a equipe da Parentalidade fosse toda composta pelos trolls do livro de Judith Nancy, *Embaixo de tudo*.

— Estamos *embaixo de tudo* agora — disse B.

Quando chegaram ao cartaz branco, nenhuma das duas entendeu o que estava escrito.

TÚNEL DE GLASGOW
ACESSO EXCLUSIVO PARA MARILYN

— Quem é Marilyn? — perguntou B.

Mas K só conseguia pensar na palavra *túnel*.

— A segunda Torre. Se pegarmos esse túnel... talvez a gente saia na...

— *Dentro* da Torre?

— Temos que pelo menos dar uma olhada. Não precisamos entrar no túnel.

— Não. Não precisamos. — B pressionou a ponta do indicador no papel. — *Marilyn* é a única pessoa que pode entrar.

— Não era nem para estarmos aqui. Por que de repente voltaríamos a seguir as regras?

— Viu só? É justo disso que eu tinha medo. Nunca vai acabar, vai?

— Acho que sim.

K começou a andar, mas B segurou seu braço.

— Se você me disser agora como vai acabar e o que pode ser, eu continuo.

— J — respondeu K. A voz falha pôde ser ouvida ecoando. — Vamos. A gente chegou até aqui. Tem respostas ali na frente.

— É mesmo? Bom, talvez eu não queira saber.

K olhou o corredor. A entrada do túnel era visível, uma abertura oval escura entre as pedras.

— Quer, sim. Mas, se quiser esperar aqui, tudo bem.

— Estou com *medo demais* para esperar aqui.

— Então segure minha mão. Ninguém vai pegar a gente. Eu prometo.

— Você não pode prometer isso.

— Não. Não posso.

Com B agarrada a ela, K andou mais rápido, passando por mais portas. As duas chegaram ao buraco escuro antes do que gostariam. Acima dele, visíveis apenas graças às chamas, letras mal pintadas enunciavam: TÚNEL DE GLASGOW.

K iluminou o túnel com a lanterna. Paredes e chão sujos. Nenhum fim à vista.

— Desligue sua luz — pediu B.

— Por quê?

— Alguém pode nos ver entrando aqui.

Ambas olharam para onde a luz de K desaparecia.

Então desligou a lanterna.

Elas entraram na escuridão do túnel contando apenas com a companhia uma da outra. Pelo terceiro ouvido, K voltou a escutar os passos delas. Pensou nos cinco quilômetros que separavam as duas Torres. Pensou também no tempo de distância. Se o túnel realmente levasse até lá, elas iam andar naquela escuridão por quarenta e cinco minutos. Era tempo demais. Cada minuto demorava uma eternidade. E se alguém viesse da direção oposta? Alguém com um lampião aceso?

Alguém no escuro?

Ainda assim, as meninas avançaram. K logo fez B caminhar mais rápido, a ponta dos dedos de uma das mãos deslizando pela parede do lado esquerdo para guiá-las.

— K — sussurrou B.

K tirou o fone.

— O que foi?

— Eu ouvi uma coisa.

— Eu não. E estava usando o terceiro ouvido.

— Bom, eu com certeza ouvi.

— O que você ouviu?

— Passos. Alguma coisa. Não sei.

As meninas esperaram. Aguçaram os ouvidos. K ergueu a lanterna, pensou em ligá-la, mas...

As luzes de outra pessoa surgiram primeiro.

Logo à frente.

Alguém havia iluminado uma área não muito distante das Meninas do Abecedário.

Nenhuma das duas se moveu, nem mesmo para encostar na parede.

Sob as luzes, elas viram uma divisória, uma parede de vidro, separando aqueles dois lados do mesmo túnel.

K sabia que, se B não tivesse ouvido o que ouviu, se B não tivesse sequer descido ali, K talvez já estivesse junto à parede de vidro. Teria tateado o caminho até a divisória quando as luzes se acendessem.

E a mulher inimaginável do outro lado do vidro a teria visto.

As meninas agarraram a mão uma da outra.

A mulher usava vermelho. Luvas vermelhas, jaqueta vermelha, calça e botas vermelhas. Os pelos em seu rosto eram muito mais escuros do que os da Inspetora que as duas viram no térreo da segunda Torre. Assim como o cabelo em sua cabeça. Seus traços eram tão marcados, tão duros, que K não pôde deixar de se imaginar desenhando aquele rosto irreal, como se, ao recriá-lo fielmente, pudesse levar sua técnica artística a um novo patamar. Mas, quem quer que fosse aquela pessoa, K não queria chegar mais perto.

A mulher abriu uma gaveta de vidro do seu lado da divisória transparente. Pôs um maço de papéis dentro.

K e B pensaram no livro *A cabana*, de Judith Nancy, no qual uma menina, Miranda, descobre uma bruxa morando no Pomar atrás da Torre.

A bruxa passava bilhetes secretos para as Meninas do Abecedário enquanto elas dormiam. Será que aquela mulher fazia a mesma coisa? Páginas e mais páginas de bilhetes?

Ela era tão, tão alta... Tinha ombros largos. K nunca tinha visto uma mulher exalar tanta força física antes. Como se ali, no Túnel de Glasgow, morasse uma mulher forte o bastante para esmagar uma menina.

Será que era aquilo que morava no Canto?

A coisa escapou uma vez, disse a M.Â.E. um dia. E foi preciso usar tudo que tínhamos para prendê-la de novo.

A mulher grunhiu, fechou a gaveta da divisória, coçou os pelos do rosto, estendeu a mão para um interruptor na parede, e as luzes se apagaram.

As Meninas do Abecedário não se moveram. Nem mesmo quando o som das botas vermelhas da mulher ecoou à distância sombria do outro lado do túnel.

— Aquelas folhas — disse K.

— Vamos voltar — pediu B. — Agora.

K ligou a lanterna e, sem esperar para discutir com B, correu até a divisória de vidro. Abriu a gaveta do seu lado e puxou as folhas.

Enquanto corria de volta, percebeu que, se alguém as pegasse naquele instante, os papéis acabariam de vez com qualquer desculpa esfarrapada que tivessem.

— Pronto. Vamos.

B não discutiu. As duas andaram rápido rumo à luz da saída do túnel. Elas se mantiveram coladas à parede, deram as mãos, correram.

A alguns metros da entrada, B puxou o punho de K com força, fazendo-a parar.

— Será que a gente está bem? — perguntou.

K pensou em Podridões. Em Vês. Ambas pensaram.

— Não sei.

Ao sair do túnel, correram de volta pelo mesmo caminho. Um corredor, depois outro. O corredor com muitas portas.

As meninas tinham dado dois passos quando uma das portas se abriu.

B ficou paralisada. K pôs as folhas no chão depressa e se levantou de novo.

Um rosto observava da porta, todo voltado para elas.

Era uma mulher com óculos grandes e cabelo grisalho e encaracolado. Fumaça se erguia de um cigarro entre seus dedos, escurecendo sua camisa bege. K pensou no fósforo que tinha ouvido sendo aceso quando se encaminhavam para o Túnel de Glasgow. Apesar de estarem vendo a mulher fora do contexto usual, as meninas sabiam quem era.

Judith Nancy.

— Bom, puta merda — disse Nancy, a voz rouca e sábia. — Puta merda.

As meninas já tinham visto Judith Nancy muitas vezes. Ela sempre entrava no refeitório com um sorriso, as mãos enrugadas cortando o ar como se ele fosse feito da mesma seda dos lenços envoltos em seu pescoço. K sempre a achava majestosa. Inacessível. E alguém que talvez tivesse chorado, chegando a uma conclusão otimista pouco antes de sair em público.

Para K e B, Judith Nancy era a imagem fiel de uma escritora.

A única que conheciam.

— Por favor, não conte a ninguém — pediu B.

As palavras escaparam de sua boca como um vômito. K quis recolhê-las antes que chegassem a Judith Nancy. Aquelas palavras tornavam o momento real, provavam que, sim, elas haviam sido pegas no porão, fazendo algo que não deviam.

— Contar? — perguntou Judith Nancy.

Ela saiu para o corredor. Usava uma saia longa que quase chegava aos saltos gastos. Carregava uma garrafa na outra mão.

B olhou para K — K, que a envolvera naquilo, K, que começara a investigar.

— À M.Ã.E. — disse K, por fim. — Por favor, não conte a ela.

Nancy apoiou o ombro na parede. Levou a garrafa aos lábios, tomou um gole, contraiu o rosto e a baixou de novo.

— Meninas, estou tão bêbada que amanhã de manhã vou me perguntar se isso realmente aconteceu.

As meninas não sabiam o que dizer. Então nada disseram.

— Querem entrar? — perguntou Nancy, dando um passo para o lado e abrindo espaço à porta de seu escritório.

— Na sua sala? — quis confirmar K.

Nancy sorriu.

— E por que não? Teremos que falar baixo, é claro. — Ela olhou para cima. — Mas acho que uma conversa esclarecedora faria bem a todas nós.

Ainda é um lugar nunca antes visto

— Por que esta noite? — perguntou Nancy.

Seus pés agora descalços repousavam sobre a escrivaninha, ao lado do que as meninas reconheceram como uma máquina de escrever. Junto à velha máquina havia um montinho de folhas. A tinta no papel parecia fresca. De um preto escuro.

— Como assim, senhora? — perguntou B.

Sua voz continuava transparecendo o medo de ter sido pega, mesmo depois de convidadas a entrarem ali. Mas K sabia o que Nancy queria dizer.

— Eu soube que a porta do porão ficava no banheiro das funcionárias — disse K. — E a gente quis ver como era.

— Ah — respondeu Nancy. O olhar que lançou a K sugeria que acreditava em parte do que ela disse, mas não em tudo. Ainda assim, parecia o bastante. Ou melhor, parecia que ela acreditava nas partes certas. — É assim que deve ser. Quando resolvem fazer uma coisa, devem *fazê-la* mesmo.

Judith Nancy tomou outro gole da garrafa. As Meninas do Abecedário sentiam o cheiro do líquido mesmo estando do lado oposto da mesa. As cadeiras idênticas em que se sentavam rangeram quando as duas se inclinaram para a frente, juntas, para ler o rótulo.

— Chama-se uísque, meninas, e é um dos muitos prazeres da vida.

— É gostoso? — perguntou K.

Nancy riu.

— Nem um pouco. Mas algumas coisas valem mais pelo que nos fazem sentir do que pelo gosto, não é mesmo? — Ela abanou a mão, desdenhando do rosto impassível das meninas diante daquele comentário. — A resposta é *sim*. Sempre sim. A vida tem que ser vivida com os três E's. Sabem quais são? Conseguem adivinhar?

K e B se entreolharam. Estavam no escritório de Judith Nancy, que havia acabado de lhes fazer uma pergunta. Como responder? K arriscou:

— Estudo, esforço e... energia?

Nancy tirou os pés da escrivaninha. Inclinou-se na direção delas.

— Não. Jesus amado. Não. — Acendeu outro cigarro e apontou para as duas Meninas do Abecedário. — Emoção. Embargo. Espírito. Emoção, porque é preciso saborear cada refeição, cada sílaba de uma risada, cada segundo de um sorriso. Embargo, porque é preciso ser capaz de embargar a descrença em todas as áreas da vida. E espírito, porque... Bom... O espírito dirige o carro, certo?

— É — disse K. — Dirige.

— Se eu puder ensinar uma coisa a vocês, se puder revelar um pequeno detalhe desta vida que talvez vocês ainda não saibam...

K percebeu os olhos da mulher se afastando dali. Nancy queria falar mais do que estava dizendo. Queria falar o dia todo. K imaginou a escritora engatinhando para cima da escrivaninha, pegando as meninas pelo punho e as levando até os pinheiros. *Me deixem mostrar uma coisa a vocês, meninas. Me deixem mostrar uma outra... Torre.*

— É que vocês devem questionar a autoridade. Devem confiar nos próprios instintos. E devem fazer exatamente o que estão fazendo agora.

— O que estamos fazendo agora? — perguntou B.

Nancy riu. Mas K ouviu a profunda tristeza na risada.

— Estão questionando *tudo*.

K sentiu uma espécie de corrente elétrica dentro de si. Só mesmo Judith Nancy para articular algo que ela mesma não conseguia.

— Nós achamos uma... — começou a contar B, mas K lhe deu uma cotovelada.

Nancy olhou de uma menina para outra. Depois para a porta.

— Seja o que for, não me contem — pediu Nancy. — Quando trouxe vocês aqui, minha intenção jamais foi investigar o que tinham descoberto, mas encarnar uma personagem que vocês conhecem na jornada da vida, ainda mais nesta aventura aqui no porão. Pensem em mim como...

— Como Rosalyn, de *Sem parar* — disse K.

Sua voz denunciou sua repentina empolgação. Estava falando com Judith Nancy sobre Judith Nancy.

— É — disse Nancy. Estava meio iluminada, meio sombria. Como se seu livro fosse motivo tanto de orgulho quanto de vergonha. — Isso, como Rosalyn. Que função vocês acham que ela teve para a pequena Candance P.? — Nancy ergueu as sobrancelhas, esperando uma resposta. Então as sobrancelhas voltaram para trás dos grandes óculos.

— Esqueçam que perguntei isso. Também não pretendo lhes dar uma prova oral. Muito menos sobre os livros que *eu* escrevo.

— A gente adora os livros que você escreve — afirmou B.

Nancy levou a mão à boca. As Meninas do Abecedário viram os olhos da escritora marejarem de lágrimas. Ela olhou para baixo. Levou vários segundos para se recompor.

— Imagino que deva agradecer a vocês. Então... K e B, obrigada.

— Você sabe nosso nome? — perguntou K.

— Claro que sei o nome de vocês. É o trabalho da escritora observar, não é? E, além disso, nem tem tanta gente assim nesta Torre. Por que seria tão difícil decorar uns poucos nomes?

K e B se entreolharam. Será que Nancy sabia da segunda Torre? Das outras pessoas?

Um barulho no corredor fez K se virar tão rápido que até deu um jeito no pescoço. Quando olhou de volta para Nancy, viu que a escritora parecia tão assustada quanto B. Pior: era como se Judith Nancy encarasse a própria morte, assim como a pequena Candance P. em *Sem parar*.

— Se alguém entrar na sala — sussurrou Nancy, os olhos agora maiores, voltados para a maçaneta —, eu vou mentir. Vou dizer que vocês entraram aqui. Que me forçaram a falar.

— O quê? — perguntou B.

Outro barulho no corredor. Nancy ergueu a mão depressa.

Elas aguardaram. Os seis olhos na porta do escritório — ali, no último lugar do mundo em que Judith Nancy devia contar uma história.

— Um rato — disse Nancy.

— Um rato? — repetiu B. — Aqui? Na Parentalidade?

Nancy tomou um gole da garrafa.

— Estamos no *porão*, meninas. Ondes as sombras brincam. — Ela fez uma pausa. — Mas imagino que elas brinquem neste lugar inteiro.

— Verdade? — perguntou K.

A escritora analisou K de perto.

— Você. Você começou tudo isso, não foi?

B assentiu.

— Foi ela.

— Foi ideia minha descer aqui — respondeu K. — Sim.

— E não só *isso* — disse Nancy. — Mas, de novo, não tenho o menor interesse em brigar com vocês. Meu Deus, eu me recuso a chafurdar assim.

— Seu Deus? — perguntou K.

De repente o rosto de Nancy voltou a mudar. Ela olhou para a garrafa.

— Minha nossa... — corrigiu-se. — Digam uma coisa, meninas. Vocês sabem o que é *desinformação*? Claro que sabem. Eu escrevo para pessoas com o nível de leitura de pós-graduandos.

— Pós-graduandos? — perguntou K.

Nancy balançou a cabeça.

— Nossa, vocês não deixam *nada* passar, não é?

— A gente sabe o que é desinformação — insistiu K, para retomar o assunto.

— É quando alguém diz algo que simplesmente não é verdade — explicou Nancy, assim mesmo. Voltou a olhar para a porta. — De um jeito que a outra pessoa acredite.

K sentiu os pelos do braço se arrepiarem. Será que Nancy ia revelar alguma coisa? Contar um segredo?

— Tipo uma mentira — disse B.

— Ah, muito pior que *isso* — respondeu Nancy. — A gente conta uma mentira para se livrar de um problema. Ou para fazer alguém se sentir melhor. Pode até ser *divertido*. Mas a desinformação... Não tem nada de divertido nisso.

K pensou na assustadora mulher do Túnel de Glasgow. Pensou nos papéis que havia deixado no corredor. Será que o rato os estava comendo? Será que era sequer um rato?

— Vocês estão fazendo a coisa certa — disse Nancy.

Ela se recostou na cadeira, soltou umas palavras indistintas. A fumaça subia até uma saída de ventilação no teto. Sua pele parecia particularmente pálida, bege, quase da cor da blusa. Ela tentou pôr os pés na escrivaninha, mas não conseguiu. Inclinou-se para a frente de repente, reequilibrando-se, e se sentou com as pernas abertas, os cotovelos nos braços da cadeira. K notou que a garrafa estava quase vazia. Quando Nancy voltou a falar, foi com mais entusiasmo. Mas de um tipo mais sombrio.

— Estão fazendo a coisa certa ao *desconfiar*.

— A gente se inspirou nos seus livros — disse K.

K não disse: *A gente, desconfiar?* Não queria que Nancy parasse de falar.

Nancy olhou para ela, e para K era como se a escritora observasse algo através dela, depois ao seu lado, até que a encarou.

— Não me diga isso — pediu ela. — Nunca mais diga isso. Não tenho *nada* a ver com vocês estarem procurando respostas... buscando justiça... se empenhando em sua... sua...

As meninas esperaram até que ela terminasse o que havia começado a dizer.

— Está tudo bem, Judith Nancy? — perguntou B.

Nancy olhou rápido para ela.

— Foi por isso que pedi para vocês entrarem. Isso... — Ela abarcou a maior parte do escritório com as mãos ocupadas. — Vocês nunca estiveram em um porão assim antes. E também nunca estiveram em um escritório assim. E, apesar de não ter muita coisa aqui, eu gostaria que dessem uma boa olhada. — Ela fez uma pausa, dando às Meninas do Abecedário a chance de observar. Elas o fizeram. — Porque, mesmo que as paredes nuas não lhes causem nenhuma empolgação, mesmo que o ar úmido as sufoque um pouco, mesmo que o espaço em si pareça um caixão pequeno demais, ainda é um lugar nunca antes visto. E, meninas, esses são os lugares mais importantes de se ver no mundo todo.

— No mundo todo — repetiu B.

— Agora — disse Nancy —, caiam fora.

— Cair fora? — perguntou K.

A escritora assentiu.

— Vamos agradecer por só ter sido um rato.

K e B se levantaram lentamente, mas se levantaram. Nancy já acendia outro cigarro quando elas chegaram à porta. Tomava outro gole da garrafa.

— Obrigada, Judith — disse K.

Queria dizer muito mais. Perguntar muito mais.

— Meu nome é Vivian — respondeu Nancy. — Vivian Kleinplotz. Mas quem leria um livro escrito por *ela*?

K e B sorriram, constrangidas, sem entender o que a escritora queria dizer.

Então saíram e fecharam a porta sem fazer barulho. A máquina de escrever ganhou vida atrás da madeira.

K foi rápido até o maço de folhas no chão do corredor. Continuava ali.

As meninas cruzaram os mesmos corredores para voltar. Mas como pareciam diferentes.

— Não sei se me sinto melhor ou pior — disse B, ao pé da escada que levava ao banheiro.

— Sobre o quê?

— Sobre mentir.

— B, eu acho que tem mais coisas acontecendo aqui do que...

— Quis dizer que eu estava com medo demais de mentir para a M.Ã.E., para a Parentalidade, para todo mundo. Mas você ouviu o que ela falou? *Judith Nancy*? Disse que ia mentir também. Falou isso na nossa cara. Disse que ia mentir para a Parentalidade, ia contar que nós a obrigamos a falar.

K olhou para a escada.

— Acho que não somos as únicas a guardar segredos.

— Não — respondeu B. — Não somos. E, se até Judith Nancy pode mentir... Quem mais?

As meninas subiram os degraus de pedra. No topo da escada, K pôs o terceiro ouvido de Q de volta na orelha. Então escutou.

Sentiu que tinha respondido à pergunta de B sem mesmo falar.

Todo mundo, não dissera. Todo mundo pode mentir.

Sem parar

K voltou à segunda Torre toda noite durante duas semanas. Já sabia, graças às páginas que havia roubado do Túnel de Glasgow, que era chamada de *Torre dos rapazes*. Não fazia ideia do que a palavra *rapazes* significava, mas tinha noção de que era relacionada à variedade de mulher que ali morava. Algumas com rostos peludos. Todas com peitos retos. Algumas estranhamente fortes ou gordas. Todas falavam com um timbre diferente, um tom que ela nunca tinha ouvido em casa. Não pediu a B que fosse com ela por não querer impor mais isso à amiga. B havia mudado de ideia um monte de vezes sobre contar ou não à Parentalidade, mas já fazia dias desde a última vez que dissera que deveriam contar, e K não queria mexer nisso.

Q a ajudara com os superóculos, assim como tinha feito com o terceiro ouvido. Com o auxílio de uma série de lentes (algumas invertidas), K era capaz de observar as meninas da segunda Torre mesmo escondida entre os pinheiros nos fundos do segundo Jardim. Ela anotava e listava tudo.

E desenhava.

Desenhava muito J. E, apesar de não achar que aquela J era a J que havia sido levada de casa, seu fascínio por aquela menina de cabelo curto e peito reto parecia não ter limites. Ao fim da primeira semana de espionagem, ela já tinha dez desenhos de J com uma qualidade quase fotográfica, a maioria com a ajuda dos superóculos de Q.

Mas um ou dois foram de muito mais perto.

À medida que o verão se tornava outono, K havia começado a se infiltrar na segunda Torre.

As semelhanças entre as duas construções teriam ocupado mais seus pensamentos se estes já não estivessem tomados pelo horror de estar em um lugar a que não pertencia. A segunda Torre tinha um cheiro diferente. Começava por aí. Tinha um cheiro mais... intenso, se é que isso era possível. Mais sombrio também. Não em um sentido melancólico... mas como um ataque físico aos sentidos. K se viu extremamente alerta da primeira vez que entrou ali. Não só porque

sentia, e com toda a razão, medo de ser apanhada, mas porque o próprio odor local a assustava. Era mais... violento. Como se as mulheres que andavam por aqueles corredores, que pegavam aquela escada e entravam naqueles cômodos tendessem a métodos diferentes dos das Meninas do Abecedário.

K aprendeu muito com as páginas roubadas. *Rapazes* não foi a única palavra. Descrições extensas das meninas da segunda Torre sempre estavam acompanhadas das pequenas palavras que também havia entre ouvido no segundo Jardim: *ele* e *dele*. Mais de uma vez, as meninas eram chamadas de *Meninos do Alfabeto*, e K era inteligente o bastante para notar a semelhança entre aquela denominação e *Meninas do Abecedário*.

Havia lido vários parágrafos descrevendo cada um dos habitantes da segunda Torre, as coisas de que gostavam ou desgostavam, suas aptidões e fraquezas, como se fosse um relatório comportamental. Mas tinha algo faltando.

O *que* exatamente eram rapazes e meninos?

Até entender isso, K as chamaria de meninas mesmo.

Ninguém em casa havia mencionado as páginas roubadas. Nenhuma professora comentou nada em sala de aula. A M.Ã.E. não perguntou nas Inspeções. O *Diário da Torre* não publicou nenhuma matéria do tipo e com certeza não aludiu a um encontro entre K, B e Judith Nancy.

Judith Nancy. Uau. *Aquela* conversa rodava na cabeça de K feito o título de um de seus livros favoritos: *Sem parar*. K nunca havia participado de uma discussão em que sentisse a necessidade de dissecar cada letra pronunciada. Os olhos marejados de Nancy, a voz rouca, o jeito de falar, os três E's...

Tudo aquilo havia inspirado K a reler todos os livros de Nancy na estante.

Talvez os segredos que a escritora não queria contar estivessem escondidos naquelas páginas.

B notou os livros. Disse que também havia tentado ler um deles, mas sentira dificuldade. Não conseguia parar de ouvir as palavras indistintas. Não conseguia deixar de pensar que Judith Nancy era uma pessoa triste. Era assim que a descrevia agora. E também como uma mentirosa.

A investigação de K envolvendo a segunda Torre, as mulheres e meninas estranhas e ainda assustadoras, os *Meninos do Alfabeto*, tudo parecia competir com o relógio, com o tique-taque da indecisão de B

quanto a contar ou não à M.Ã.E. tudo que fizeram e viram. As coisas podiam ter se acalmado por ora, mas B agia e falava como um balão de gás prestes a estourar.

K não queria mesmo pensar em B. Os passeios noturnos não eram apenas uma transformação permanente de sua antiga realidade; também acabavam com suas noites de sono. Ela estava sobrevivendo à base de quatro, quatro horas e meia de sono por noite, e as Inspetoras Krantz e Rivers tinham começado a desconfiar.

Pesadelos, K?

Não.

Insônia?

Não.

Então por que as olheiras? Por que os bocejos?

Não sou matinal. Nunca fui.

Por sorte, era a pura verdade. Um traço que K nunca havia sonhado em usar em benefício próprio. A M.Ã.E. também estava curiosa, mas, como era do seu feitio, apenas observava em silêncio da outra ponta da sala de Exames, de braços cruzados, o corpo magro no macacão branco justo, os óculos escuros obscurecendo a maior parte do rosto.

Será que ela sabia? Sabia dizer aonde K ia à noite? Sabia que K observava a segunda Torre com superóculos, que K havia lido as páginas passadas por uma parede de vidro em um túnel escuro, onde a menina não devia ter estado? Será que sabia que aquelas páginas continham palavras absurdas — códigos, talvez — que aludiam, de maneira inexplicável, à *Torre dos rapazes*?

Será que a M.Ã.E. sabia?

Que K havia achado mais fácil do que o esperado atravessar o Jardim dali, fugir pela mesma porta da cozinha que ela, B e Q tinham usado na primeira jornada para aquela Torre? Que K havia *entrado* na Torre, cheirado coisas e ouvido coisas e visto coisas que nunca passaram pela cabeça de outra Menina do Abecedário? Que K usava a escada da Torre dos rapazes como usava a de casa e que subia por aquela escada até o oitavo andar, onde uma menina chamada J ainda existia, uma menina que não era *sua* J, mas mesmo assim uma J? Será que a M.Ã.E. sabia que K estava nutrindo sentimentos desconhecidos por aquela segunda J?

Será que a M.Ã.E. sentia que K entrava no apartamento de J e cruzava em silêncio a sala de estar até entrar no quarto e ficar ao lado da cama, observando-a dormir por longos minutos?

Será que a M.Ã.E. sabia que K gostava de desenhar J? Que gostava do formato do rosto dela? Do olhar em seu rosto? De sua expressão ao dormir?

Será que ela sabia?

Será que percebia?

A M.Ã.E. não dera sinais de saber de nada, e toda Inspeção terminava com um *limpa*. K pensava muito nisso em seu quarto, até bem depois de terminada a Inspeção matinal. O tempo que ela antes dedicava ao estudo passou a ser dividido entre livros de Judith Nancy e uma reflexão profunda: tentava entender por que, apesar de ter mentido, omitido tanto e estado em lugares que nunca devia ter pisado, ela continuava passando em todas as Inspeções, como sempre passou.

O que uma Menina do Abecedário precisava fazer para não passar?

Seria *possível* não passar?

A cada *limpa*, K sorria para a M.Ã.E. na saída da sala de Exames, perguntando-se se a mulher sequer imaginava que sua Menina do Abecedário conseguia desenhar em detalhes a cozinha da segunda Torre entre os pinheiros.

E o quarto de J não era o único que ela tinha visto.

A mulher perturbada que K e B viram deixar os papéis no túnel dormia um sono agitado na maioria das noites e, apesar de se revirar muito, era fácil de desenhar. Os pelos pretos no rosto, os ombros fortes, a energia agressiva, tudo levava K a desenhá-la de longe, do outro lado do cômodo, usando os superóculos. A mulher roncava e roncava, choramingando e uivando. K desenhava tudo. Mesmo a boca aberta que às vezes gritava os nomes de A e Z durante o sono.

Foi na sala de estar daquela mulher que K encontrou uma garrafa com o mesmo cheiro da que Judith Nancy havia bebido. Foi naquela sala, analisando muitos documentos, que K determinou que aquela mulher era a M.Ã.E. da segunda Torre. E foi naquela sala que K abriu a gaveta de uma escrivaninha e pegou uma coisa chamada *Relatório Burt*, datado de *1º de novembro de 2019*. E foi nas páginas daquele relatório que K encontrou a peça que faltava, o elo perdido, uma explicação suficiente para as duas coisas que não compreendia até então:

Primeiro, as meninas da segunda Torre não eram meninas de modo algum. Eram apenas *meninos*. E, apesar de ser uma dedução simples, dado o nome do lugar, aquilo ainda confundia muito K. Ela compreendeu que estivera evitando uma característica básica de seu objeto de estudo.

Uma espécie diferente? Ela não sabia ao certo. Algo que chamavam de *sexo oposto*.

A segunda coisa era muito mais importante, e, no momento em que K leu essa parte, a mulher adormecida se sentou na cama. Sem camisa, o cabelo escuro bagunçado, olhou para a escuridão da porta por um longo tempo. K, colada à parede ao lado da mesa, não se mexeu. Apenas sua mente se movimentava, processando o que tinha acabado de ler.

A Parentalidade tinha escondido as Meninas do Abecedário dos Meninos do Alfabeto. E vice-versa. De propósito. Por motivos que K ainda não compreendera...

Ouvindo a mulher (homem?), o P.A.I., respirar fundo depois de um novo pesadelo, K viu, pela primeira vez, a própria Torre e a segunda como iguais. Uma tão sofrida quanto a outra.

O P.A.I., por fim, voltou a se deitar, e K, ainda imóvel, segurou lágrimas de vergonha, de raiva, segurou também a vontade de sair correndo e gritando pelo quarto, atacar a coisa mentirosa durante o sono.

Será que a M.Ã.E. percebia? Que K havia sentido o cheiro de *homens*, na hora em que a Inspetora Krantz passava a lupa pelo corpo nu da menina?

Ao sair do quarto do P.A.I., K chorou. Não por estar com medo nem pelo choque brutal daquela nova informação.

K chorou porque era triste. Tudo que foi feito com as meninas. Com os meninos. Com cinquenta e duas mentes que não tinham como evitar nada daquilo.

Artigo primeiro da Constituição da Parentalidade:

A genialidade é perturbada pelo sexo oposto.

A menção no Relatório Burt à castração só podia significar neutralizar os meninos do mesmo jeito que a professora Langan havia pedido que as Meninas do Abecedário neutralizassem células para impedir que se multiplicassem.

Meninos e meninas.

Multiplicação.

Reprodução.

K pensou nas partes nuas que tinha visto pela janela. Nas partes de

seu corpo, também.

Pensou nas Árvores Vivas e em como nenhuma das Meninas do Abecedário nunca as encontrou no Pomar.

Pensou em mentiras.

Ao sair pela porta da cozinha, ao correr pelo Jardim rumo aos quilômetros de pinheiros que separavam a Torre dos rapazes da dela, K não conseguia parar de chorar, acreditando entender o que havia sido feito com ela, com as Meninas do Abecedário, com os Meninos do Alfabeto, com todos. E, apesar de ser impossível dizer que *entendia*, ela acreditou que entendia o bastante.

A caminho de casa, voltou a se imaginar cruzando o quarto do homem que chamavam de Richard. P.A.I. Ela se viu batendo nele. Esfaqueando-o com uma das facas da cozinha. Castrando-o como o Relatório Burt havia sugerido que ele fizesse com os meninos.

Imaginou sangue nas mãos. Sangue nas roupas. Sangue nas botas.

Não correu pelos pinheiros para casa. Em vez disso, K andou devagar, segurando a cabeça, as mãos úmidas, deixando um rastro de lágrimas tão visível quanto as migalhas de pão no livro *O caminho para casa*, de Judith Nancy. Imaginou migalhas de sangue. Sangue do homem que chamavam de Richard. Pensou nas Meninas do Abecedário. Nos Meninos do Alfabeto.

Pensou na responsabilidade que tinha.

E também nos sentimentos que nutria por J. Em como se sentia por causa dele. Nas coisas de que ele gostava. As preocupações. A risada. A voz. Os olhos.

Parou no meio dos pinheiros, tomada de repente pelo que só podia ser chamado de inspiração.

E se perguntou, em voz alta, que tipo de gente cruel podia achar aqueles sentimentos uma distração.

Marilyn e Richard

Não pode ser uma prisão, disse Richard. Ele havia insistido nessa condição desde o princípio. Quando as conversas levianas se tornaram um planejamento sério. O processo deixou ambos impressionados. Inspirados também. Ah, muito inspirados.

Vigilância não caracteriza uma prisão, retrucou Marilyn. Eles já haviam discutido aquilo. Inúmeras vezes.

Eles comiam sanduíches no Glasgow's, um restaurante no centro da cidade, um lugar onde se encontravam regularmente, no fim de mais um dia de distrações. Comiam bem, davam boas gorjetas e em geral não precisavam esperar por uma mesa. Marilyn era muito refinada, e Max Lowe, o jovem proprietário do estabelecimento, queria que ela fosse ali sempre que possível. Queria, portanto, que ela fosse vista com a mesma frequência. Richard e Marilyn eram levados a uma mesa para dois no centro da sala de jantar escura. Sempre.

A acústica, tão prejudicada e decadente quanto as luminárias, dava a eles privacidade apesar da destacada posição da mesa.

Se fizermos nossa parte, disse Richard, *eles não vão querer explorar a floresta*.

“A floresta” era uma ideia vaga na época. Duas torres, no meio de uma... “floresta”.

Por mais que eu concorde, respondeu Marilyn, *pode ser que um dia a praticidade fale mais alto do que a filosofia*.

A ideia é provar que uma mente não distraída pode se manter concentrada. Se forcarmos essa concentração, com câmeras e babás... o que vamos provar?

Richard havia comido um terço de seu sanduíche. Bebido um pouco de uísque.

Nada. Você tem razão.

Os olhos de Marilyn estavam meio escondidos atrás da grossa armação dos óculos. Metade do rosto de Richard também, pela barba. Os dois haviam mudado muito nos quinze anos de casamento.

Ex-prisioneiros, disse ela. Tudo aquilo já havia sido discutido.

Isso.

E vamos comprar os bebês.

Richard não olhou em volta. Não olhou para a maior parte do restaurante. Quem ia acreditar se ouvisse aquilo?

Isso.

Uma dúzia ou mais de cada.

Talvez mais.

Por que mais?

Quantas chances vamos ter de fazer um experimento assim?

Uma.

Então talvez mais.

Marilyn tomou vinho tinto e se recostou na cadeira. O garçom se aproximou logo, saindo das sombras do restaurante, um pano de prato pendendo do antebraço.

Mais uma rodada para os dois?

A resposta para isso, disse Richard, é sempre sim.

Quando voltaram a ficar sozinhos, Marilyn disse: *Eu encontrei as torres.*

Richard se animou. *Onde?*

Ela desenhou a forma do estado com as mãos. *Aqui.*

Uma escola? Um hospital?

Nada disso. Ela tirou a bolsa da cadeira e a pôs no colo. De dentro, tirou uma fotografia e passou para o outro lado da mesa.

Richard esperava uma foto aérea, e foi o que recebeu. Dois quadrados entranhados em uma floresta de altos pinheiros. A escala mostrava que não havia nenhuma outra construção por quarenta e dois quilômetros ao norte ou ao sul, nem por trinta e dois quilômetros a leste. O lago Michigan ficava quarenta e oito quilômetros a oeste.

Silvicultura, explicou Marilyn. *Um experimento fracassado.*

Então quem é o dono das terras? O estado?

Marilyn assentiu.

Não, disse Richard. *Não podemos envolver o governo. Não podemos deixar que saibam que estamos lá.*

Ninguém vai questionar o que estamos fazendo... Afinal, vamos comprar justo daqueles que poderiam perguntar.

Marilyn se virou e sorriu para um casal sentado a outra mesa. Richard percebeu que o homem que retribuía o sorriso era o senador Evans.

Marilyn.

Ele acha que queremos comprar terras para um campo de caça. Somos os primeiros da fila de interessados.

Richard analisou a foto. *É lindo*, disse.

É perfeito.

O garçom trouxe as bebidas e as serviu na mesa. Richard pegou logo a sua. Ergueu o copo.

Saúde, disse. *A ex-prisioneiros e bebês.*

E a Inspeções, respondeu Marilyn.

Inspeções? Fiquei curioso agora.

Para garantir que nossos pequenos não se encontraram.

E se eles se encontrarem?

Marilyn deu de ombros. *Então faremos o que todos os pais e professores fazem. Vamos deixá-los de castigo. Mandá-los para o canto.*

O Canto

Um mês.

Nenhuma nova visita.

Nenhum pinheiro.

Nenhuma informação extra sobre a Torre dos rapazes. Ou sobre a dela.

Um mês.

Para pensar. Para analisar. Para calcular. Para ficar agitada, nervosa. Para se sentir livre. Para se sentir presa. Para saber o que sabia. Em alguns dias, as paredes da Torre pareciam mais grossas. Como se seu quarto estivesse mesmo diminuindo.

Um mês.

Para fingir. Para assistir às aulas e estudar. Para aguentar o que passara a encarar como Inspeções falsas. Falsas, porque tudo que a Parentalidade fazia era falso. Mentira. Desinformação. Foi Judith Nancy quem disse isso. Lembra? Quando K e B se sentaram à mesa da escritora na sala do porão? Enquanto a escritora virava uma garrafa inteira e afundava cada vez mais na cadeira? Deixou de ser uma boa lembrança. K agora entendia, olhando para trás, grande parte do que Nancy dissera. Outrora uma realidade estilhaçada. Então reescrita do jeito certo. A lembrança de Nancy era tão monstruosa para K quanto a do homem barbado que chamavam de P.A.I.

Um mês.

Para nadar na piscina da Torre, jogar Barcos com as irmãs, evitar contato visual com B. Não importava de que assunto elas fingissem conversar, ambas sabiam do que estavam realmente falando. Sempre. E, quanto mais se encaravam, mais aquela verdade quase enterrada, não tão escondida, as encarava de volta.

Um mês.

Para ficar sozinha. Estivesse ou não na presença das irmãs, na sala de Exames ou no refeitório, K se sentia inteiramente sozinha. Q permanecia isolada. B ainda tentava. K também. Em alguns momentos, parecia que a Parentalidade não havia mudado em nada. Inspeções

matinais, refeições em seguida, vez ou outra um discurso da M.Ã.E. Aulas. Estudo. Inverno no Jardim. O Pomar. Às vezes K sentia que podia virar as costas para tudo, para tudo que descobrira. Como se pudesse um dia sorrir de verdade, falar de verdade, nadar sem se perguntar o que J estaria fazendo na Torre dele e como ele *precisava* saber que também tinha sido enganado. Para que J pudesse contar aos Meninos do Alfabeto. Para que todos soubessem. Para que a Parentalidade soubesse que todos sabiam. Às vezes restabelecer aquela narrativa falsa parecia possível. Às vezes ela até parava de pensar em J.

Mas algo a incomodava. Algo grande. Um lugar que ela ainda não tinha visto. O único cômodo de ambas as Torres em que não havia entrado.

As Meninas do Abecedário foram criadas para temer o Canto mais do que qualquer outro lugar de seu mundo.

Ela queria vê-lo.

Um mês.

Para reunir coragem. Para planejar. Para perder a coragem. Para recuperá-la. K havia lido a palavra *desprogramação* em um livro de Nancy, em que a personagem principal, Ursula Ochs, dizia à irmã que precisava se *desprogramar* da péssima imagem que tinha de si mesma. A palavra, a expressão, ficou gravada na cabeça de K.

O Canto. Era ousado demais. A imagem em sua mente, a própria porta, parecia emergir à superfície para ela em momentos horríveis. Enquanto ria com as irmãs. Enquanto esperava na fila do café. Enquanto se encasacava para ir até o Jardim. E sempre que pegava a escada para descer até o térreo. Sempre.

Às vezes K temia que seus pés fossem continuar o caminho, não importava o que ela ordenasse. Que ia chegar ao térreo e se encaminhar automaticamente para o banheiro das funcionárias, para aquela cabine falsa, para o porão abaixo dela.

Um mês.

O Encontro da Efégie chegou e passou. K pensou muito sobre a visão imprevista da segunda Torre. Aquele dia em que havia descido o escorregador de gelo de B ao redor da Torre até o Jardim cheio de neve. Naquele ano, K também havia superado a ignorância de outrora, e acreditava que o conhecimento adquirido podia ser visto em cada espelho por que passava. Tentou se dedicar ao máximo ao Encontro da Efégie. Bancar a Menina do Abecedário que estava se saindo bem. Mas ela não estava indo bem.

K queria ir para o Canto.

Colados à parte de baixo de seu tabuleiro de Barcos, havia desenhos, verdadeiras plantas baixas de ambas as Torres e de tudo que tinham dentro. Ela havia visitado todos os cômodos, visto tudo, tirado fotos com a memória e a mente.

O Canto.

Será que conseguiria?

Sentiu que não tinha escolha. Precisava saber.

Alguns dias depois do Encontro da Efígie, na tarde após uma Inspeção em que a M.Ã.E. havia questionado a baixa qualidade de sua escultura (*Faltou visão, querida*), K decidiu que as paredes da Parentalidade tinham se tornado grossas demais, apertadas demais. O espaço de que havia desfrutado por tantos anos já não era grande o bastante. Tinha se tornado difícil respirar, lidar com a ansiedade, a coragem e a vontade de contar a verdade às irmãs.

Mentiram para a gente.

Sobre o quê?

Sobre tudo.

Mas K entendia bem que, antes de revelar às irmãs o que a lunática Parentalidade havia escondido com tanto empenho, precisava descobrir qual seria a punição por saber a verdade.

Estragada. Estragada e podre.

K não se iludia. Se havia uma Menina do Abecedário estragada, era ela.

O Canto. Tinha que ser. Naquela noite. O que significava que ela tinha que aguentar as aulas, o jantar, a hora de estudo, Bola Amarela com as irmãs, um dia normal na Torre.

Tudo enquanto planejava em silêncio o que levaria para o Canto.

O mistério por trás de sua *vontade* de ir justo até aquele cômodo, entre todos os outros, continuava a assombrá-la. Nossa, como tudo havia mudado.

Será que o Canto era frio? Ela levaria o casaco. Será que era escuro? Uma lanterna. Será que morreria ao entrar ali? Viraria gelo, cinzas, pedra?

Jogou mal a única partida de Bola Amarela. Apesar de ter tentado. Tentado parecer que estava concentrada. Escondeu das irmãs que, naquela noite, ela iria até o Canto.

Por vontade própria.

E quando a noite caiu sobre a Torre, quando o frio do lado de fora

se apossou das esculturas no Jardim, quando, uma a uma, as Meninas do Abecedário adormeceram, K se sentou na ponta do colchão no escuro do quarto, tentando muito resistir ao medo daquela porta no porão. As letras pintadas eram tão imponentes em sua cabeça que ela mal conseguia se imaginar capaz de girar a maçaneta, empurrar a madeira.

Entrar.

Já tinha nas costas uma mochila repleta de desenhos. Desenhos das Meninas do Abecedário, da segunda Torre, de tudo. Não porque temesse que eles fossem encontrados enquanto estivesse fora, mas porque, se a pegassem, se fosse declarada *impura*, queria a obra de sua vida junto de si.

As alças da mochila estavam confortáveis nos ombros. K mal sentia o leve peso das folhas ali dentro. Mas via os desenhos, seu mundo, como se as folhas todas pairassem bem diante de seus olhos.

A Parentalidade mapeada. Detalhada.

Revelada.

— Tudo bem. Lembra quando a B disse que só dá para ser corajosa se tiver medo do que está enfrentando? — Ela fechou os olhos, respirou fundo, voltou a abri-los. — É hora de ser corajosa.

Mas, quando entrou no banheiro das funcionárias, era como se estivesse tendo um sonho lúcido, viajando voluntariamente por um pesadelo. A cabeça dizia aos pés: *Sim, sim, avancem, é assim que, sim, sim, nós vamos*. Ela sabia que precisava prestar atenção nas coisas em que sempre prestava atenção ao sair escondida do quarto. Mas aquela noite era diferente. Naquela noite, K estava tensa de um jeito que só percebeu ser possível na noite em que descobriu a segunda Torre entre os pinheiros, e mesmo então, *mesmo lá*, não havia vivenciando um medo tão profundo quanto o que sentia naquele instante, ao abrir a porta para o porão na cabine falsa, entrar e fechá-la atrás de si.

Ela não precisava fazer aquilo. Não precisava descer a escada para o porão e procurar sozinha o Canto. Mas foi isso que seu cérebro mandou os pés fazerem. E eles obedeceram, enquanto os olhos e ouvidos de K flutuavam acima do corpo, quase desconectados. Mantras eram tudo que a ligava a sua sanidade.

Isso está certo.

Isso é o certo a fazer.

Isso tem que acontecer agora.

B e Q dormiam em seus respectivos quartos muito acima de onde ela

estava. Será que alguma sonhava com o Canto? Será que alguma Menina do Abecedário sonhava com a porta de madeira podre... com as letras roxas... que todas acreditavam terem sido escritas com sangue? O sangue de J? E, se uma de suas irmãs sonhava, será que no sonho K havia andado pelo corredor de pedra, as pernas iguais ao macarrão da sopa do refeitório? Será que uma irmã imersa em sonhos seria capaz de ver o medo que emanava de K, em seus doze anos, ao virar em um corredor, depois em outro, as mãos instintivamente estendidas para trás, como se tentasse agarrar o caminho de volta?

As lanternas não falharam. O zumbido do aquecedor não aumentou nem diminuiu. Nada se moveu nas sombras, e nenhuma maçaneta girou. Não se ouvia nenhum passo, e K se perguntou se as batidas do coração não haviam feito algo com sua cabeça, se não tinham tornado a menina incapaz de sentir qualquer coisa diferente de medo.

O cérebro mandou que seus pés se movessem.

Então eles se moveram.

Moveram-se de novo.

E se moveram outra vez.

Até K estar parada a um corredor de distância do que devia ser a porta do Canto.

As letras roxas eram difíceis de ler, mas pelo que viu dava para saber que era ali. K havia chegado.

Cruzar um corredor. Girar uma maçaneta. Entrar em uma sala.

Era só isso que lhe restava.

Deu meia-volta. Então se virou de novo, para voltar a encará-la.

Quase esperava encontrá-la entreaberta, como se o animal que esperava ali dentro pudesse senti-la se aproximar.

Mas a porta do Canto estava fechada. E, quando o cérebro de K mandou que os pés se movessem, dessa vez eles não obedeceram.

Embora ainda no mesmo lugar, ela não ficou imóvel. Seus joelhos tremiam, fazendo as pernas parecerem inúteis.

Não tinha que fazer aquilo. Não mesmo. Sabia o suficiente sobre a Parentalidade e a segunda Torre. Podia dar meia-volta, voltar para cima e contar tudo às irmãs. Podia vestir as roupas de inverno e enfrentar o frio congelante lá fora, correr para a Torre dos rapazes, acordar J, acordar todos eles, reuni-los, dizer o que sabia, dizer que a vida inteira deles era uma mentira. Com vinte e cinco meninas e vinte e quatro meninos, com certeza eles poderiam se proteger, *se defender* do... do...

K balançou a cabeça. Tinha chegado mesmo a esse ponto? De

imaginar que as Meninas do Abecedário declarariam guerra à Parentalidade?

Ela se virou e saiu do corredor, colou as costas e a mochila repleta de desenhos às pedras de outra parede. A porta do Canto ficou escondida, e K tentou se controlar. Era demais. Tudo aquilo. Devia planejar tudo primeiro, fosse lá o que *aquilo* fosse. Devia voltar para o quarto e dormir. No dia seguinte, poderia procurar Q e B, conversar com elas e refletir sobre o próximo passo. Era uma tarefa grande demais: puxar o véu sozinha, revelar a verdade a todas as irmãs, e também a todos aqueles meninos nos pinheiros.

Um peso grande demais!

K deslizou pela parede até se sentar, depois se deitou no chão. Chorou.

E, apesar de ter motivos de sobra para chorar, seu choro foi apenas por ter visto quão assustadora era aquela tarefa. Por que ela? Por que estava ali no porão quando devia estar descansando, preparando o que diria para as irmãs? Por que estava cavando ainda mais quando já havia desenterrado tanto?

K chorou pelo que pareceu tempo demais. Então se levantou e, com o coração disparado, olhou de volta para o caminho que a tinha levado até ali. Não seria difícil. Tinha que ser muito mais fácil voltar por aquele corredor, virar, virar, pegar a escada, sair, sair. Tinha que ser muito mais fácil para sua cabeça, seus pés, seu coração. Quanto tempo levaria? Minutos. Apenas isso. Então cama. Então lidar com uma quantidade administrável de ansiedade. Não administrável. Mas ainda assim. Aquilo. Aquilo era puro pânico. Era pura loucura. Era...

K entrou no corredor e correu. Correu até a porta do Canto.

Quis gritar, pôr tudo para fora, gritar para a porta, dizer que ia abri-la, que ia entrar.

Em vez disso, com os lábios repuxados como se estivessem colados com fita adesiva nas orelhas, o branco de seus olhos brilhante como as lanternas, K correu em silêncio. Nem as botas fizeram barulho, pois mal tocaram o chão de terra.

Quando chegou à porta, tentou deter o embalo com as mãos, mas acabou com as palmas estendidas contra a madeira áspera, as letras desbotadas, a exata descrição da porta do Canto com a qual ela e as irmãs cresceram e foram criadas para temer.

MENTIRAS!

A palavra disparou em seus ouvidos feito um tiro de canhão, iluminando o céu de sua mente com cores horríveis conforme a porta cedia sob a força de suas pequenas mãos, revelando, lá dentro, a boca escancarada de um homem barbudo adormecido, que liberava um grito apavorante enquanto se debatia na cama.

K parou na soleira, ouviu o longo rangido das dobradiças da porta que jamais voltou para lhe bater nas mãos, no rosto, na alma. Os olhos da menina levaram um tempo para se ajustar ao breu, e da mochila ela tirou uma lanterna, clareando um pouco o lugar.

Ela viu uma coisa, não entendeu o que era e abriu a boca para gritar.

Mas a face que viu diante de si era toda composta por rolos de papel higiênico, em quatro prateleiras dispostas na parede.

Ela iluminou a porta, as letras. E leu:

REABASTEÇA SEMPRE O PAPEL HIGIÊNICO

Não era o Canto. Não era mesmo o Canto.

Ela soltou um grunhido que não sabia que conseguia fazer. O som de fracasso e alívio partilhando o mesmo espaço. Confusão, também, e a ligeira desconfiança de haver sido enganada. K tinha visto as palavras na porta, no fim do corredor. Ela *tinha visto*!

Mentiras.

Saindo do closet de suprimentos, K fechou a porta e se virou para um novo corredor. Entrou. Entrou em outro. E mais outro. A ponta de uma caneta tentando solucionar um labirinto. Uma bolinha de gude rolando pelas raias do intrincado labirinto de B, construído na aula de marcenaria, para o fascínio de todas as Meninas do Abecedário duas primaveras atrás.

K se manteve em silêncio e grudada às paredes. Percorria o cimento entre as pedras com a ponta do indicador, como se tocar a superfície sólida pudesse manter seus pés no chão, evitar que ela se tornasse pó, terra, que acabasse pisoteada pela equipe da Parentalidade na manhã seguinte.

Então, depois de passar pelo escritório de Judith Nancy e pelo Túnel de Glasgow, por vários closets de suprimentos, pela prensa, por um quarto de costura e uma sala com livros didáticos antigos, ela desistiu

da busca.

Andava mais devagar, quase sem medo de ser pega. Era apenas uma menina, afinal, curiosa com o porão do prédio onde morava. As profundezas de seu mundo. E, de todo o modo, não era como se tivesse encontrado o Canto ou estivesse dentro do Canto ou tivesse que se explicar para qualquer pessoa que a encontrasse parada diante do...

— Canto — disse, em voz alta.

Apontava para a porta que a fazia dizer aquilo.

No fim de um corredor sem nenhuma outra porta, a imagem do aço pesado chamou sua atenção. Não porque não tivesse nada escrito, porque tinha. E não porque sentisse algo frio emanar de onde estava, porque sentia mesmo. Se era uma porta, era a mais estranha que já tinha visto e formava um ângulo reto onde duas paredes de pedra se encontravam, criando um alto e metálico...

— Canto — repetiu.

Não havia maçaneta.

K dessa vez foi até lá sem cerimônia. Pôs o ombro no lado direito e empurrou. As duas partes de aço se movimentaram: a que ela havia empurrado entrou enquanto a outra saiu, fazendo o canto de um corredor girar, uma porta giratória como a que já aparecera no livro *Somos heroínas*, de Judith Nancy.

K apontou sua lanterna para a escuridão. Concreto. Prateleiras. Um ralo.

Ela entrou, e a porta do Canto se fechou devagar atrás dela.

Se tinha se assustado ao investir contra o closet de suprimentos tantos corredores atrás, dessa vez a mudança em K era positiva. Mais tranquila, a menina analisou a sala de concreto. Ouviu algo pingando ao longe e apontou a lanterna para o ralo. Em uma das paredes havia um banco de madeira e, na outra, prateleiras, nas quais repousavam objetos de metal que K nunca vira, nunca estudara, nunca conhecera.

Empunhou um deles. Ficou claro qual parte era para segurar, mas K não sabia o que aquilo fazia.

À frente, um arco indistinto, com tinta descascando na moldura, parecia pedir: *Venha, entre*. K repousou a ferramenta de metal e entrou em uma sala muito maior, onde as paredes eram nuas; o teto, de pedra; e o chão, todo de terra.

Uma única lápide na ponta esquerda e uma única letra naquela lápide a fizeram falar, dizer *Não*, quase soltar a lanterna no chão.

J

Ela se aproximou da lápide devagar, mas trêmula. Ajoelhou-se na terra e tocou a única letra, o nome de sua irmã perdida.

J no Canto. Aquele era o Canto. Aquela era J.

Nada na terra indicava a largura do túmulo, quanto espaço J ocupava, onde exatamente estava enterrada. K iluminou a sala, percebendo pela primeira vez como o teto era baixo, como o cheiro era frio.

Ela chorou, e suas lágrimas caíram na terra, enlameando a base da lápide simples de madeira, pouco maior do que uma régua.

J

Seu fim. Ali. No Canto.

Por quê? O que ela havia feito? O que tinha visto? O que a Parentalidade tinha descoberto? Onde eles a apanharam? Nos pinheiros? Na segunda Torre?

Estragada e podre.

Como tinha aprendido a temer Vês a vida toda, como tinha sido criada para acreditar em Podridões, K cobriu a boca com a gola rulê preta.

Mas ela sabia. Tinha lido o Relatório Burt. Os papéis na mesa do P.A.I.

Não existiam Podridões. Não existiam Vês.

Havia apenas a separação entre meninas e meninos. E saber da existência do outro era se estragar.

Estragar e apodrecer.

K enfiou os dedos, depois as mãos inteiras na terra. Cavou, aos prantos, a boca formando um retângulo de raiva, a face do ódio. Ela puxou a terra para o lado, pensando na cena de *Somos heroínas*, de Judith Nancy, quando Charlotte precisou enterrar a irmã que morreu de Podridões.

— Morra, Judith Nancy — disse K, mal conseguindo ver as próprias mãos pela parede de lágrimas.

Cavou sem parar, até seus cotovelos estarem na altura do chão. Teve uma visão da Inspetora Krantz examinando suas unhas com uma lupa.

IMPURA

Ela não se importava. Cavou. Cavou. Falou absurdos, uma sequência de palavras que, para ela, faziam todo o sentido do mundo. E as palavras eram a única coisa que a conectavam a sua nova realidade, sanidade, evitando que saísse voando ou também se enterrasse, ali, ao lado da rele lápide de J.

A Parentalidade matou J.

A M.Ã.E. havia ordenado a morte de uma Menina do Abecedário.

K pensou na ferramenta na prateleira da outra sala e entendeu que era uma arma.

Entendeu muita coisa. J não havia estragado. Nenhuma delas estragou. Nenhuma delas *poderia* estragar.

Ergueu as mãos e bateu na terra, atingindo não uma caixa como a que Charlotte usava na história de Nancy, mas uma suave camada de tecido sobre algo muito mais rígido do que roupas. K tirou depressa as mãos do túmulo. Sentou-se ereta. Jogou a luz da lanterna no buraco que havia feito.

No buraco que a Parentalidade fez.

Uma camisa que já foi preta? Era difícil dizer. Mas parecia. Parecia mesmo com a que ela usava.

K cavou mais, com apenas uma mão, iluminando o buraco com a outra, tirando a terra com tanta rapidez que seus dedos pareciam um borrão, e o rosto (*rosto*) que surgiu o fez como uma série de desenhos, como se K tivesse desenhado J muitas vezes daquela maneira, sem parar, um pouco menos de terra em cima a cada nova folha.

Ela não gritou quando a pequena cabeça enterrada foi toda revelada. O crânio quase nu enrolado apenas em uma pele áspera feito lixa, os pequenos dentes à mostra, os olhos, apenas duas manchas bege em grandes buracos de osso.

K se levantou. Apontou a luz para o rosto da irmã morta e pensou em como havia sido burra, em como todas as Meninas do Abecedário haviam sido burras ao acreditarem em qualquer coisa que a Parentalidade já disse a elas.

— Sinto muito, J — disse K.

Sentia muito por ter descoberto a verdade tarde demais.

O Canto não só deixou de ser assustador como também já não era mais apropriado: um túmulo vazio, de pé-direito baixo e sem adornos

para uma menina que não pertencia àquele lugar.

Por um momento horrível, K se perguntou se era possível carregar J para fora dali, em sua mochila, até a Torre acima, até o Jardim, para ser enterrada em um lugar banhado pela luz do sol.

No fim, cobriu J de volta, como estava antes. Então saiu da sala de terra, passou pela prateleira com a arma para a qual não olharia e saiu pela porta do Canto.

Andou rápido pelos corredores, a alma tremendo com o horror que tinha visto na terra.

K passou a mão pelo rosto, sem pensar no que a terra podia revelar no andar de cima, só precisava tocar em algo vivo, uma Menina do Abecedário que respirasse e pudesse vingar a irmã.

Passou pelo closet que havia confundido com o Canto. Pela entrada do Túnel de Glasgow. À porta de Judith Nancy, ela cuspiu. Não parou enquanto vomitava no chão, na parede, na camiseta. Apenas assentiu, pensando, sim, sim, ia conseguir, sim, sim, poderia parecer normal, sim, sim, poderia esconder aquilo de Krantz, de Rivers, da Parentalidade, da M.Ã.E., pelo tempo necessário para preparar um plano.

Não poderia?

K chegou à porta da escada muito antes do esperado, e isso a assustou. Tudo acontecendo rápido demais. Tinha deixado algo escapar? Será que viu o vômito branco em sua camisa preta, a terra sob suas unhas, as lágrimas nos olhos, o horror tão vívido em sua mente?

Sim, ela viu tudo aquilo e não fez nada para disfarçar.

Abriu a porta e subiu às pressas, parando na cabine falsa ao ouvir vozes no corredor. Tantas vozes. Vozes demais. Como se tivesse virado a noite no porão. Como se tivesse perdido a noção do tempo, ajoelhada ao lado do túmulo da irmã, cavando até achar o corpo de uma Menina do Abecedário morta.

Balançou a cabeça. Não, não. Ainda era noite. Ainda não tinha amanhecido. Não tinha perdido a Inspeção, não, não. Não podia ser isso.

Mas as vozes, as vozes no corredor, todas as irmãs no corredor, as funcionárias... a M.Ã.E.?

Estão procurando por você, pensou ela. E o último lugar em que esperam que você esteja é aqui, AQUI, na cabine para o porão. Porque ninguém espera que você tenha estragado, K. Ninguém pensaria que você, de todas as meninas, teria APODRECIDO.

Nenhum livro de Nancy havia descrito a loucura que K vivia naquele

momento. Ela nunca tinha aprendido nada semelhante àquilo com Hjortsberg.

Por isso, tremendo, balançando a cabeça — *É, você está bem, parece ótima, ninguém vai saber, ninguém vai notar a diferença, elas conhecem você, amam você, ninguém suspeita* —, K saiu da cabine do banheiro das funcionárias, com o estômago revirado.

As vozes ecoavam de perto do Salão dos Corpos.

K as seguiu, querendo muito se misturar a elas. Querendo muito se misturar à multidão de Meninas do Abecedário como se nunca tivesse atravessado os pinheiros, como se nunca tivesse questionado a realidade que por tanto tempo a manteve aquecida.

Então se juntou às irmãs. De olhos arregalados e quase totalmente descontrolada, ela foi engolida pela multidão reunida na entrada do Salão dos Corpos. Algumas das meninas choravam, e as funcionárias (de pijama, todas elas, ainda era noite) as consolavam. Num rompante de loucura, K achou que talvez chorassem por J.

V foi a primeira a vê-la, a primeira a secar as lágrimas dos olhos enquanto seu rosto se contorcia, a preocupação dando lugar à dúvida.

— K? — perguntou ela, a voz enterrada (*J também está enterrada*) sob o clamor das outras, o caos no corredor. — Você está bem?

K assentiu e sorriu, mas seu sorriso não funcionou, e a expressão a feriu. As sobranceiras de V se franziram. Estava lhe perguntando algo, outra coisa, mas K passou por ela depois de ter ouvido o motivo da comoção, depois de ter ouvido palavras dispersas suficientes para completar o quebra-cabeça, para entender por que todas estavam acordadas, por que todas estavam tão assustadas e chorando.

— B vai ser mandada para o Canto.

Quem disse aquilo?

— B *talvez* seja mandada para o Canto. A M.Ã.E. está decidindo.

Quem disse aquilo? B no Canto? Todas se perguntavam por quê. Por quê, ora, por quê?

— Ela disse à M.Ã.E. que viu uma coisa nos pinheiros que não devia ter visto.

As outras palavras não importavam. K ouviu todas como se tivesse desenhado cada uma, uma sobre a outra, até a cor do papel se tornar preta.

— Podridões.

— Vês.

— Placasoires.

Confessou, confessou, confessou...

— Talvez a B seja mandada para o Canto! Logo vamos saber.

— A M.Ã.E. está decidindo.

— Amanhã.

— No dia seguinte.

— Logo.

K tentou falar, mas nada, nenhuma parte dela, funcionava. Ela apenas estremeceu, um ponto trêmulo no meio de um círculo de Meninas do Abecedário no corredor.

Então K começou a correr para o escritório da M.Ã.E. Precisava falar com as funcionárias. Falar que B não havia feito nada de errado. Fazer alguma coisa *imediatamente*.

Mas um último vestígio de racionalidade, a ponta dos dedos de sua sanidade, a fez dar meia-volta.

Você também vai para o Canto. Não faça isso sozinha. Você precisa de um exército. VOCÊ TAMBÉM VAI PARA O CANTO.

Antes que pudesse decidir, K atravessou o Salão dos Corpos despercebida, passou pela porta da cozinha e pela porta que dava no Jardim. Não estava com roupas apropriadas. Não se encontrava no estado de espírito apropriado.

Mas o nome de J a fez continuar andando. O nome de J e a segunda Torre, onde outras vinte e quatro crianças de doze anos que não sabiam de nada poderiam ajudar, poderiam fazer algo.

Poderiam formar um exército.

Contato visual

Correndo pelos pinheiros, a mochila bem presa às costas, K bateu o ombro em uma árvore. Depois em outra. Caiu uma vez. Caiu outra vez. E, a cada batida, a cada queda, ela gritava, depois tentava alcançar o som da própria voz agoniada, como se pudesse silenciá-la, silenciá-la com a agonia dentro de si.

Pensou em B, tentou não pensar em B. Moveu-se, andou, correu.

Teve dificuldade de acreditar nos próprios pensamentos. Não podia confiar neles. Não acreditava que sua vida havia chegado àquele ponto, que todos os desenhos e estudos, as risadas e preocupações, todas as vezes que a M.Ã.E. e a Parentalidade a pegaram no colo quando ela estava assustada ou triste, tudo aquilo tinha acabado com ela correndo para a segunda Torre, na esperança de conseguir ajuda lá, precisando disso.

K parou, deslizando à beira do Jardim congelado dos meninos. As luzes da Torre estavam apagadas. Vinte e quatro esculturas se postavam entre ela e a porta dos fundos. A neve caía em flocos pesados. As roupas pretas estavam pontilhadas de branco. Seu rosto e suas mãos, tão vermelhos quanto as luvas e a jaqueta que vira na mesa do homem que chamavam de P.A.I. O quarto de J (o novo quarto, no terceiro andar, K sabia) parecia especialmente escuro. Como se ele tivesse se mudado ou sido enterrado em uma sala no porão.

À frente, o grande Inspetor que ela tinha avistado naquela primeira visita apareceu no corredor. Ele passou um tempo olhando pela janela, mais do que K estava acostumada.

Será que ficaram sabendo de B? Claro que sim.

A M.Ã.E. teria contado ao P.A.I.

Tudo era quase impossível de acreditar. No entanto, K tinha visto o suficiente naquela noite para alterar sua compreensão do mundo. Seu mundo. Qualquer mundo. E, apesar de uma espécie de loucura espreitar sua jovem mente, no fim das contas ela resistiu. Por instinto, entendeu que precisava haver uma saída, uma solução para o que estava acontecendo a sua volta. Pensou que talvez esse tivesse sido o grande

erro que a Parentalidade havia cometido. Ensinar às Meninas do Abecedário que havia uma solução, uma saída para tudo.

Até para a Parentalidade.

O Inspetor deu dois passos, limpou a geada da janela, pressionou o nariz contra o vidro.

Um segundo Inspetor apareceu na ponta do corredor. Ele também olhou lá para fora.

K olhou para as janelas de cima. Nenhuma luz. Será que os meninos sabiam?

Imóvel como estava, ela sentiu cada vez mais frio. Como se ela própria fizesse parte do Encontro da Efégie.

No térreo, nenhum dos dois homens esboçou qualquer movimento. Uma janela do mesmo andar se iluminou. O P.A.I.? Outro Inspetor?

K imaginou o Canto no porão daquela Torre. Imaginou duas lápides enfiadas na terra. Uma marcada com a letra A. A outra, com Z.

De repente quis não ter ido. A Torre dos rapazes estava cheia de funcionários. A sua estava um caos, diante da notícia da confissão de B. Será que a M.Ã.E. não faria um discurso de emergência? Será que as funcionárias não fariam uma contagem das Meninas do Abecedário? Não perceberiam que K havia desaparecido, sendo inútil para as irmãs durante todo o trajeto feito até ali?

K caiu de joelhos na neve. Fez que não com a cabeça. Era demais. Alto demais. Grande demais.

Quando levantou o rosto, um terceiro Inspetor cruzava o corredor de vidro. Todos tão maiores do que Krantz... Todos com algum tipo de cabelo no rosto. Todos olhando pela janela. Analisando o Jardim. Montando guarda.

K se escondeu mais nas sombras dos pinheiros e observou as esculturas no Jardim.

Um cômodo, um carrinho adiante, uma estátua do próprio P.A.I.

Ela olhou para o corredor. Sim, infestado de Inspetores. De volta ao Jardim.

Um grande livro. O nome LUXLEY em grandes blocos de gelo. Uma cadeira.

K chorou em silêncio pela vida que havia levado até avistar o pináculo entre os pinheiros. Quando sua maior preocupação era pôr detalhes no papel. Desenhar no Jardim. Desenhar no quarto. Seu quarto, cujas paredes eram cobertas de retratos das irmãs. Onde inclusive J estivera, até a M.Ã.E. pedir que ela tirasse aquele desenho

dali. É triste demais, dissera a mulher, como se J fosse ficar mais nova ali, enquanto as outras Meninas do Abecedário ao redor ficariam mais velhas, como se J estivesse aprisionada

(na terra)

no gelo.

K viu o que J havia se tornado. Imaginou-se desenhando a pele translúcida, que mal cobria os ossos de seu rosto. Conseguia lembrar facilmente as dimensões exatas da terra que emoldurava o rosto e o pescoço da irmã, enquanto o corpo parecia se desfazer no chão, como uma vela queimando até o fim, o pavio se destacando da cera. Ela sentiu um calafrio ao pensar no peito de J. Nos pés, nas mãos, nos dedos. Com aquele último pensamento, lembrou-se da piada de Q sobre o pináculo ser um grande dedo saindo de um túmulo entre os pinheiros.

K tentou segurar as lágrimas, mas, no fim, não precisou. Um vento forte cruzou o Jardim e, atrás do carrinho de gelo que sem dúvida lhe serviria de esconderijo, os degraus de uma escada foram revelados.

Um dos Meninos do Alfabeto havia construído uma escada.

K olhou para o corredor de vidro. Ainda três Inspetores. Todos olhando para fora.

Pensou nas folhas em sua mochila. Nos detalhes. A Parentalidade revelada.

Correu para a sala de gelo, deslizou de barriga para baixo na porta de gelo e se agachou ali dentro. A respiração estava pesada, ela sentia frio nos ossos. A gola rulê e a calça não eram suficientes naquele clima. Será que aquilo a mataria?

Do outro lado da sala havia outra abertura. Ela se ajoelhou ao lado. Olhou para o carrinho.

Arrastar-se até ele seria difícil. Estava mais longe do que havia imaginado. Será que sua sombra era muito visível? Parou, no espaço aberto, de barriga no Jardim congelado. A sombra bem rente ao corpo. Não, eles não veriam. Mas será que a sentiam? As pessoas podiam sentir. As Meninas do Abecedário sentiam. K sentira a vida toda. A sensação de alguém à porta. Olhe a porta. B está ali.

B.

K chegou ao carrinho e se sentou recostada na roda grande. Estendeu e moveu os dedos, tentou recuperar a sensibilidade.

A escada estava ao lado do carrinho. A que distância? Os Inspetores a veriam caso corresse até ela. Será que viam a escada? Ela achava que não. Olhou.

O que viu foi o bastante para congelar seus ossos já gelados. Seis homens adultos no corredor de vidro. Três Inspetores. Três de roupas diferentes. Roupas que ela nunca tinha visto. Ela voltou a se esconder atrás do carrinho. O que fazer? Ir para casa? É, ela devia ir para casa.

K respirou bem fundo o ar invernal. Olhou outra vez.

Eles ainda vigiavam pelo vidro. Os Inspetores. Os outros conversavam. Um deles escrevia em um bloco. K imaginou o calor naquele corredor. Imaginou também o calor de estar sob tanta terra no porão.

Acima dela, pendendo da caçamba do carrinho, ela viu as franjas de um cobertor. Sobre ele, mais gelo.

K se levantou com cuidado, mantendo a cabeça baixa. Assustada demais. Ouviu alarmes que não tinham soado. Viu homens grandes correndo da porta da Torre dos rapazes, homens que não estavam ali.

No carrinho... maçãs de gelo. Sobre um cobertor. Removível.

K pegou o bloco de maçãs, todas grudadas. Será que os homens a veriam pegá-las? Era possível? Eles pressionavam os olhos no vidro como as pessoas fazem quando não conseguem distinguir bem a imagem. Será que a ausência das maçãs faria falta àquela imagem?

Será?

Os dedos e as palmas das mãos de K quase congelaram quando ela deslizou as maçãs do cobertor pela lateral do carrinho a seu lado. Era grande o bastante. É. Em largura e comprimento. É. E havia onde segurar.

Agachando-se, usando as maçãs como escudo, segurando-as a sua frente, K se afastou da lateral do carrinho. Então esperou. O vento uivou contra as maçãs e contra seu corpo. Ela deu outro passo. Mais um.

Nenhum alarme. Nenhuma voz abafada. Ela não ia olhar para além do gelo, não ia conferir se tinha sido vista. Ela só avançou. Avançou mais um pouco. Um pouco mais.

Mais.

Quando chegou à escada, sabia que estava fora do campo de visão deles. Não conseguia mais vê-los. Enrolou a ponta das mangas pretas nas mãos e segurou embaixo da escada. Ia conseguir. Ia movê-la.

Ela a moveu.

Erguendo a coisa acima da cabeça, conseguiu apoiá-la na janela do terceiro andar com facilidade. O novo quarto de J.

Com imagens de uma irmã decomposta, outra irmã nas mãos da Parentalidade, K pôs o pé no primeiro degrau e quase gritou quando o quebrou ao meio.

Os outros não pareciam mais fortes, mas K não tinha escolha. Ela ergueu bem a perna para alcançar o segundo. Içou o corpo.

O degrau aguentou. Já estava bom. Dali ela subiu rápido, passando por uma janela escura no segundo andar (o quarto de M, ela sabia) até chegar ao topo da escada, na altura da janela do terceiro andar.

Pelo vidro, viu uma luz se acender. A luz do banheiro? J estava acordado?

Ela bateu no vidro.

Esperou.

Bateu no vidro.

J entrou na sala de estar, sem camisa, calça de pijama, cabelo bagunçado. Parecia aquecido. Tão aquecido.

Ele a viu.

Escondeu-se.

O contato visual que fizeram foi o primeiro que K fazia com um menino ou homem da segunda Torre. A emoção daquilo, por um instante, sobrepôs-se ao horror do momento. Ao horror em sua casa. À urgência. Apesar do medo sufocante, K se agarrou à força do momento.

Contato.

J ainda continuava escondido no corredor.

Ela falou com ele. Enquanto o vento forte fustigava seu rosto e suas mãos, enquanto as partes cobertas de seu corpo pareciam perigosa e assustadoramente geladas, ela disse a J que precisava entrar. Precisava de sua ajuda.

A um passo extenuante, J emergiu do corredor, voltou e, por fim, aproximou-se da janela.

Com lágrimas congeladas no rosto, sabendo que precisava de mais gente, ela pediu ajuda. As Meninas do Abecedário precisavam dos Meninos do Alfabeto. E os meninos tinham que saber.

O que aconteceu foi o que ela imaginava. O que ela *precisava* que acontecesse. Em vez de correr para contar ao P.A.I. que havia algo monstruoso em sua janela, em vez de fechar as cortinas, J agiu, no fim, naquele momento, como K acreditava que agiria.

Ah, K sabia que havia uma pequena chance de aquilo dar errado.

Mas tudo não passou a se equilibrar na linha tênue do abismo? E o espaço entre a informação e a desinformação não era da exata largura de alguém que soubesse a diferença entre uma coisa e outra?

J abriu a janela. J a deixou entrar.

Verdade congelada

A neve e o vento gelado entraram em seu quarto, e, junto com eles, a coisa à janela. Primeiro uma bota preta, depois a perna de uma calça preta. O que quer que fosse, usava roupas.

J pensou no livro de Luxley, *Chegado da Terra da Neve*. Como não pensaria? No livro, uma criatura surgia do Jardim, com seis braços e seis pernas. Simplesmente se erguia como se o próprio J a tivesse esculpido. Corria pela neve uivando, cravava as garras nos tijolos da Torre. Alguns dos Meninos do Alfabeto não conseguiram terminar de ler. Outros, como L, tiveram pesadelos.

— Minhas mãos — disse a coisa.

E sua voz era diferente da de J.

Aquilo acenou com uma das mãos, e J entendeu que a coisa não conseguia usá-las. Muito geladas. Ele estendeu a própria mão e tocou nela. Tocou a mão daquilo que pulou a janela para dentro do quarto.

Outra perna de calça. Uma gola rulê preta. Igual à dele.

— Me ajude a empurrar a escada — pediu a coisa.

J a encarou, imóvel. Paralisado de medo.

— Se os Inspetores do térreo virem a escada, vão saber que alguém passou pela sua janela. Me ajude a empurrar de volta. Mal consigo mexer os dedos.

O rosto daquilo estava vermelho por conta do vento e do frio. O cabelo comprido, molhado de neve. Carregava uma mochila.

O que havia dentro dela?

— Vamos! — exclamou a coisa.

Sua voz era muito mais aguda do que a dele. Quase como a dele era quando mais novo. Antes de começar a questionar a Parentalidade.

Ao lado daquilo, J segurou o alto da escada, e juntos os dois a empurraram para longe da janela. Eles a observaram bater no chão branco. A coisa pôs a mão congelada sobre a boca de J. Eles observaram o Jardim juntos, de olhos arregalados.

— Tudo bem — disse aquilo, por fim. — Feche a janela.

Enquanto fazia o que aquilo havia pedido, J voltou a pensar nas

palavras do incrível livro de Warren Bratt. *Ela. Dela.*

Mulher.

Ele não tinha como saber como era a voz da personagem, da personagem de cabelo comprido sentada no banco, para quem Robert queria tanto confessar.

— Quem... — começou J.

Mas a coisa que veio de fora o interrompeu.

— Meu nome é K. Sou uma Menina do Abecedário.

J tentou falar de novo, mas não conseguiu.

— Eu sou uma menina — repetiu a coisa. — Você é um menino. A Parentalidade está mentindo para a gente.

A Parentalidade está mentindo para a gente. Mesmo assim, apesar de todos os acontecimentos recentes, J sentiu uma pontada de raiva. Será que já tinha ouvido alguém dizer aquelas palavras? Será que alguém já tinha dito aquilo? No entanto, ali estava aquela pessoa impossível, comprovando todas as suas desconfianças.

J pensou: *Era isso que Warren Bratt estava tentando contar.*

— A gente mora em uma outra Torre. A cinco quilômetros daqui, depois dos pinheiros. Somos vinte e cinco. Perdemos a J. Nossa J. Para o Canto. E hoje a B confessou que viu a Torre de vocês. Acho que ela não disse que eu estava junto. Mas isso não é bom. Eu vi o Canto por dentro. Vi o túmulo da J.

O túmulo da J. O Canto.

— Ei — respondeu J, por fim, afastando-se dela. — Não sei por que está me contando isso tudo, mas está me assustando.

Lágrimas brotaram nos olhos de K. Seu rosto se contraiu enquanto ela tentava impedir que caíssem.

— Me desculpe. Eu entendo. Mas não sabia mais para onde ir. A M.Ã.E. pode mandar a B para o Canto também. Temos que agir agora. Amanhã.

— A M.Ã.E. — repetiu J.

Sentiu que ia desmaiar. K se aproximou dele e pôs as mãos frias em seus ombros. Ele quis se esquivar, mas não fez isso.

— Você vai se sentir traído, perdido, confuso — explicou ela. — Sinta tudo. Eu observo você há um ano.

Então J se afastou dela. Olhou pela janela.

— Você se escondia atrás do Senhor Árvore. Eu vi você!

K olhou pela janela.

— Senhor Árvore?

J apontou.

— Aquela árvore ali. Onde o Pomar começa!

K balançou a cabeça.

— Não. Nunca me escondi atrás daquela árvore. É sério. Você viu alguém ali? — Ela não esperou pela resposta. — Temos que contar ao resto dos meninos e ao resto das meninas o que sabemos.

— Eu não sei o que sei!

K agarrou o braço dele.

— *A Parentalidade está mentindo para a gente.* Você precisa acreditar nisso. Agora. Não temos tempo para que eu convença você.

J entendeu que, o que quer que ela fosse, não era ameaçadora.

— Eu li as palavras — disse J. — *Ela e dela.* Em um livro.

Foi a vez de K parecer confusa.

— Onde? Que livro?

— Um livro de um homem chamado Warren Bratt. A Parentalidade já tirou da gente.

K refletiu sobre a informação.

— Ele é o escritor de ficção de vocês? Warren Bratt?

— Não. Lawrence Luxley. Não sei quem é Warren Bratt. Nenhum de nós sabe. Mas acordamos com um livro em cada quarto. Um livro que descrevia... Você é uma mulher?

— Não. Sou. Ainda não.

— Eu ainda não...

— E nem vai. Nem eu. Aprendemos isso em psicologia. Que leva muito tempo para absorver certas coisas, coisas novas. Coisas que não achávamos que eram verdade, mas são. Mas vai saber... Talvez isso também seja mentira.

J se sentou no sofá. Não conseguia mais ficar de pé. K tirou a mochila das costas e a colocou no carpete.

— Você precisa ir embora — disse ele. — Vão me mandar para o Canto se encontrarem você. Vão mandar nós dois. Vamos pegar Vês, Placadores, Mofos...

— Mentiras. Não vamos. Estive no seu quarto muitas vezes. Estive

em um monte de quartos de sua Torre.

J voltou a se levantar.

— Você já esteve *aqui*?

— Já.

— Mas isso não é... certo!

— Fiquei olhando você dormir. Revistei suas coisas, as coisas de todos os Meninos do Alfabeto. É por isso que estou aqui. Foi por isso que bati na sua janela.

— Como assim?

— Porque gosto do seu jeito de pensar. Você pensa igual a mim.

J inclinou a cabeça, por um instante sem palavras.

— Eu?

— É. Você.

K foi até J, ajoelhou-se diante dele no sofá.

— Temos que contar para todo mundo.

— Por quê?

— Se todo mundo souber... todo mundo vai estragar. Não vão poder mandar todo mundo para o Canto... Vão?

J se levantou. Afastou-se mais dela.

— Não quero isso para mim. Para nenhum dos Meninos do Alfabeto!

— E você acha que eu quero? Mas o que você vai fazer... agora que sabe o que sabe? Agora que leu o livro... Agora que me conheceu?

J começou a falar, mas nada que pensava fazia sentido.

— Por que esconderam a gente um do outro? — perguntou, por fim.

K foi até ele.

— Pelo que li... é porque nós nos distraímos.

— Como assim?

— Em vez de estar estudando... você estaria pensando em mim.

J não contava com aquela resposta.

— Isso é verdade?

— Já se perguntou como você nasceu?

— Não — disse J. — Nascemos do Pomar. Das Árvores Vivas.

— Já viu alguma? Já viu algum menino novo nascendo de uma Árvore Viva?

— Não.

K assentiu. Não hesitou ao tirar as botas. Abrir a calça. Baixá-la.

J percebeu que ela havia planejado aquilo. Mas isso não tornou a cena menos chocante.

— O que está fazendo?

— Olhe — pediu K. — *Olhe*.

J olhou. Não conseguiu deixar de olhar. E o que viu o assustou.

— Eles fizeram isso com você?

— Quem?

— A Parentalidade.

— Não. É assim que uma menina é. O seu — ela apontou — e o meu... É assim que a gente se reproduz. Não existem Árvores Vivas, J. Não existe Pomar. — Ela olhou para o pênis dele. — Posso ver?

J balançou a cabeça.

— Você precisa ir embora. Eu não... Isso é... demais.

Mas a expressão de K não mudou.

Antes que pudesse se convencer a não fazer aquilo, J baixou as calças do próprio pijama. Ficou parado, ruborizado, diante dela.

— O que eu pareço para você? — perguntou ele.

K o encarou.

— Uma Menina do Abecedário estranha.

Eles riram por um tempo, uma risada insana, onde J ouviu certa aspereza.

De repente, sentiu parte da responsabilidade que havia entrado pela janela com a menina.

— É assim que somos reprovados nas Inspeções? — perguntou ele.

— É — respondeu K. — Acho que nos inspecionam para descobrir se nos conhecemos.

J olhou pela janela, como se o vidro sempre o tivesse separado da realidade.

— Escute — disse ela. — A coisa é feia. *Muito* feia. Mas temos que ser fortes. E podemos fazer isso. Podemos entender tudo isso. Encare como uma equação. Nunca achou que uma coisa era complicada demais para resolver? E depois resolveu?

— Já.

— Isso é igual. Temos que ser espertos agora. Temos que planejar.

— Como você consegue ficar tão... calma?

— Estou com tanto medo quanto você.

Ela foi até ele.

Deu um beijo nele.

J sentiu seus lábios se abrirem, sentiu os dentes dela tocando os seus. A língua dela encostando na sua. Foi um borrão, uma confusão. Quando K se afastou, não estava sorrindo. Apenas olhando a boca de J.

Depois o corpo dele.

— O que foi isso? — perguntou ele.

— Não sei. — Ela o beijou outra vez, depois se afastou. — Uma vez li um livro de Nancy sobre uma menina que ficava presa por dez anos. No fim ela conseguiu fugir, usando as lições que a víamos aperfeiçoar.

— Luxley escreveu um livro assim também.

Ele viu a raiva brilhar nos olhos de K. A cor havia voltado a seu rosto. Já mexia bem os dedos. J tateou os lábios com a própria mão. Pensou na sensação de encostar nos lábios dela.

— A questão — disse ela — é que a menina da história perdia dez anos de convivência com as irmãs. E, naqueles dez anos, as irmãs mudavam muito.

— Irmãs.

— E, quando ela voltava, quando as via de novo, não se identificava mais com elas.

— Irmãs.

— Foi isso que aconteceu com a gente, J.

— Mas não somos...

— Uma coisa muito importante foi roubada da gente. Ficamos presos por doze anos. E sabe o que é o pior? Nem sabíamos o que era liberdade para sentir falta.

J pensou em Q. Queria acordá-lo. Acordar todos eles.

K pegou a mão dele.

— O que quer que tenham tirado de nós, J, vamos pegar de volta.

J levou sua boca à dela. Queria prová-la outra vez, sentir seu cheiro de perto.

Eles se beijaram de novo, com mais confiança. Depois, K pegou o corredor até o quarto de J.

— Aonde você está indo?

Mas J a seguiu. E, quando entrou no quarto, viu que ela já estava se deitando na cama.

Ele sentiu que seu corpo era maior que aqueles cômodos. Maior que a Torre.

Deitou-se ao lado dela.

— Você entende — disse K. — Não está me pedindo que eu vá embora. Não está chamando o P.A.I. Você entende. Não sei se devo voltar para casa agora ou não. Não sei o que fazer.

— Fique mais um pouco — pediu J.

Mas pensou na M.Ã.E. Será que estaria procurando por ela?

Será que ia procurá-la ali?

J a abraçou sem pensar.

Então K chorou por muito tempo. J, impressionado com o corpo, a voz, o cheiro, *ela*, imaginou tudo que K havia passado até chegar a sua janela. O frio. O medo. A consciência de que a amiga podia estar em perigo.

Por fim, as lágrimas se tornaram fracos soluços. Convulsões que sacudiram o corpo da menina até ela voltar a ficar imóvel. J chorou também. Tremia abraçado a ela. Então K começou a falar o que soou, de início, palavras absurdas. Planos impossíveis.

— Podemos matá-los. Cada um deles.

As frases eram grandes demais para J processar. E surgiam rápido demais.

Somos mais do que deles.

Somos fortes. Jovens. Eles são velhos.

Temos que fazer isso logo. Antes que mudem o jeito de fazer as coisas. Antes que resolvam se proteger de nós.

Temos que mandar a M.Ã.E. para o Canto.

Temos que mandar o P.A.I. para o Canto.

Temos que matá-los.

Matar todos eles.

— K — disse ele.

— O que foi?

— Pare.

— Não, J. Isso *vai* acontecer.

Ela adormeceu nos braços dele. Mas J se perguntou se seria um sono profundo.

Percebeu que queria ajudá-la. No que quer que ela quisesse fazer. Queria ajudá-la.

Tinha que ajudar.

E, com aquela ideia, sentiu o primeiro vestígio de serenidade desde que a tinha visto à janela.

Ele se levantou e foi até o vidro. Abaixo, Inspetores andavam entre as esculturas de gelo, vasculhando o Jardim, buscando...

... o quê?

J olhou para o início do Pomar. Para o Senhor Árvore. O lugar em que K disse que não estivera. Mas, se não foi ela... Então quem?

— Não podemos dormir — disse K, quase como se falasse dormindo.

— Temos que ir às nossas... Inspeções...

J pensou nas lágrimas dela em sua pele. Pensou nos dois quatro vezes maiores, sob as lupas dos Inspetores Collins e Jeffrey.

— Nós vamos — disse J.

Mas os dois adormeceram. Enquanto J se afastava das silhuetas dos Inspetores no Jardim, enquanto eles analisavam o que podiam ser pegadas, quase todas ocultas pela neve que caía, enquanto gesticulavam entre si, enquanto aproximavam as lupas do carrinho, da sala, da escada.

J e K dormiram. Enquanto seus mundos se desfizeram em pó a sua volta, enquanto o pó deixava marcas em seus corpos, suas mentes, pó suficiente para ser declarado impuro em qualquer mundo.

Eles dormiram.

Juntos.

E J acordou sob o luar e viu que ela ainda estava em seu quarto.

K. Parada perto da parede. Olhando para ele.

J se sentou rápido. Estava sonhando? Só podia estar.

K se afastou da parede, uma pequena pilha de papel nas mãos. Foi até a cama e se sentou ao lado dele. Não falou. Não ainda.

Ela pôs os papéis entre eles. J viu que eram desenhos. Sabia que tinham saído da mochila dela. Pareciam fotos, como se K tivesse tirado fotos dentro e fora de ambas as Torres. Era a primeira vez que J via o interior da Torre das meninas. E, apesar de ser parecida com a dele, havia algumas diferenças.

As Meninas do Abecedário, para começo de conversa.

Tantos desenhos de outras meninas. Rostos e penteados que J precisou lembrar a si mesmo de serem reais. Uma Inspetora sem barba. A M.Ã.E.

Com aquela última, J estremeceu. Os grandes óculos escondiam a maior parte do rosto da mulher. Os ossos daquele rosto eram orgulhosos, fortes, e os lábios pareciam ter sido feitos para enunciar palavras como o *Canto*. Era assim que K via o P.A.I.? Ele emanava o mesmo tipo de poder? O mesmo mistério? O mesmo temor?

Ela mostrou uma imagem de J. Era um retrato perfeito, como se a artista, K, o conhecesse melhor do que ele mesmo se conhecia. Seus traços, calorosos e sinceros, emergiam de um cenário escuro, a gola rulê preta subindo até o queixo. E, apesar da intenção de K, J sentiu vergonha de encarar os próprios olhos ludibriados.

Ela pôs um desenho acima dos demais. Um túnel. Uma barreira dividindo o túnel em dois.

— Me encontre aqui. Amanhã à noite. Depois que escurecer. O túnel vai ser mais seguro à noite. As Torres vão estar cheias de funcionários durante o dia. — Ela parou, pensativa. — E quem sabe o que elas já não arrancaram de B.

Mas J nunca havia estado no porão. A ideia causava nele mais do que medo. Causava, por um instante, um ímpeto de entregá-la.

— Por que no túnel?

— Vou contar tudo às meninas. Amanhã. Você conta aos meninos.

— *Eu?*

— E vamos nos encontrar ao pôr do sol. E vamos planejar. E colocar o plano em prática.

Antes que J pudesse perguntar como ele deveria contar aos irmãos, ou quando e como entrar no túnel, K fez mais desenhos, que, pelas imagens, já explicavam o caminho. A porta, J viu, ficava no banheiro dos funcionários. Então escada. Corredores. Portas. O Canto?

Um cartaz indicando a localização do túnel. Dizendo que *Richard* era o único com autorização para usá-lo.

— Este é seu P.A.I. — explicou ela. — O nome de verdade dele.

As letras pareciam impossíveis para J. Escritas por alguém que inventava tudo e também queria que todos acreditassem.

— Até o nome dele — comentou J.

Olhou para o chão do quarto. Como se pudesse ver todos os Meninos do Alfabeto ali, como se pudesse se ver contando a eles.

Mais desenhos então, imagens que elaboravam o plano vago de K. J precisou desviar o rosto ao ver algumas, não conseguiu fazer isso diante de outras. Rostos que ele tinha visto pela primeira vez apenas minutos atrás, agora distorcidos por raiva, dor e horror.

J entendeu. Tudo. Ele iria à Inspeção naquela manhã. Falaria com os meninos. Encontraria K no túnel.

Então...

— Não sei se consigo fazer isso — disse ele. Olhou para o desenho de uma Menina do Abecedário carregando um machado pelo que parecia o corredor de seu andar. — Eu só não...

— Não importa se você consegue ou não. Você tem que fazer. Além do mais... — Ela tocou o rosto dele. — Você pode, sim.

Perturbado pela própria realidade dúbia, sua sanidade garantida apenas pela presença dela, J também tocou o rosto de K. Eles se beijaram. Passaram as mãos pelo cabelo um do outro. Choraram.

K deixou os desenhos de lado, como se, com aquela pequena

cerimônia, o plano estivesse acertado, como se já tivesse começado.

Amanhã.

K se arrastou de volta para a cama ao lado dele, e os dois ficaram abraçados debaixo dos cobertores. Lá fora, o inverno ainda não havia esmorecido. O mundo, ao que parecia, estava congelado, o mundo todo, a realidade inteira, a não ser pelo pequeno espaço quente que haviam criado juntos, lentamente, uma circunferência vermelha que se expandia, derretendo todo o gelo em que estavam. Doze anos de verdade congelada, por fim, emergiam.

Eles se beijaram, se tocaram. Queriam rir, sabiam que *deviam* poder rir, mas não riram. A Torre estava silenciosa enquanto K e J aproveitavam as últimas horas da noite para explorar, amar, aquecer. E, apesar de nenhum dos dois achar sábio adormecer, ambos caíram no sono, estupefatos com as sensações, apesar do perigo inimaginável à espreita. J só acordou quando ouviu aquela palavra familiar, o canto do galo da Torre, três sílabas estalando no alto-falante do corredor.

— INSPEÇÃO.

Ele abriu os olhos. Olhou para sua cama, viu que K se fora.

Em seu lugar, havia um bilhete em que se lia: *Barcos*.

J se levantou depressa, mesmo ouvindo a porta dos colegas de andar abrir e fechar, mesmo ouvindo a ordem pela segunda e última vez no corredor.

— INSPEÇÃO!

Foi até o tabuleiro de Barcos e tocou as águas paradas. Tateou embaixo do tabuleiro e encontrou todos os desenhos de K colados ali.

Não era um sonho.

Tinha despertado.

E J percebeu, ao vestir o pijama e correr até a porta da sala de estar, ao entrar no corredor e na fila diante da porta da sala de Exames, que também não tinha tempo para tomar banho.

Mas, ainda que a lavasse do corpo, será que não a encontrariam em sua mente?

M.Ã.E. e P.A.I.

E se eles se rebelarem?, perguntou Marilyn, olhando para a primeira das duas torres erguidas no meio da floresta, no norte de Michigan. *Se todos estragarem de uma só vez?*

Richard fez que não. *Você mesma disse. Se os criarmos direito...*

Mas a expressão de Marilyn não mudou, e Richard entendeu que tampouco a opinião dela havia mudado.

A *cabana*, disse ela, indicando com a cabeça um lugar atrás do Pomar e da primeira torre.

O que tem?

Uma cavalaria de condenados, por assim dizer.

Richard entendeu. Rebelião era uma coisa, precisar de reforços para acabar com a revolução era outra.

Marilyn continuou. *Um grupo de Inspetores armados. Eles podem ficar de prontidão por vinte anos. E talvez nunca sejam necessários. Vamos pagar o dobro. Quem não faria isso?*

Ah, alguém faria, disse Richard, empunhando o ancinho e iniciando a árdua tarefa de capinar o gramado do que já haviam decidido que seria a torre das meninas. *Eu só não acho que seja necessário.*

Cinquenta e dois jovens de vinte anos, Richard. Cheios de raiva. E até lá... nós, vinte anos mais velhos. Nossa equipe também. Um dia talvez fiquemos muito agradecidos por termos providenciado proteção contra nosso experimento.

Silêncio entre os dois. Richard passou o ancinho. Marilyn foi até a calçada, depois para a porta da frente do que ainda não haviam começado a chamar oficialmente de “a Torre”.

Richard sabia o que ela estava fazendo. Aonde estava indo. O escritório lá dentro já estava mais do que bem equipado para o trabalho. Marilyn ia fazer ligações. Marcar reuniões. Entrevistas tarde da noite com homens e mulheres que talvez tivessem motivo para abandonar a sociedade, que talvez quisessem se esconder por duas décadas ou mais.

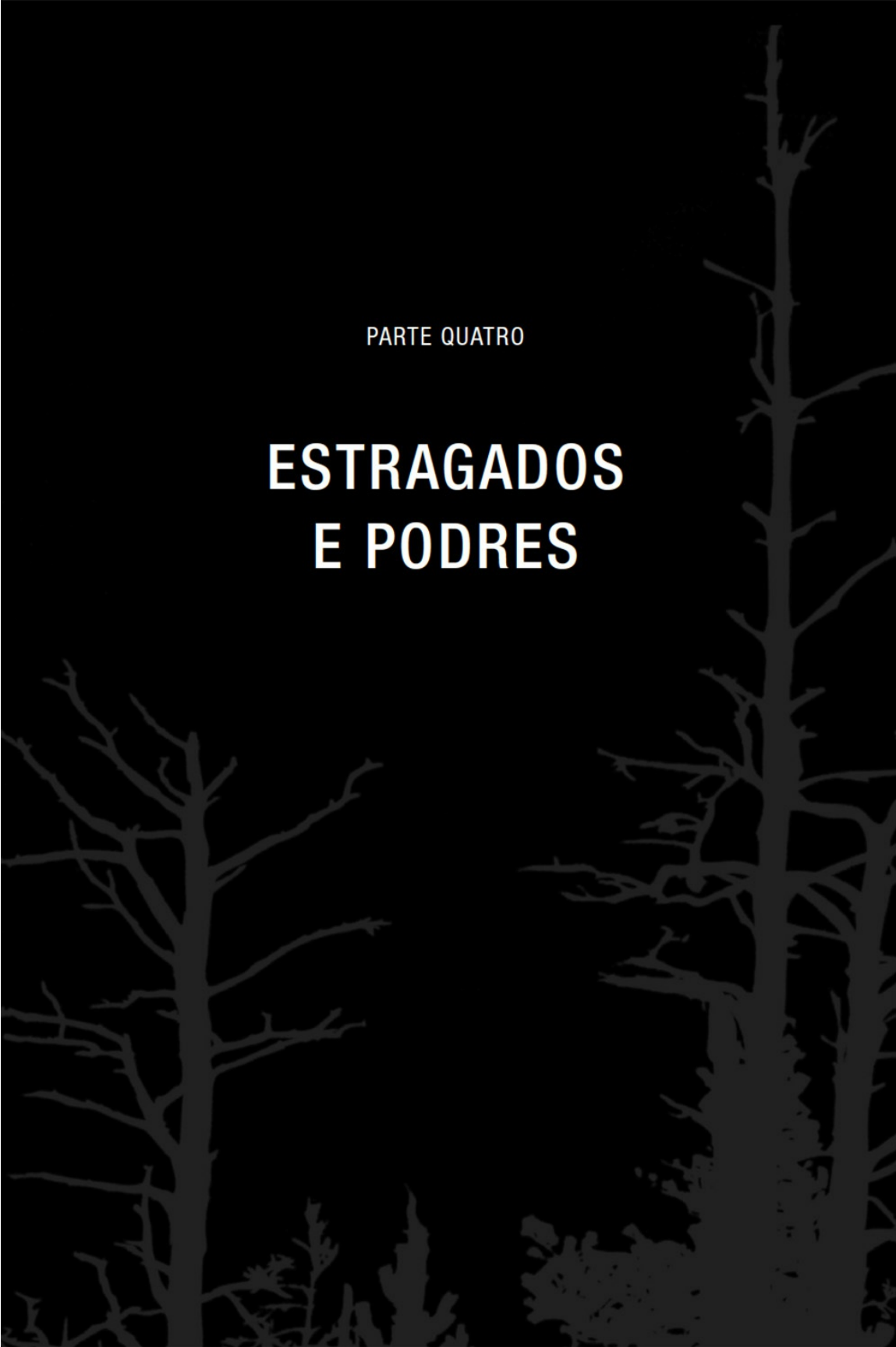
Como era de seu feitio, sempre, ela logo colocava em prática o que

havia defendido.

Marilyn estava ao telefone.

Oferecendo proteção.

E contratando, também.

The background of the entire page is a dark, almost black, field. Overlaid on this are the silhouettes of several bare, leafless trees. The trees are rendered in a dark gray color, creating a stark contrast with the black background. The branches are intricate and detailed, showing the skeletal structure of the trees. The trees are positioned in the lower half of the page, with their trunks and lower branches visible, while the upper branches reach towards the top of the frame. The overall effect is one of a dark, wintry forest scene.

PARTE QUATRO

ESTRAGADOS E PODRES

Inspeção

As vozes no corredor começaram a ecoar... Os pensamentos de J já estavam no Túnel...

Ela não é incrível?

É.

Não é?

É.

Mesmo ali, na fila para a sala de Exames, a apenas uma porta de distância dos Inspetores e suas lupas passando por seu corpo cansado, J estava entorpecido pela maravilha de ter a Menina do Abecedário K em seu quarto.

Mentiras, dissera ela sobre Vês, Podridões e Mofos.

K estivera no quarto dele, em toda a Torre.

Ela fora declarada limpa por um ano inteiro, apesar de suas atitudes sem dúvida impuras.

J levou a mão ao peito e o tocou de leve...

Poucos instantes atrás, o corpo dela estava pressionado contra o seu... Os lábios dela tocaram os seus... As pernas... ainda pode sentir as pernas dela?

Posso.

Não esqueça as pernas dela.

À frente, na fila, F soltou uma piada.

Perdemos a J, dissera ela. *Nossa J. Para o Canto.*

X riu.

Os olhos dela são mais claros do que os de qualquer um de seus irmãos. O cabelo dela tem o aroma do Pomar.

F olhou para J. *Você entendeu minha piada? Hein, hein?*

Mesmo que não encontrem rastros físicos, vão sentir o cheiro dela em você.

A porta da sala de Exames abriu. G saiu, os olhos cansados.

— Próximo — bufou o Inspetor Collins, das sombras frias e angulares do batente da porta.

X era o próximo.

Inspeção

O corpo, o toque, o aroma dela...

X entrou. A porta fechou atrás dele.

Inspeção

(os cachorros, J, os cachorros)

Ainda consegue ver os lábios dela? Me diga. Você se lembra dos lábios dela? Me diga. Pode descrevê-los?

Úmidos.

(cachorros)

Úmidos feito água?

Não.

Me diga.

Úmidos feito suor.

Me diga.

Não esqueça. Reviva-a. Reviva.

(mesmo que os Inspetores não...)

Me diga.

Ela tem o aroma do Pomar.

Me diga. Reviva-a.

(mesmo que os Inspetores não...)

— Ei, J — disse F. — Por que o galo canta de olhos fechados?

Ainda sente a pele dela?

Sinto.

A textura dela em seus dedos?

(mesmo que os Inspetores não sintam o cheiro...)

sinto sinto sinto sinto sinto

— Vamos, J. Por que o galo canta de olhos fechados?

Ela chegou do planeta da neve. Bateu na minha janela. Eu a deixei entrar. Nós nos encontramos, conversamos, nos tocamos.

Me diga. Porque quero que você lembre cada detalhe.

Existem mais de nós do que deles.

Cada detalhe.

Somos fortes. Jovens. Eles são velhos.

Me diga.

Temos que fazer isso logo. Antes que mudem o jeito de fazer as coisas. Antes que resolvam se proteger de nós.

Descreva-a...

Temos que mandar a M.Ã.E. para o Canto.

Temos que mandar o P.A.I. para o Canto.

Me diga...

Temos que matá-los.

O nariz dela era menor do que o meu... Os ombros curvavam, viravam braços, antes dos meus... Seu peito era macio, macio como suas pernas...

Matar todos eles.

(mesmo que os Inspetores não sintam o cheiro dela em você...)

— Porque sabe a música de cor — disse F. — Vamos, J. Acorde.

(mesmo que os Inspetores não sintam o cheiro dela em você, os cães vão sentir)

A porta da sala de Exames abriu. X saiu.

— Próximo.

F entrou. A porta fechou.

J estava sozinho na fila. Sozinho no corredor.

Fugir?

Mas, não. Os desenhos. As plantas. K. O plano.

O Túnel no porão.

Talvez seja nossa única chance, sussurrou ela em algum momento da noite vaga e extasiante.

Você acredita nela?

Acredito.

Por quê?

Porque ela é verdade.

Verdade? Olhe só para você. K está escorrendo por seus dedos. Você está encharcado dela... ELA. Está sentindo o muco dela? A Parentalidade o protege, J. A Parentalidade o protege da espécie DELA. A Parentalidade mentiu para você para que ela não o deixasse doente. Para que não enlouquecesse. E você a trouxe junto até a porta da sala de Exames.

Ele ouviu a palavra *limpo* do outro lado da porta. A qualquer segundo agora.

Excelente Inspeção, J.

(LIMPO!)

Maravilhosa Inspeção, J.

(LIMPO!)

Amamos você, J.

(LIMPO!)

Espere. Que cheiro é esse, J?

J cheirou os pulsos. Sentiu o cheiro dela em si próprio.

A porta da sala de Exames se abriu. F saiu. Um sorriso cheio de dentes no rosto.

— Acorde, meu amigo. É sua vez.

Collins estava à porta.

— Próximo.

— Quer que eu lhe dê um tapa? — perguntou F.

Desenhos de uma segunda Torre.

(Sou uma menina)

Não importa o que estejam procurando... vale a pena.

A Parentalidade está aqui para protegê-lo, J.

Não importa o que estejam procurando... vale a pena.

Vão sentir o cheiro em você. Estou sentindo agora mesmo.

(somos vinte e cinco Meninas do Abecedário)

A Parentalidade está aqui para protegê-lo.

De?

De...

De?

De Vês.

Não.

Podridões.

Não.

Mofos.

MENTIRAS!

De K.

(Sou uma menina)

A Parentalidade está aqui para protegê-lo.

Eu mudei.

Está errado.

Estou com medo.

Você sempre teve medo.

Sempre?

É.

Sempre.

É.

Não existem Placasoires, J.

Não.

O P.A.I. é sua doença.

EXCELENTE INSPEÇÃO, J!

Collins pigarreou. J entrou na sala. A porta se fechou.

Sob as luzes, J achou ter visto as digitais dela nele. Ao se despir, pôde vê-la por toda a parte.

Os dois Inspetores olharam dos pés à cabeça.

Eles sabem.

— Pronto? — perguntou ele.

A voz não era dele. Mudada.

A Parentalidade está aqui para protegê-lo.

— Comecem.

Uma voz atrás dele. Também mudada. Diferente agora.

O P.A.I.

O nome dele é Richard.

Não diga o nome dele.

O Inspetor Collins levou a lupa ao peito de J.

Será que via K pela lupa? Ela era tão grande. Estava por toda a parte.

Collins se inclinou para a frente, cheirou o ar em torno de J. Os cães ganiam atrás dele.

— P.A.I.? — chamou Collins.

J sentiu o túnel se afastar. Não importava mais que o que Collins fosse dizer ao P.A.I. talvez resultasse em sua morte. Queria ver K naquele túnel. Era tudo que queria. Para sempre.

Ver K.

Collins apontou para os dedos de J. J não tinha nem notado que o Inspetor examinava suas mãos.

O P.A.I., ao lado dele, então, levou a mão esquerda de J diante dos olhos.

— Carvão — declarou. Então, sem encarar J, como se o menino já estivesse longe, impuro, excluído da Parentalidade: — Você tem desenhado, J?

O clima na sala de Exames era totalmente diferente das antigas Inspeções. J notou isso. E não só porque o P.A.I. havia encontrado carvão na ponta dos dedos do menino. Se os Inspetores tirassem uma lombriga de meio metro da orelha de J, ele diria que entendia aquele clima, diria que aquele clima era condizente. Se lhe arrancassem a pele do rosto com os dedos, ele entenderia o olhar apreensivo nos olhos deles enquanto o examinavam, dos pés à cabeça, com as lupas em punho.

— A tinta de alguns dos livros didáticos mancha — disse J.

— É? — perguntou o P.A.I. A voz soou diferente. J achou que talvez tivesse mudado para sempre. — De que livro?

— Da maioria.

— Qual deles você estava lendo ontem à noite?

J tentou pensar rápido, mas não era fácil. Ia fazer provas. Que provas?

— Matemática.

Mentira descarada. Não havia como racionalizá-la. Não ali.

O P.A.I. não respondeu, e, na parede de aço, J viu uma reflexão distorcida de toda a sala de Exames. Ele mesmo, extremamente magro, o P.A.I. e os Inspetores, enormes.

Collins e Jeffrey se entreolharam. Sabiam que J os via? Sabiam que ele via o desconhecido em seus olhos?

Nenhum menino nunca foi reprovado em uma Inspeção.

Será que ele enfim seria?

— Levante os braços, J.

O P.A.I. no reflexo. O P.A.I. pegando a lupa de Collins. O próprio P.A.I. usando a lupa.

J nunca o tinha visto fazer aquilo.

— Braços, J.

J ergueu os braços e sentiu o metal frio em sua pele. Então nos ouvidos, nas narinas, nos lábios.

O P.A.I. parou em seus lábios.

Cheirou tão perto do rosto de J que a sensação foi a de que tragava o ar dos pulmões do menino.

Será que os Inspetores sabiam das meninas? Será que já tinham feito o que J fez na noite passada?

E o P.A.I.?

J ouviu o vento sombrio no corredor, uma respiração pesada pelo alto-falante quadrado prata, no alto da parede da Torre.

Mas, não. Apenas os cães atrás do vidro.

Os Inspetores se moviam, ansiosos, seu reflexo revelando homens mais fracos do que os que J considerava tão fortes.

Por que nunca havia notado nada daquilo?

A lupa fria pressionada contra seu pênis.

J fechou os olhos e viu os desenhos colados no verso do tabuleiro de Barcos. Desenhos das duas Torres, dos corredores e cabines do banheiro, dos porões, do túnel.

Me encontre no túnel depois que escurecer.

Sim, pensou J. Vou estar lá.

A lupa logo voltou ao rosto dele. J não quis abrir a boca, mas o

P.A.I. forçou o objeto contra os dentes do menino, e seus lábios cederam. Os Inspectores se aproximaram.

Será que podiam ver um beijo ali? Sabiam como era bom? Como era verdadeiro?

A Parentalidade está mentindo para a gente.

Ah, sim. Realmente.

Um cachorrinho se volta contra o dono, disse o P.A.I. certa vez, quando julga saber o que é melhor para si. Mas o dono sempre chega ao que é melhor primeiro.

Os cachorros arranhavam a porta que os mantinha presos.

A Parentalidade o protege.

— Quer me contar alguma coisa? — perguntou o P.A.I.

A mente de J viu um vulto agachado atrás do Senhor Árvore. Viu D lendo todo o livro insano de Warren Bratt. Viu K à janela, os dedos dormentes de frio. Viu os desenhos das outras Meninas do Abecedário, patrulhando os corredores de uma segunda Torre com ferramentas enferrujadas nas mãos. Viu a M.Ã.E. de K. Ouviu o nome *Richard*.

Quer me contar alguma coisa?

No entanto, apesar da onda inimaginável de dúvida e novas informações, apesar de confiar totalmente em K e acreditar nas histórias reveladoras que ela havia contado, só existia uma coisa no mundo a qual ele ainda podia se apegar. Uma boia nas águas vermelhas de loucura daquela nova visão de mundo.

O rosto sempre carinhoso do P.A.I.

E como aqueles olhos haviam cuidado de J e dos outros Meninos do Alfabeto a vida toda.

De maneira insana, J se achou capaz de acreditar em tudo que K havia contado e ainda confiar plenamente na Parentalidade.

Ainda.

Lágrimas se acumularam em um túnel no porão dos olhos dele.

Sim, havia uma coisa que ele queria contar, P.A.I. Algo que queria muito dizer.

— Eu vi uma menina na minha janela.

As palavras pareceram se arrastar para fora da boca de J, começando pelos dedos, um novo J emergindo na sala de Exames. Um menino que ele não reconhecia. O começo de uma história muito maior, apenas a ponta do que parecia uma enorme verdade. Mas sentiu tanto alívio por ter revelado aquela verdade ao P.A.I.!

— Repita — pediu o P.A.I.

Atrás do homem, os olhos dos Inspetores pareceram ficar grandes demais para o rosto.

J abriu um sorriso ansioso. Com certeza o P.A.I. já estava pensando em como proteger seus meninos da visita de outra menina. Não estava? Com certeza o P.A.I. estava usando todo o seu poder de proteção, invocando respostas de lugares que J nunca teria imaginado sozinho.

A Parentalidade o protege.

Não é?

— O quê? — perguntou J, tentando, sem a menor coerência, aliviar um clima que havia pesado mil quilos a mais com apenas uma frase. — Eu vi uma menina na minha janela.

J viu algo mais frio que o inverno nos olhos do P.A.I. Como se, por um segundo, o homem tivesse virado gelo, imóvel para sempre no Jardim abaixo. Então, um segundo depois, adquiriu um aspecto terrível, seguido por uma pergunta para a qual J não estava preparado.

— Como você sabe a palavra para o que viu?

— Ah, não — disse J.

Porque foram as primeiras palavras que surgiram em sua cabeça. Porque ele não havia percebido que, ao contar parte da verdade, acabou revelando muito mais.

O que mais podia revelar por acidente?

Apesar de querer dizer o nome dela, de querer se ouvir falando, J sentiu que afundava, como se a sala de Exames sempre tivesse sido um elevador direto para o Canto.

Não diga o nome dela.

Não, não diga mais nada.

— Você me disse que nem começou aquele livrinho safado, J. Como sabe a palavra para o que viu?

Quando foi que o P.A.I. havia se aproximado? J não tinha visto. Mas ali estava ele, segurando os ombros de J com força, cuspidando palavras enlouquecidas no rosto do menino.

— *COMO VOCÊ CONHECE A PALAVRA MENINA?*

O impossível equilíbrio quase se desfez naquele instante. Por um tempo, J não conseguiu enxergar o P.A.I., fosse pela luz sob a qual sempre o viu ou pela nova, lançada por...

Não conseguiu sequer pensar no nome dela. Não queria nem usar uma sílaba que soasse como sua letra. Como se assim arriscasse colocá-la na sala de Exames, *ela*, ampliada pela lupa que o P.A.I. segurava com tanta força.

Mas será que o P.A.I. não tinha lhe dado uma saída? Uma mentira?
— Li um pouco do livro — explicou J. — Li a palavra *menina*.

O P.A.I. se virou tão depressa que seu reflexo na parede pareceu o de um homem de rosto permanentemente borrado, não mais definível.

— Impuro — disse ele.

As três sílabas, como facas, de repente esfaquearam as solas dos pés de J, mandando que ele corresse. *Corra. CORRA.*

Mas ele apenas tremia, grudado, ao que parecia, aos tapetes de borracha.

Os Inspetores se entreolharam, depois miraram o chão. Assim como J, não sabiam o que fazer com aquela palavra.

— Me ajudem — implorou J aos Inspetores.

Então chorou, e sua mente pareceu pegar fogo.

Virou para o P.A.I. bem a tempo de vê-lo fazer para Collins e Jeffrey um gesto que não reconheceu.

Então J foi arrastado, nu, aos gritos, da sala de Exames, arrastado pelo corredor, a portas abertas, sob olhares dos irmãos, relances de K enlaçando seu corpo e sua cabeça, incapazes de protegê-lo. Ele e K ainda estavam lado a lado, na cama, conversando sobre suas vidas roubadas. Ao passar pelo rosto confuso de F, J pensou nos lábios de K tocando os seus, no corpo dela em suas mãos e em como ela havia sido esperta descobrindo tudo aquilo sozinha.

Enquanto as portas do elevador se fechavam, enquanto via as duas paredes prateadas se encontrando atrás do véu de uma desinformação monstruosa, enquanto tentava resistir aos Inspetores e descobria a diferença entre a força de um homem e a de um menino, J viu a entrada de um túnel desabar, bloqueando sua última chance de rever K.

Porque isso era tudo que importava. Vida, morte, verdade, mentira... Voltar a ver K era tudo.

Sim, pensou J — enquanto as portas do elevador se fechavam, enquanto ele lutava para se libertar, enquanto chorava, nu, nas garras dos Inspetores da Torre —, ver K outra vez, apenas ver seu rosto, significava mais para ele do que sair daquele lugar vivo.

Um brinde a um novo começo

Ele não saía do abrigo havia dois dias. Não tinha pisado fora do prédio. Era engraçado, por assim dizer, porque tinha passado de um prédio do qual quase nunca saía para outro. E lá estava, tentando escapar. *Tinha* escapado. Mas continuava dentro de quatro paredes, seu mundo inteiro resumido a dois beliches por dois dias. Os outros três colchões já tinham sido ocupados por um total de oito homens diferentes. Homens. Sempre homens. Nenhuma mulher. Não por enquanto. Apesar de dez anos de contato limitado com mulheres, ele havia escolhido um esconderijo que, por lei, separava homens e mulheres. Um abrigo para sem-tetos não podia deixar que os homens acessassem o lugar onde as mulheres dormiam. Era engraçado, em certo aspecto, como o mundo real fornecia a resposta para o lugar de onde ele fugira. Nas Torres, todos investigavam quem se beneficiava mais com a divisão. Ali não havia dúvida de que eram as mulheres.

Será que dois dias era tempo suficiente? Ele não sabia. Tinha tomado banho duas vezes, o que já era algo, e usado a lavanderia do porão. Não tinha outras roupas — afinal, saíra às pressas —, por isso tivera de esperar ao lado da lavadora e da secadora usando apenas uma toalha. Ninguém tinha ido ao subsolo naquela ocasião e, depois de um tempo, aquilo havia começado a parecer mais uma libertação. Ficar só de toalha parado ao lado de uma máquina de lavar. Mais uma entre as dez mil coisinhas que ele não fazia pelo que pareciam dez mil anos.

Mas o que fazer depois de dois dias? Ele havia comido a gororoba na fila com os outros desabrigados. Três refeições ao dia. Mesmo quando não estava com fome. E não tinha muitos pertences. Não tinha muito de nada. E de jeito nenhum tiraria dinheiro da conta bancária. Uma conta que devia ter mais de um milhão de dólares. Será que o dinheiro ainda estava lá? E fazia diferença? Será que continuava querendo aquele tipo de dinheiro? Dinheiro sujo de sangue ou dinheiro falso, ou dinheiro que ganhara mentindo para duas dúzias de meninos por uma década?

Não, ele não tinha muito. Uns duzentos dólares. Um par de sapatos molhados. Uma camiseta manchada. Uma jaqueta.

O que tinha eram urgências. Não o livro. Nem isso.

Suas urgências eram segurança. Anonimato. Dinheiro. Roupas. Um lugar para ficar. Um veículo para permanecer em movimento. Um amigo? Talvez. Um telefone? Talvez. Um novo nome?

Riu desta última, apesar de a risada ter parecido mais uma tosse reumática. Um novo nome. Depois de dez anos usando um pseudônimo.

Estava sentado sozinho em um quarto com beliches. Pensou no próximo passo. Precisava permanecer em movimento porque queria permanecer em movimento, mas não sabia se era a decisão certa. Será que procurariam por ele ali? Seria encontrado mais facilmente se visitasse outros lugares? Outros lugares no mapa? Na Parentalidade (aquela palavra, que se tornara tão feia para ele, já era feia havia muito tempo), Richard exercia um poder infinito. Mas ali fora? Até onde chegava a influência de Richard? Até onde Marilyn conseguia enxergar? O quanto estavam dispostos a sair das sombras, a se expor?

Institucionalizado, pensou. A palavra era ainda mais feia quando aplicada a si mesmo. Ele provavelmente já a usara em um livro, mas não se lembrava de ter soado tão assustadora. *Institucionalizado* não significava apenas um homem tão acostumado a seu ambiente que acabava dependendo dele. Também significava que aquele homem havia *mudado*. E o problema da *mudança* era que ele talvez não conseguisse voltar a ser o homem de antes.

Pela primeira vez em muito tempo, percebeu que gostava um pouco do homem que tinha sido. Antes da Parentalidade. É, ele passou a enxergar aquele homem de um jeito bem diferente. Tinha odiado tanto aquele homem que concordou em viver em uma torre, em escrever livros para meninos enganados, e ele mesmo participou da mentira, tudo por uma pilha de dinheiro que, depois que a ganhasse, já não parecia mais tão grande assim.

De todo modo, nem sentado no topo dessa pilha ele estava mais. Não. O dinheiro estava trancafiado em uma conta não tão particular, à qual a Parentalidade tinha acesso. Será que poderiam sacar? Por quebra de contrato? Que tipo de advogado aceitaria o caso deles?

Meritíssimo, Warren Bratt quebrou o contrato com a Parentalidade. Acreditamos que devemos ser ressarcidos dos fundos alocados a ele para que mentisse a vinte e quatro meninos na floresta. Meninos que compramos de mães desesperadas, muitas inclusive drogadas.

A porta do quarto com beliches se abriu, e Warren olhou rápido para a frente, agarrando a alça da mala quase vazia.

— Esta está ocupada?

Um homem velho. Cabelo que um dia já fora louro. Quem saberia sua verdadeira idade? Tão difícil dizer em um lugar como aquele. Todos pareciam desumanizados. No entanto, de algum jeito, todos pareciam melhores do que Warren. Enquanto alguns tinham segredos e todos tinham histórias, era improvável que qualquer um deles tivesse vendido completamente a alma.

— Tome — disse Warren, levantando-se de uma das camas de baixo.

— Fique com a minha. Estou de saída.

— Ah, é? Para onde está indo?

Warren analisou os olhos do homem. Por que ele queria saber?

— Para a Grécia.

O homem riu como a maioria dos homens ali ria: uma risada verdadeira mas dura. Warren pegou a mala e saiu do quarto. E logo depois do abrigo também.

Era noite. Ele não tinha notado. Não saía havia dois dias. Com o dinheiro que tinha, poderia pegar um ônibus para a Flórida. Pegar um ônibus para Wyoming. Entrar em um trem para algum lugar, qualquer lugar. Arranjar emprego em um jornal local. Arranjar emprego fazendo sanduíches.

Mas primeiro...

Ele tinha visto o bar na manhã em que chegara ao abrigo. Ah, e que manhã aquela. Encharcado e com frio, sem fôlego e revigorado, íntegro e livre. Mas ainda preso. Institucionalizado. Quisera entrar no bar, mas, mesmo que estivesse aberto, não podia. Simplesmente não tinha coragem. Não conseguia encontrá-la.

Nesse momento, porém, achava que conseguiria.

Olhou para os dois lados da rua. Para a janela dos apartamentos do outro lado da rua. Para os becos. Não sabia ao certo o que temia. Ver Richard agachado, de vermelho? Marilyn escondida atrás de um poste? Quando lhe fizeram a proposta de trabalho, não houve nenhuma menção a como Warren poderia ser perseguido caso escrevesse, imprimisse e deixasse uma cópia de um livro sobre mulheres para cada Menino do Alfabeto. Não. Nada a respeito daquilo. Então... o quê? O que poderia aparecer, e como iriam atrás dele?

Warren correu pela calçada. Um desabrigado, sem tirar nem pôr. Ao entrar no bar, deu uma última olhada na rua, nos prédios, nas janelas, nos telhados.

Dentro do bar, mais aquecido, limpou os óculos embaçados e

observou o pequeno espaço. Duas mesas desocupadas à esquerda. Duas mesas desocupadas à direita. Duas mulheres sentadas ao bar, de costas para ele. Um jovem atrás do balcão. Meu Deus, como o jovem parecia limpo. Asseado. Feliz.

— O que vai querer, senhor? — perguntou ele.

Warren pegou um banco vazio.

— Uísque. Por favor.

As palavras *por favor* escaparam dele de maneira tão genuína que ele quase quis chorar.

Fazia tempo demais.

O garçom o serviu. Warren tomou um gole. Olhou para o bar. Das duas mulheres, a de frente para ele sorriu.

Para ele.

Aquilo também não acontecia havia bastante tempo.

A mulher era mais ou menos o que ele antes chamava de “seu tipo”. Olhos inteligentes atrás de óculos grandes e retrôs. Cabelo castanho. Vestido tradicional. Era isso que estava na moda agora? Ele não tinha como saber. Havia ficado fora por uma década.

Institucionalizado.

Warren terminou a bebida. Pensou no passo seguinte. Sairia do país? Provavelmente era o melhor a fazer. Ir embora. Sair totalmente dali. Raspar a cabeça. Deixar a barba crescer. Passar a vida ajudando jovens a conhecer o mundo como ele é.

Pediu outro uísque. As duas mulheres do bar caíram na gargalhada, e Warren pensou em como aquele som era maravilhoso. Ah, quantos sons maravilhosos ele havia perdido quando só se importava em ser o maior peixe de qualquer lago em que estivesse nadando. Ah, quantos problemas aquele ego irritadiço lhe causou. Ah, como os dez últimos anos tinham se distorcido.

Ah, Deus...

Ele tomou um gole. Pensou em ir para o sul. Para o leste. Para o oeste. Para qualquer lugar que não de volta para o norte. Não é? É. Para qualquer lugar que não o norte.

No entanto...

Os meninos. Eles iam precisar de ajuda. Não iam? Quantos deles já não haviam estragado depois de seu livro? Quantas jovens vidas ele tinha tirado ao decidir o que deviam ou não saber?

Por que não tinha puxado todos para um canto? Por que não havia conversado direto com os meninos? Podia ter lhes contado a verdade e

pedido que ficassem calados.

Por que não os levava junto?

Claro, dado seu estado de espírito, Warren podia ter matado um ou dois Inspetores. Quem quer que estivesse de guarda naquela noite. Parando para pensar friamente, fazia muito sentido moral. O assassinato de um ex-prisioneiro escondido na floresta em prol do resgate de vinte e quatro meninos de uma vida de escravidão.

Tomou outro gole. As mulheres voltaram a gargalhar, e Warren olhou para elas. Tentou melhorar o humor. Como se pudesse absorver um pouco do que elas sentiam.

Meu Deus, aquelas mulheres. Não tinham ideia do que o homem no bar tinha sido capaz de fazer. Tanto quanto o líder de um culto. Um médico que prescrevia remédios desnecessários. Um falso profeta, um falso autor. Ali para ferir, não ajudar.

A mulher voltou a sorrir para ele, e Warren entendeu então que, se fosse começar uma vida fora da Parentalidade, um dia precisaria contar o que havia feito. Provavelmente. Ou... se pudesse apenas apagar os dez últimos anos, recomeçar de onde havia parado...

Será?

Quando sorriu de volta para a mulher e ergueu o copo, quando ela ergueu o dela e ruborizou com aquela tolice, Warren entendeu que não conseguiria apagar sua contribuição no que havia acontecido. Não só porque não era capaz de voltar no tempo, mas porque o homem que tinha sido naquela época foi o homem que decidiu acabar onde estava nesse instante.

As duas mulheres levantaram e vestiram os casacos, e Warren pediu um terceiro drinque, desejando apagar todos os anos que havia vivido, apagar tudo. Recomeçar. Identificar-se com uma pessoa extremamente gentil dessa vez. Abster-se de uma vida de trevas. Enterrar a capa de superioridade intelectual usada por tantos anos, antes de concordar em jogar, por dinheiro, toda e qualquer porção de sua alma em uma fossa flamejante.

As mulheres foram embora. Warren pensou nas estradas que havia pegado depois de fugir da Parentalidade. Imaginou-se pegando todas de novo. Na direção contrária. Viu a si mesmo se aproximando da Torre com um rifle nas mãos. Viu Inspetores caindo em poças de sangue, ex-prisioneiros levando tiros nas costas. Richard com uma arma apontada contra o peito.

O garçom olhou para trás de Warren.

Quem estava ali?

A mulher voltou. Simplesmente se sentou, bem ao lado de Warren. Seus olhos bêbados estavam enormes atrás das grandes lentes. Como se ela segurasse duas lupas diante do rosto. Warren, esforçando-se para se encaixar no velho mundo, no mundo real, pediu uma rodada para os dois. Eles conversaram, riram. Ele se percebeu como o Warren de antes: grosseiro e esnobe. Como? Como era possível que tivesse restado qualquer vestígio de sua antiga personalidade? Ele se viu reunindo os Meninos do Alfabeto. Responderia a perguntas sobre o livro. Contaria tudo a eles. Os meninos aprenderiam a verdade do mundo com as solas dos sapatos encharcadas do sangue de Richard.

De repente, Warren estava pagando a conta e saindo do bar de braços dados com a mulher.

Estava frio lá fora, congelando, e ela disse: *Não se preocupe, podemos ir para minha casa.* Warren sorriu, mas não conseguiu parar de pensar nos meninos. É, seria bom. Uma mulher. Um lugar para ficar. Mas a Parentalidade continuava. Não era? E se a regra básica da Constituição tinha sido quebrada... será que todos os meninos não seriam mandados para o Canto?

E não foi ele quem fez tudo isso acontecer?

E será que já não havia acontecido?

Ele subiu uma escada antiga com a mulher. Ela estava claramente bêbada, rindo, pendurada nele; Warren a segurava e se segurava também. Não ficava tão bêbado assim havia uma década. Uma sensação boa, ruim, ambos. Ah, os meninos os meninos os meninos.

A mulher se atrapalhou com as chaves, e Warren a ajudou. Imaginou Richard no púlpito do Salão dos Corpos, as mãos erguidas, gritando, desafiando os meninos. Exigindo que contassem quem havia lido o quê, e quantas páginas. Com certeza Richard ficaria sabendo. Uma simples partida de Barcos? Com certeza. A mulher quase caiu dentro do apartamento, e Warren tropeçou atrás dela. Ela acendeu as luzes e disse: *Por aqui, mais bebida.* Warren, em conflito, consciente de que era cedo demais para tentar se encaixar de volta no mundo real, a seguiu. Mais bebida parecia uma boa. Muito boa.

Casa bonita, disse ele. Mas não se sentiu bem. Não se sentiu um cara legal, e com certeza não sentiu que merecia estar tendo uma noite legal, muito menos com uma mulher. E ela segurava a mão dele, conduzindo-o pelo apartamento, pela sala de estar, para a cozinha, para perto de um fogão. Estava pegando copos em um armário. A garrafa já estava no

balcão. Ela disse o quanto gostava de uísque e do cheiro de uísque, e que não se importava com o que causava nela, e, de repente, Warren simplesmente quis sair. Ir embora. Mesmo sendo cedo demais. Havia vinte e quatro meninos cujas vidas estavam sem dúvida em risco, porque não tinham permissão nem mesmo de ler sobre uma mulher, e ali estava Warren, no apartamento de uma mulher, se embriagando, fazendo exatamente o que qualquer um daqueles meninos deveria poder fazer. E ela falava e servia bebidas, e Warren, com a cabeça confusa, a alma rasgada em mil pedaços, alguns irrecuperáveis, já levados pelos ventos negros que circulavam pelo porão da Torre, o hálito da Parentalidade e a fuga daquele prédio, também não merecia aquilo. Não merecia mesmo.

— Saúde — disse a mulher, entregando um copo a ele e o batendo no seu.

Os olhos dela eram lindos. Tão grandes e engraçados. Warren não via olhos como aqueles havia muito tempo. Era como se a mulher parecesse um homem estranho a ele, um homem fantasiado, um homem que tinha tirado adereços alegres de uma sacola de Halloween e juntado tudo no próprio rosto antes de entrar no bar. Warren tomou um gole da bebida. Pensou nos meninos tomando leite no refeitório, em Richard bebendo uísque em seu escritório. Será que os meninos sentiam o cheiro do álcool nele? Com certeza. Como não sentiriam? Warren o sentia na mulher, em si mesmo, no apartamento também. A mulher falou sobre a cidade, sobre relacionamentos fracassados, enquanto Warren, assentindo, olhava para o balcão atrás dela, para a geladeira, para o arco da passagem da cozinha, para a sala de estar além dela, para o sofá e o par de sapatos atrás dele. Para os tornozelos sobre aqueles sapatos também.

— Ei — disse, tentando sorrir, sem saber por quê. — Quem está escondido atrás do sofá?

A mulher fingiu franzir a testa e olhou para a sala de estar. Então caiu na gargalhada, mas Warren não riu com ela. Não, não. Porque, no instante em que fez a pergunta, viu o corpo inteiro refletido na porta de vidro da varanda, tão claro quanto seus pensamentos não estavam.

Warren agarrou o pulso da mulher.

— O que está acontecendo aqui?

O frio que sentiu então foi muito mais profundo do que o vento ao qual teve que resistir em sua fuga da Torre, enquanto corria pelos pinheiros e pegava estradas que ficara anos sem ver.

— Ei — disse a mulher. — Você está me machucando.

Warren a soltou. Foi até a sala de estar. Atrás dele, a mulher disse:

— Ao que quer brindar? Às Inspeções?

Warren cruzou a sala depressa enquanto um homem se levantava de trás do sofá e um segundo saía de uma porta que Warren não notara. Um terceiro homem entrou no apartamento. Quando Warren voltou a olhar para a mulher, ela não tinha mais um copo nas mãos, e seus olhos não eram mais engraçados.

— Foi mais fácil encontrar você do que uma mancha escura em uma blusa branca. Um abrigo para moradores de rua? Um bar? Uma mulher? A Parentalidade esperava mais criatividade de seu escritor.

Warren andou até a porta do apartamento, apesar do homem em seu caminho. Algo repentino e sólido acertou sua cabeça por trás, e ele caiu no chão acarpetado.

Zonzo, desmaiando, notou que mal havia móveis na casa, nem fotos nas paredes. Não havia percebido nada daquilo ao entrar. Sua cabeça estava nos meninos. Na possibilidade, insana, de voltar à Parentalidade.

E por isso, pensou, enquanto as quatro figuras se agachavam ao redor, ele ia voltar. Estava voltando à Parentalidade.

Voltando para os meninos.

Mate todos eles

Um drinque. Enquanto os Inspetores mantinham J em quarentena. Uma ou duas horas. Dois drinques. Pelo tempo que levasse para ele se preparar, para garantir que ia fazer as perguntas certas quando chegasse a hora de fazê-las.

Barcos, claro. A única ferramenta de vigilância da Parentalidade. Não era possível vencer uma partida de Barcos sem contar a verdade.

Um detector de mentiras disfarçado de jogo.

J tinha visto B pela janela. Tudo bem. Tinha sido isso que havia acontecido. J reconheceu a menina como *sendo* uma menina graças à descrição de Warren Bratt na porra daquele livro maluco. Tudo bem. Foi o que aconteceu. Talvez B não o tivesse visto. Não importava. A menina tinha que sumir. J tinha que sumir.

Quem mais? Para quem J havia contado? Quem ficou sabendo?

Richard se levantou da escrivaninha, olhando para a mesa da sala de estar onde logo se sentaria. Vislumbrou o evento antes do tempo: ele em uma cadeira, J na outra; homem e menino, pai e filho; uma boa e velha partida de Barcos.

Uma área indefinida. O abismo separando as regras criadas por ele e Marilyn tanto tempo atrás e todas as que foram quebradas desde então. Se alguém tivesse perguntado dez anos antes o que ele faria com um menino que lesse a porra toda do livro secreto de Warren Bratt, sem dúvida Richard teria dito que o menino já era. Que estava estragado. Teria mandado o garoto para o Canto, sem pensar duas vezes. Porque seria obrigado a isso. Porque a Parentalidade e as regras que ele e Marilyn tinham estabelecido eram mais importantes do que o número de meninos e meninas. Se, com o passar dos anos, Richard fosse responsável por mandar todos os meninos para o Canto, com exceção de um, e, no fim, aquele único menino se tornasse o cientista mais brilhante, focado e absurdamente original, então teria dado certo. O experimento seria um sucesso. Prova de que a mente é capaz de atingir patamares impressionantes quando privada dos elementos de distração. Mas, nesse momento, três crianças, dois Meninos do Alfabeto e uma

Menina do Abecedário, estavam em quarentena... Será que todos estavam estragados?

D, por exemplo...

Richard também havia lido o livro. Tinha exalado ódio a cada parágrafo, a raiva crescendo a cada letra que passava pela página feito passageiros de um trem prestes a destruir a obra da vida de um homem. Tinha muita merda ali. Ah, como havia ataques a Richard. Ah, como havia insinuações de que apenas um monstro seria capaz de fazer o que a Parentalidade fizera.

Muitas.

No entanto... a menção a uma mulher... no início do livro, a mulher no bar... Mais tarde, durante o monólogo extremamente longo, no qual Warren descrevia a missão da Parentalidade como se tivesse sido imaginada por um idiota... Aquilo tudo não podia parecer ficção científica para um menino como D? O que podia significar para um menino que não apenas nunca tinha ouvido a palavra *mulher*, mas que já esperava coisas criativas e fantásticas em seus livros de ficção? Qual era a diferença entre *Urgências*, de Warren Bratt, e *Pondo pão no Pomar*, de Lawrence Luxley?

Uma área indefinida. Tão grande. Maior do que a Torre, mais larga do que o Jardim. Mais extensa também do que as estradas sinuosas pelos pinheiros, as quatrocentas curvas que o próprio Warren havia percorrido a pé para chegar ao primeiro sinal de civilização, uma loja de pesca no cruzamento entre as estradas doze e treze.

Richard sorriu, mas não se sentiu bem. Queria muito saber o que Warren havia feito ao chegar lá. Com quem tinha conversado. O que dissera.

Ia obter aquelas respostas nesta noite.

Área indefinida...

B, por exemplo...

A menina confessou ter atravessado os pinheiros e descoberto a segunda Torre. Disse que estava sozinha. Disse que não viu ninguém dentro da Torre. Não fez contato com ninguém. Perguntou se era usada como depósito. Por que a menina contaria a verdade sobre uma coisa e mentiria sobre a outra? Ela chorou durante a confissão, tremendo, incapaz de articular as frases sem um visível esforço.

Burt citara muitos motivos para a menina contar apenas meias verdades.

Proteger uma irmã?

Vergonha de ter visto algo que não devia?
Medo por ter visto um menino chamado J?
Mas como B sabia do que devia ter medo?
Área indefinida.

Tão grande.

Marilyn tinha uma partida de Barcos marcada com B na quarentena. Se havia um fundo para aquele poço inimaginável, Marilyn chegaria lá.

Richard, ainda de pé, a jaqueta vermelha no tapete à frente de sua escrivaninha, sem camisa, irritado, tentou dizer a si mesmo que o problema, a doença, a ruína, tinha sido posta em quarentena. Mas como ele saberia com quantas Meninas do Abecedário B havia falado? Ou quantas estavam com ela na jornada pelos pinheiros?

Marilyn dizia que aquilo não combinava com ela. B não era do tipo que explorava.

Será que era do tipo que mentia? Escondia? Destruía uma obra-prima da psicologia?

E quantos meninos leram o livro de Warren? E a quem mais J contou sobre a *menina* em sua janela? E que outro menino olhou pela janela também?

Ah, a palavra *menina* soara tão rançosa na boca de J. Tão estranha. Como se o próprio Richard não a ouvisse havia tanto tempo que mal se lembrava de sua existência.

Barcos.

Já no terceiro drinque, Richard pensou no conhecimento se espalhando pelas Torres feito Podridões, Vês, Placadores. Por cinco minutos alucinantes, imaginou que aquelas doenças fossem reais, e não invenções da Parentalidade para justificar as Inspeções. Encarando a sala, os olhos vítreos, ele estremeceu, imaginando os Placadores nunca definidos (e com certeza nunca fotografados) contaminando cada um dos Meninos do Alfabeto, até tomarem o Jardim, onde a Menina do Abecedário, B, os pegaria e os levaria de volta até a segunda Torre. Imaginou Warren soltando a tampa de um frasco que Richard um dia havia considerado impossível de abrir. Pensou em insetos, milhões deles, correndo pelas Torres, escondendo-se em rachaduras, debaixo de travesseiros, em janelas e paredes.

Distraído, levou a mão ao braço nu, limpou os Mofos que se arrastavam por ele, tirou os Vês dos nós dos dedos.

— Mate todos eles — sussurrou.

Se aquele era o fim, Richard se recusava a sentir vergonha. Contanto

que um menino ainda estivesse limpo (e havia muitos, não?), o experimento continuaria válido.

Tentou imaginar um menino limpo em toda aquela área indefinida. Tentou se lembrar de seus maravilhosos Meninos do Alfabeto apenas uma semana atrás, antes de Warren Bratt traí-lo.

Richard foi até a escrivania, pegou o telefone e pressionou o número um. Ele e Marilyn tinham um tempo limitado juntos, sempre em um horário marcado, no Túnel de Glasgow, um esforço para respeitar a filosofia do próprio experimento. Uma parede de acrílico para separá-los um do outro.

Mas, às vezes, um toque feminino era crucial.

— Não — disse Marilyn ao atender o telefone.

— Não?

— Não vou abortar.

— Podemos começar de novo.

— O que vai ser novo, Richard?

Richard não tinha resposta para aquela pergunta. No início, era fácil contemplar múltiplas tentativas para o experimento. Mas, depois de doze anos, estava claro que aquela seria a única chance deles.

— Você está sentindo, Marilyn?

— O quê?

— A rebelião.

Silêncio. Mas Marilyn quase nunca deixava que silêncios se prolongassem.

— É hora de ser pai, Richard.

— Por falar em pai...

— Sim. O homem que encontramos no Pomar está no seu Canto agora.

— Quantas vezes ele veio aqui?

— E isso importa?

— Para mim, importa.

— Ele estava observando sua Torre havia muitos meses. Parece que o “Senhor Árvore” é um bom esconderijo.

— A gente sabe quem ele é?

— Ele não fez esforço nenhum para esconder. Contou logo de cara quem tinha vindo ver.

— Qual deles?

— Ele é o pai do J, querido. Veio tentar diminuir a culpa por ter vendido o filho.

Richard olhou para o drinque. Acreditou poder ver o gelo derretendo.

— Do J — repetiu.

Não gostou daquelas duas polêmicas cercando o mesmo menino. A probabilidade não parecia certa.

— Você consegue as respostas dele com uma partida de Barcos.

— Ah, Marilyn... Quando ele usou a palavra *menina*...

— Ele usou?

— Eu disse. Ele viu a B pela janela.

— Mas usou a palavra *menina*?

— Usou. Eu já falei, ele...

— Não. Não falou. — Silêncio. Folhas sendo manuseadas. — No livro de Bratt, *Urgências*, ele usa a palavra *mulher* setecentas vezes. *Dela*, quatrocentas e cinquenta. *Ela*, mais ou menos na mesma quantidade. Mas *menina*...

Richard levou o copo aos lábios, já sabendo o que Marilyn ia dizer, já sentindo os tijolos da Torre se soltarem mais um pouco.

— Nenhuma vez, Richard. Ele não usa essa palavra nenhuma vez.

— Ah, meu Deus.

— Onde foi que o J aprendeu essa palavra?

— Ah, meu Deus.

— Quem disse a palavra a ele, Richard? Quem a conhece... além das minhas meninas?

Barcos

Richard já estava no sétimo drinque quando começou o jogo. O céu além das janelas de seus aposentos no térreo não estava escuro, e uma típica partida de Barcos nem duraria tanto tempo.

Mas aquela não era uma típica partida.

Eu vi uma menina na minha janela.

MENINA

Richard sabia que perguntas fazer. Sabia que precisaria responder a algumas também. Mas que diferença faria contar a verdade a um menino já morto?

Eles tinham o dia todo. Afinal, nenhum pai iria buscar o garoto.

— Que tal uma partida de Barcos? — perguntou Richard.

* * *

Em circunstâncias diferentes, J teria ficado maravilhado com os aposentos do P.A.I. Os aposentos particulares, o lugar onde o homem se recolhia a fim de aperfeiçoar a Parentalidade. Em outro dia qualquer, J teria se orgulhado de ter sido levado àquele santuário.

Mas, naquele momento, J via apenas os lábios do P.A.I. abrindo e fechando, abrindo e fechando, repetindo uma única palavra absurda:

IMPURO

Ele vai explicar por que você está bem. Vai curá-lo.

Mesmo naquele instante, J se voltava para a Parentalidade em busca de conforto. A falha havia sido do menino. Não deles.

— Confortável? — perguntou o P.A.I.

O P.A.I. não olhou para ele enquanto falava. Pôs os barcos no tabuleiro, os músculos de seus braços deslizando sob a pele como uma realidade subterrânea. A voz tão gélida quanto a escada de Q.

— Estou bem — respondeu J.

Os Inspetores estavam à porta, bloqueando a visão de J.

Uma mulher estava parada perto da parede.

A M.Ã.E.? J achava que não. Mas ele não conseguia parar de olhar para ela, quem quer que fosse, por cima do ombro do P.A.I. Então, visivelmente incomodada, ela se moveu para trás de J.

— Quer beber alguma coisa, J?

O P.A.I. cheirava como se tivesse tomado uma garrafa de remédio antes de se sentar. Mas J não queria nada. Estava nervoso demais até para erguer um copo de água.

— Não, obrigado.

Água

O tabuleiro do P.A.I. era mais bonito do que os usados pelos meninos. A água da superfície era mais azul, e cada onda tão detalhada quanto se K as tivesse desenhado. Os barcos, feitos de metal, brilhavam, talvez apenas por terem sido polidos, e pareciam tão realistas que poderiam até estar carregando passageiros, estudantes do jogo, ali, para observá-los.

Para J, as águas profundas do centro do tabuleiro pareciam reais o bastante para afogá-lo.

— Você gosta de Barcos, J?

— Gosto, claro. Adoro Barcos.

J mal reconheceu a própria voz. Parecia mais jovem do que quando Z tinha sido mandado para o Canto.

— Ouviu isso, Burt? — perguntou o P.A.I., falando com a mulher parada atrás de J. — Ele adora Barcos. — Então, fitando os olhos de J, sem nenhuma emoção, sem paternidade, completou: — Vamos conectar os eletrodos.

Ambos fizeram isso, homem e menino, prendendo as pequenas borrachas ovais no pescoço, no peito e nos pulsos.

O P.A.I. apanhou o interruptor. O tabuleiro zumbiu, ganhando vida.

— Como aprendeu a palavra *menina*, J? — perguntou o P.A.I., calmo, tomando um gole de um copo que J não havia notado na mesa.

— Não dá para ganhar calado um jogo de dizer a verdade.

J conhecia bem as regras. Se mentisse, o barco não avançava. E, se o barco não avançasse, todos na sala saberiam que ele havia mentido.

— A menina na minha janela...

— Sim?

— Ela me disse a palavra.

— *Ela* lhe disse a palavra.

O barco de J avançou. Deixou uma névoa branca em seu rastro. Gotas de água de verdade caíram do tabuleiro.

J percebeu que a água no tabuleiro do P.A.I. era mesmo real.

— Obrigado — disse o P.A.I.

Ficou claro que ele já estava aguardando sua vez. Mas era a vez de J.

— O que é uma menina?

O P.A.I. respondeu sem hesitar.

— Uma menina é o sexo oposto de um menino. Ela é necessária para a procriação, já que é ela quem carrega o bebê.

Já viu algum menino novo nascendo de uma Árvore Viva?

Era a vez do P.A.I.

— Onde ela lhe disse essa palavra?

— No meu quarto.

A voz de J falhou quando seu barco avançou. Quando uma pequena luz amarela foi ligada diante da cabine do capitão, iluminando as águas mais escuras à frente.

De início, o P.A.I. não disse nada. Apenas o encarou. Como se petrificado pela bebida, seja lá qual fosse.

— Sua vez.

J viu o rubor tomar o rosto do P.A.I.

— Você sempre soube o que é uma menina?

O P.A.I. sorriu, mas não havia nada de alegre no sorriso.

— Sempre. Como ela entrou em seu quarto?

O barco do P.A.I. avançou. A luz dele também acendeu. J tentou processar o que o P.A.I. havia acabado de dizer. Sim, ele sempre soube. Então por que J não?

A Parentalidade está mentindo para a gente.

Barcos tinha um apelo todo especial para fazer qualquer Menino do Alfabeto querer dizer a verdade, mesmo que fosse só para arrancá-la primeiro do oponente.

— Ela subiu a escada de gelo do Q. Foi até minha janela.

O P.A.I. se recostou na cadeira. Solto uma risada irritada

monossilábica.

O barco de J avançou.

— Tenho tantas perguntas. Mal consigo...

— *Sua vez, J.*

A cabeça do menino rodopiava. Uma roleta de temores. Segurou o primeiro que pôde.

— Eu estou doente?

O P.A.I. não o encarou.

— Não. Não está.

— Mas eu...

— Uma pergunta por vez, J.

O barco do P.A.I. avançou, oscilando por ondas maiores.

— Com que outros meninos você falou sobre ela?

J ainda tentava entender a última resposta. Ele não estava doente? E ainda sim... impuro?

Mentiras. A voz de K em seu quarto, no escuro.

— Barcos é muito mais do que um jogo — disse o P.A.I., um brilho de orgulho nos olhos. Passou o dedo pelo tampo da mesa, no espaço entre si e o tabuleiro. Quando ergueu o dedo, gotas de água brilharam.

— É algo conhecido no mundo real como detector de mentiras. Vou perguntar de novo. Com que outros meninos você falou sobre ela?

No mundo real, pensou J. E o que era o dele?

— Nenhum deles.

O barco de J avançou, aproximando-se cada vez mais do agitado centro do tabuleiro.

— Por que escondeu a segunda Torre da gente?

— Porque eu não queria que soubessem o que havia dentro.

O barco do P.A.I. avançou. J soube que tinha feito uma pergunta ruim. Era um dos truques de Barcos: fazer uma pergunta que podia ser respondida pela metade.

— Há quanto tempo você sabe, J?

— Há quanto tempo eu sei?

— *Jogue a porra do jogo, J!*

J se recostou na cadeira. Todo o seu corpo pareceu iluminado pelo pânico.

— Ela veio ontem à noite.

O barco dele avançou.

— Por que escondeu as meninas da gente?

— Eu queria criar grandes pensadores, J. O sexo oposto impede que

isso aconteça. Homens desperdiçam a vida correndo atrás de mulheres.

O barco do P.A.I. não se moveu. A mulher pigarreou atrás de J.

O P.A.I. então disse:

— Eu achava que minha vida tinha sido um fracasso. Exatamente por causa disso.

O barco dele avançou.

— Por que sua vida foi um fracasso?

O P.A.I. bateu com o punho fechado na mesa.

— *Uma pergunta!*

O rosto do P.A.I. ficou tão vermelho quanto sua jaqueta, pendurada nas costas da cadeira. Ele deu um gole do copo e disse:

— Você falou que não contou aos seus irmãos...

— Não, não contei...

— *Não* me interrompa, seu *merdinha*.

A boca de J se fechou com força.

— Você disse que não contou aos seus irmãos, mas algum deles *viu* a menina?

J balançou a cabeça.

— Responda à porra da pergunta em voz alta, J.

— Não que eu saiba.

O barco de J chegou às águas agitadas no centro do tabuleiro. Ele sentiu a água em seu rosto. O barco afundou por um instante, antes de se reerguer.

Qual era a profundidade do tabuleiro do P.A.I.?

— Me faça uma pergunta, J.

— Você foi criado junto com meninas?

— Fui.

O barco do P.A.I. avançou, mergulhou, ficou submerso por tempo suficiente para J pensar que havia caído no chão, depois emergiu, rente ao barco de J no centro.

— Como? — perguntou J. — Como você passava nas Inspeções nessa época?

— Uma pergunta, J.

— Mas como você passava?

O P.A.I. se levantou e bateu com as mãos abertas no tabuleiro. A água fria espirrou nas mãos de J.

— A Parentalidade é uma *comunidade isolada*, J. No mundo real, existem *milhões e milhões* de crianças sendo criadas sem Inspeções. Você recebeu a oportunidade de uma vida. E a jogou pela janela.

J apenas o encarou.

Milhões.

O P.A.I. voltou a se sentar. A mesa balançou.

— Você escreveu o que sabe?

— Não.

O barco de J avançou, mas não muito. A água o empurrou de volta para o meio do tabuleiro. Apenas verdades importantes levavam um menino ao fim do jogo.

— Sua vez.

— Minha vida toda é uma mentira?

Dessa vez, o P.A.I. hesitou. Encarou por muito tempo os dois barcos boiando entre eles. Tomou um gole do drinque.

— Você sabia que existem pessoas de vinte anos no mesmo nível de leitura que o seu *atual*? Que poderia se diplomar em qualquer faculdade de matemática? Se está perguntando se mentimos para você a vida toda, a resposta é sim. Há coisas que foram escondidas de você. Muitas coisas. Mas, se está me perguntando se a pessoa que você é não é real por causa disso, a resposta seria um retumbante não. Eu diria que você e seus irmãos são mais *verdadeiros* do que qualquer menino que já existiu.

J observou o barco do P.A.I. avançar, movendo-se mais do que o dele.

— Não existem Árvores Vivas? — perguntou.

— Não — respondeu o P.A.I., relevando a pergunta dupla. — Você foi criado por um pai fraco e uma mãe assassina.

J enxugou água do rosto.

Barcos?

Lágrimas?

— Qual era o nome dela, J?

J balançou a cabeça.

— Qual era o nome dela, J?

— Não vou contar.

— Você sabe que eu nunca machucaria a menina, não sabe?

J olhou para o rosto perturbado do P.A.I. O homem parecia sentir tanta dor quanto ele. Soavam tão verdadeiras, aquelas poucas palavras. Soavam tanto como o homem que J sabia que o P.A.I. era...

— Não mesmo?

Claro que não, J! A Parentalidade protege!

— Nunca.

— Não posso.

Ele chorava. Incapaz de enxergar qualquer pessoa na sala. Incapaz de ver a sala.

Mesmo o movimento no tabuleiro era um borrão.

— Qual era o nome dela? Era B? Acho que não.

— Não posso, eu...

J enxugou os olhos, e o P.A.I. estava a seu lado. O tabuleiro se movimentou quando os fios que ligavam os eletrodos ao P.A.I. foram puxados.

— Richard! — gritou a mulher atrás de J.

Mas era tarde demais. Pela parede embaçada de lágrimas, a mão aberta. J não percebeu que caía até atingir o chão.

— Você quer ter Vês, J? Quer ter Placadores? *ME DIGA O NOME DELA OU VOU PÔR PODRIDÕES EM VOCÊ!*

J não queria se levantar. Não queria abrir os olhos. Não queria nunca mais voltar a ouvir a voz do P.A.I. como tinha ouvido ali.

E, apesar das palavras de K, apesar do que julgava verdade, de saber que Vês e Placadores não existiam... Na hora, ele pensou que talvez existissem.

E que o P.A.I. havia falado a verdade ao ameaçar contaminá-lo.

— K — respondeu, baixinho. — O nome dela é K.

Mesmo ali, naquelas circunstâncias inimagináveis, falar o nome dela foi bom.

Contar a verdade ao P.A.I. também.

E seu barco avançou. Muito.

— Boa jogada, J.

O P.A.I. estava sentado de novo, retirando os eletrodos do corpo. J se levantou um pouco, viu água escorrendo da mesa.

— Guardou a maior verdade para as águas agitadas. Isso o leva mais longe. Talvez até ganhe esta partida, no fim das contas. — O P.A.I. puxou a jaqueta das costas da cadeira. — Mas vamos parar por aqui.

Enquanto o P.A.I. vestia a jaqueta, J enxergou o vermelho como sangue, sangue *de verdade*. Como se as meninas de K e seus machados andassem pelos corredores da Torre e já tivessem passado por aquela sala.

— P.A.I.?

Mas o P.A.I. estava pegando o telefone preto de sua escrivaninha.

— O que vai acontecer com ela? — perguntou J.

Os Inspectores foram até a mesa. A mulher, para o lado do P.A.I.

— J estragou — disse o P.A.I. ao telefone. — Sua K também. Mas isso não é surpresa. K e B. São unha e carne.

Ele desligou.

— P.A.I.?

O P.A.I. seguia para a porta.

— Parecem a porra de umas baratas, vocês, crianças. Salvei vocês da morte antes mesmo de nascerem, e ainda acabo como o *vilão* aqui.

— Você disse que não ia machucar ela — lembrou J, já de pé, tropeçando até o P.A.I.

Os Inspectores logo o detiveram.

— Você pergunta o que vai acontecer com ela — disse o P.A.I. —, mas nunca pensa no que pode acontecer *comigo*.

Os Inspectores arrastaram J até a porta. O P.A.I. a abriu, depois se inclinou até encostar no nariz de J.

— Já prestou atenção no pão do refeitório, J?

J apenas o encarou. Seu único pensamento era K.

Me encontre no túnel depois que escurecer.

Fora das janelas dos aposentos do P.A.I., a escuridão se aproximava.

— Você já viu pão estragar?

Temos que fazer isso logo. Antes que mudem o jeito de fazer as coisas.

— Ele mofa, J. Apodrece.

K.

— Você *estragou*. É a única coisa a fazer com meninos que estragam é descartá-los.

O P.A.I. fez um gesto, e os Inspectores o arrastaram até a porta.

Me encontre no túnel...

K também estaria no túnel.

... depois que escurecer.

A própria voz dela, uma porta. Não fechando. Abrindo.

J estava a caminho.

Enquanto os Inspectores o levavam, enquanto ele os arranhava para se soltar, enquanto imaginava uma porta de madeira com letras vermelhas feito sangue derretendo, os nomes dos meninos e meninas, O C-A-N-T-O escorrendo até o chão, J pensou: sim, ele ia se encontrar com ela no porão depois que escurecesse.

Foi quando chegaram ao banheiro dos funcionários, aprisionados momentaneamente em uma assustadora caixa acústica, que J aceitou que os gritos agudos que os acompanharam desde os aposentos do

P.A.I. eram dele próprio.

“Mostre o que você faria”

O cheiro do porão era horrível, meio morto, meio úmido. Depois de passar toda a vida na Torre limpa e no ar fresco do Jardim e do Pomar, J não tinha com o que compará-lo. A associação mais próxima que fez foi com as roupas de inverno úmidas no aquecedor de seu quarto, mas aquela ideia não perdurou muito, com sua realidade se desfazendo a cada segundo.

O zumbido do aquecedor o levou a enfiar as unhas nos braços que o arrastavam pelos corredores de paralelepípedos. Os Inspetores não demonstraram nenhuma reação. Ou a força de J era insignificante, ou, como tinha visto brevemente em um acesso de pavor, os homens se sentiam culpados demais para afastar os pequenos dedos do menino.

J tinha certeza de que toda porta pela qual passavam era o Canto, até de fato ler as placas, os estênceis, os pedaços de papel afixados. Com os olhos da mente (furados, arrancados), viu letras de um sangue escuro, o sangue da criança, o sangue dos irmãos mortos e da Menina do Abecedário, J. Para os olhos de sua mente, as letras eram irregulares, e a palavra ficava menor à medida que era soletrada, como se o homem responsável por marcar a porta tivesse feito aquilo com pressa, para se afastar logo dela.

O CANTO

Já prestou atenção no pão do refeitório, J?

Ele ouviu alguém respirando à frente, no corredor, atrás dele, de ambos os lados. Os Inspetores? Parecia que os corredores respiravam. Como se o porão já tivesse começado a digeri-lo.

— Voltem! — gritou J. — Eu não fiz nada de errado! Vocês vão se sentir... — Ele pensou no livro *Urgências*, e em como o título que Warren Bratt havia escolhido era perfeito. — *Vão se arrepender!*

— Calma, J — murmurou Collins. — Isso também não é fácil para a gente.

Como os Inspetores pareciam *humanos* ali! Como eram menos homens e mais meninos crescidos!

Aqueles homens o protegeram a vida inteira. Aqueles homens o amaram. Ele amara aqueles homens!

Me deixe mostrar como se amarra o sapato, J.

Me deixe ajudar com as luvas, J.

Soube que você está indo bem nos estudos, J. Conte para este velho aqui, qual é seu segredo?

— São *você*s que têm segredos! — berrou J, enquanto Collins o puxava para outro corredor e Jeffrey tentava tapar sua boca com a mão.

Luxley tinha escrito sobre um *castelo gótico* em um de seus livros, e J percebeu que ele havia se baseado no porão da Torre. Lustres no alto das paredes. Pedras úmidas. Pedras suadas? *Funéreo* era uma palavra que J precisara procurar no Dicionário da Parentalidade. Adorava aquela palavra. Sonhara com a palavra muitas vezes. Até tentara usá-la em uma redação na aula de gramática. Mas, ali, era real demais. *Ele* era o foco do funeral, o menino que gritava e sangrava, prestes a morrer.

J tentou alcançar as pedras das paredes, impedir aquele avanço, mas eram afiadas, úmidas, sem padrão, e a ponta de seus dedos sangrava como as letras da porta para onde o levavam.

A cada closet por que passavam, J pensava ouvir um estalar, lábios enormes escondidos ali no porão, no mundo abaixo do seu.

J imaginou rostos tão preocupados quanto o seu em um escritório que ficou para trás.

— *TODOS VOCÊS ESTÃO MORRENDO DE MEDO!* — gritou.

Então, rapidamente, passos de botas recém-chegadas foram ouvidos à frente. Um borrão vermelho no coração negro do porão.

— Uma combinação perfeita — disse o P.A.I., liderando-os, de costas para J e para os Inspetores que o arrastavam. — Deixem os dois brincarem juntos no Canto.

Será que K já estava lá? No Canto?

— Jesus amado... — exclamou Jeffrey. — Olhe os dedos dos pés dele!

Os pés de J sangravam muito. O corte no dedão do pé direito chegava quase ao osso. Mas ele ainda tentava se firmar no chão. Tentava diminuir o ritmo do funeral, de *seu* funeral, do fim de seu livro de urgências.

Onde estava Q? L e D? Será que sabiam que ele fora mandado para o

Canto? Será que choraram? Será que achavam que ele merecia porque assim a Parentalidade quisera?

— Vocês não têm que fazer isso! — gritou J para os Inspetores. — Se ele mente para nós, deve mentir para vocês!

O P.A.I. se deteve. Virou para encarar J. À luz da lanterna, seu rosto parecia mais o de um estranho do que parecera na manhã anterior, quando havia descoberto sobre o livro incrível de Warren Bratt.

— O que você disse, J?

Os Inspetores também pararam.

J, nu, suspenso nos braços dos Inspetores, olhou para Collins.

— Vocês não têm que fazer isso.

Collins desviou o olhar, e, ao fazer isso, revelou, atrás dele, na parede, uma seta pintada de um vermelho-vivo como as luvas do P.A.I.

J sentiu esperança.

TÚNEL DE GLASGOW:
APENAS RICHARD

Ah, K, ah, K, ah, K.

E, atrás do P.A.I., J viu a entrada desse mesmo túnel. Um buraco na parede. Escuro demais para um closet, largo demais para uma porta de escritório.

— Soltem o menino — pediu o P.A.I.

Collins e Jeffrey apenas o encararam. Será que o P.A.I. havia mudado de ideia?

— Está falando sério? — perguntou Collins.

— Sempre falo sério.

Os Inspetores soltaram J.

J esfregou os ombros e as axilas nos lugares por onde o seguraram.

— E o que você faria — indagou o P.A.I. — se não me escutasse, se pudesse decidir sozinho? Hein? Para onde iria?

O P.A.I. abriu os braços, ridicularizando J com falsas opções.

J olhou para o Inspetor Collins. Para o Inspetor Jeffrey. Como pareciam diferentes sem os cães atrás deles. Como pareciam diferentes, abatidos e culpados contra as paredes do porão.

— Mostre para nós — pediu o P.A.I. — Mostre o que você faria.

J ajeitou a postura, respirou fundo.

Então correu.

Passou pelo P.A.I. enquanto o homem esticava os braços para apanhá-lo.

J virou à direita, entrou na escuridão do túnel e se sentiu livre por um instante, invisível tanto para o P.A.I. quanto para os Inspetores, indetectável pela Parentalidade, *não mais ali*. Atrás dele, já muito atrás, ouviu o eco de passos no cascalho.

— K! — gritou J.

Sua voz retornou, engolida e repetida pela garganta do túnel.

K!...K!...K!...K!...K!...K!

Os passos atrás dele perdiam velocidade, perdiam volume.

K!...K!...K!...K!...K!

Ele estava quase livre, ao que parecia, livre na escuridão.

K!...K!...K!...K!

Me encontre no túnel depois que escurecer.

— K! Estou aqui!

A risada do P.A.I. atrás dele, o bufar dos Inspetores. Será que estavam próximos de novo?

— K! — gritou ele.

E K respondeu. A voz de K no túnel. *Ali*.

Mas era tarde demais para que ele entendesse que era um alerta.

— J, *PARE!*

O nariz dele bateu primeiro no acrílico, o impacto esmagando a lateral de seu rosto. O resto do corpo foi junto. Os dentes, as bochechas e o queixo se chocaram contra a divisória.

K voltou a gritar o nome dele quando J foi jogado para longe da parede e caiu com força no chão de terra.

Luzes se acenderam.

Deitado de costas, J levou a mão ao nariz ensanguentado. Pelos olhos cheios de lágrimas, viu o que tinha atingido. Viu K do outro lado. E, atrás dela, um espelho da escuridão pela qual havia corrido.

Enquanto o sangue escorria de seu nariz e demarcava seus lábios, J sorriu.

Me encontre...

Mas K estava apontando para trás dele, dizendo para ele se levantar, **LEVANTAR, LEVANTAR!**

Havia sangue em K também. Rosto e cabelo ensanguentados. Mãos e braços.

— Que aconteceu com você? — perguntou J, tentando se levantar.

Mas K balançava a cabeça. *Não, não. Volte. Não pense em mim.*

Não se distraia comigo.

Os Inspetores o derrubaram no chão, seus dentes bateram uma segunda vez.

K esmurrou o vidro.

Não se preocupe, tentou dizer ele. *Não se preocupe, K!*

Uma mão cobriu sua boca, depois seus olhos. Então ele foi arrastado de novo. De volta.

Por entre aqueles dedos, viu a cor vermelha correr até a divisória de vidro. Viu o P.A.I. apontando para K. Viu K esticar a mão para a terra do túnel. Ouviu o P.A.I. gritando com ela.

As luzes se apagaram. J afastou a mão que segurava sua boca.

— ME SOLTEM! — gritou.

Mas eles o tiraram do túnel, levaram-no de volta para os corredores de pedra. Depois mais para dentro do porão.

J, cego e sangrando, pensou na fisionomia do P.A.I. pouco antes de as luzes do túnel se apagarem. Viu o medo e a perplexidade no rosto do homem.

Ele parecia mais assustado do que K.

Quando Collins por fim tirou as mãos dos olhos de J, alguém puxou o cabelo do menino com força.

O P.A.I. outra vez. Aproximou o nariz do rosto ferido de J.

— Como se sente sabendo que a única decisão que tomou sozinho foi ruim?

Mas o P.A.I. não esperou uma resposta. Olhou rápido para o corredor, de volta para o túnel.

J ouviu algo rangendo atrás dele. Jeffrey abriu uma porta. O menino esticou o pescoço o bastante para ver algo que achou que nem mesmo Lawrence Luxley podia ter imaginado: duas paredes no porão que se encontravam estavam virando e revelando uma sala secreta.

E não importava que a porta fosse diferente de tudo que ele havia sido criado para temer. Não importava que não tivesse placa alguma.

Era o Canto, não importava o que J pensasse.

— Desculpe — disse Collins.

J caiu ao ser empurrado com força para dentro da sala. Então viu uma luz fraca ao longe, sentiu um piso de concreto abaixo de suas palmas arranhadas e ouviu uma respiração sibilante a apenas alguns metros.

— K?

Mas sabia que ela não estava ali com ele.

Enquanto o P.A.I. gritava para os Inspetores o acompanharem, a porta se fechou.

— Não — respondeu uma voz. — Não sou K.

J estava fraco demais para temer aquilo.

— Quem está aí?

Um homem se inclinou para a frente, sentado no que os olhos de J reconheceram como um banco de madeira. O homem usava óculos quebrados, com o rosto e os braços tão machucados quanto os de J.

— Lawrence Luxley — disse o homem. — Já nos conhecemos. — Os olhos de J ainda não haviam se ajustado o suficiente à escuridão para ver o sorriso triste. — Mas pode me chamar de Warren.

Duas lápides no escuro

— Meu Deus... — exclamou Warren. — Eles nem deixaram você se vestir? Vamos, sente-se aqui.

Sua voz estava rouca. Como se tivesse gritado.

— Não mereço ficar aqui — disse J.

— Se tem alguém que sabe que você não merece, sou eu.

À luz fraca da segunda sala, J viu duas lápides na terra.

— Sente-se aqui — pediu Warren.

J se sentou, sentindo os armários de metal frio nas costas, alívio nos pés ensanguentados.

— Acho que eles foram atrás de K.

— Onde ele está?

— Ela — disse J.

Warren ficou em silêncio. Depois soltou uma risadinha.

— Meu Deus. As coisas mudaram rápido por aqui.

— Ela foi até meu quarto. Descobriu tudo. Tudo que você estava tentando nos contar.

— Então você leu o livro?

— Parte dele. — E J deu a Warren o elogio mais exausto, mais significativo e insignificante que o escritor já havia recebido. — É o melhor livro do mundo.

— Obrigado — respondeu Warren, reprimindo muitas emoções. — Você não parece tão surpreso por descobrir que Lawrence Luxley é também Warren Bratt.

J olhou a escuridão, os olhos ainda se ajustando.

— Só estou preocupado com a K.

— Eu entendo. Mas se preocupe conosco também. Devemos ter mais uns dez minutos de vida.

Silêncio.

— O que vai acontecer com a gente? — perguntou J.

— Não sei bem. Mas não pode ser pior do que viver lá em cima.

J entendeu.

— Vamos morrer aqui dentro?

— Vamos.

J olhou para a luz débil emanando de uma segunda sala, mais ao fundo. Ela chegava até ali, curvando-se sobre um degrau de concreto feito um pedaço de tecido amarelo. No limite daquele brilho, J viu a sola de dois sapatos.

Ele se sentou depressa.

— É uma pessoa! Quem é?

Ele correu até o corpo no chão. Quando o virou, viu que era um homem. Velho o bastante para ser um Inspetor. Velho o bastante para ser o P.A.I.

J se afastou do sangue seco no peito do homem.

— Acho que é um dos pais de vocês — disse Warren.

— O que isso quer dizer?

— Um dos pais *de verdade*. Veio ver se estava tudo bem com o filho. Não morreu há muito tempo, eu acho. Talvez minutos antes de eu chegar.

J se aproximou do corpo de novo, tocou a cabeça, os ombros do homem. Abriu os olhos mortos com os polegares. Voltou a fechá-los.

Pensou no vulto agachado atrás do Senhor Árvore, muito abaixo de sua janela no oitavo andar.

— Vamos morrer igual a ele — disse J. — Assim mesmo.

— Bom — respondeu Warren —, eu deveria saber mais do que sei sobre isso. Mas acho que a porta por onde passamos vai abrir. Alguém vai entrar. E, sim, vão nos matar.

J se levantou rápido.

— Então não vamos deixar!

Um rangido soou no corredor, e J e Warren ficaram imóveis.

— É a Parentalidade — sussurrou Warren. — Ainda está respirando.

Encararam a porta por um bom tempo.

— Temos que tentar sair daqui — disse J. — Quando eles entrarem. Quando a porta abrir.

Warren balançou a cabeça.

— Você pode tentar. E, meu Deus, espero que consiga. Mas eu? Não mereço sair daqui. Sou um dos monstros que mentiram para você.

— Mas você tentou ajudar!

— Tarde demais.

J foi até ele no escuro, os instintos dizendo que ele precisava que aquele homem o ajudasse, que não conseguiria sair daquela sala sem a ajuda de um adulto, um homem, um membro da Parentalidade.

Ainda esperava que a Parentalidade o protegesse.

Mas a porta do Canto se abriu antes que J chegasse até ele.

J se virou rápido, estreitando os olhos contra a luz do corredor. Warren falou primeiro, e o medo em sua voz pôs mais medo em J do que a figura encapuzada que entrou.

— Não consegue olhar em nossos olhos, seu covarde? Tinha que usar um capuz?

— Você — disse a figura, apontando uma ferramenta para Warren.

— Vá para o canto.

J reconheceu a ferramenta de um dos desenhos de K. Mas não sabia para que servia.

Ele se afastou dela, andando em direção ao canto da sala.

— *Você, não.*

Warren se levantou.

— Vai ter que me matar onde estou. Não vou até a porra do canto. Quem é você? Collins? Jeffrey?

A figura ergueu a ferramenta até a cabeça de Warren.

— Não! — gritou J. — Por favor! Ele tentou me ajudar! Ele tentou *ajudar!*

— É a última coisa que eles querem ouvir agora — berrou Warren. Ele cerrou os dentes e fechou os olhos. — Vamos! Me mate!

Mas a figura baixou a ferramenta e virou a cabeça encapuzada para J. E, ao fazer isso, J sentiu o cheiro de algo doce o bastante para sobrepujar o desespero.

Não tinha como saber que a fronha estava sendo usada do mesmo modo que Marcia Jones havia usado no livro *Mentirinhas*, de Judith Nancy. Mas teria notado aquele aroma mesmo em uma floresta.

— K?

— Não — disse a voz. A inconfundível voz de uma menina. — Sou a Q.

Ela tirou a fronha, revelando a terceira mulher que J tinha visto na vida.

Warren abriu os olhos.

— A K está bem? — perguntou J, impressionado, sem fôlego.

— Quem é ele? — Ela indicou Warren com a cabeça.

J viu que o rosto de Q estava tão sujo de sangue quanto o de K do outro lado do vidro no túnel. Entendeu que ela já havia matado naquele dia. Talvez muita gente.

— Este é Warren Bratt. Ele está com a gente.

Ela encarou Warren.

— Pode nos tirar daqui?

— Quer saber se posso levar vocês para o mundo real?

— Isso.

— Posso. Claro.

— Está bem — disse Q. Ela baixou a ferramenta. — Então tire a gente daqui.

Warren foi até a porta do Canto.

— Onde está Richard agora? — perguntou a ela.

E, pelo tom da pergunta, J entendeu que Warren também planejava matar naquele dia. Talvez muita gente.

— Nós temos um plano — disse ela.

— Nós?

Q assentiu.

— Todo mundo está com a gente.

Rebelião

Mais cedo naquela manhã, enquanto J ainda dormia o sono agitado do conhecimento, K saiu do quarto dele sem fazer barulho. Não tinha medo de encontrar alguém da equipe. Se alguém a visse, ela mataria a pessoa.

Teve essa chance antes de sair do prédio.

Ao passar pelo Salão dos Corpos e pela porta vaivém da cozinha, ela parou e ficou imóvel, encarando um homem que segurava um prato enquanto a pia atrás dele enchia.

— Ei — disse o homem. — O que está fazendo aqui?

K andou em sua direção, em uma linha reta, como se nada que ele pudesse fazer fosse assustá-la.

Ela viu os olhos dele irem de um canto a outro da cozinha, talvez em busca de ajuda.

Viu como os lábios dele se abriram, prontos para gritar, anunciar a chegada de uma menina na Torre dos rapazes.

E se viu também cortando o pescoço do homem com uma faca da estante magnética a menos de trinta centímetros de onde ele estava, viu a pele do pescoço se dividir facilmente.

Ele caiu de joelhos.

K o segurou pelas costas da camisa branca e o arrastou pela porta dos fundos até o Jardim. Foi só quando o enterrou debaixo de folhas de pinheiros e neve que se permitiu pensar: *Você matou seu primeiro adulto.*

Ficou grata pelo homem da cozinha. Por lhe mostrar como era fácil.

Sabia que estava pronta para mais.

Duas horas depois de voltar para sua Torre, ela já sabia que a maioria das Meninas do Abecedário também estava.

Algumas das meninas se recusaram a acreditar no que ouviam. Outras acreditaram, mas não queriam participar. No total, quatro decidiram ficar no quarto de W até tudo acabar. G ficou de vigia para que nenhuma delas fosse contar à M.Ã.E.

E estava particularmente histérica. A notícia ia contra sua natureza

de inúmeras maneiras: ela havia moldado toda a imagem de si mesma como um reflexo da M.Ã.E. Até como respondia àquelas informações absurdas.

— K — disse ela, tentando manter um sorriso civilizado. — Você está me *assustando*.

K não tinha tempo de convencê-la. Em vez disso, com a ponta da faca encostada nas costas de E, forçou a irmã a entrar no canil que havia na sala de Exames do quinto andar. Não disse nada encorajador ao sair, não tentou acalmá-la.

Simplesmente não havia tempo.

Q ajudou muito. Inclusive tirou B da quarentena, basicamente destrancando uma sala do térreo e deixando B sair. B, com dificuldade de se desapegar da antiga vida, apesar de ter ficado do lado de K e Q, disse que tinha uma partida de Barcos marcada com a M.Ã.E.

— Não mais — explicou Q. — Nunca mais.

As meninas começaram pelo porão da Torre. A princípio, algumas delas repudiaram o que K e Q estavam fazendo. Mas o derramamento de sangue revelou mais do que as cores correndo nas veias das funcionárias da Parentalidade. Em cada escritório que entravam, as Meninas do Abecedário viam mais e mais evidências das mentiras que K, B e Q conheciam. Uma coisa chamada “Relatório Burt” acabou com muitas dúvidas. E a rele lápide da irmã J (no Canto!) cuidou do resto.

Com o apoio das outras Meninas do Abecedário, o trabalho de matar adultas foi bem mais rápido. Mas não transcorreu sem repercussões emocionais.

Aos prantos, Q e P cortaram a garganta de duas mulheres que trabalhavam em uma sala chamada de prensa. Na contabilidade, F e H seguraram uma mulher muito mais velha enquanto B lhe dava diversas facadas no peito. Uma faxineira assobiante levou uma paulada no nariz, desferida por uma R histérica. Z estrangulou uma enfermeira com as próprias mãos. Depois tremeu pelos cinco minutos seguintes.

Elas cantavam durante a tarefa, unidas pelo mantra que K lhes dera, as vozes manchadas pelo terror:

— *Peguem... de... volta.*

As três palavras podiam ser ouvidas em quase todos os corredores do porão, enquanto as funcionárias eram subjugadas pelas Meninas do Abecedário, armadas com tudo — de facas a pesos de papel.

Sangue jorrava nos escritórios, das mulheres que ainda não sabiam que a Parentalidade havia sido aberta à faca. Sangue nas paredes de

pedra. Sangue nas portas dos closets. Marcas de mãos ensanguentadas em todas as portas.

No térreo, dizimaram as cozinheiras, as professoras, as faxineiras. B arrancou as entranhas de uma enfermeira com um facão. Q semidecapitou a professora Ullman com uma pá. Passaram um longo tempo escondidas. Esperando nas sombras dos corredores. Espreitando ao lado das portas. Ouvindo o que em outras circunstâncias seriam apenas os movimentos e gestos cotidianos da Parentalidade.

E também vasculharam.

K encontrou a Inspetora Krantz no mesmo banheiro das funcionárias pelo qual haviam passado ao sair do porão.

Reconheceu as botas sob a porta da cabine e não hesitou ao abri-la com um chute. O metal reto quebrou o nariz da Inspetora, dando a K a imediata satisfação de ver sangue instantâneo. Enquanto Krantz levava as mãos ao rosto, K quebrou o crânio dela com um machado. Então o quebrou de novo. E mais uma vez. Até a mulher desabar ao lado da privada, espremida entre a louça e a porta da cabine.

Q bateu a porta de uma sala de aula contra a cabeça da Inspetora Rivers até ela parar de gritar por socorro.

K usou uma serra em Judith Nancy.

A escritora de ficção estava dormindo em um quarto próximo dos aposentos da M.Ã.E. Acordou com um formigamento, seguido de uma dor alucinante, com K rompendo a pele de sua barriga, a serra para a frente e para trás, mais fundo, mais fundo.

— Que está *acontecendo*? — gritou Nancy. E então: — Você.

Como se, mesmo em meio àquele sofrimento inimaginável, ela admitisse ter previsto aquilo.

B e Q esfaquearam os olhos de Nancy. As orelhas. A boca. K quebrou os dedos dela e, chorando, disse:

— Você nunca mais vai escrever!

Mas a mulher já estava morta.

Depois de tanta matança, as Meninas do Abecedário se reagruparam diante do Salão dos Corpos. Pela primeira vez na vida, sentiam a força que tinham juntas. K pediu a B que soltasse E. Que dissesse a G para liberar as outras quatro irmãs do quarto de W. Não havia mais ninguém além das Meninas do Abecedário para avisar.

Que a M.Ã.E. descobrisse. Que viesse atrás de K.

Vinte minutos depois, quando o primeiro tom de cinza despontou no céu e anunciou o pôr do sol pelo corredor de vidro, a M.Ã.E. saiu de

seus aposentos e encontrou um bando de Meninas do Abecedário armadas e ensanguentadas, os olhos absurdos, sem inocência. Mas Marilyn não era tola. Suas meninas olhavam para ela, pela primeira vez, *em seus olhos*, após terem sido iluminadas por alguém, alguém que descobrira a verdade sobre suas vidas.

Não precisava que Richard lhe contasse que tinha sido K. Aquilo ficou claro quando a menina se adiantou para falar com ela.

— Suba.

A M.Ã.E., por doze anos acostumada a dar ordens, a moldar a mente delas como bem entendesse, não se moveu. Em vez disso, fechou a cara.

— Quem você pensa que é? Aja com bons modos agora mesmo.

Então, talvez porque nada tivesse mudado nos olhos das meninas, e certamente não nos de K, ela tentou voltar para o escritório, mas B cortou sua mão até o osso com uma ferramenta, reconheceu Marilyn, usada no Jardim. Quando o sangue jorrou na roupa que ela havia escolhido para a partida de Barcos com a mesma menina que acabara de lhe cortar a mão, a M.Ã.E. gritou. Um som horrível e breve que as meninas nunca esperavam ouvir de seus lábios.

— Suba — repetiu K.

* * *

A gravidade da situação era evidente, mas Marilyn ainda pensava na própria mão. Pensava em B, que a havia cortado. B, que devia estar em quarentena. B, que devia ter sido mandada para o Canto na noite passada, ao confessar. Será que ela e Richard tinham enlouquecido? Iludidos demais pelas mesmas crianças que criaram com tanto empenho?

— A — chamou K, dirigindo-se à irmã com a voz mais madura. — Fique de guarda no escritório. Se o telefone da mesa tocar, atenda. Finja ser a M.Ã.E. Combinado?

— Combinado.

A, coberta de sangue, entrou no escritório da M.Ã.E. e, depois de hesitar um pouco, sentou-se na grande cadeira diante de uma grande escrivaninha. Algumas das outras meninas olharam para os aposentos da M.Ã.E. — ainda impressionadas, mesmo depois de tudo.

Então K levou uma faca até as costas da M.Ã.E. Marilyn não precisou ouvir a ordem de novo. Deixou que as meninas a guiassem até

o elevador. Q apertou o botão. Quando as portas se abriram, a M.Ã.E. tirou os óculos e se virou para sorrir para suas meninas. Seus olhos pareciam muito mais velhos do que na última vez que elas os viram.

— O que tem lá em cima? — perguntou ela.

— Podemos mentir para você — disse K. — Por doze anos, se quiser. Podemos inventar que tem uma coisa lá em cima. Podemos esconder palavras de você e fingir que não vamos fazer o que faremos. Ou você pode entrar agora e acabar com isso logo.

A M.Ã.E. fechou a cara.

— E quem você acha que é responsável por toda a sua inteligência, K? Quem lhe deu condições para planejar tudo isso? Sua mãe, sua mãe *de verdade*, estava pronta para matar você.

Y manteve as portas do elevador abertas.

— Entre — disse K. — Para o telhado.

— O telhado? — perguntou a M.Ã.E. Mais de uma menina levou um susto ao ver o medo nos olhos dela. L até apontou. — Mas por que o telhado, querida?

B cortou a barriga de Marilyn. O sangue emergiu do macacão branco. A M.Ã.E., que ainda segurava sua mão, voltou a gritar.

Então várias meninas a empurraram para o elevador ao mesmo tempo. Mas apenas K, B e Q subiram com ela.

Enquanto as portas se fechavam, a expressão estoica das meninas que ficaram desapareceu, e Marilyn percebeu que tudo aquilo fora planejado. Mesmo aquilo. As três meninas e ela. Subindo.

— Faz muito tempo que você não entra em um elevador — disse ela para K.

Uma saída diplomática de última hora?

Foi Q quem apertou o botão do último andar, e foi Q quem saiu primeiro, segurando uma lâmina comprida contra o peito da M.Ã.E. enquanto K e B a forçavam para fora do elevador.

— Suba — disse K, indicando a escada no fim do corredor.

— Para o telhado — repetiu a M.Ã.E.

— Dá para ver os Placadores de lá — lembrou B.

— Não me venha com...

Q cortou o tornozelo da M.Ã.E. com a lâmina. Ela gritou.

— Suba — repetiu K.

Marilyn tentou andar com dignidade, os ombros retos, o queixo alinhado com o chão. Mas o tornozelo, o punho, a barriga, tudo a fazia tropeçar.

B subiu a escada na frente.

— Quero que pensem bem no que estão fazendo — pediu a M.Ã.E.

Q fez como se fosse cortá-la outra vez, mas ela afastou a mão da menina com um tapa.

— Eu já vou. *Já vou.*

K e Q a seguiram.

No telhado, o pôr do sol era ainda mais evidente. K pensou: *Me encontre no túnel depois que escurecer.*

— Para a beira.

— Não — respondeu a M.Ã.E., erguendo mais o queixo.

Q cortou a coxa da mulher.

Marilyn caiu no chão. Tentou agarrar a perna com as mãos, mas a que B havia cortado simplesmente não funcionava. Ela gritou, olhando para o céu, enquanto Q fazia um corte em seu peito.

Então, talvez por um instinto maior do que a educação dela, Marilyn tentou se arrastar e se salvar. As meninas não se maravilharam com a vontade de viver da M.Ã.E. Na verdade, assentiram à medida que ela se aproximava do exato local em que queriam que ela estivesse.

Ao chegar, a M.Ã.E. pareceu reconhecer, de longe, que não podia ir além. Ela sorriu. Talvez a expressão mais calorosa que as meninas já tivessem visto em seu rosto.

Ela tinha se arrastado até o Canto.

— Estragada e podre — disse Q.

As outras meninas não riram. No entanto, abaixo delas, ouviam-se vozes, algumas mais animadas do que outras.

Quando olhou pela beira da Torre, a única mão que funcionava agarrada ao canto onde duas hastes de metal se encontravam, a M.Ã.E. viu o rosto das outras Meninas do Abecedário olhando para cima. Estavam paradas em torno de um buraco no chão, um buraco enorme, e seu primeiro pensamento foi: *Você pode dar uma olhada nisso, por favor, Krantz?*

Mas foi a M.Ã.E. que olhou para ele, já que certa vida se manteve em sua cabeça ainda depois de K separá-la do corpo com um machado.

Ela quase conseguiu contar os tijolos da Torre enquanto a cabeça caía no Jardim.

A última coisa que viu foi uma lápide improvisada nas mãos de uma das meninas — mas qual menina ela não sabia mais dizer. Com certeza era um túmulo indigno de uma mulher como ela. A lápide tinha três letras em minúsculas e mais nada:

m.ã.e.

Ela só teve tempo de tentar entender, para falar as três letras, antes que a vida por fim a deixasse, o cérebro secasse e a cabeça batesse na terra, com um baque pegajoso. Se tivesse mais um minuto de raciocínio, talvez tivesse notado o arco perfeito da queda, a profundidade perfeita do túmulo.

Um experimento de execução perfeita, conduzido por suas brilhantes e precoces Meninas do Abecedário, sem nenhuma distração.

Vingança

Depois que J foi empurrado para o Canto, Richard, ladeado pelos dois Inspetores, voltou à entrada do túnel, onde o telefone se prendia à parede de pedra.

A Menina do Abecedário K estivera do outro lado do vidro do túnel. Coberta de sangue.

De quem?

Isso não é uma rebelião, disse a si mesmo. *É um incidente isolado, e já cuidei de J. Agora vou cuidar de K também.*

Os outros meninos estavam isolados. Confinados em seus quartos. Não bastava J ter dito que nenhum outro vira a menina, mesmo com o jogo tendo mostrado que a frase era sincera. Talvez J não soubesse quem havia visto o quê. Richard descobriria.

Mas, primeiro, por que Marilyn não estava atendendo o telefone?

Pensou em encerrar todo o experimento. Pensou em juntar todos os Meninos do Alfabeto, alinhá-los diante dos tijolos da Torre e atirar neles, um por um.

Será que devia entrar em pânico?

Desligou o telefone. Não *queria* entrar em pânico. J estava no Canto. Com certeza K tinha escapado do próprio Canto. Com certeza seria posta lá de novo.

Pensou em mandar os Inspetores para a segunda Torre. Mas não. Isso comprometeria todas as meninas de Marilyn.

O que mais poderia fazer além de subir? Ligar para Marilyn de novo, do escritório?

— Vigiem o Canto — pediu a Collins e Jeffrey.

Já tinha inventado uma explicação para a ausência de J quando chegou ao térreo. Ele a refinou no elevador para o terceiro piso. J simplesmente não se encaixava ali. Tinha sido mandado para uma outra Parentalidade, onde meninos como ele podiam crescer bem. A vida exige que superemos a tristeza, meninos, meus meninos. Perdendo e vivendo. Vivendo e aprendendo.

Não podia contar a eles sobre J e o Canto. Não ainda. Precisava de

mais informações dos outros meninos antes de paralisá-los com pesadelos vivos.

Nenhum homem aguenta toda essa culpa.

Warren dissera aquilo para ele mais cedo, quando Richard o levara da quarentena para o Canto. Mas tinha sido outra coisa dita pelo troll gordo que de fato o enojara.

Mulheres não distraem, Richard. Mulheres inspiram.

Enquanto o elevador subia, Richard lembrou a si mesmo que era de fato um grande pensador. Citou os discursos que fizera, os eventos que planejava, os garotos que criara.

Ah, como os funcionários deveriam reverenciá-lo! Tudo que havia feito por eles! Tudo que tinham visto Richard fazer.

Não tinha como saber que tanto Collins quanto Jeffrey haviam sido mortos pelas Meninas do Abecedário Q e B, na frente do Canto onde Warren e J estavam presos.

Não tinha como saber que um ancinho fora enfiado na barriga de Gordon, que ele estava caído no carpete branco do Salão dos Corpos.

Você não pode se considerar notável, pensou Richard, sem se decepcionar com as pessoas a sua volta.

E, ah, que decepção J tinha sido no fim das contas.

Quando o número três acendeu e a campainha anunciou sua chegada, Richard já havia se convencido de que a Parentalidade voltaria a se estabilizar. Talvez até ficasse mais forte graças àquilo.

Saiu do elevador e entrou no corredor.

Parou.

O corredor parecia o mesmo. As portas e o piso.

Então o que havia de diferente?

Richard cheirou o ar. Talvez fosse a mudança de andar, as caixas de pertences fora do lugar, desprendendo estranhos aromas.

Ele esperou. Não gostava daquilo. O que quer que fosse. Não gostava.

Foi primeiro para o quarto de F e abriu a porta. Ali dentro, F, o menino, e F, a menina, estavam lado a lado, olhando para ele.

Empunhando facas.

Uma visão tão impossível quanto A e Z ressurgindo dos mortos.

Um Menino do Alfabeto e uma Menina do Abecedário.

Juntos.

— Oi, Richard — disse F.

Ele balançou a faca.

Richard saiu correndo do quarto. Foi para o de X e o abriu.

X, o menino, e X, a menina.

Empunhando facas.

Não entre em pânico. NÃO entre em pânico. Se um menino estiver a salvo, SÓ UM MENINO...

Richard foi até a porta de G e a abriu com um chute. Antes que visse G, o menino, e G, a menina, andando em sua direção, carregando machados, a porta da escada se abriu no fim do corredor.

W, o menino, de mãos dadas com W, a menina.

D, o menino, e D, a menina.

— D — disse Richard, a autoridade em sua voz perdida para sempre —, você foi um *menino mau*!

Arruinados, Richard. Todos eles.

Não... Só este andar... Só este andar...

O que você vai fazer? Começar de novo?

— Impuros! Todos vocês estão impuros! — berrou ele, andando de costas para a porta da sala de Exames. — Todos vocês têm Placadores! Está feliz, F? *PARE DE SORRIR! PARE DE SORRIR PARA MIM!*

Richard avançou sobre ele, e F o esfaqueou.

Boquiaberto ao ver o sangue de suas entranhas, o sangue em seus dedos, Richard olhou para Q, seu Q. Quando Q havia aparecido ali?

— Meu menino...

Quando *todos* tinham aparecido? O andar estava cheio. E mais chegavam pela porta da escada.

— Inspeção — gritou a menina B.

Richard olhou para ela.

Está coberta de sangue. Onde está Marilyn?

— Inspeção.

Todos diziam aquilo. Todos os meninos e meninas.

— O que vocês vão fazer? — perguntou Richard.

— INSPEÇÃO! — gritaram todos eles.

Na extremidade do corredor, as portas do elevador se abriram. Quando ele havia descido?

Dentro dele, J. As Meninas do Abecedário K e Q.

Warren Bratt.

— Warren — disse Richard. — Não, não. Você não pode participar disso. Isso é... Isso é *assassinato*, Warren. Você não concordou com isso! Pense em sua vida! Está desperdiçando sua vida!

— INSPEÇÃO! — gritaram os meninos e as meninas.

Quarenta e nove.

— Entre na sala de Exames — ordenou a menina B.

Mas podia ter sido qualquer um deles.

— Marilyn previu que vocês se rebelariam aos vinte anos — disse Richard, tremendo, uma das mãos na porta da sala de Exames. — Mas aqui estão vocês, aos doze. — Então, um sorriso. — Viram como estão avançados? Meus meninos...?

As crianças se aproximaram dele. Armadas. Todas elas.

Ele abriu a porta da sala de Exames e olhou para a maçaneta.

— Essa porta nunca abriu pelo lado de fora. Quem inverteu as trancas?

Da multidão, ninguém levantou a mão.

Com lágrimas nos olhos, Richard assentiu.

— Esses são meus meninos.

Entrou na sala. Virou-se para encará-los.

— O que vão fazer sem mim?

Mas ninguém respondeu.

E J fechou a porta. E K a trancou.

Do lado de fora

Dois dias depois de trancar Richard na sala de Exames do terceiro andar, Warren e as quarenta e nove crianças descobriram uma cabana a um quilômetro e meio da Torre das meninas, em meio aos pinheiros. Dentro, encontraram três homens dormindo. A cabana cheirava a álcool e cigarro. Warren os reconheceu como funcionários clássicos da Parentalidade: ex-prisioneiros que precisavam muito se esconder.

Ele os acordou enquanto as crianças esperavam diante da porta da cabana. Disse que seus empregadores haviam sido mortos e que eles deviam juntar suas coisas e ir embora se não quisessem ter o mesmo fim.

A única pergunta que os três fizeram foi como podiam tirar o dinheiro de suas contas pessoais. Warren explicou. Então, somente com uma mala de roupa cada um, eles saíram da cabana, dos pinheiros e da Parentalidade.

Os meninos e as meninas passaram mais um mês nas duas Torres. Warren disse que precisavam fazer isso. Precisavam comer. Arrumar as malas. Planejar. Não podiam simplesmente deixar aquele mundo e entrar no outro. Precisavam de algumas orientações. Algum conhecimento. Precisavam saber as regras do mundo real, mesmo que tudo fosse parecer irreal.

Todos leram *Urgências*. De cabo a rabo. Meninos e meninas.

A maioria evitava o terceiro andar da Torre dos rapazes, mas nem todos. Nos primeiros dias da estadia, alguns gostavam de ouvir o homem moribundo gemendo de fome do outro lado da porta de metal. E, quando os gemidos se tornaram débeis chamados, alguns meninos e meninas entraram escondidos na sala. Só para ver.

- Ele continua vestido de vermelho.
- Magro feito um caderno azul.
- O cabelo está mais comprido, as unhas também.
- Parece uma estátua. Preso naquela pose.
- Tentando pegar.
- Tentando pegar uma lupa no chão.

Warren não precisava ver aquilo, mas entendia por que os meninos e as meninas precisavam. Seus relatos foram ficando mais nojentos, e, na mesma proporção, uma noção de justiça ia crescendo.

K e J não evitavam a sala de Exames do terceiro andar. Assim como não evitaram os sentimentos que estavam tendo um pelo outro. De certa forma, era fácil de identificar: o fato de terem se conhecido tinha sido o catalisador para a liberdade que todos se preparavam para apreciar. Mas, por outro lado, era difícil entender as urgências, os sorrisos suaves, o desejo infinito de beijar os lábios um do outro, de ficar de mãos dadas no Pomar, de se deitar um ao lado do outro à noite.

Ninguém tinha tanto medo do mundo real quanto K e J. Mas, se havia uma coisa que o fim da Parentalidade os havia ensinado, era que um menino e uma menina não poderiam ser corajosos se antes não sentissem medo.

Os outros perceberam aquilo. Os irmãos e as irmãs os procuravam para que eles os acalmassem. Então K e J se esforçavam ao máximo para fazer isso.

No entanto, apesar do homem morrendo aos poucos em uma das duas construções que eles ainda chamavam de lar, mesmo que temporariamente, apesar da responsabilidade inimaginável e súbita sobre quarenta e nove crianças de doze anos, Warren Bratt estava muito mais preocupado com uma palavra que não parava de ser mencionada.

E a palavra não era *Inspeção*.

— Vocês não falam em outra coisa — dizia ele aos Meninos do Alfabeto e às Meninas do Abecedário. — Mas sabem que podemos ir para qualquer lugar, não é? Qualquer lugar no mundo?

— Sim — respondiam. — Sabemos.

— Então por quê? — perguntava Warren. Ele perguntava o tempo todo: — Por que querem ir para lá? De todos os lugares... Por que *lá*?

— Porque sim — diziam eles. — Seu livro.

E continuaram repetindo até que o incrível dia de deixar as Torres para trás chegou.

Eles disseram inclusive naquele mesmo dia.

— Queremos ir a Milwaukee.

Barbara Burt, dra.
Rua West Collier, 65
Laramie, WY, EUA

Michael Stowe,

Mais uma vez, muito obrigada pela chance de me apresentar em uma carta, pois acredito que não soe do mesmo jeito por telefone. Além disso, é por meio da palavra escrita que eu trabalharia com você, se tiver essa honra.

Estou interessada no que vem fazendo em Michigan. Tenho uma relação antiga com a região, apesar de estar no oeste do país há um ano. Como sabe, tenho mais de uma década de experiência com o que nós dois gostamos de chamar de “experimentos avançados”. Não vou avaliá-lo aqui, em uma carta destinada a obter para mim mesma um emprego, mas permita dizer como me impressionou você buscar uma psiquiatra particular, antes de mais nada. Acho muito saudável. Talvez indique que você vai longe. E, apesar de o meu histórico ter me proporcionado conhecimento, acima de tudo, existem alguns alertas na bagagem que trago.

Primeiro: é importante permitir que sua visão cresça de forma orgânica, já que os membros de seu rebanho vão obrigatoriamente mudar com o passar dos anos.

Segundo, seria bom você se misturar a eles, mas eu evitaria qualquer aspecto religioso nesse processo. “Pequenas” religiões sempre atraem a temida palavra com C, e, onde existem cultos, sempre aparecem as autoridades.

Caso esteja interessado em uma lista bem maior de palavras de sabedoria e alertas, seria um prazer ajudar. Basta me enviar seus preceitos por escrito, para que eu analise cada um e não só revele minha opinião sobre como seu rebanho provavelmente vai reagir a cada um deles, mas também explique por que você escolheu esses ideais específicos.

Por fim, pelo telefone, você deu a entender que é solteiro. Se me permitir, eu aconselharia você a manter esse estado civil, pelo menos até

as coisas deslancharem. Pelo que já vivi, casais tendem a atrapalhar um ao outro, já que cada um tem um objetivo, mesmo quando parecem estar unidos por um ideal comum.

Testemunhei o fracasso de uma enorme iniciativa, que poderia ter sido facilmente evitado se o homem ou a mulher tivessem simplesmente deixado o outro trabalhar sozinho.

Pois, não importa o tamanho da visão, não importa quão grandes sejam os olhos que a veem, relacionamentos, ao que parece, determinam as regras e brotam mesmo em lugares onde nenhuma semente foi plantada.

Obrigada, e espero receber mais notícias suas logo, logo.

DRA. BARBARA BURT.

Agradecimentos

Conheci a editora deste livro em um bar. Foi apropriado por vários motivos. Primeiro, porque o ambiente era tranquilo. A música estava alta. Estávamos cercados de pessoas do mercado editorial: escritores e agentes, editores e mais. E, pouco antes de assinar um contrato com a Del Rey, confessei a um amigo que eu buscava uma editora que fosse o equivalente metafórico de uma boate intelectual. Que eu pudesse quase ouvir, ao longe, o grupo de pessoas com quem eu devia estar trabalhando, enquanto elas se embriagavam em um pub todo de madeira, com alguém tocando violão, mal, ao vivo, e a conversa surgisse e se espalhasse sobre as ondas da arte elétrica. Foi só quando estava mesmo ao lado de Tricia Narwani, discutindo (na época) *Unbury Carol* e o Lower East Side de Nova York que percebi que tinha fechado um contrato com minha editora dos sonhos, uma mulher com quem eu não só podia conversar sobre trabalho, mas conversar sobre tudo, mesmo. *Carol* foi uma experiência incrível, mas o processo com certeza se intensificou com *Inspeção*. Os comentários de Tricia não foram apenas *boas ideias*. Foram (e são) observações que me incentivaram a investir mais neste livro, e depois mais, para chegar a um resultado ainda melhor. E isso tudo ainda mantendo a alegria do ímpeto necessário para começá-lo.

Tricia, muito obrigado.

E Allison...

Uma curta historinha: eu estava a uma semana de terminar a revisão de *Inspeção*. Levantei-me da mesa pensando em levar meu cachorro, Valo, para passear. Enquanto prendia a guia na coleira dele, Allison, do sofá, me perguntou se eu havia pensado em fazer tal coisa acontecer no livro, e será que eu não achava que o livro ia ficar melhor se fizesse? Eu descartei a sugestão, disse que era uma boa ideia, mas também era uma ideia de cento e cinquenta páginas e, bom, meu amor, falta uma semana para eu terminar essa coisa. Levei Valo para fora e dei meia volta no quarteirão antes de parar. Valo me puxou, mas eu não cedi, porque percebi então que não podia dar as costas para aquela ideia que me

tinha sido apresentada. Corri de volta para dentro, disse a Allison que ela era uma gênio (bem cruel; eu tinha muito trabalho a fazer!) e liguei para meu empresário, Ryan Lewis, para contar a ideia dela. Ele disse a mesma coisa que eu havia pensado no passeio. *Você precisa fazer*. Então eu fiz, e *Inspeção* ficou tão mais rico que agora quase me assusta, quando penso no que o livro teria sido se Allison nada dissesse.

Allison, obrigado.

E obrigado a Kristin Nelson, minha superagente, que tinha a sensação de que a Del Rey seria uma boa casa para mim. As “sensações” da Kristin são quase fenômenos psíquicos, e seus instintos são lendários.

Obrigado a Wayne Alexander, que leu o primeiro rascunho de *Inspeção*. Não imagino um advogado mais fascinante que Wayne, ou com tantas histórias para contar.

Obrigado a meus companheiros da banda High Strung, que me ouviram falar de um megalomaniaco que acha que a genialidade era distraída pelo sexo oposto. Imagino como isso deve ter soado estranho no início.

Matt Sekedat, obrigado.

David Moench, Mary Moates, Julie Leung e os demais membros da equipe da Del Rey, obrigado. Vocês fazem o mercado editorial parecer tão empolgante quanto o ato de escrever os livros.

Dave Stevenson, obrigado por uma capa que me fez saltar da cadeira do escritório.

Kathy Lorde, você é a copidesque que eu queria ter no meu escritório toda vez que me sento para escrever. Sua ajuda com a continuidade e tantas outras coisas... Obrigado.

À minha mãe, Debbie Sullivan, e a seu marido, Dave, obrigado por lerem os livros quando não passavam de meras impressões, sem diagramação nem nada ainda.

Candace Lake, muito obrigado.

E Ryan Lewis: quando digo que meu empresário é um dos meus melhores amigos, as pessoas costumam pensar que Ryan e eu somos amigos desde antes de meus livros terem começado a ser publicados. Mas não. Enquanto trabalhávamos juntos — sob condições que às vezes eram semelhantes a expedições pelo Ártico —, Ryan e eu chegamos a um ponto em que extraímos uma amizade genuína de uma dinâmica notoriamente intensa: o artista e o relações-públicas. É como se tivéssemos viajado por dois arcos simultâneos: um de trabalho, um

de diversão.

Ainda estamos viajando por eles.

E Dave Simmer, sempre e para sempre, obrigado por ter dado a partida neste motor.

Sobre o autor



© Allison Laakko

JOSH MALERMAN é escritor e autor do best-seller *Caixa de pássaros* — cuja adaptação, *Bird Box*, fez sucesso na Netflix —, *Piano vermelho* e *Uma casa no fundo de um lago*. É cantor e compositor da banda de rock The High Strung e mora no Michigan, Estados Unidos, com a noiva.

Conheça outros títulos do autor



Caixa de pássaros



Piano vermelho

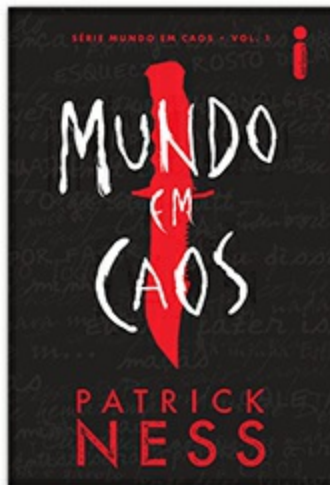


Uma casa no fundo de um lago

Leia também



Raízes do mal
Série *Stranger Things*, vol. 1
Gwenda Bond



Mundo em caos
Série *Mundo em caos*, vol. 1
Patrick Ness



Mentes sombrias
Série *Mentes sombrias*, vol. 1
Alexandra Bracken